

LIVRO VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE

RICHARD FLANAGAN

O CAMINHO  
ESTREITO  
PARA  
OS CONFINS  
DO NORTE



BIBLIOTECA AZUL

romance

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



B

*Ficus*

**Richard Flanagan**

**O CAMINHO ESTREITO PARA OS CONFINS DO  
NORTE**

**Tradução: Celso Mauro Paciornik e Augusto  
pacheco Calil**



**BIBLIOTECA AZUL**

Copyright © 2013, Richard Flanagan.  
All rights reserved  
Copyright da tradução © 2015 Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editor responsável: Estevão Azevedo  
Editor assistente: Juliana de Araujo Rodrigues  
Editor digital: Erick Santos Cardoso  
Preparação: Jane Pessoa  
Revisão: Tomoe Moroizumi  
Diagramação: Gisele Baptista de Oliveira  
Capa: Bloco Gráfico

Título original: *The Narrow Road to the Deep North*

cip-brasil. catalogação na publicação  
sindicato nacional dos editores de livros, rj

F61c

Flanagan, Richard, 1961-  
O caminho estreito para os confins do norte / Richard Flanagan ; tradução Celso Mauro Paciornik , Augusto Pacheco Calil. - 1. ed. - São Paulo : Globo, 2015.  
il. ;

Tradução de: *The Narrow Road to the Deep North*  
ISBN 978-85-250-6124-9

1. Romance australiano. I. Paciornik, Celso Mauro. II. Calil, Augusto. III. Título.

15-21442 CDD: 828.99343  
CDU: 821.111(94)-3

1ª edição, 2015

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Globo S.A.  
Av. Jaguaré, 1485

São Paulo-sp 05346-902  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe - Paul Celan](#)

[Epígrafe - Bashô](#)

[Parte 1](#)

[Epígrafe - Issa](#)

[Parte 2](#)

[Epígrafe - Issa](#)

[Parte 3](#)

[Epígrafe - Issa](#)

[Parte 4](#)

[Epígrafe - Issa](#)

[Parte 5](#)

[Notas](#)

*Para o prisioneiro san byaku san ju go (335)*



*Mãe, eles escrevem poemas.*

Paul Celan

*Cambaleia*  
*uma abelha ao sair*  
*da peônia.*  
Bashô

1.

Por que no princípio das coisas sempre há luz? As lembranças mais antigas de Dorrigo Evans eram o sol inundando um salão paroquial onde ele estava sentado com a mãe e a avó. Um salão paroquial de madeira. Luz ofuscante, e ele cambaleando de um lado para o outro, entrando e saindo de sua acolhida transcendente, para os braços das mulheres. Mulheres que o amavam. Como entrar no mar e voltar para a praia. Sem parar.

Deus te abençoe, diz a mãe sempre que o segura e depois o deixa ir. Deus te abençoe, menino.

Isso deve ter sido em 1915 ou 1916. Ele teria um ano ou dois. As sombras vieram mais tarde na forma de um braço se erguendo, seu contorno preto saltando para a luz oleosa de um lampião de querosene. Jackie Maguire estava sentado na cozinha pequena e escura dos Evans, chorando. Ninguém chorava naquele tempo, exceto os bebês. Jackie Maguire era um homem de idade, quarenta anos talvez, mais velho ainda, quem sabe, e tentava secar as lágrimas de seu rosto bexiguento com a costa das mãos. Ou seria com os dedos?

Somente seu choro se fixara na memória de Dorrigo Evans. O som parecia o de uma coisa quebrando. Seu ritmo cada vez mais lento o fez lembrar as patas traseiras de um coelho batendo no chão quando é estrangulado por um laço, o único som parecido que ele já ouvira. Ele estava com nove anos, havia entrado para a mãe examinar uma bolha de sangue no seu polegar, e tinha poucos elementos para fazer comparações. Já tinha visto um homem grande chorar uma vez antes, uma cena impressionante quando seu irmão Tom voltara da Grande Guerra, na França, e descera do trem. Ele havia largado seu saco de viagem na poeira quente do desvio e abruptamente irrompera em lágrimas.

Contemplando o irmão, Dorrigo Evans havia se perguntado o que faria um homem adulto chorar. Mais tarde, chorar tornou-se mera demonstração de sentimento, e sentimento, o único norte da vida. Sentir ficou na moda e a emoção se transformou num teatro onde pessoas eram atores que já não sabiam quem eram fora do palco. Dorrigo Evans viveria tempo suficiente para ver todas essas mudanças. E se lembraria de um tempo em que as pessoas se envergonhavam de chorar. Em que temiam a fraqueza que isso sugeria. Os problemas que isso acarretava. Ele viveria para ver pessoas serem louvadas por coisas que não eram dignas de louvor pelo simples fato de que a verdade era considerada ruim para seus sentimentos.

Naquela noite em que Tom voltou para casa, eles queimaram o Kaiser numa fogueira. Tom não falou nada sobre a guerra, os alemães, o gás e os tanques e as trincheiras sobre os quais eles tinham ouvido falar. Ele não contou absolutamente nada. O sentimento de um homem nem sempre se assemelha à totalidade de sua vida. Às vezes não se assemelha a nada. Ele apenas ficou olhando fixamente para as chamas.

2.

Um homem feliz não tem passado, enquanto um infeliz não tem outra coisa. Em sua velhice, Dorrigo Evans não sabia se tinha ouvido isso ou se ele próprio o havia criado. Criado, misturado e demolido. Demolido incansavelmente. Rocha a cascalho, a pó, a lama, a rocha, e assim segue o mundo, como sua mãe costumava dizer quando ele pedia razões e explicações sobre por que o mundo era desse ou daquele jeito. O mundo é, ela dizia. Ele simplesmente é, menino. Ele havia tentado soltar a pedra de uma afloração para construir um forte para uma brincadeira quando uma pedra maior lhe caíra sobre o polegar, formando uma bolha de sangue grande e latejante embaixo da unha.

A mãe sentou Dorrigo sobre a mesa da cozinha onde a luz do lampião era mais forte, evitando o olhar estranho de Jackie Maguire, e ergueu o polegar do filho em direção à luz. Entre seus soluços Jackie Maguire disse algumas coisas. Na semana anterior, sua mulher tomara o trem com o filho mais novo para Launceston e não tinha voltado.

A mãe de Dorrigo pegou a faca de trinchar. A borda da lâmina estava lambuzada de gordura de carneiro congelada. Ela enfiou a ponta entre as brasas do fogão da cozinha. Uma pequena espiral de fumaça se formou e inundou a cozinha com um cheiro de carne de carneiro chamuscada. Ela retirou a faca, sua ponta incandescente cintilando com as faíscas da poeira superaquecida, uma visão que Dorrigo considerou ao mesmo tempo mágica e assustadora.

Não se mexa, ela disse, segurando a mão dele com um aperto forte que o assustou.

Jackie Maguire estava contando como havia tomado o trem postal para Launceston e saído à procura da mulher, mas não conseguira encontrá-la em parte alguma. Dorrigo observou a ponta incandescente tocar a sua unha, e ela começou a fumegar enquanto a mãe a queimava, perfurando-a através da cutícula. Ele ouviu Jackie Maguire dizer:

Ela sumiu da face da Terra, sra. Evans.

E a fumaça deu lugar a um pequeno jorro de sangue escuro de seu polegar, e a dor da bolha de sangue e o terror da faca de trinchar incandescente se desfizeram.

Suma, disse a mãe de Dorrigo, tirando-o da mesa com um cutucão. Suma daqui, menino.

Sumiu!, disse Jackie Maguire.

Tudo isso foi nos tempos em que o mundo era vasto e a ilha da Tasmânia ainda era o mundo. E de seus muitos postos avançados remotos e esquecidos, poucos eram mais esquecidos e remotos do que Cleveland, o lugarejo de quarenta e poucas almas onde Dorrigo

Evans vivia. Um antigo povoado decadente e apagado da memória, que se desenvolvera outrora em torno de um entreposto de muda de cavalos erguido pelo trabalho forçado de prisioneiros, agora sobrevivia com um desvio ferroviário, um punhado de construções georgianas caindo aos pedaços e esparsas casinhas de madeira avarandadas, abrigos para os que haviam padecido um século de exílio e abandono.

Tendo como pano de fundo bosques de eucaliptos retorcidos e mimosas que ondulavam e dançavam no calor, ali era quente e penoso no verão, e penoso, simplesmente penoso, no inverno. Eletricidade e rádio ainda não haviam chegado, e se não fosse a década de 1920, poderia ter sido a de 1880 ou 1850. Muitos anos depois, Tom, um homem avesso a alegorias, mas instigado talvez, ou assim pensara Dorrigo na época, por sua própria morte iminente e pelo terror do passado — de que toda a vida é somente alegoria e a verdadeira história não é aqui —, disse que era como o longo outono de um mundo agonizante.

Seu pai era técnico de manutenção da ferrovia, e sua família habitava uma casa de madeira ao lado dos trilhos, pertencente à Tasmanian Government Railways. No verão, quando a água acabava, eles a traziam em baldes do reservatório construído para as locomotivas a vapor. Eles dormiam sob as peles dos gambás que capturavam e viviam principalmente dos coelhos que apanhavam, dos cangurus pequenos que abatiam, das batatas que cultivavam e dos pães que assavam. Seu pai, que sobrevivera à depressão dos anos 1890 e vira homens morrerem de fome nas ruas de Hobart, mal podia acreditar na sorte de ter podido viver em semelhante paraíso dos trabalhadores. Em seus momentos menos otimistas, ele também diria: “Quem vive como um cão morre como um cão”.

Dorrigo Evans conhecia Jackie Maguire das férias ocasionais que passava com Tom. Para chegar à casa de Tom, ele pegava carona na traseira da carroça de Joe Pike, de Cleveland até o desvio do vale de

Fingal. Enquanto o velho cavalo de tiro que Joe Pike chamava afavelmente de Gracie trotava, Dorrigo balançava para a frente e para trás e se imaginava tomando a forma de um dos ramos dos eucaliptos selvagememente sinuosos que apontavam e escapavam para o grandioso céu azul. Ele rescenderia a casca e folhas úmidas secando e contemplaria os bandos de papagaios-de-orelha-vermelha gargalhando nas alturas. Beberia a cantoria das carriças e dos honeyeaters, o canto estalado dos tordos-picanços cinzentos, pontuados pela batida regular dos cascos de Gracie e pelos rangidos e estalidos dos tirantes de couro, eixos de madeira e correntes de ferro, um universo de sensações que voltava em sonhos.

Eles seguiam pela velha estrada da carruagem, além da estalagem que a ferrovia havia desativado, agora uma quase ruína dilapidada na qual viviam várias famílias empobrecidas, incluindo a de Jackie Maguire. Com intervalo de alguns dias, uma nuvem de poeira anunciava a chegada de um automóvel, e os garotos saíam do mato e da estalagem e perseguiram a nuvem barulhenta até os pulmões arderem e as pernas bambearem.

No desvio do vale de Fingal, Dorrigo Evans apeava, acenava uma despedida a Joe e Gracie, e começava a caminhar para Llewellyn, uma cidade que se distinguia principalmente por ser ainda menor do que Cleveland. Em Llewellyn, ele seguia para Nordeste pelas pastagens e, tomando o rumo do grande maciço montanhoso nevado de Ben Lomond, seguia pelo mato até a área nevada atrás do Ben, onde Tom trabalhava duas semanas sim, uma não, caçando gambás. No meio da tarde, ele chegava à morada de Tom, uma caverna aninhada num ângulo agudo protegido, abaixo da crista do maciço. A caverna era um pouco menor do que a meia-água que servia de cozinha, e no seu ponto mais alto Tom conseguia ficar de pé com a cabeça curvada. Ela se estreitava como um ovo em cada ponta, e sua abertura era protegida por uma saliência que permitia

que uma fogueira pudesse arder ali durante a noite inteira, aquecendo a caverna.

Às vezes Tom, agora com vinte e poucos anos, tinha Jackie Maguire trabalhando com ele. Tom, que tinha uma voz bonita, muitas vezes cantava uma ou duas canções por noite. E depois, à luz da fogueira, Dorrigo lia em voz alta alguns velhos *Bulletins* e *Smith's Weeklys* que formavam a biblioteca dos dois caçadores de gambá, para Jackie Maguire, que não sabia ler, e para Tom, que afirmava que sabia. Eles gostavam quando Dorrigo lia a coluna de conselhos da Tia Rose, ou as baladas folclóricas que consideravam *inteligentes* ou, por vezes, até *muito inteligentes*. Depois de algum tempo, Dorrigo começou a memorizar outros poemas para eles de um livro de sua escola chamado *The English Parnassus*. O favorito deles era "Ulisses" de Tennyson.

Com o rosto bexiguento sorrindo à luz da fogueira, radiante como um pudim de ameixa fresco, Jackie Maguire dizia: Ah, esses caras das antigas! Eles conseguem amarrar as palavras mais apertadas do que um laço de latão estrangulando um coelho!

E Dorrigo não contou a Tom o que tinha visto uma semana antes de a sra. Jackie Maguire desaparecer: seu irmão com a mão enfiada por baixo da saia dela, enquanto ela — uma mulher pequena e ardente de um moreno exótico — se encostava no galinheiro atrás do estábulo. O rosto de Tom estava virado para o pescoço da mulher. Ele sabia que o irmão a estava beijando.

Durante muitos anos Dorrigo pensou com frequência na sra. Jackie Maguire, cujo nome real ele jamais conheceu, cujo nome real era como a comida com a qual eles sonhavam todos os dias nos campos de prisioneiros de guerra — presente e ausente, pressionando seu crânio, algo que sempre desaparecia quando ele lhe estendia a mão. E depois de algum tempo, ele pensou nela com menos frequência; e passado mais algum tempo, não pensou mais nela.



3.

Dorrigo foi o único da família a ser aprovado no Teste de Aptidão no fim de sua escolarização aos doze anos de idade e, por conta disso, recebeu uma bolsa para frequentar a Launceston High School. Ele era velho para a sua série. Em seu primeiro dia, na hora do almoço, ele foi parar no que chamavam de pátio superior, uma área plana com grama morta e poeira, cascas e folhas de árvore, com vários eucaliptos numa ponta. Ele observou os garotos grandes da terceira e quarta séries, alguns com costeletas, garotos já com musculatura de homem, formarem duas fileiras toscas, se empurrando, sacolejando, movimentando-se como em alguma dança tribal. Aí começou a mágica do chute contra chute. Um garoto chutava a bola oval de sua fileira através do pátio para a outra fileira, e todos os garotos daquela fileira corriam juntos para a bola e — se ela estivesse chegando pelo alto — saltavam no ar, tentando apanhá-la. E por mais violenta que fosse a luta pelo ponto, quem conseguisse se tornava subitamente sacrossanto. E para este, o espólio: a recompensa de chutar a bola de volta para a outra fileira, onde o processo se repetia.

E assim transcorria toda a hora do almoço. Inevitavelmente, os garotos mais velhos dominavam, fazendo a maior parte dos pontos e dando a maioria dos chutes. Alguns garotos mais novos conseguiam marcar alguns pontos e chutes, muitos um ou nenhum.

Dorrigo observou tudo naquela primeira hora de almoço. Outro garoto da primeira série lhe disse que era preciso estar pelo menos na segunda série para ter chance no chute contra chute — os garotos grandes eram demasiado fortes e rápidos; eles não hesitariam em meter um cotovelo numa cabeça, um soco numa face, um joelho nas costas para se livrar de um oponente. Dorrigo notou alguns garotos menores parados atrás do grupo, alguns passos atrás, prontos para a sobra ocasional de um chute que chegasse alto demais, encobrindo a formação.

No segundo dia, Dorrigo se juntou a eles. E, no terceiro, encontrava-se perto das costas do grupo quando, por cima de seus ombros, viu um chute descer do alto na direção deles. Por um momento a bola demorou-se contra o sol, e ele compreendeu que era dele. Ele pôde sentir o cheiro ácido das formigas nos eucaliptos, notar as sombras retorcidas de seus ramos ficando para trás enquanto corria para o grupo amontoado à sua frente. O tempo desacelerou, ele encontrou todo o espaço de que precisava no aglomerado para onde os garotos maiores e mais fortes agora disparavam. Compreendeu que a bola, oscilando contra o sol, era sua e tudo que precisava fazer era subir. Ele só tinha olhos para a bola, mas sentiu que não conseguiria correndo naquela velocidade e por isso saltou, seus pés acertando as costas de um garoto, seus joelhos, os ombros de outro, e assim subiu para o total ofuscamento do sol, acima de todos os outros garotos. No ápice de sua luta, os braços esticados para o alto, ele sentiu a bola chegar a suas mãos, e soube que agora poderia começar a cair do sol.

Aninhando a bola com mãos firmes, ele caiu de costas com tanta força que quase perdeu o ar. Recuperando o fôlego, ele se levantou e ficou parado contra a luz, segurando a bola oval, preparando-se para ingressar num mundo maior.

Enquanto cambaleava para trás, o grupo abriu um espaço respeitoso ao seu redor.

Quem diabos é você?, perguntou um garoto grande.

Dorrigo Evans.

Essa foi sensacional, Dorrigo. Seu chute.

O cheiro da casca do eucalipto, a luz azul, intensa, do meio-dia tasmaniano, tão forte que ele teve de apertar bem os olhos para ela não os ferir, o calor do sol em sua pele tensa, as sombras curtas, rígidas, dos outros, a sensação de estar num limiar, de entrar jubilosamente em um novo universo enquanto o seu velho ainda era reconhecível e manejável e ainda não perdido — de todas essas

coisas ele estava consciente, como estava da poeira quente, do suor dos outros garotos, do riso, da pura e estranha alegria de estar com os outros.

Chute!, ele ouviu alguém gritar. Chute a porra antes que a campainha toque e acabe tudo.

E nos recessos profundos do seu ser, Dorrigo Evans compreendeu que toda sua vida havia sido uma jornada até esse ponto em que ele, por um instante, flutuou para dentro do sol, e agora se afastaria dele para todo o sempre. Nada jamais seria tão real para ele. A vida jamais teria esse significado novamente.

4.

Que porretas nós somos, não é mesmo?, disse Amy. Ela estava deitada na cama do quarto de hotel com ele, dezoito anos depois de ele ter visto Jackie Maguire chorando diante de sua mãe, e enroscava o dedo no cabelo crespo de Dorrigo enquanto ele lhe recitava "Ulisses". O quarto ficava no terceiro andar de um hotel decrépito e dava para uma varanda funda que, por tirar toda a visão da rua abaixo e da praia do outro lado, lhes dava a ilusão de estarem pendurados sobre o oceano Antártico, cujas águas eles podiam ouvir se quebrando e refluindo sem cessar.

É um truque, disse Dorrigo. Como tirar uma moeda da orelha de alguém.

Não, não é.

Não, disse Dorrigo. Não é.

O que é, então?

Dorrigo não sabia com certeza.

E os gregos, os troianos, que história é essa? Qual é a diferença?

Os troianos eram uma família. Eles perderam.

E os gregos?

Os gregos?

Não. Os Magpies de Port Adelaide. Claro, os gregos. O que eles são?

Violência. Mas os gregos são nossos heróis. Eles vencem.

Por quê?

Ele não sabia exatamente por quê.

Teve o seu truque, é claro, ele disse. O cavalo de Troia, uma oferenda aos deuses na qual se escondeu a destruição dos homens, uma coisa contendo a outra.

Por que não os odiamos, então? Os gregos?

Ele não sabia exatamente por quê. Quanto mais pensava nisso, mais não sabia dizer por que deveria ser assim, nem por que a família troiana fora condenada à destruição. Tinha a impressão de que *os deuses* eram apenas outro nome para tempo, mas sentia que seria tão estúpido dizer tal coisa quanto sugerir que contra os deuses jamais conseguimos prevalecer. Aos vinte e sete anos, que em breve, porém, seriam vinte e oito, ele já era um pouco fatalista sobre o próprio destino, se não sobre o dos outros. Era como se a vida pudesse ser mostrada, mas nunca explicada, e as palavras — todas as palavras que não diziam coisas diretamente — fossem para ele algo mais confiável.

Ele estava olhando para além do corpo nu de Amy, por cima da linha curva entre o peito e o quadril, aureolada por minúsculos pelos, para onde, além das envelhecidas portas francesas com sua tinta branca descascando, o luar formava um caminho estreito sobre o mar que fugia do seu olhar para nuvens esparsas. Era como se estivesse esperando por ele.

*Meu intento se mantém,  
Navegar para além do ocaso banhado  
Pelos astros do ocidente até morrer.*

Por que você ama tanto as palavras?, ele ouviu Amy perguntar.

Sua mãe morreu de tuberculose quando ele tinha dezenove anos. Ele não estava lá. Nem sequer estava na Tasmânia, mas no continente, com uma bolsa para estudar medicina na Universidade de Melbourne. A verdade é que mais do que um mar os separava. No Ormond College, ele havia conhecido pessoas de famílias importantes, orgulhosas das realizações e genealogias que remontavam a famílias ilustres da Inglaterra antes da fundação da Austrália. Elas podiam listar as gerações de suas famílias, seus cargos políticos, companhias e casamentos dinásticos, suas mansões e fazendas de criação de ovelhas. Só depois de velho ele acabou percebendo que boa parte daquilo era uma ficção maior do que qualquer coisa que Trollope houvesse tentado.

De certo modo, isso, de um lado, era espantosamente estúpido, de outro, fascinante. Ele nunca antes havia encontrado pessoas com tamanha convicção. Judeus e católicos eram inferiores, irlandeses, feios, chineses e aborígenes, nem sequer humanos. Eles não supunham essas coisas. Eles simplesmente sabiam. Coisas bizarras o abismavam. Suas casas feitas de pedra. O peso de seus talheres. Sua ignorância da vida alheia. Sua cegueira para a beleza do mundo natural. Ele amava sua família. Mas não se orgulhava dela. Sua principal realização fora a sobrevivência. Ele levaria uma vida inteira para apreciar o feito que isso representava. No momento, porém — e quando comparada às honrarias, riquezas, propriedades e fama que ele agora estava encontrando pela primeira vez —, parecia um fracasso. E em vez de mostrar vergonha, ele simplesmente se distanciou da família até a morte da mãe. No funeral, ele não havia chorado.

Vamos, Dorry, disse Amy. Por quê?, ela correu um dedo pela coxa dele.

Mais tarde, ele ficou com medo de espaços fechados, multidões, bondes, trens e danças, todas as coisas que o pressionavam e lhe

cortavam a luz. Sentia dificuldade de respirar. Ele a ouvia chamá-lo em seus sonhos.

Menino, ela dizia, venha cá, menino.

Mas ele não ia. Ele quase não passou nos exames. Lia e relia "Ulisses". Jogava futebol australiano de novo, buscando a luz, o mundo que havia vislumbrado no salão paroquial, subindo e subindo contra o sol até ele ser capitão, até ser um médico, até ser um cirurgião, até estar ali deitado na cama daquele hotel com Amy, contemplando a lua subir pelo vale de seu ventre. Ele lia e relia "Ulisses".

*Esmorece o longo dia: a lua ascende: os gemidos  
Profundos de muitas vozes cercam. Vinde, amigos.  
Não tarda a busca para um novo mundo.*

Dorrigo tentava agarrar a luz no começo das coisas.

Ele lia e relia "Ulisses".

Olhou novamente para Amy.

Eles foram a primeira coisa bela que conheci, disse Dorrigo Evans.

5.

Quando ele acordou, uma hora mais tarde, ela havia pintado os lábios de vermelho-cereja, realçado com rímel os olhos azul-esverdeados e prendido o cabelo, exibindo seu rosto em forma de coração.

Amy?

Preciso ir.

Amy...

Além disso...

Fique.

Pra quê?

Eu...

Pra quê? Eu ouvi...

Eu quero você. Todo momento que posso tê-la, eu quero.

...vezes sem conta. Você vai largar Ella?

Você vai largar Keith?

Tenho que ir, disse Amy. Disse que estaria lá em uma hora.

Noite de jogatina. Você acredita?

Eu vou voltar.

Vai?

Vou.

E daí?

É para ser segredo.

Nós?

Não. Sim. Não, a guerra. Um segredo militar.

O quê?

Nós vamos partir. Quarta-feira.

O quê?

Daqui a três dias...

Eu sei quando é quarta-feira. Onde?

A guerra.

Para onde?

Como iríamos saber?

Para onde vocês vão?

Para a guerra. Está em toda parte, a guerra, não é?

Eu verei você de novo?

Eu...

Nós? E nós?

Amy...

Dorry, eu verei você de novo?

6.

Dorrigo Evans sentiu transcorrerem cinquenta anos no estremeamento ofegante em algum ponto de uma unidade de refrigeração. O comprimido para angina já estava fazendo efeito, a opressão no seu peito estava cedendo, o formigamento no braço desaparecera, e embora restasse algum distúrbio interno selvagem e inatingível pela medicina em sua alma trêmula, ele se sentiu suficientemente bem para voltar do banheiro do hotel para o quarto.

Enquanto caminhava de volta para a cama, ele contemplou o ombro nu com sua carne macia e a curva que sempre o excitavam. Ela ergueu parcialmente o rosto pesado de sono e perguntou...

Do que você estava falando?

Deitando de costas e aconchegando-se a ela, Dorrigo entendeu que ela estava se referindo à conversa anterior, de antes de ter adormecido. Ao longe — como que desafiando todos os sons melancólicos daquela hora tão matinal, que escoavam para dentro e para fora de seu quarto de hotel citadino — um carro acelerou violentamente.

Darky, ele sussurrou para as costas dela, como se fosse óbvio, e aí, percebendo que não era, acrescentou, Gardiner. Seu lábio inferior roçou-lhe a pele enquanto ele falava. Não consigo me lembrar do rosto dele, ele disse.

Diferente do seu rosto, ela disse.

Isso não servia de nada, pensou Dorrigo Evans. Darky Gardiner morreria e de nada servia. E ele se perguntou por que não conseguia escrever alguma coisa tão óbvia e tão simples, e se perguntou por que não conseguia ver o rosto de Darky Gardiner.

Isso é foddidamente inevitável, ela disse.

Ele sorriu. Jamais conseguia realmente se acostumar com o uso que ela fazia de palavras como foddidamente. Embora soubesse que ela no fundo era vulgar, que sua educação exigia essas estranhezas de linguagem. Ele manteve os lábios secos e envelhecidos no ombro



da mulher. O que havia numa mulher que o fazia, mesmo agora, estremecer como um peixe?

Não dá pra ligar a tevê ou abrir uma revista, ela continuou, divertindo-se com a própria piada, sem ver esse nariz espichado.

E seu próprio rosto pareceu a Dorrigo Evans, que nunca havia pensado muito nisso, estar em toda parte. Desde que adquirira renome duas décadas antes num programa de televisão sobre o seu passado, o rosto havia começado a olhar para ele por meio de tudo, de cabeçalhos de instituições de caridade a moedas comemorativas. Narigudo, abestalhado, levemente confuso, seus cabelos escuros um dia crespos agora eram uma fina onda branca. Nos anos que, para muitos de sua idade, eram denominados de *declínio*, ele estava uma vez mais ascendo para a luz.

Inexplicavelmente para ele, havia se tornado, nos últimos anos, um herói de guerra, um cirurgião famoso e célebre, a imagem pública de um tempo e de uma tragédia, tema de biografias, peças e documentários. Objeto de veneração, hagiografias, adulação. Ele compreendia que compartilhava certas características, hábitos e história com um herói de guerra. Mas não era ele. Apenas tivera mais sucesso em viver do que em morrer, e não havia sobrado muitos para carregar o manto dos prisioneiros de guerra. Negar a reverência seria como insultar a memória dos que morreram. Ele não poderia fazê-lo. De mais a mais, já não tinha energia.

Do que quer que o chamassem — herói, covarde, fraude —, tudo isso agora parecia ter cada vez menos a ver com ele. Pertencia a um mundo mais e mais distante e indistinto para ele. Dorrigo compreendia que era admirado pela nação, para desespero dos que tinham de trabalhar com ele, um cirurgião envelhecido e um tanto desdenhado e possivelmente invejado por muitos outros médicos que haviam feito coisas similares em outros campos de prisioneiros de guerra, mas sentiam, com pesar, que havia algo no seu caráter, e não no deles, que o elevava muito acima deles no apreço da nação.

Maldito documentário, ele disse.

Na época, contudo, ele não se importara com a atenção. Talvez até tivesse apreciado secretamente um pouco. Mas não mais. Ele não ignorava seus críticos. Na maioria das vezes, estava de acordo com eles. Sua fama lhe parecia um erro de percepção da parte dos outros. Ele tinha evitado o que considerava alguns erros óbvios da vida, como política e golfe. Mas sua tentativa de desenvolver uma nova técnica cirúrgica para a remoção de cânceres de cólon não fora bem-sucedida e, pior, podia ter levado vários pacientes indiretamente à morte. Ele entreouvira Maison chamando-o de carniceiro. Talvez, olhando para trás, ele tivesse sido precipitado. Se tivesse sido bem-sucedido, porém, sabia que teria sido elogiado por sua ousadia e visão. Seus flertes incessantes e os enganos que necessariamente os acompanhavam eram escândalos privados e publicamente ignorados. Ele ainda podia chocar até a si mesmo — a facilidade, a alacridade, com que podia mentir e manipular e enganar —, e sua própria autoestima era, do modo como sentia, realisticamente baixa. Essa não era sua única vaidade, mas estava entre as mais tolas.

Mesmo na sua idade — havia completado setenta e sete anos na semana anterior —, ele estava confuso com o que sua natureza havia forjado em sua vida. Afinal, compreendia que o mesmo destemor, a mesma recusa em aceitar convenções, o mesmo prazer com jogos e sua mesma fome desesperada de ver até onde conseguiria empurrar uma situação que, nos campos, o havia impelido a ajudar os outros também o tivessem impelido aos braços de Lynette Maison, a mulher de seu amigo próximo, Rick Maison, membro do conselho do Colégio de Cirurgiões, um homem brilhante, eminente e absolutamente tedioso. E aos braços de mais algumas outras. No prefácio que estivera escrevendo naquele dia, ele de certo modo esperava — sem torná-lo aborrecido com revelações desnecessárias — finalmente corrigir essas coisas com honestidade e

humildade, restabelecer o papel do que ele realmente fora, o de um médico, nada mais nada menos, e restaurar a merecida lembrança dos muitos que foram esquecidos, concentrando-se mais neles do que em si próprio. Em algum lugar, ele sentia que isso era um ato necessário de correção e contrição. Em algum lugar ainda mais profundo, temia que esse autoaviltamento, essa humildade, só reverteriam ainda mais a seu favor. Ele estava encrocado. Seu rosto estava em toda parte, mas ele já não conseguia ver o rosto deles.

E eu me torno um nome, ele disse.

Quem?

Tennyson.

Nunca ouvi.

“Ulisses.”

Ninguém mais lê.

Ninguém lê mais nada. Acham que Browning é um revólver.

Pensei que era só Lawson para você.

É. Quando não é Kipling ou Browning.

Ou Tennyson.

Eu sou parte de tudo que conheci.

Você inventou isso, ela disse.

Não. É bem... qual é a palavra?

Apropriado?

Isso.

Você consegue recitar tudo isso, disse Lynette Maison, correndo a mão pela coxa flácida dele. E muito mais. Mas não consegue se lembrar da face de um homem.

Não.

Vieram-lhe a mente Shelley sobre a morte, e Shakespeare. Eles lhe ocorreram espontaneamente, e eram tão parte de sua vida agora *quanto* sua vida. Como se uma vida pudesse ser contida num livro, numa sentença, em algumas palavras. Palavras tão simples. Vieste a

um banquete da morte. O pálido, o frio e o enluarado sorriso. Ah, esses antigos.

A morte é nosso médico, ele disse. Ele achava maravilhosos os mamilos dela. Um jornalista no jantar aquela noite havia lhe perguntado sobre os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki.

Uma, talvez, o jornalista disse. Mas duas? Por que duas?

Eles eram monstros, disse Dorrigo Evans. Você não entende nada.

O jornalista perguntou se as mulheres e as crianças também eram monstros. E seus filhos ainda não nascidos?

A radiação, disse Dorrigo Evans, não afeta gerações subsequentes.

Mas não era essa a pergunta e ele sabia, e, de mais a mais, não sabia se os efeitos da radiação eram transmitidos. Alguém, muito tempo antes, lhe havia dito que não eram. Ou que eram. Era difícil lembrar. Ultimamente ele se apoiava no pressuposto cada vez mais frágil de que o que ele dizia estava correto, e o que estava correto era o que ele dizia.

O jornalista disse que havia feito uma matéria com sobreviventes, os havia encontrado e filmado. Seu sofrimento, ele havia dito, era terrível e para toda vida.

Não é que você não sabe *nada* sobre a guerra, jovem, Dorrigo Evans havia dito. É que você aprendeu uma coisa. E a guerra são muitas coisas.

Dorrigo havia se afastado. E depois retornado.

A propósito, você canta?

Agora Dorrigo tentava apagar da lembrança aquela conversa lamentável, desajeitada, francamente embaraçosa, como sempre fazia, na carne, e acomodou um mamilo de Lynette entre dois dedos. Mas seus pensamentos permaneceram distantes. O jornalista certamente faria sucesso com a história para todo o sempre, sobre o herói de guerra que não passava de um velho tolo e senil, belicista e

amante das armas nucleares que acabara perguntando se ele cantava!

Mas alguma coisa no jornalista o fez lembrar Darky Gardiner, embora ele não soubesse dizer o quê. Não seu rosto, nem seus modos. Seu sorriso? Sua bochecha? Sua ousadia? Dorrigo se aborrecera com ele, mas admirava sua recusa a se curvar à autoridade da celebridade de Dorrigo. Alguma coerência interna — integridade, talvez. Uma insistência na verdade? Ele não saberia dizer. Não poderia apontar para um tique que fosse familiar, um gesto, um hábito. Uma estranha vergonha surgiu em seu íntimo. Talvez tivesse sido tolo. E estivesse errado. Não tinha mais certeza de nada. Talvez, desde aquele dia do espancamento de Darky, ele não tivesse certeza de nada.

Serei um monstro carniceiro, ele sussurrou na concha coralina da orelha dela, um órgão das mulheres que ele considerava indescritivelmente comovente com seu vórtice macio, espiralado, e que sempre lhe parecera um convite à aventura. E beijou com extrema suavidade o lobo da orelha da moça.

Você devia dizer o que pensa com suas próprias palavras, disse Lynette Maison. Palavras de Dorrigo Evans.

Ela tinha cinquenta e dois anos, estava além da idade de procriar, mas não de cometer loucuras, e se desprezava pelo domínio que o velho tinha sobre ela. Sabia que ele tinha não somente uma esposa, mas outra mulher. E, suspeitava, uma ou duas outras. Faltava-lhe até a glória sensual de ser sua única amante. Ela não se compreendia. Ele tinha o ranço da idade. Seu peito afundava em mamilos murchos; seu coito não era confiável, mas ela o considerava estranhamente íntegro de uma maneira que desafiava a razão. Com ele, ela sentia a segurança inexpugnável de ser amada. Mas sabia, contudo, que uma parte dele — a parte que ela mais desejava, a parte que era a luz nele — continuava elusiva e desconhecida. Em seus sonhos Dorrigo estava sempre levitando

algumas polegadas acima dela. Em mais um dia ela se entregara a raiva, acusações, ameaças e frieza no trato com ele. Tarde da noite, porém, deitada ao seu lado, ela não desejava mais ninguém.

Havia um céu carregado, ele estava dizendo, e ela podia senti-lo se preparando mais uma vez para se levantar. Ele estava sempre se afastando, ele prosseguiu, como se também não pudesse permanecer.

7.

Quando eles chegaram ao Sião, no início de 1943, havia sido diferente. Em primeiro lugar, o céu era vasto e límpido. Um céu familiar, ou assim ele pensou. Era a estação seca, as árvores estavam desfolhadas, a selva, aberta, a terra, poeirenta. Depois, havia um pouco de comida. Não muito, não o suficiente, mas a inanição ainda não havia se imposto e a fome ainda não vivia na barriga e no cérebro dos homens como uma coisa enlouquecedora. Nem seu trabalho para os japoneses havia se tornado a loucura que os mataria como moscas. O trabalho era duro, mas no começo não era insano.

Quando Dorrigo Evans baixou os olhos, foi para ver uma linha reta de estacas de topógrafo marteladas no chão por engenheiros do Exército Imperial Japonês, a fim de marcar o trajeto de uma ferrovia cujo traçado se afastava de onde ele estava — à frente de um grupo de prisioneiros de guerra silenciosos. Eles foram informados pelos engenheiros japoneses que as estacas percorriam uma linha de quatrocentos e quinze quilômetros do norte de Bangkok até a Birmânia.

Elas demarcavam o traçado de uma grandiosa ferrovia que ainda era apenas uma série de planos limitados, ordens aparentemente impossíveis e grandes exortações da parte do Alto-Comando japonês. Era uma ferrovia utópica, fruto de desespero e de fanatismo, feita tanto de mito e irreabilidade quanto de madeira e

ferro e das milhares e milhares de vidas que seriam sacrificadas no ano seguinte para construí-la. Mas qual realidade foi feita algum dia por realistas?

Eles recebiam machados cegos e cordas de cânhamo podres, e com eles seu primeiro trabalho: derrubar, cavar e limpar um quilômetro de árvores de teca gigantes que cresciam ao longo do percurso planejado da ferrovia.

Meu pai costumava dizer que os jovens nunca fazem a sua parte, disse Jimmy Bigelow, batendo com o indicador no fio dentado e cego do machado. Gostaria que o filho da puta estivesse aqui agora.

8.

E depois, ninguém realmente se lembrará disso. Como os maiores crimes, será como se nunca tivesse acontecido. O sofrimento, as mortes, a tristeza, a abjeta, a patética gratuidade desse imenso sofrimento de muitos. Talvez tudo exista somente dentro destas páginas e das páginas de alguns outros livros. O horror pode ser contido dentro de um livro, receber forma e significado. Na vida, porém, o horror não tem mais forma do que significado. O horror simplesmente é. E, enquanto ele reina, é como se não houvesse nada no universo que não o seja.

A história por trás deste livro começa em 15 de fevereiro de 1942, quando um império termina com a queda de Cingapura e outro surge. Mas, em 1943, o Japão, no limite de sua capacidade e carente de recursos, está perdendo, e a necessidade dessa ferrovia se torna aguda. Os Aliados estão abastecendo com armamento o Exército Nacionalista de Chang Kai-shek, na China, através da Birmânia, e os americanos controlam os mares. Para cortar essa linha de suprimentos crucial para seu inimigo chinês e tomar a Índia através da Birmânia — como seus líderes agora loucamente sonham —, o Japão precisa alimentar suas forças birmanesas com homens e materiais por terra. Mas não tem nem o dinheiro nem as máquinas para construir a necessária ferrovia. Nem tempo tampouco.

A guerra, porém, tem sua própria lógica. O império japonês acredita que vencerá — o indomável espírito japonês, aquele espírito que o Ocidente não tem, aquele espírito que ele invoca e compreende como a vontade do imperador; é esse espírito que o Japão acredita que prevalecerá até sua vitória final. E, para ajudar tal espírito indomável, para cooperar com essa crença, o império tem a sorte de ter escravos. Centenas de milhares de escravos, asiáticos e europeus. E entre seus números estão vinte e dois mil prisioneiros de guerra australianos, a maioria dos quais se rendeu na queda de Cingapura por necessidade estratégica, antes mesmo de a luta ter propriamente começado. Nove mil deles seriam enviados para trabalhar na ferrovia. Quando, em 25 de outubro de 1943, a locomotiva a vapor C 5631 percorre o trecho construído da Ferrovia da Morte — o primeiro comboio a fazê-lo —, rebocando seus três vagões de dignitários japoneses e tailandeses, ela passa por intermináveis leitos de ossos humanos, que incluem os restos mortais de um em cada três desses australianos.

Hoje a locomotiva a vapor C 5631 é orgulhosamente exibida no museu que faz parte do memorial nacional extraoficial da guerra do Japão, o Santuário Yasukuni, em Tóquio. Além da locomotiva C 5631, o santuário contém o *Livro das almas*. Este lista mais de dois milhões de nomes daqueles que morreram a serviço do imperador do Japão em guerras entre 1867 e 1951. Com a guarda do *Livro das almas* nesse local sagrado vem a absolvição de todos os atos infames. Entre esses muitos nomes estão os de 1.068 homens condenados e executados por crimes de guerra após a Segunda Guerra Mundial. E entre esses 1.068 nomes de criminosos de guerra executados estão alguns que trabalharam na Ferrovia da Morte e foram julgados culpados por maus-tratos a prisioneiros de guerra.

Na placa diante da locomotiva C 5631 não há menção a isso. Tampouco há menção ao horror da construção da ferrovia. Não há os nomes das centenas de milhares que morreram construindo essa ferrovia. E não há nem sequer uma contagem consensual dos que morreram na Ferrovia da Morte. Os prisioneiros de guerra Aliados eram apenas uma fração — cerca de sessenta mil homens — dos que trabalharam como escravos nesse projeto faraônico. Ao seu lado estavam 250 mil tâmeis, chineses, javaneses, malaios, tailandeses e birmaneses. Ou mais. Alguns historiadores dizem que cinquenta mil desses



trabalhadores escravos morreram, alguns dizem cem mil, alguns duzentos mil. Ninguém sabe.

E ninguém jamais saberá. Seus nomes já foram esquecidos. Não há um livro para suas almas perdidas. Que eles tenham este fragmento.

Então Dorrigo Evans havia concluído, mais cedo naquele dia, seu prefácio ao livro de ilustrações de Guy Hendricks sobre campos de prisioneiros de guerra, tendo pedido a sua secretária para não ser perturbado por três horas para poder terminar uma tarefa que fora incapaz de completar durante muitos meses e que agora estava consideravelmente atrasada. Mesmo depois de terminado, ele sentiu que o prefácio era mais uma tentativa fracassada de ele próprio compreender o que tudo aquilo significava, servindo como uma introdução para outros que pudessem simplesmente explicar a Ferrovia da Morte.

Seu tom, ele sentia, era a um só tempo óbvio demais e muito pessoal; de algum modo, ele trouxera à sua mente as questões que não conseguira resolver em toda sua vida. Havia tantas coisas em suas lembranças e, de certo modo, ele não conseguira perceber nenhuma delas no papel. Tantas coisas, tantos nomes, tantos mortos, e, no entanto, um nome ele não poderia escrever. Havia esboçado no começo do prefácio uma descrição de Guy Hendricks e uma espécie de esboço dos eventos do dia em que ele morreu, incluindo a história de Darky Gardiner.

Mas sobre o detalhe mais importante desse dia ele não havia escrito nada. Dorrigo contemplou seu prefácio, escrito, como sempre, com sua tinta verde habitual, com a simples esperança, não obstante culposa, de que, no abismo que havia entre seu sonho e seu fracasso, pudesse haver alguma coisa que valesse a pena ser lida, e a verdade pudesse ser sentida.

Por uma boa razão, os prisioneiros de guerra se referem à lenta descida à loucura que se seguiu com duas simples palavras: *a Linha*. Para todo o sempre, havia para eles dois tipos de homens: os que estavam *na Linha* e o restante da humanidade, que não estava. Ou, talvez, somente um tipo: os homens que *sobreviveram à Linha*. Ou, talvez, no fim das contas, até isso seja inadequado: Dorrigo Evans era assombrado cada vez mais pelo pensamento de que eram somente os homens que *morreram na Linha*. Ele temia que apenas neles houvesse a terrível perfeição de sofrimento e sabedoria que tornava alguém completamente humano.

Olhando para trás, para as estacas da ferrovia, Dorrigo Evans percebia que havia em torno delas muita coisa incompreensível, incomunicável, ininteligível, inimaginável, indescritível. Fatos simples explicavam as estacas. Mas eles não transmitiam nada. O que é uma linha, ele se perguntou, a Linha? Uma linha era algo que ia de um ponto a outro — da realidade à irrealidade, da vida ao inferno —, “comprimento sem largura”, como ele se lembrava de Euclides descrevê-la na geometria para escolares. Um comprimento sem largura, uma vida sem significado, a procissão da vida para a morte. Uma jornada para o inferno.

Em seu quarto no hotel Parramatta, meio século depois, Dorrigo Evans cochilou, se remexeu, sonhou com Caronte, o abjeto barqueiro que transporta os mortos para o inferno através do Estige pelo preço de um óbolo deixado em suas bocas. Em seu sonho, ele enunciou as palavras de Virgílio descrevendo o pavoroso Caronte: assustador e sujo, o rosto coberto de pelos desgrenhados, os olhos ferozes e chamejantes, e um manto imundo pendendo de um nó no seu ombro.

Na noite em que ele ali se deitara com Lynette Maison, tinha ao lado da cama, como sempre, não importa onde estivesse, um livro, tendo voltado ao hábito da leitura na meia-idade. Um bom livro, ele concluiria, nos deixa querendo relê-lo. Um grande livro nos compele

a reler a própria alma. Esses livros eram raros para ele e, à medida que envelhecia, mais raros ficavam. Mesmo assim ele procurava mais uma Ítaca à qual ficasse para sempre ligado. Ele leu até tarde da noite. Quase nunca, de noite, olhava para qual fosse o livro, pois ele existia como um talismã ou um objeto de sorte — como um deus familiar que zelava por ele e o conduzia em segurança pelo mundo dos sonhos.

Seu livro naquela noite fora-lhe presenteado por uma delegação de mulheres japonesas que viera se desculpar pelos crimes de guerra japoneses. Elas vieram com cerimônia e câmeras de vídeo, trouxeram presentes, e um desses era estranho: um livro de traduções de poemas de morte japoneses, resultado de uma tradição em que poetas japoneses compõem um poema derradeiro. Ele o havia deixado na mesinha de cabeceira de madeira escura ao lado do seu travesseiro, alinhando-o cuidadosamente com sua cabeça. Acreditava que os livros tinham uma aura que o protegia, que sem um deles ao seu lado, ele morreria. Dorrigo dormia alegremente sem mulheres. Jamais dormira sem um livro.

10.

Folheando o livro de manhã cedo, Dorrigo Evans fora seduzido por um poema. Em seu leito de morte, o poeta de haiku do século xviii, Shisui, havia finalmente atendido aos pedidos por um poema de morte pegando seu pincel, pintando seu poema e morrendo. No papel, os seguidores estupefatos de Shisui viram que ele havia pintado um círculo.



O poema de Shisui rolou pelo subconsciente de Dorrigo Evans, um vazio contido, um mistério insondável, comprimento sem largura,

a grande roda, eterno retorno: o círculo — antítese da linha.

O óbolo deixado na boca do morto para pagar o barqueiro.

11.

A jornada de Dorrigo Evans para a Linha passou por um campo de prisioneiros de guerra nas serranias javanesas, onde, como coronel, ele terminara sendo o segundo no comando de mil soldados capturados, na maioria australianos. Eles passaram um tempo interminável, tentando driblar a vida, com esporte, programas educativos e concertos, cantando suas lembranças de casa e começando o trabalho de polimento das histórias do Oriente Médio — de comboios de camelos, ao crepúsculo, carregados de arenito; ruínas romanas e castelos de cruzados; mercenários circassianos com longas capas pretas debruadas de prata e chapéus pretos altos de astracã; e soldados senegaleses, homens grandalhões, cruzando a pé por eles com suas botas penduradas no pescoço. Eles recordaram saudosamente as garotas francesas de Damasco; de gritarem *judeus filhos da puta!* da carroceria de caminhões para árabes quando cruzavam com eles na Palestina, até conhecerem as moças trabalhadoras árabes de Jerusalém; de gritarem *árabes filhos da puta!* da carroceria de caminhões para judeus quando cruzavam com eles, até virem as garotas judias do kibutz, de shorts azuis e blusas brancas, estendendo-lhes sacos de laranjas. Eles riram de novo com a história de Yabby Burrows, com cabelos que pareciam emprestados de um tamanduá, que ia entusiasticamente ao bordel do Cairo, voltava coçando a virilha furiosamente e ganhara o apelido por perguntar, olhando para baixo: O que são estes lagostins wogs?  
[\[1\]](#) Devem ter saído do maldito assento de privada gyppo,[\[2\]](#) né não?

Pobre Yabby, eles diriam. Pobre coitado.

Durante um longo tempo não acontecera muita coisa. Dorrigo havia escrito cartas de amor para os amigos de mesas de cafés do

Cairo grudentas do arak derramado, desejos mortais secretados em gabarolices imortais que, invariavelmente, começavam: *Escrevo-te esta à luz dos disparos de canhões...*

Depois vieram as pedras e pelotas secas de bosta de cabra e as folhas secas de oliveira da campanha síria, o deslizar e escorregar com seu equipamento pesado ao passar por um cadáver senegalês inchado, e imersos em seus pensamentos, eles ouviam, ao longe, os pipocos e estalos e estouros de batalhas e escaramuças distantes. Os mortos, suas armas e equipamentos estavam espalhados como as pedras por toda parte — inevitável —, e estava fora de questão e comentário não pisar em suas formas inchadas. Um de seus três arrieiros cipriotas havia perguntado a Dorrigo Evans em que direção exatamente eles estavam seguindo. Ele não tinha a menor ideia, mas já havia compreendido, naquela altura, que era obrigado a dizer alguma coisa para mantê-los unidos.

Uma mula próxima havia zurrado, ele esfregou o canto do olho para tirar um grão de areia e correu o olhar pela plantação de sorgo em que estavam e, de novo, pelos dois mapas, o dele e o dos arrieiros, nenhum dos quais chegaram a um acordo sobre qualquer detalhe substancial. Por fim, ele fez a leitura de uma bússola, que não se coadunou com nenhum dos mapas, mas, como em tantas decisões suas, confiou num instinto que se mostrava na maioria das vezes correto, e, quando não, ao menos permitia o movimento, o que ele acabara por compreender que era, com frequência, mais importante. Dorrigo era o segundo no comando do 2/7 Posto de Triagem de Feridos da Força Imperial Australiana, perto da linha de frente, quando recebera ordens de desmontar seu hospital de campo em meio ao caos de uma retirada tática, que, no dia seguinte, se tornaria a confusão de um avanço estratégico.

O resto do pronto-socorro de feridos fora evacuado em caminhões para um lugar muito atrás das linhas, enquanto Dorrigo havia permanecido com os suprimentos remanescentes à espera do

último caminhão. Em vez disso, foi alcançado por uma récuca de vinte mulas com três condutores cipriotas e novas ordens para avançar com seus suprimentos para um povoado no novo front, vinte milhas ao sul pelo mapa deles e vinte e seis milhas a oeste pelo seu. Homens baixos e faladores, os cipriotas também faziam parte do carnaval das forças Aliadas que combatiam ali na Síria contra o carnaval das forças francesas de Vichy, uma pequena guerra no meio de uma bem maior, da qual ninguém jamais se lembraria no futuro.

12.

O que deveria durar dois dias levava boa parte de uma semana. No segundo dia, numa trilha estreita que se internava nas montanhas, Dorrigo e os três arrieiros haviam deparado com um pelotão de sete metralhadores tasmanianos cujo caminhão havia quebrado. Chefiados por um jovem sargento chamado Darky Gardiner, eles estavam indo para o mesmo destino. Depois de transferir suas metralhadoras Vickers, tripés e caixas de metal com cinturões de munição para as mulas livres, eles seguiram em frente juntos; Darky Gardiner às vezes cantava baixinho enquanto eles subiam com dificuldade as encostas cobertas de rochas e seixos, os desfiladeiros da montanha, passando por vilarejos arruinados, carne putrefata, paredes de pedra periclitantes meio de pé, meio caídas, aquele cheiro incessante de azeite de oliva derramado, o cheiro de cavalo morto, o vestígio de cadeiras espalhadas, mesas e camas quebradas, dos telhados ruídos das casas arruinadas, enquanto os canhões de 75 mm do inimigo continuavam a martelar à frente e às costas deles.

Quando conseguiram voltar para a planície, eles passaram por muros de pedra secos que não haviam oferecido proteção contra os novos canhões de 25 mm para os homens que agora jaziam pacatamente entre seus equipamentos, armas e capacetes franceses

espalhados e quebrados. Eles caminharam por entre os mortos, os mortos nos abrigos em meia-lua de pedras empilhadas inutilmente como uma defesa contra a morte, os mortos inchando numa plantação de sorgo transformada num lamaçal imundo pela água vazada de um antigo canal de água de pedra rompido por um obus, os quinze mortos numa aldeia de sete casas que haviam tentado escapar da morte, a mulher morta na frente do minarete destruído, o conteúdo de sua pequena trouxa espalhado na poeira da rua, seus dentes em cima de uma abóbora, os pedaços explodidos da morta fedendo num caminho queimado.

Depois, Dorrigo Evans se lembrou de como era bonita a trouxa de pano desbotada com um padrão de flores vermelhas e brancas, e se sentiu estranhamente envergonhado por não se lembrar de muita coisa mais. Ele havia se esquecido do gosto acre do pó de pedra que pairava em torno das casas arruinadas da aldeia, do cheiro dos burros magros mortos e do cheiro das infelizes cabras mortas, do rastro de terraços quebrados e do cheiro de olivais esmagados, do fedor azedo de explosivo potente, do odor pesado de azeite de oliva derramado, tudo misturado num único cheiro que ele veio a associar com seres humanos em apuros. Eles fumaram para manter os mortos longe de suas narinas, brincaram para impedir que os mortos se apossassem de suas mentes, e comeram para se lembrarem de que estavam vivos, e Darky Gardiner anotara as apostas sobre se ele próprio seria morto, acreditando que suas chances estavam melhorando o tempo todo.

Passando por milhares à meia-noite, eles haviam encontrado um vilarejo em ruínas iluminado pela luz verde de um sinalizador que os franceses haviam inexplicavelmente abandonado depois de tê-lo tomado dos australianos numa luta feroz. Os morteiros que os franceses tinham usado em seu ataque haviam transformado os defensores australianos em coisas não humanas, carne vermelho-escura secando e vísceras corrompidas, ossos riscados, esmagados,

e as faces repuxadas sobre dentes expostos, terríveis dentes da morte que Dorrigo Evans passou a ver em cada sorriso.

Eles finalmente conseguiram chegar ao vilarejo aonde foram ordenados a ir para encontrá-lo ainda ocupado pelos franceses e sob um pesado bombardeio da Marinha Real. No mar, ao longe, belonaves resfolegavam, seus grandes canhões trabalhavam metodicamente para destruir uma casa de cada vez na aldeia, movendo-se de um celeiro para a casa de pedra ao lado e depois para o anexo atrás dela. Dorrigo Evans, os arrieiros e os metralhadores tinham observado a uma distância segura enquanto, à sua frente, a cidade era reduzida a destroços e poeira.

Embora fosse difícil conceber que restasse alguma coisa ainda viva, os obuses continuavam chovendo. Ao meio-dia, os franceses inesperadamente se retiraram. Os australianos avançaram sobre o terreno amarelo chamuscado pelas explosões dos projéteis, abrindo caminho pelos muros desmoronados do terraço, por sobre ladrilhos estilhaçados, e contornando torrões de raízes ainda intactos de árvores arrancadas, revólveres e peças retorcidas de artilharia; passaram por equipes de canhão retalhadas e já inchando, que pareciam dormir sob o sol do meio-dia, exceto que pelos olhos saltados escorria uma geleia que formava, junto com a sujeira da barba de vários dias, uma pasta imunda. Ninguém sentiu nada além de fome e cansaço. Uma cabra havia cambaleado silenciosa diante deles, os intestinos pendurados, as costelas expostas, a cabeça erguida, sem fazer nenhum ruído, como se pudesse viver de pura coragem. Talvez pudesse.

É o próprio sr. Beau "maldito" Geste, disse um metralhador magrelo de cabelos ruivos. Eles o mataram mesmo assim. Seu nome completo era Gallipoli von Kessler, um cultivador de maçãs do vale de Huon dado a cumprimentar pessoas com uma saudação nazista preguiçosa. Seu nome surgiu da pretensão de seu pai alemão de que ele havia sido algo no velho mundo, acrescentando o



aristocrático *von* ao nome camponês Kessler, e de seu terror posterior de perder tudo no novo mundo quando seu celeiro fora queimado na histeria antigermânica da Grande Guerra. O povoado na montanha atrás de Hobart, no qual eles viviam com outros migrantes alemães, havia prontamente mudado seu nome de Bismarck para Collinsvale, e Karl von Kessler havia mudado o primeiro nome do filho, que homenageava seu pai, para um que homenageava o envolvimento da Austrália na desastrosa invasão da Turquia no ano anterior ao de seu nascimento. Era um nome grandioso demais para um rosto que parecia um miolo velho de maçã. Ele era conhecido simplesmente como Kes.

Na cidade, eles haviam passado por um tanque francês ainda incandescente, por caminhões virados, carros blindados esmagados, carros comuns crivados de balas, pilhas de munição, papéis, roupas, projéteis, revólveres e rifles espalhados pelas ruas. Em meio ao caos e aos destroços, as lojas estavam abertas, o comércio funcionava, pessoas faziam a limpeza como se depois de uma catástrofe natural, e australianos de folga circulavam pelo local comprando e surrupiando suvenires.

Eles adormeceram ao som dos latidos dos chacais que vinham se alimentar dos mortos.

13.

À primeira luz, Dorrigo despertara e descobrira que Darky Gardiner havia acendido uma fogueira no meio da rua principal do povoado. Ele estava sentado diante dela numa poltrona opulenta, estofada num brocado de seda azul com motivo de peixe prateado, uma perna dobrada sobre o braço, brincando com um maço esmagado de cigarros franceses. No mar daquela poltrona — seu corpo escuro, descarnado, trajando um cáqui sujo —, ele pareceu a Dorrigo um ramo de alga marrom largado numa praia estranha.

O saco de viagem de Darky Gardiner parecia ter a metade do tamanho dos sacos dos outros, mas dele surgia um suprimento aparentemente inesgotável de comidas e cigarros — negociados no mercado negro, pilhados ou roubados —, pequenos milagres que o levaram a ganhar seu outro nome, Príncipe Negro. No momento em que ele atirou uma lata de sardinhas portuguesas a Dorrigo Evans, os franceses de Vichy começaram a bombardear o povoado com canhões de 75 mm, metralhadoras pesadas e um único avião que descia em voos rasantes. Mas tudo parecia estar acontecendo em outro lugar, de modo que eles tomaram um pouco do café francês que Jimmy Bigelow havia encontrado e conversaram, esperando que novas ordens ou a guerra os encontrassem.

Rabbit Hendricks — um homem compacto, com um jogo de dentaduras mal ajustadas — estava terminando um esboço no verso de um cartão-postal de Damasco que deveria servir de substituto a uma foto em desintegração da mulher de Lizard Brancussi, Maisie. Uma teia de aranha de rachaduras finas havia se espalhado pelo seu rosto, e o que restara da emulsão havia se enrodilhado em tantas minúsculas folhas de outono que agora ela era uma mulher a ser imaginada. O traço de Rabbit Hendricks captou a mesma pose e pescoço, mas era um pouco mais Mae Westish em torno dos olhos e muito mais Mae Westish em torno do peito, sugerindo um decote que Maisie jamais ostentara e um olhar que era um pouco mais direto e sedutor e que falava de coisas sobre as quais Maisie raramente falava.

Me explique só, Jimmy Bigelow estava dizendo, por que nós metralhamos levas de africanos negros lutando para os franceses que estão igualmente dispostos a nos matar, os australianos que lutam para os ingleses no Oriente Médio?

O esboço — que parecia possivelmente falso, e, portanto, uma estranha traição — perturbou Lizard Brancussi. Mas como todos os demais acharam que sua mulher estava com uma aparência

maravilhosa, ele ofereceu a Rabbit Hendricks seu relógio em troca, declarando que aquilo era sua garota. Rabbit recusou a oferta, pegou um caderno de desenho e começou a esboçar um retrato de grupo deles tomando o café da manhã.

Não é nem a porra do leste da porra da Austrália, disse Jack Rainbow. Ele tinha o rosto de um ermitão e a língua de um estivador que ele, um boia-fria, não era. É o norte, ele disse. Não espanta que nós não conseguimos descobrir onde é a próxima aldeia. Nós nem sabemos onde estamos. Aqui é a porra do extremo norte.

Você sempre foi um comuna Jack, disse Darky Gardiner. Eu lhe dou doze por um como que estarei morto por volta do café da manhã. Não vai conseguir nada mais justo do que isso.

Jack Rainbow disse que preferia atirar nele ali e na hora.

Dorrigo Evans apostou dez xelins em vinte para três que o sargento sobreviveria à guerra.

É isso aí, disse Jimmy Bigelow. Estou com ele. Você é um sobrevivente, Darky.

Vocês atiram duas moedas para o ar, disse Darky Gardiner, tirando uma garrafa de conhaque de um saco a seus pés e batizando o café de cada um, vocês apostam no resultado, mas o fato é, se der duas caras três vezes seguidas, estatisticamente ainda seria provável dar duas caras de novo. Aí você aposta em duas caras de novo. Cada lance é sempre o primeiro lance. Não é uma ideia adorável?

Um instante depois, a guerra finalmente os encontrou. Dorrigo Evans estava de pé ao lado da poltrona, servindo um café, e Yabby Burrows tinha acabado de chegar da cozinha de campo com uma caixa térmica contendo seu café da manhã quando eles ouviram um projétil de 75 mm chegando. Darky Gardiner deu um salto de sua poltrona, agarrando Dorrigo Evans pelo braço e empurrando-o para o chão. A explosão passou por eles como uma onda cósmica.

Quando Dorrigo abriu os olhos e olhou em volta, a poltrona azul com seu peixinho tinha desaparecido. No meio da nuvem de poeira havia um menino árabe de pé. Eles gritaram para ele se deitar, e quando ele não se abalou, Yabby Burrows se ergueu sobre os quadris acenando para ele se abaixar, e quando isso não surtiu efeito, ele correu para o menino. Nesse momento outro projétil explodiu. A força da explosão jogou o menino árabe na direção deles, sua garganta cortada por um estilhaço. Ele estava morto antes de alguém alcançá-lo.

Dorrigo Evans virou-se para Darky Gardiner, que ainda o segurava. Perto deles, Rabbit Hendricks estava recolocando um par de dentes empoeirados na boca. De Yabby Burrows não restara nada.

Gosto de manter próximas minhas apostas, disse o Príncipe Negro.

Dorrigo estava se preparando para responder quando um avião inimigo veio em outro voo rasante, bombardeando seu flanco ao longe. Quando alçava voo acima deles, o avião se transformou bruscamente numa nuvem de fumaça preta. Um pontinho caindo dele desabrochou num paraquedas, e ficou claro que o piloto havia escapado.

Enquanto os ventos empurravam o piloto para eles, Rooster MacNeice pegou uma .303 dos cipriotas e mirou. Dorrigo Evans desviou o cano da arma dizendo-lhe para não ser tão estúpido.

E o Yabby? Rooster MacNeice gritou, seus lábios cobertos de cascalho, os globos brancos de seus olhos selvagens. Não foi a porra de uma estupidez? E aquele menino? O que foi?

Ele tinha um rosto que parecia bonito, mas que, como assinalara Jack Rainbow, visto de perto era como se tivesse sido feito de peças avulsas. A reputação que o acompanhava de soldado inepto era tal que, quando ele tornou a levantar a .303 até o ombro, voltou a mirar e disparou, todos ficaram espantados por ele ter

acertado o alvo. O paraquedista se retorceu como se tivesse sido soprado por algum vento súbito e violento, depois despencou abruptamente.

Mais tarde, quando eles finalmente comeram o mingau agora frio que estava na caixa térmica que Yabby Burrows carregara, ninguém se sentou com Rooster MacNeice.

14.

E lá se foram eles — as piadas, as histórias, os pobres coitados que não voltaram, o palácio de Trípoli requisitado para um centro de recreação da Força Imperial Australiana, *two-up*,<sup>[3]</sup> *crown & anchor*,<sup>[4]</sup> cerveja e amigos, prostitutas que trabalhavam na sala ao lado da passagem que desce para o círculo, a fim de testar a sorte no *two-up*, o rúgbi dos povoados montanheseiros contra os garotos sírios. E então, em Java, depois de sua rendição, as mulheres em sarongues molhados colhendo chá que eles às vezes viam quando saíam em grupos para pilhar lenha; como elas eram lindas trocando seus sarongues molhados pelos secos e catando lêndeas nos cabelos umas das outras... Cristo, disse Gallipoli von Kessler enquanto elas passavam, cruzar com isso é o que chamo de castigo.

Mas seu castigo estava só começando. Após seis meses, eles foram levados de caminhão para a costa, a caminho de um novo projeto no Sião. Um milhar deles, três dias socados como sardinhas no casco gorduroso de uma banheira enferrujada para Cingapura e conduzidos em seguida, a pé, para a prisão de Changi. Era um lugar agradável — casernas brancas de dois andares, adoráveis e arejadas, gramados aparados, soldados australianos bem vestidos, dignos e cordiais, oficiais com bengalas de passeio e etiquetas vermelhas nas meias, uma boa vista do estreito de Johor e jardins verdejantes. Emaciados, trajando uma mistura de uniformes australianos e holandeses, e muitos sem sapatos, os homens de

Dorrigo destoavam. Escória de Java, o brigadeiro Crowbar Callaghan, comandante dos prisioneiros de guerra australianos de Changi, os havia batizado, mas apesar das súplicas de Dorrigo Evans, Callaghan não quis fornecer-lhes roupas, botas e provisões. Em vez disso, tentou e não conseguiu retirar Dorrigo Evans do comando por sua atitude de insubordinação ao exigir que Callaghan abrisse seus armazéns.

O pequeno Wat Cooney procurou Chum Fahey com um plano de fuga: entrar numa equipe de trabalho no cais de Cingapura e ali se esconder dentro de engradados ou algo do gênero para serem carregados num navio e voltarem assim para Sydney.

É um bom plano, Wat, disse Chum Fahey. Só que não é.

Eles jogaram uma partida de rúgbi contra a nata do campo de Changi e perderam por oito gols, mas não antes de ouvirem o discurso do três-quartos Sheephead Morton, que começou com palavras que se tornariam, para eles, imortais: Só tenho uma coisa a dizer pra vocês, caros, e a primeira delas é...

Duas semanas mais tarde, a Escória de Java partiu vestindo os mesmos trapos com os quais haviam chegado, o não engradado Wat Cooney entre eles. Agora designados oficialmente como Força J de Evans, eles foram levados para a estação ferroviária e socados nos pequenos e fechados vagões de aço usados para transportar arroz; vinte e sete homens em cada, sem espaço suficiente até para se sentarem. Eles viajaram no calor tropical por túneis de seringueiras e selva, vislumbrando, através de uma profusão de australianos suados e de uma porta de correr parcialmente aberta, aquela vegetação emaranhada e interminável acima deles, e afastando-se deles as malaias em sarongues, as indianas e as mulheres culis chinesas, todas com seus chapéus de pano vistosos trabalhando nos arrozais, e eles no escuro daqueles fornos cruéis apertados. Eram homens como outros jovens, sem conhecerem a si mesmos. O que houvesse dentro deles, eles estavam viajando para descobrir.

Abaixo deles, a linha do trem martelava compassadamente, enquanto os braços e as pernas dos corpos escorregadios de suor balançavam uns contra os outros. Perto do fim do terceiro dia, eles começaram a ver arrozais e grupos de palmeiras passando velozmente, e mulheres tailandesas, escuras e rechonchudas, com seus cabelos pretos retintos e sorrisos adoráveis. Eles tinham de se revezar para sentar e dormiam com as pernas dobradas sobre o homem ao lado, envoltos do fedor de vômito seco, corpos rançosos, merda e vômito, e lá seguiam eles, lustrosos de fuligem e deprimidos, mil milhas, cinco dias e nenhuma comida, seis paradas e três homens mortos.

Na quinta tarde eles foram tirados do trem em Ban Pong, a quarenta milhas de Bangkok. Foram postos em caminhões grandes, trinta homens enfiados em cada um como gado, agarrando-se uns aos outros como macacos, viajando pela selva por uma estrada com seis polegadas de espessura de poeira fina. Uma borboleta azul-celeste esvoaçou sobre eles. Um prisioneiro da Austrália Ocidental a esmagou quando ela pousou em seu ombro.

Caiu a noite, e a estrada prosseguia. E, tarde daquela noite, eles chegaram a Tarsau, cobertos de sujeira e impregnados da poeira da estrada. Dormiram no chão de terra e voltaram aos caminhões ao amanhecer para uma hora de subida, seguindo mais como uma manada de novilhos nas montanhas. No fim da trilha, saltaram dos caminhões e marcharam até o fim da tarde, quando finalmente pararam numa pequena clareira à margem de um rio.

No abençoado rio eles pularam para nadar. Cinco dias em caixas de aço, dois dias em caminhões... Que bela não é a água? Beatitudes da carne, bênçãos do mundo além do véu... pele limpa, sensação de ausência de peso, o universo se precipitando da calma fluida. Eles dormiram como toras empilhadas até serem despertados pela gritaria dos macacos ao amanhecer.

Os guardas os fizeram marchar pela selva por três milhas e meia. Um oficial japonês subiu num toco de árvore para se dirigir a eles.

Obrigado, ele disse, pela longa jornada até aqui para ajudar imperador com ferrovia. Ser prisioneiro grande vergonha. Grande! Redimam honra construindo estrada de ferro para imperador. Grande honra. Grande!

Ele apontou para a linha de estacas de topógrafo que demarcavam o curso que a ferrovia deveria tomar. As estacas desapareciam rapidamente no jângal.

Eles trabalharam na derrubada da floresta de teca para sua primeira seção da linha, e somente após essa tarefa ser concluída, três dias depois, foi lhes dito que eles agora teriam de erguer seu próprio campo num local algumas milhas distante. Enormes touceiras de bambu, oitenta pés de altura, árvores grandes, sumaúmas com seus galhos horizontais, hibiscos e arbustos baixos — tudo isso eles cortaram e arrancaram e queimaram e arrasaram, grupos de homens seminus surgindo e sumindo em meio a fumaça e chamas, vinte homens puxando em sincronia uma corda como uma parelha de bois a fim de arrastar para fora amontoados de bambus perversamente espinhosos.

Em seguida eles saíram à procura de madeira e passaram por um campo inglês a uma milha de distância; o local fedia e estava cheio de doentes, e oficiais faziam pouco por seus homens e muito para si próprios. Os subtenentes patrulhavam o rio para impedir seus homens de pescar. Alguns oficiais ingleses ainda tinham suas varas de pescar e não queriam que soldados rasos furtassem o que entendiam como seus peixes.

Quando os australianos voltaram para a limpeza do terreno do seu campo, um velho guarda japonês se apresentou como Kenji Mogami. Ele bateu no peito.

Isso significa leão montanha, disse-lhes, e sorriu.



Ele lhes mostrou o que era preciso: usar um facão comprido para cortar e entalhar a armação do telhado; arrancar a camada interna da casca dos hibiscos em tiras longas para amarrar as juntas; cobrir o telhado com palha de palmeira e o piso com bambu partido e aplainado, sem nenhum prego em nada disso. Após algumas horas de trabalho construindo o primeiro abrigo do campo, o velho guarda japonês disse: Muito bem, homens, *yasumi*.

Eles se sentaram.

Ele não é mau sujeito, disse Darky Gardiner.

Foi escolhido por eles, disse Jack Rainbow. E sabe de uma coisa? Se eu tivesse metade de uma chance eu o retalharia do olho até o cu com uma lâmina de barbear cega.

Kenji Mogami bateu no peito de novo e declarou: Leão montanha Binga Crosby. E o leão da montanha começou a cantarolar:

*You go-AAA-assenuate-a-positive*

*Eliminanay a negative*

*Lash on a affirmawive*

*Don't mess with a Misser In-Beween*

*Nahhhh donna mess with Missa Inbeweeeen!* [5]

15.

Naqueles primeiros tempos na Linha, quando eles ainda eram capazes de fazer essas coisas, os homens apresentavam um concerto noturno num pequeno palco de bambu iluminado por uma fogueira de cada lado. Assistindo à apresentação com Dorrigo Evans estava seu oficial-comandante, coronel Rexroth, um modelo de contrastes irreconciliáveis: a cabeça de um salteador no corpo de um açougueiro, um sotaque refinado, e tudo isso no filho de um decorador falido de Ballarat, um australiano que batalhava para ser confundido com um inglês, um homem que havia recorrido ao

Exército em 1927 para as oportunidades que lhe haviam escapado alhures na vida. Embora ele e Dorrigo Evans tivessem a mesma patente, por força de experiência e em virtude de ser um militar e não um médico, Rexroth era superior a Dorrigo.

O coronel Rexroth virou-se para Dorrigo Evans e disse que acreditava que todas suas forças britânicas nacionais bastariam, que seu *esprit de corps* britânico não se quebraria, e seu sangue britânico os faria atravessar aquilo unidos.

Um pouco de quinino não seria nada mal, disse Dorrigo Evans.

Alguns ingleses tinham vindo do seu campo e estavam apresentando uma peça curta sobre um prisioneiro de guerra alemão na Grande Guerra. O ar noturno estava tão enxameado de insetos que os encenadores pareciam levemente borrados.

O coronel Rexroth disse que não gostava da sua atitude. Vendo somente o lado negativo. Isso pede pensamentos positivos. Celebração do caráter nacional. E assim por diante.

Eu nunca tratei do caráter nacional, disse Dorrigo Evans.

Os australianos tinham começado a aplaudir o prisioneiro alemão.

Mas estou vendo, prosseguiu, uma quantidade imensa de doenças causadas pela desnutrição.

Nós temos o que temos, disse o coronel Rexroth.

Para não falar, disse Dorrigo Evans, de malária, disenteria e leishmaniose cutânea.

A peça terminou com deboches e miados de gato. Dorrigo finalmente recordou o que o coronel Rexroth sempre lhe lembrava: as peras Beurré Bosc que o pai de Ella costumava comer. E percebeu o quanto estava com fome, pois ele, que jamais gostara daquelas peras de casca enferrujada, agora teria dado quase tudo para comer uma.

Doenças de inanição, Dorrigo Evans recitou. Remédios fariam bem. Mas comida e repouso seriam ainda melhor.

Se o trabalho na construção da linha férrea para os japoneses ainda não havia se tornado a loucura que os mataria, ele já estava causando estragos físicos profundos. Les Whittle, que havia perdido os dedos para a pelagra, agora estava tocando um acordeão apodrecido — conservado inteiro com costuras e remendos de couro de búfalo — com lascas de bambu amarradas no pulso. Seu cantor, Jack Rainbow, havia perdido a visão. Observando-o, Dorrigo Evans se perguntava se fora avitaminose ou os danos combinados de várias doenças que fizeram isso — qualquer que fosse a causa, ele estava dolorosamente consciente de que a comida resolveria o problema e quase todas as aflições que ele via. O rosto de ermitão de Jack Rainbow estava estufado como uma abóbora, e a parte inferior de seu corpo definhado, também grotescamente inchada pelo beribéri, emprestava a uma ferida — que havia comido a canela inchada até o osso — a aparência de uma íris cor-de-rosa cega que, da ferida, fitava a multidão de prisioneiros de guerra, muitos tão grotescamente afetados, como se esperasse ver, enfim, a plateia de seus sonhos.

Os encenadores agora estavam fazendo uma cena do filme *A ponte de Waterloo*, com Les Whittle como Robert Taylor e Jack Rainbow no papel de Vivien Leigh. Eles estavam caminhando um para o outro sobre uma ponte de bambu.

Pensei que jamais a veria novamente, disse Robert Taylor, disfarçado no sem-dedos Les Whittle, num sotaque inglês extremamente afetado. Demorou toda uma vida.

Nem eu a você, disse Vivien Leigh, disfarçada no cego, inchado, ulcerado Jack Rainbow.

Querida, disse Les Whittle. Você não mudou nada.

Houve muitos risos, depois disso eles tocaram a canção emblemática do filme, "Auld Lang Syne".

Percebe, continuou o coronel Rexroth, é o que carregamos dentro.

O quê?

Estoicismo britânico.

Era um filme americano.

Garra, disse o coronel Rexroth.

Nossos oficiais são pagos pelo Exército japonês. Vinte e cinco cents por dia. Eles gastam com eles mesmos. Os japoneses não esperam que eles trabalhem. Eles deveriam.

Deveriam o quê, Evans?

Deveriam trabalhar aqui no campo. Cavando latrinas. Atendendo doentes no hospital. Ordenanças. Construindo equipamentos para os doentes. Muletas. Novos abrigos. Teatros funcionais.

Ele respirou fundo.

E eles deveriam juntar seus salários para podermos usá-los para comprar comida e remédios para os doentes.

Essa de novo, Evans, disse o coronel Rexroth. É o exemplo que nos fará suportar isto. Não o bolchevismo.

Concordo. Quando é o exemplo certo.

Mas o coronel Rexroth já estava subindo no palco. Ele agradeceu aos encenadores, depois falou sobre como a divisão do Império Britânico em nacionalidades arbitrárias era uma ficção. De Oxford a Oodnadatta, eles eram um povo.

Seu sotaque era fino e agudo. Ele não tinha o dom da oratória emocionante, mas um senso distorcido de que sua patente lhe conferia esse talento. Ele soava, como disse Gallipoli von Kessler, como se estivesse tocando uma flauta com o cu.

E por essa razão, prosseguiu o coronel Rexroth, como membros do Império Britânico, como ingleses, nós precisamos manter a ordem e a disciplina, que são o sangue vital do Império. Nós sofreremos como ingleses, nós triunfaremos como ingleses. Obrigado.

Depois o coronel Rexroth perguntou a Dorrigo Evans se ele gostaria de ser envolvido no planejamento para a construção de um cemitério apropriado com vista para o rio, onde poderiam enterrar seus mortos.

Prefiro que o Príncipe Negro roube mais algumas latas de peixe dos armazéns japoneses para impedir os vivos de morrerem, disse Dorrigo Evans.

O Príncipe Negro é um ladrão, replicou o coronel Rexroth. Este, contudo, será um lindo local de repouso final e digno dos esforços de todos os preocupados com o bem-estar dos homens, e muito melhor do que a prática presente de apenas entrar na floresta e enterrá-los num lugar qualquer.

O Príncipe Negro me ajuda a salvar vidas.

O coronel Rexroth rabiscou um grande mapa delineando a localização do cemitério e a disposição dos túmulos, com seções distintas para patentes distintas. Orgulhosamente ele disse a Dorrigo que havia reservado um lugar particularmente idílico com vista para o Kwai para os oficiais. Ele assinalou que os homens estavam começando a morrer, e cuidar dos cadáveres era agora uma questão da mais alta prioridade.

É um argumento irrefutável, ele disse. Deu um bocado de trabalho trazer as coisas até este ponto. Eu apreciaria muito se você fizesse parte disso.

Um macaco guinchou num bosque de bambu perto dali.

Só estou fazendo isso pelos homens, disse o coronel Rexroth.

16.

As folhas começaram a brotar nas árvores e as folhas começaram a cobrir o céu e o céu ficou preto e o preto engoliu uma parte cada vez maior do mundo. A comida ficou cada vez mais escassa. A monção chegou e, no começo, antes de aprenderem tudo que a chuva pressagiava, eles ficaram agradecidos.

Aí começou o Speedo.

O Speedo significava que não havia mais dias de descanso, que as cotas de trabalho aumentaram, e aumentaram de novo, que os turnos se tornaram cada vez mais longos. O Speedo dissolveu uma distinção já vaga entre o apto e o doente numa distinção mais vaga entre o doente e o moribundo, e por causa do Speedo os prisioneiros eram ordenados a trabalhar, com frequência crescente, não um, mas dois turnos, tanto de dia quanto à noite.

As chuvas se tornaram torrenciais, a teca e o bambu se fecharam em torno deles; o coronel Rexroth morreu de disenteria e foi enterrado junto com todos os demais na selva. Dorrigo Evans assumiu o comando. Quando um grande peso verde que se estendia para os céus negros os arrastou para a lama negra, ele impôs uma taxa sobre o pagamento dos oficiais para comprar comida e remédios para os doentes. Ele persuadiu, adulou e insistiu que os oficiais trabalhassem, enquanto o incessante horror verde pressionava cada vez mais seus corpos sarnentos e intestinos grogues, suas cabeças febris, suas pernas sujas e ulceradas, seus cus perpetuamente cagando.

Os homens chamavam Dorrigo Evans de *Coronel* na sua frente e de *o Amigão* em todos os outros lugares. Havia momentos em que o Amigão se sentia pequeno demais para tudo que eles agora queriam que ele aguentasse. Havia Dorrigo Evans e havia esse outro homem com quem ele compartilhava aparências, hábitos e modos de falar. Mas o Amigão era nobre onde Dorrigo Evans não era, desprezado onde Dorrigo era egoísta.

Era uma função que ele sentia fazer parte de sua trajetória, e quanto mais o tempo passava, mais os homens ao seu redor o confirmavam no papel. Era como se eles quisessem que ele fosse assim, como se precisasse haver um Amigão e, tendo uma necessidade desesperada disso, seu respeito crescente, seus apartes sussurrados, sua opinião sobre si mesmo, todas essas coisas o

levavam a se comportar como tudo que ele sabia que não era. Como se, em vez de ele guiá-los pelo exemplo, eles o estivessem guiando por adulação.

E com ele agora a reboque, eles cambaleavam juntos por aqueles dias que se sucediam como um grito incessante, um grito verde, úmido, que Dorrigo Evans descobriu que era perversamente amplificado pela surdez do quinino, pela confusão mental da malária, que fazia um minuto durar uma vida inteira e que, às vezes, permitia não recordar uma semana de miséria e horror. Tudo isso parecia esperar por algum desfecho que não ocorria, algum evento que conferisse sentido a tudo para ele e para eles, alguma catarse que os libertaria desse inferno.

Ainda assim, havia o ocasional ovo de pata, um ou dois dedos de açúcar de palma, a piada — repetida muitas vezes, adoravelmente lapidada e admirada como a rara e bela coisa que era —, que tornavam possível a sobrevivência. Ainda havia esperança. E por baixo de seus chapéus cada vez mais desconjuntados, os prisioneiros, encolhendo cada vez mais, ainda diziam apartes e praguejavam enquanto eram varridos para outro universo onde viviam como formigas, e tudo que importava era a ferrovia. Como escravos nus de sua seção da Linha, com nada mais do que cordas e estacas, martelos e barras, cestos de palha e enxadas, com suas costas e pernas e braços e mãos, eles começaram a limpar a selva para a Linha e a quebrar as pedras para a Linha e a mover a terra para a Linha e a carregar os dormentes e os trilhos de ferro para construir a Linha. Como escravos nus, eles estavam famintos e eram espancados e trabalhavam além da exaustão na Linha. E como escravos nus eles começaram a morrer para a Linha.

Ninguém podia estar a salvo, nem o fraco nem o forte. Os mortos começaram a se acumular. Três na semana passada, oito nesta semana, Deus sabe quantos hoje. A cabana-hospital — menos um hospital do que um lugar onde os que estavam nas piores

condições podiam repousar em meio à sujeira e ao fedor gangrenoso sobre longas plataformas de ardósia — agora estava repleta de moribundos. Já não havia mais homens saudáveis. Havia somente o doente, o muito doente e o moribundo. Longe iam os dias em que Gallipoli von Kessler considerava um castigo não poder tocar numa mulher. Longe estava até o pensamento numa mulher. Seus únicos pensamentos agora eram comida e descanso.

A fome assediava os australianos. Ela se escondia em cada ato e em cada pensamento de cada homem. Contra ela, eles só podiam proferir seu saber australiano, que, na realidade, não era mais do que opiniões mais vazias do que suas barrigas. Eles tentavam se sustentar com sua aridez australiana e suas pragas australianas, suas memórias australianas e seu companheirismo australiano. De repente, porém, *Austrália* significava pouco contra piolhos e fome e beribéri, contra roubos e espancamentos e um trabalho escravo cada vez maior. *Austrália* estava encolhendo e enrugando, um grão de arroz agora era muito maior do que um continente, e as únicas coisas que ficavam diariamente maiores eram os maltratados e amolecidos chapéus dos homens, que agora se agigantavam como *sombreros* sobre seus rostos emaciados e seus olhos escuros e vazios, olhos que já pareciam ser pouco mais do que cavidades enegrecidas à espera de vermes.

E os mortos continuavam a se acumular.

17.

A boca de Dorrigo Evans estava tão cheia de saliva que, por diversas vezes, ele teve de enxugar os lábios com a costa das mãos para não babar. Olhando para baixo, para o bife mal cortado, cartilaginoso e passado do ponto que descansava no bojo retangular de sua marmitta, sua gordura fuliginosa besuntando a lata enferrujada, ele não poderia, por mais que tentasse, pensar em algo no mundo que pudesse desejar mais. Ele ergueu o olhar para o ajudante de cozinha



que o trouxera para seu jantar. O ajudante lhe contou como, na noite anterior, um bando chefiado pelo Príncipe Negro havia roubado uma vaca de uns comerciantes tailandeses, a havia abatido na mata e, depois de subornar um guarda com o filé-mignon, havia entregado o resto em segredo para a cozinha do campo. Um bife — *um bife!* — fora cortado, grelhado e presenteado a Dorrigo para o seu jantar.

O ajudante de cozinha era um homem doente, como Dorrigo Evans podia ver — por que outra razão ele estaria nas tarefas da cozinha? —, doente com uma ou várias doenças de inanição, e Dorrigo Evans compreendeu que o bife era, também para aquele homem, naquele momento, a coisa mais extraordinária e desejável do universo. Fazendo um gesto apressado, ele disse ao ajudante para levá-lo ao hospital e dividi-lo com o mais doente de lá. O ajudante duvidou que ele estivesse falando sério e não se mexeu.

Os homens querem que você coma, disse o ajudante. Senhor.

Por quê? Dorrigo Evans pensou. Por que estou dizendo que não quero o bife? Ele queria tão desesperadamente comê-lo, e os homens queriam que ele o comesse como uma espécie de tributo. E, no entanto, por mais que soubesse que ninguém invejaria sua posse da carne, ele também compreendia que o bife era um teste que pedia testemunhas, um teste que ele teria de passar, um teste que se tornaria uma história necessária para todos eles.

Leve-o, disse Dorrigo Evans.

Ele engoliu em seco, tentando tragar a saliva que lhe inundava a boca. Temia que pudesse enlouquecer ou ceder de alguma maneira terrível e humilhante. Sentia que sua alma não estava equilibrada, que lhe faltavam muitas das coisas que eles agora precisavam dele, aquelas coisas que qualificavam alguém para uma vida adulta. E, no entanto, ele agora se via líder de mil homens que, curiosamente, o estavam obrigando a ser todas as muitas coisas que ele não era.

Ele engoliu em seco de novo; sua boca se encheu novamente de saliva. Ele não pensou em si como um homem forte que sabia que era forte — um homem forte como Rexroth. Rexroth, pensou Dorrigo Evans, era um homem que teria comido o bife por seu direito e, depois, palitaria alegremente os dentes de salteador diante de seus homens famintos. Dorrigo Evans, por sua vez, via-se como um homem fraco sem direito a nada, um homem fraco a quem os mil estavam dando a forma de um homem forte a partir de suas expectativas sobre ele. Era um contrassenso. Eles eram cativos dos japoneses e ele era prisioneiro de suas esperanças.

*Já!*, ele exclamou, quase perdendo o controle.

Mas o ajudante mesmo assim não se mexeu, pensando talvez que ele estivesse brincando, temendo talvez um erro de seu entendimento. E durante todo esse tempo Dorrigo Evans temia que, se o bife permanecesse ali a sua frente por um momento mais, ele o agarraria com as duas mãos e o engoliria inteiro e fracassaria nesse teste e teria revelado quem realmente era. Em sua raiva pela manipulação que os homens faziam dele, em sua fúria com a própria fraqueza, ele repentinamente se levantou e começou a gritar enfurecido...

*Já! Ele é seu, não meu! Leve-o! Divida-o! Divida-o!*

E o ajudante, aliviado porque ele agora poderia até provar um pedaço daquele bife, e encantado porque o coronel era tudo o que todos diziam que o Amigão era, adiantou-se e levou o bife para o hospital, e com ele mais uma história de como seu líder era um homem extraordinário.

18.

Dorrigo Evans odiava a virtude, odiava que a virtude fosse admirada, odiava pessoas que fingiam que ele tinha virtude ou se fingiam elas próprias virtuosas. E quanto mais era acusado de virtuoso à medida que envelhecia, mais ele a odiava. Ele não acreditava em virtude.

Virtude era a vaidade bem vestida e esperando aplausos. Ele estava farto de dignidade e nobreza, e era nos defeitos de Lynette Maison que encontrava o que ela tinha de mais admiravelmente humano. Foi em seus braços infieis que ele encontrou a fidelidade a alguma estranha virtude da natureza transitória de tudo.

Ela conhecera privilégios e nunca gastara a noite com dúvidas. À medida que sua beleza se esvaía, uma esteira se afastando de um barco agora imóvel, ela veio a precisar dele bem mais do que ele dela. Imperceptivelmente para ambos, ela havia se tornado mais um dever para ele. Mas, enfim, sua vida toda era dever agora. Dever para com a esposa. Dever para com os filhos. Dever para com o trabalho, os comitês, as organizações de caridade. Dever para com Lynette. Dever para com outras mulheres. Era extenuante. Demandava energia. Às vezes ele até se admirava de si mesmo. Pensava que deveria haver algum tipo de reconhecimento por semelhante proeza. Era preciso uma estranha coragem. Era repulsivo. Isso o fez se odiar, mas ele não poderia mais não ser ele mesmo agora, já que não pudera ser ele mesmo com o coronel Rexroth. E, de algum modo, o que lhe deu senso, direção e capacidade de seguir em frente, o dever acima de todo outro dever, era o que ele acreditava que devia aos homens que estavam com ele naquele campo.

Você está pensando nela, ela disse.

De novo ele não disse nada. Do mesmo modo como cumpria todos seus outros deveres, ele tolerava Lynette de uma maneira que considerava viril — isto é, cobria a distância crescente entre eles com mais afeto. Ela o aborrecia cada vez mais; não fosse o fato de ela continuar a ser uma aventura, ele teria deixado de vê-la há anos. Suas cópulas vinham sendo esporádicas, e ele teve de admitir, tanto para si como para ela, que as coisas não já eram como antes, mas Lynette não parecia se importar. Na verdade, nem ele. Bastava-lhe poder cheirar suas costas, descansar a mão entre suas coxas

macias. Ela podia ser ciumenta e egoísta, e ele não podia impedir, mas a mesquinhez dela o satisfazia.

Enquanto ela tagarelava sobre a política e as fofocas da revista onde trabalhava como editora assistente, as humilhações mesquinhas que sofria de superiores — que ela considerava como seus inferiores —, seus triunfos profissionais, seus medos, seus desejos mais íntimos, ele estava novamente vendo aquele céu durante o Speedo, sempre sujo, e estava refletindo sobre como não havia pensado em Darky Gardiner por anos, não até o dia anterior, quando tentara escrever um relato de seu espancamento.

Convidaram-lhe a escrever o prefácio de um livro de esboços e ilustrações feitos por Guy Hendricks, um prisioneiro de guerra que havia morrido na Linha e cujo caderno de desenho Dorrigo havia carregado e mantido escondido até o fim da guerra. O céu era sempre sujo e estava sempre se movendo, fugindo, ou assim lhe parecia, para algum lugar melhor onde homens não morriam sem razão, onde a vida respondia a algo mais que o acaso. Darky Gardiner tinha razão: tudo fora um jogo de *two-up*. Aquele céu machucado, debruado de azul, encharcado de sangue. Dorrigo queria se lembrar de Darky Gardiner, seu rosto, ele cantando, aquele meio sorriso furtivo. Mas tudo que podia ver, por mais que tentasse invocar sua presença, era aquele céu imundo fugindo para longe de todo aquele horror.

Cada lance é sempre o primeiro lance, Dorrigo se lembrava de Darky dizer. Não é uma ideia adorável?

Você está e não admite, disse Lynette Maison. Vamos, você não está pensando nela?

Eu nunca paguei, sabe. Os dez xelins.

Eu sei.

Vinte para três. Eu me lembro disso.

Eu sei quando você está pensando nela.

Sabe, ele sussurrou para o ombro carnudo de Lynette Maison, hoje eu estava trabalhando no prefácio e fiquei travado no Speedo, quando eles nos fizeram trabalhar setenta dias e noites durante a monção, sem sequer um dia de folga. E estava tentando me lembrar de quando eles surraram Darky Gardiner. Foi no mesmo dia em que cremaram o pobre do Guy Hendricks. Tentei escrever o que recordava daquele dia. Pareceu ao mesmo tempo terrível e nobre. Mas não foi nenhuma dessas coisas.

Eu sei, você sabe.

Foi miserável e estúpido.

Venha cá.

Acho que eles estavam entediados com aquilo, com a surra.

Vem. Vamos dormir.

Tinha o Nakamura, aquele bastardinho desprezível do Lagartão com seu andar de marionete. Dois outros engenheiros japoneses. Ou eram três? Nem disso me lembro. Que espécie de testemunha eu sou? Quero dizer, talvez eles realmente quisessem machucá-lo no começo, mas depois foi tedioso para eles, como era tedioso o malho e o ponteiro para nossos companheiros. Pode imaginar? Apenas trabalho, e repetitivo, trabalho maçante, além do mais.

Vamos dormir.

Trabalho duro, suarento. Como cavar uma valeta. Um parou um instante. E eu pensei: Bem, acabou. Graças a Deus. Ele levou a mão à testa, limpou o suor e fungou. Desse jeito mesmo. Depois voltou ao trabalho de surrar Darky. Não havia sentido naquilo, não na hora e não agora, mas não se pode escrever isso, pode?

Mas você escreveu.

Escrevi. Alguma coisa. Sim.

E foi honesto.

Não.

Não foi honesto?

Fui preciso.

Na noite lá fora, como se procurando uma coisa irremediavelmente perdida, um caminhão em marcha a ré produziu um pipilar desolado.

Não entendo por que isso se destaca para você, ela disse.

Não.

Não mesmo. Não foram tantos que sofreram?

Foram, ele assentiu.

Por que esse ficou gravado, então?

Ele não disse nada.

Por quê?

Deitado naquela cama de hotel em Parramatta, ele sentiu que devia estar pensando num mundo cheio de coisas boas fora de seu quarto, aquele céu azul apenas esperando para ressurgir dentro de algumas horas, aquele grande céu azul que, em sua lembrança, estava para sempre associado à liberdade perdida de sua infância. Mas sua mente jamais poderia deixar de ver o céu estriado de preto do campo.

Diga-me, ela disse.

Aquilo sempre o lembrava de trapos sujos encharcados de óleo de motor queimado.

Eu quero saber, ela disse.

Não. Não quer.

Ela está morta, não é? Eu só tenho ciúmes dos vivos.

*Daquela mulher  
na praia, mana o crepúsculo  
das ondas do anoitecer.*

Issa

1.

Dorrigo Evans estava em Adelaide durante seu treinamento final no 2/7 Posto de Triagem de Feridos no quartel do Exército em Warradale, no calor feroz de fins dos anos 1940, antes de embarcar sabe-se lá para onde. E tinha uma licença de meio dia — na verdade, sem serventia. Tom havia lhe telegrafado de Sydney para dizer que seu tio Keith, que tocava um pub na costa, nos arredores de Adelaide, estava ansioso para ver Dorrigo, e *vai cuidar regimento de você*. Dorrigo nunca havia encontrado Keith Mulvaney. Tudo que sabia dele era que fora casado com a irmã caçula de seu pai que havia morrido num acidente de carro alguns anos antes. Embora Keith tivesse se casado de novo depois disso, ele mantinha contato com a família de sua primeira mulher, enviando cartões de Natal para Tom, que o havia informado de que o irmão estava estacionado em Adelaide. Dorrigo tivera a intenção de visitar o tio naquele dia, mas o carro que esperava tomar emprestado havia quebrado. Então, em vez disso, naquela noite, ele foi se encontrar com alguns colegas médicos do 2/7 num baile da Cruz Vermelha na cidade.

Era o dia da Melbourne Cup e havia uma lânguida excitação nas ruas depois da corrida. Para matar o tempo antes do baile, ele caminhara pelas ruas da cidade e acabara chegando a uma velha livraria numa travessa da rua Rundle. Um evento noturno estava em andamento, um lançamento de revista ou algo assim. Um jovem desprendido com cabelos revoltos e uma grande gravata com o nó afrouxado estava lendo uma revista.

*Não conhecemos nenhum mitridato do desespero  
enquanto ébrios, os irados pinguins da noite,  
escarranchados nos paralelepípedos da praça  
amarram um cadarço de sapato à luz enevoada da lâmpada.*



Dorrigo Evans achou aquilo sem pé nem cabeça. Seus gostos, de toda sorte, já estavam calcificados nos preconceitos dos que viajam longe em clássicos na adolescência e raramente vão a qualquer outro lugar depois. Em geral, ele ficava perdido com o contemporâneo e preferia as modas literárias de meio século antes — no seu caso, os poetas vitorianos e os escritores da antiguidade.

Impedido pela pequena multidão de folhear os livros, ele se encaminhou para uma escada de madeira na extremidade da loja que parecia mais promissora. O segundo andar era composto por dois pequenos escritórios ao fundo, desocupados, e uma sala grande, também vazia, com assoalho de largas pranchas rústicas e janelas que davam para a rua. Por toda parte havia livros que ele poderia folhear; livros em pilhas periclitantes, livros em caixas, uma montoeira de livros usados inclinados em ângulos contrários como milícias mal disciplinadas em estantes do chão ao teto que cobriam toda a extensão da parede do fundo.

Fazia calor na sala, mas lhe pareceu bem menos sufocante do que a leitura de poesia no andar de baixo. Ele puxou um livro aqui e ali, mas o que chamava sua atenção eram os túneis diagonais de luz solar que penetravam no local pelas mansardas. Ao seu redor, as partículas de poeira subiam e desciam, faiscando, estremecendo naqueles feixes de luz turvos. Ele encontrou várias prateleiras repletas de edições antigas de escritores clássicos e começou a folhear aleatoriamente, esperando achar uma edição barata da *Eneida* de Virgílio, que ele só havia lido num exemplar emprestado. Não era realmente o grande poema da antiguidade que Dorrigo Evans queria, mas a aura que ele sentia em torno desses livros — uma aura que tanto irradiava para fora como o conduzia para dentro de outro mundo que lhe dizia que ele não estava só.

E, nesse sentido, esse sentimento de comunhão, em certos momentos, o subjugava. Nessas horas, ele tinha a sensação de que só havia um livro no universo, e que todos os livros eram meros

portais para essa obra maior em processo — um mundo belo, inesgotável, que não era imaginário, mas o mundo tal como ele realmente era, um livro sem princípio nem fim.

Chegaram alguns gritos pela escada, e logo em seguida um grupo barulhento de homens e duas mulheres entrou no local, uma grande, ruiva, usando uma boina escura, a outra menor, loira, trazendo uma flor vermelho-carmim atrás da orelha. De tempos em tempos eles recomeçavam, meio cantando, meio cantarolando, num coro roufenho *Roll on, Old Rowley, roll on!*

Os homens eram um amontoado de uniformes de serviço, raaf, ran e aif... Eles estavam um pouco embriagados, Dorrigo imaginou, todos tentando, de uma maneira ou de outra, chamar a atenção da mulher menor. Mas ela não parecia estar minimamente interessada. Alguma coisa a apartava deles, e por mais que tentassem encontrar meios de se aproximar dela, nenhum braço uniformizado pôde ser visto descansando no seu, nenhuma perna uniformizada esfregando na sua.

Dorrigo Evans viu tudo isso claramente num relance, e ela e eles o aborreceram. Eles não passavam de ornamentos dela, e Dorrigo os desprezou por estarem escravizados a algo que obviamente jamais seria deles. Ele não gostou do poder que ela tinha de transformar homens no que ele considerava pouco mais do que cães servis, e por isso não gostou dela. Ele se virou e tornou a olhar para as estantes. De toda sorte, estava pensando em Ella, a quem conhecera em Melbourne quando estava concluindo o treinamento cirúrgico. O pai de Ella era um proeminente advogado de Melbourne, a mãe, de uma conhecida família de criadores; o avô fora um dos autores da Constituição federal. Ela própria era professora. Embora se tornasse às vezes aborrecida, seu mundo e sua aparência ainda fulguravam para Dorrigo. Embora sua conversa fosse cheia de lugares-comuns, como que decorados e repetidos com tanta determinação que ele realmente não sabia ao certo o que

ela pensava, mesmo assim ele a considerava correta e devotada. E com ela veio um mundo que a Dorrigo pareceu seguro, atemporal, confiável, imutável; um mundo de salas de visita de madeiras escuras e clubes, licoreiras de cristal com xerez e puro malte, o cheiro atordoante, um pouco embriagador, um pouco claustrofóbico, de mofo polido. A família de Ella era suficientemente liberal para aceitar naquele mundo um jovem de grandes expectativas das camadas inferiores, e suficientemente convencional para que ficasse entendido que os termos de sua aceitação seriam inteiramente desse mundo.

O jovem Dorrigo Evans não desapontou. Ele era agora um cirurgião, e supôs que se casaria com Ella, e embora eles nunca tivessem falado disso, sabia que ela também o supunha. Ele achava que desposar Ella era mais uma etapa, como completar sua graduação em Medicina, receber sua patente de oficial, mais um passo para o alto, para a frente, avante. Desde a caverna de Tom, onde reconhecera o poder da leitura, cada passo adiante fora assim para Dorrigo.

Ele tirou um livro de uma estante e, enquanto o trazia até o peito, passou-o da sombra para um daqueles feixes de luz solar. Ele manteve o livro ali, e ficou olhando para aquele livro, para aquela luz, para aquele pó. Foi como se houvesse dois mundos. Este mundo, e um mundo oculto, que bastaram os feixes momentâneos de luz do entardecer para revelá-lo como o mundo real — de partículas voadoras rodopiando freneticamente, faiscando, ricocheteando aleatoriamente umas nas outras e seguindo para direções completamente novas. Ali parado no lusco-fusco daquele entardecer, era impossível não acreditar que qualquer passo seria para melhor. Ele jamais pensava em para onde ou para quê, não pensava em por quê, não imaginava o que poderia acontecer se, em vez de progredir, colidisse como uma daquelas partículas de poeira à luz do sol.

O pequeno grupo na outra extremidade da sala começou a pulular novamente e a avançar em sua direção. O grupo se movia como um cardume de peixes ou um bando de pássaros no crepúsculo. Querendo guardar distância do grupo, Dorrigo percorreu toda a extensão das estantes próximas das mansardas. Mas como pássaros ou peixes, o bando parou tão subitamente quanto havia começado e se agrupou a alguns passos das estantes. Sentindo que alguns estavam olhando em sua direção, ele examinou mais intensamente os livros.

E quando tornou a erguer os olhos, percebeu por que o bando havia se movido. A mulher com a flor vermelha havia caminhado para onde ele estava e agora, estriada de sombra e luz, estava parada na sua frente.

2.

Seus olhos ardiam como o azul de uma chama de gás. Eles eram coisas ferozes. Por alguns instantes, os olhos foram tudo que ele percebeu. E estavam olhando para ele. Mas não havia nenhum olhar neles. Era como se ela o estivesse simplesmente bebendo. Ela o estaria avaliando? Julgando? Ele não sabia. Talvez tenha sido essa firmeza que o deixou ressentido e inseguro. Ele temia que tudo não passasse de alguma piada elaborada, e que num instante ela cairia na gargalhada e faria seu círculo de homens se juntarem a ela, zombando dele. Dorrigo deu um passo para trás, trombou com a estante e não pôde recuar mais. Ficou parado ali, uma mão entre ele e uma prateleira da estante bloqueando-o, o corpo retorcido num ângulo estranho para ela.

Vi quando você chegou à livraria, ela disse, sorrindo. Mais tarde, ao se perguntar sobre a impressão que ela lhe causara, Dorrigo ficaria sem resposta. Era a flor, ele decidiu finalmente, alguma coisa em sua audácia de usar uma grande flor vermelha no cabelo, o

caule enfiado por trás da orelha, aquilo a resumia. Mas isso, ele sabia, não lhe dizia realmente nada sobre ela.

Seus olhos, ela disse subitamente.

Ele não disse nada. Na verdade, não teve nenhuma ideia do que dizer. Nunca tinha ouvido algo tão ridículo. Olhos? E sem querer, ele se viu devolvendo o olhar dela, fitando-a intensamente, bebendo-a como ela estava fazendo com ele. Ela não pareceu se importar. Havia uma espécie de intimidade estranha e perturbadora, um conhecimento inexplicável naquilo que o chocou — que ele pudesse simplesmente olhar totalmente uma mulher e ela não se importar, desde que fosse *e/le* olhando para ela.

Era tão atordoante quanto desconcertante. Ela parecia uma série de pequenos defeitos mais bem expressa numa pinta acima do lábio superior direito. E ele compreendeu que a soma de todos esses pequenos defeitos era, de algum modo, beleza, e que havia nessa beleza um poder, e que o poder era a um só tempo consciente e inconsciente. Talvez, ele resolveu, ela pense que sua beleza lhe dê o direito de ter tudo o que quer. Bem, ela não o teria.

Tão negro, ela disse, agora sorrindo. Mas tenho certeza que você ouve isso muitas vezes.

Não, ele disse.

Não era inteiramente verdade, mas o fato era que ninguém lhe havia dito exatamente como ela acabara de fazer. Alguma coisa o impediu de sair da frente dela, de sua conversa estranha, e se afastar. Ele fitou o círculo de homens na outra ponta das estantes. Teve a perturbadora sensação de que ela falara sério, e que o que dissera fora apenas para ele.

Sua flor, disse Dorrigo Evans. Ela é...

Ele não tinha a menor ideia do que a flor era.

Roubada, ela disse.

Ela parecia ter todo o tempo do mundo para avaliá-lo, e depois de fazê-lo e achá-lo do seu agrado, riu de uma maneira que o fez

sentir que ela vira nele todas as coisas mais atraentes do mundo. Era como se a beleza dela, seus olhos, tudo que era encantador e maravilhoso nela, também existissem agora nele.

Gostou da flor?, ela perguntou.

Muito.

De um arbusto de camélia, ela disse, e tornou a rir. E então seu riso — mais um pequeno cacarejo, súbito e levemente gutural e, de certa forma, profundamente íntimo — se desfez. Ela se inclinou para a frente. Ele pôde sentir seu perfume. E álcool. Mas compreendeu que ela não tomara consciência do desconforto dele e que isso não era uma tentativa de fazer charme. Ou flertar. E embora ele não o quisesse nem desejasse, podia sentir que alguma coisa estava se passando entre eles, alguma coisa inegável.

Ele pôs a mão atrás das costas e se virou para ficar bem de frente para ela. Entre eles, um feixe de luz descia pela janela, poeira subindo dentro dele, e Dorrigo a viu como se da janela de uma cela. Ele sorriu, disse alguma coisa — não sabia o quê. Olhou para além dela o círculo de homens, sua guarda pretoriana aguardando na sombra, esperando que um deles, por interesse próprio, se aproximasse e tirasse vantagem do seu embaraço e a resgatasse.

Que espécie de soldado é você?, ela perguntou.

Não sou bem um soldado.

Usando seu livro, ele o bateu no remendo triangular marrom com um círculo verde no meio costurado no ombro de sua túnica.

2/7 Posto de Triagem de Feridos. Sou médico.

Ele se sentiu levemente ressentido e um pouco nervoso. O que a beleza queria com ele? Particularmente a expressão dela, sua voz, suas roupas, tudo nela ele compreendia como de uma mulher de certa posição, e embora ele fosse um médico agora, e um oficial, não estava tão afastado de suas origens para não sentir essas coisas agudamente.

Eu temo que tenha entrado de penetra no...

O lançamento da revista? Oh, não. Acho que eles receberiam de braços abertos qualquer ser com vida. Ou mesmo sem. A Tippy ali... ela apontou para a outra mulher ... a Tippy diz que aquele poeta que estava lendo seu livro vai revolucionar a literatura australiana.

Sujeito valente. Eu só me alistei para atacar Hitler.

Alguma palavra dele fez algum sentido para você?, ela perguntou, seu olhar de repente firme e inquisitivo.

Pinguins?

Ela deu um sorriso largo, como se alguma ponte difícil houvesse sido transposta.

Gostei muito de cadarços de sapato, ela disse.

Um do grupo de seus admiradores estava cantando à maneira de Paul Robeson: *Old horse Rowley, he just keep on rolling.*

Tippy nos lançou todos para vir, ela disse num novo tom de familiaridade, como se eles fossem amigos de muitos anos. Eu, o irmão dela e alguns de seus amigos. Ela é aluna do poeta lá de baixo. Nós estaríamos em algum clube de oficiais dos serviços escutando a Copa, mas ela quis que viéssemos aqui para escutar o Max.

Quem é Max?, perguntou Dorrigo.

O poeta. Mas isso não é importante.

Quem é Rowley?

Um cavalo. Isso também não importa.

Ele ficou mudo, não sabia o que dizer, as palavras dela não faziam o menor sentido, suas palavras eram irrelevantes para tudo que estava se passando entre eles. Se o cavalo e o poeta não tinham importância, o que era importante? Havia alguma coisa nela — intensidade? Franqueza? Fúria? — que ele achou extremamente perturbador. O que ela queria? O que aquilo significava? Ele desejou que ela fosse embora.

Ao ouvir uma voz de homem, Dorrigo virou-se para ver que um do grupo — usando um uniforme azul-claro de oficial da raaf —

estava parado perto deles, dizendo a ela com um sotaque inglês afetado que eles precisavam dela para ajudar a resolver uma discussão *que estamos tendo sobre chances de apostas*. O olhar dela acompanhou o de Dorrigo, e, reconhecendo o uniforme azul, sua fisionomia mudou por completo. Era como se fosse outra mulher, e seus olhos, que haviam sido tão vivos olhando para Dorrigo, agora estavam subitamente mortos olhando para o outro homem.

O uniforme azul tentou ignorar o olhar dela virando-se para Dorrigo.

Sabe que ela o escolheu, ele disse.

Escolheu quem?

Old Rowley. Cem por um. Maior probabilidade na história da Copa. E *e/a* sabia. Ela sabia perfeitamente qual páreo. O Harry ali ganhou vinte libras.

Antes que ele pudesse responder, a mulher falou com o oficial da raaf de um modo que Dorrigo entendeu que era encantador, mas sem qualquer sentimento.

Tenho só mais uma pergunta para o meu amigo, ela disse, apontando para Dorrigo. Depois vou até você para falar da contabilidade do turfe.

E resolvida essa conversa sucinta, ela se virou para Dorrigo e deu um gelo tão grande no uniforme azul que, após alguns instantes, ele se juntou aos outros.

3.

Que pergunta?

Não tenho a menor ideia de que pergunta, ela disse.

Ele temeu que ela estivesse zombando dele. Seu instinto lhe dizia para cair fora dali, mas alguma coisa o reteve.

Que livro é esse?, ela perguntou, apontando para suas mãos.

Catulo.



Mesmo?, ela tornou a sorrir.

Dorrigo Evans queria se livrar dela, mas não conseguiu. Aqueles olhos, aquela flor vermelha. A maneira... mas ele não acreditaria nisso... a maneira que ela parecia estar sorrindo para *e/e*. Dorrigo levou uma mão atrás das costas, tamborilou com os dedos as lombadas dos livros de Lucrécio e Heródoto e Ovídio. Mas eles não lhe deram nenhuma resposta.

Um poeta romano, disse.

Leia um de seus poemas para mim.

Ele abriu o livro, olhou para baixo e olhou para cima.

Mesmo?

Claro.

É muito árido.

Adelaide também.

Ele baixou novamente os olhos para o livro, e leu:

*Senti outra fome*

*Cutucar entre*

*Minha túnica e meu manto*

Ele fechou o livro.

É tudo latim para mim, ela disse.

Para nós dois, disse Dorrigo Evans. Ele tivera a esperança de ofendê-la com o poema e percebeu que havia falhado. Ela estava sorrindo de novo. De algum modo, ela fazia até uma ofensa soar como se ele estivesse flertando, até ele começar a se perguntar se não estava.

Ele olhou para a janela procurando socorro. Não houve nenhum.

Leia mais, ela disse.

Ele folheou apressadamente algumas páginas, parou, folheou mais algumas, parou, e começou.

*Tratemos de viver e amar*

*Sem dar trela aos velhos  
Que repreendem e desaprovam.  
Os sóis quando se põem podem renascer  
Mas nós...*

Ele sentiu uma estranha raiva se avolumar. Por que estava lendo este, de todos os poemas. Por que não algum outro que pudesse ofender? Mas alguma outra força havia se apoderado dele, o estava guiando, mantendo sua voz baixa e forte, enquanto ele prosseguia.

*Mas nós, depois de nossa breve luz brilhar,  
Havemos de dormir a longa noite sem fim.*

Ela apertou a gola de sua blusa com o polegar e o indicador, puxando-a para cima enquanto olhava para ele com olhos que pareciam dizer que ela realmente gostaria de puxá-la para baixo.

Ele fechou o livro. Não sabia o que dizer. Muitas coisas cruzaram sua mente, coisas divertidas, coisas inócuas, coisas brutais, que o afastaram da estante, o afastaram dela e daquele olhar terrível, seus olhos de um azul feroz de chama — mas não disse nenhuma delas. De todas as coisas estúpidas que poderia dizer, todas as coisas que sentia rudes e necessárias, ele se ouviu dizendo...

Seus olhos são...

Nós estávamos falando de como o amor é absurdo, interrompeu a voz de um estranho.

Virando-se, Dorrigo viu que aquele mais azarado dos pretendentes, o amigo íntimo, tinha vindo do grupo de admiradores para se juntar a eles e, presumivelmente, levar os olhos azuis de volta. Talvez sentindo que tivesse que se dirigir a Dorrigo também, o amigo sorriu para ele tentando, Dorrigo sentiu, avaliar quem era Dorrigo Evans, e em que pé ele estava com a mulher. Desfeito, ele gostaria de ter lhe dito.

A maioria das pessoas vive sem amor, disse o amigo. Vocês não concordam?

Não sei, replicou Dorrigo.

O amigo deu um sorriso meio torto para Dorrigo, uma lenta abertura para ela, um convite cúmplice para ela voltar à sua companhia, ao seu mundo, ao enxame de zangões. Ela ignorou o pretendente, virando seu ombro para ele e dizendo que voltaria em um minuto, deixando claro que ele devia se afastar para que ela pudesse ficar com Dorrigo. Porque isso era estritamente, bem, *deles*, embora Dorrigo, observando a comunicação silenciosa mas clara dela, percebesse que ele não havia desejado isso, nem consentido.

Todas essas conversas sobre amor, continuou o pretendente, pura bobagem. Não há necessidade de amor. Os melhores casamentos são os de compatibilidade. A ciência mostra que todos nós geramos campos eletromagnéticos. Quando uma pessoa encontra outra com íons opostos alinhados na direção certa, elas são atraídas. Mas isso não é amor.

O que é então?, perguntou Dorrigo.

Magnetismo, disse o pretendente.

4.

O major Nakamura era ruim no baralho, mas tinha acabado de vencer a mão final, porque foi compreendido tanto por seus oficiais subalternos quanto pelos prisioneiros de guerra australianos que estavam jogando com ele que seria melhor que ele não perdesse. Por meio de seu intérprete, o tenente Fukuhara, Nakamura agradeceu ao coronel e ao major australianos pela noite. O major japonês se levantou, cambaleou para trás, quase caiu, mas recuperou o equilíbrio. Nakamura parecia curiosamente entusiasmado apesar de quase ter caído de cara no chão.

O uísque Mekong que ele havia fornecido também cobrara seu preço dos dois oficiais australianos, e Dorrigo Evans se moveu cautelosamente para ficar de pé. Ele sabia que agora tinha um papel

a desempenhar como o Amigão. Havia se contido durante toda a noite, mas julgou que aquele era o momento de agir.

O Speedo vem ocorrendo a trinta e sete dias seguidos, major, começou Dorrigo Evans. Nakamura o fitou, sorrindo. Dorrigo Evans devolveu o sorriso. Para cumprir os desejos do imperador, seríamos mais sábios se aproveitássemos nossos recursos. Para melhor construir a ferrovia, precisamos descansar nossos homens em vez de destruí-los. Um dia de descanso faria uma diferença enorme para ajudar a preservar não só a energia dos homens, mas os próprios homens.

Ele esperava realmente que Nakamura explodisse, batesse nele ou o ameaçasse, ou no mínimo gritasse e berrasse com ele. Mas o comandante japonês apenas ria enquanto o tenente Fukuhara traduzia. Ele fez um rápido aparte e já estava saindo apressado enquanto Fukuhara traduzia sua resposta para Dorrigo.

Major Nakamura diz prisioneiros sortudos. Eles redimem honra morrendo pelo imperador.

Nakamura parou, virou-se e foi falar com eles.

É verdade que esta guerra é cruel, o tenente Fukuhara traduziu. Qual guerra não é? Mas guerra são seres humanos. Guerra o que nós somos. Guerra o que nós fazemos. Ferrovia pode matar seres humanos, mas eu não faço seres humanos. Eu faço ferrovia. Progresso não pede liberdade. Progresso não precisa de liberdade. Major Nakamura, ele diz progresso pode surgir de outras razões. Você, doutor, chama isso de não liberdade. Nós chamamos de espírito, nação, imperador. Você, doutor, chama isso de crueldade. Nós chamamos de destino. Com nós, ou sem nós. É o futuro.

Dorrigo Evans se curvou. Squizzy Taylor, major e seu segundo no comando, fez o mesmo.

Mas o major Nakamura não havia terminado. Ele falou de novo e quando terminou, Fukuhara disse:

Seu Império Britânico, major Nakamura diz. Ele diz: vocês pensam que ele não precisa não liberdade. Coronel? Ele foi construído dormente a dormente de não liberdade, ponte a ponte de não liberdade.

O major Nakamura virou-se e saiu. Dorrigo Evans cambaleou até a cabana de oficiais prisioneiros e sua cama estava ali, um catre demasiado pequeno para ele. O catre era um privilégio absurdo de que ele gostava porque, na realidade, não era privilégio algum. Consultou o relógio. Ele mostrava o tempo como mil duzentas e quarenta horas. Dorrigo gemeu. Para acomodar suas pernas compridas, ele tinha armado um tripé de bambu sobre o qual repousava uma lata de querosene achatada sustentada por mais bambus. Dorrigo com frequência caía da cama quando se virava durante o sono.

Ele acendeu um toco de vela ao lado do catre e se deitou. Pegou um livro marcado com uma página dobrada — mercadoria preciosa no campo —, um romance que estava lendo antes de dormir para levar sua mente para outro lugar, e estava quase terminando. Agora, porém, bêbado, exausto, enjoado, Dorrigo Evans não tinha nem energia para ler, nem desejo de se mover, e já podia sentir o sono se apossando dele. Ele pousou o livro novamente e apagou a vela com um sopro.

5.

O velho estava sonhando que era um jovem dormindo num campo de prisioneiros de guerra. Sonhar era a coisa mais real que Dorrigo Evans conhecia agora. Ele havia seguido o conhecimento, como uma estrela cadente, para além do limite extremo do pensamento humano.

Ele se sentou.

Que horas são?

Quase três.

Preciso ir.

Não ousou dizer o nome de Ella. Nem a palavra *esposa*, nem a palavra *lar*.

Onde está aquele kilt?

Você estava pensando novamente nela, não estava?

Meu kilt?

Isso me magoa, sabe.

Maldito kilt.

Ele havia chegado, trajando um kilt, depois do jantar anual da Parramatta Burns Society, a qual pertencia desde que seu trabalho o trouxera a Sydney em 1974, e da qual era patrono por nenhuma razão que ele pudesse decifrar além de, talvez, seu vício público em uísque e seu vício secreto em mulheres. E agora o kilt tinha sumido.

Não Ella, Lynette disse. Porque isso não é amor.

Ele pensou na esposa. Achava seu casamento uma solidão profunda. Não compreendia por que havia se casado, por que dormir com várias mulheres diferentes era visto como errado, por que tudo isso significava cada vez menos. Tampouco poderia dizer o que era a dor estranha na base de seu estômago que não parava de aumentar, por que ele precisava tão desesperadamente cheirar as costas de Lynette Maison, ou por que a única coisa real em sua vida eram seus sonhos.

Ele abriu o frigobar, pegou a última garrafinha de Glenfiddich e notou com um meneio de cabeça a nova tecnologia de touchpad, que significava que, assim que ele tirava a garrafa, isso era registrado eletronicamente, de imediato. Ele sentiu a chegada de um novo mundo mais organizado, um mundo mais domesticado, um mundo de limites e vigilância, onde tudo era conhecido e nada precisava ser experimentado. Compreendeu que sua personalidade pública — o lado que eles põem em moedas e selos — combinaria bem com a nova era, que o outro lado, sua personalidade privada,

seria cada vez mais incompreensível e detestável; este lado, outros conspirariam para ocultar.

Ele não se encaixava na nova era de conformidade que estava chegando a todas as coisas, às emoções até, e agora ficava desnorteado ao ver como as pessoas se tocavam excessivamente e falavam de seus problemas como se nomear a vida de alguma maneira descrevesse seu mistério e negasse seu caos. Ele sentia a atrofia de alguma coisa, a maneira como o risco era cada vez mais avaliado e, sempre que possível, eliminado, substituído por um mundo novo em folha onde a visão de preparação de comida seria sentida como mais comovente que a leitura de poesia; onde a excitação viria de pagar por uma sopa feita de capim forrageiro. Ele havia comido sopa feita de capim forrageiro nos campos; preferia comida. A Austrália que se refugiou em sua cabeça era balizada pelas histórias dos mortos; a Austrália dos vivos ele achava um país ainda mais estranho.

Dorrigo Evans crescera numa época em que a vida podia ser concebida e vivida à imagem da poesia, ou, como estava ocorrendo cada vez mais com ele, à sombra de um único poema. Se a chegada da televisão e com ela a ideia convergente de celebridade — que eram, não fosse isso, Dorrigo sentia, pessoas que não se desejaria conhecer — puseram um fim nessa era, esta também ocasionalmente se alimentou delas, encontrando na clareza dos que ordenavam suas vidas conforme o mistério elegante da poesia um tema adequado para imagens em grande parte desprovidas de pensamento.

Um documentário sobre Dorrigo que remontava à Linha no Dia de Anzac de 1972 o estabeleceu na consciência nacional, e sua posição foi reforçada por novos aparecimentos em talk shows nos quais ele afetou a posição de um humanista conservador, outra máscara.

Ele compreendeu que estava sobrevivendo à sua idade, e, sentindo seu eterno desejo de viver mais despreocupadamente, desatarraxou a tampa da garrafinha de uísque. Ao dar um gole, ele sentiu o kilt com os dedos do pé perto da base do frigobar. Puxando-o para si, olhou para a cama onde, sob a estranha luz noturna emitida pelo relógio digital e pelos detectores de fumaça verdes fosforescentes, Lynette parecia estar submersa em água. Dorrigo notou que ela estava com o braço sobre os olhos, e o levantou. Ela estava chorando. Silenciosamente, sem nenhum movimento.

Lynette?

Tudo bem, ela disse. Pode ir.

Dorrigo não queria dizer, mas teve que dizer.

Qual é o problema?

Nada.

Ele se inclinou e encostou os lábios na testa cor de musgo dela. Gosto de pó de arroz. O aroma cativante de jasmim que sempre despertava nele um desejo de fugir.

É duro, ela disse, quando você quer alguma coisa e não pode tê-la.

Ele apanhou as chaves do carro. Havia um grande prazer em guiar bêbado por estradas vicinais, as luzes, o jogo de cuidar para não ser apanhado, de que poderia mais uma vez escapar. Ele terminou de se vestir rapidamente, emborcou o último gole da última garrafinha de Glenfiddich, gastou cinco frustrantes minutos procurando sua bolsa de couro largada em algum canto, que finalmente encontrou embaixo do livro de poemas da morte japoneses, e saiu, esquecendo-se de levar o livro.

6.

Dorrigo obteve uma licença de quarenta e oito horas na semana seguinte. Ele pegou carona num voo militar para Melbourne, e nos calmos e vazios dois dias e uma noite com Ella tentou fazer o



máximo possível de barulho e movimento. Estava mais desesperado do que nunca por ela, como um homem prestes a ser chutado até a morte fica desesperado para se agarrar à lama embaixo dele.

Por diversas vezes pretendeu contar a Ella sobre a mulher que havia conversado com ele na livraria em Adelaide. Mas o que havia para contar? Nada havia acontecido. Ele e Ella dançaram. Eles beberam. O que havia acontecido? Nada havia acontecido.

Dorrigo se agarrou a Ella como a um salva-vidas. Ansiava tê-la na cama para encontrar ele e ela de novo, e ficou grato por ela não ter nada do que de repente lhe pareceu inexplicavelmente adúltero. Seu cabelo preto, seus olhos escuros, sua figura cheia — ela era bonita, e, no entanto, ele não sentia nada.

O que havia acontecido? Ele não estava pensando em cabelo ou olhos, mas num sentimento tão desconcertante como um milhão de partículas de poeira insignificantes e flutuantes. Uma estranha culpa o reduziu à desolação. No entanto, o que ele havia feito? Não havia feito nada. Havia conversado, quando muito, alguns minutos, depois tinha se virado e saído da livraria. Ele nem sequer sabia o nome dela. O que havia lhe perguntado? O que ela havia dito a ele? Nada! Nada! Ele nem sequer sabia o nome dela.

O mundo de Ella — que lhe parecera até ali tão reconfortante em sua segurança e certeza e ao qual ele desejara pertencer —, Dorrigo percebeu subitamente como pálido e exangue. Embora tentasse encontrar nele aquela sensação indefinível de conforto, aquele odor inextirpável de poder e aqueles privilégios, que antes achara tão atraentes, agora não significava nada para ele — pior, parecia-lhe repulsivo.

Ella e outros explicaram a nova estranheza de Dorrigo com aquele grande solvente da época: a guerra. A guerra pressionava, a guerra desconcertava, a guerra desfazia, a guerra desculpava. Por sua parte, Dorrigo achou que mal podia esperar a chegada da guerra, se era esta a alternativa.

Ele finalmente contou a Ella, como se fosse um simples encontro curioso, mas em seu relato alguma coisa lhe soou como infidelidade. Ele sentiu uma vergonha incomunicável. Por que poderia não desejar Ella? E ao retratar essa estranha como uma mulher excessivamente intensa e inconveniente, Dorrigo sentiu que havia traído o que havia acontecido, e também a ela e, de alguma forma, a ele mesmo. Ele terminou a história com um calafrio.

Ela era bonita?, Ella perguntou.

Dorrigo disse que ela era comum. Sentindo que precisava dizer mais alguma coisa, falou que ela tinha belos... e procurou alguma feição da qual não tinha lembrança, que não poderia ser julgada imprópria... *dentes*, ele disse. Ela tinha belos dentes, ele disse. E isso era tudo, mesmo, ele disse.

Presas, melhor dizendo, disse Ella, a voz um pouco alta. E uma camélia vermelha no cabelo? É isso mesmo? Ela parece um monstro.

E, no entanto, ela não o era. Ella ficara ali parada e alguma coisa havia acontecido, alguma coisa havia se passado entre eles, e como Dorrigo desejava que não houvesse. Porque Ella agora lhe parecia alguém que ele jamais conhecera. Sua conversa, que ele um dia achara divertida, agora lhe parecia ingênua e falsa, o perfume que ela usava só para ele agora fedia em suas narinas, e ele ansiava feri-la para que ela fosse embora.

Devo ficar com ciúme?, Ella perguntou.

Do quê?, perguntou Dorrigo. Você não imagina como fiquei feliz de sair daquela livraria.

Um momento depois ele estava beijando Ella. Ella era amável, ele dizia a si mesmo. E, em algum lugar em seu íntimo, Dorrigo se apiedou de Ella, e ainda mais fundo ficou enterrada a compreensão de que ambos sofreriam por causa da amabilidade dela e da piedade dele. Ele odiou a amabilidade dela e temeu sua própria piedade, e só queria escapar dela para sempre. E quanto mais odiava, e temia, e desejava escapar, mais ele a beijava, e à medida que seus abraços

iam ficando mais apaixonados, e assim como um momento passava para outro, e aquele dia para o seguinte, à medida que a vida se enchia de vida, seu humor sombrio foi passando e ele quase parou por completo de pensar na moça com a camélia vermelha.

Dorrigo ficou animado, e a licença pareceu passar rápido demais e ao mesmo tempo um interminável turbilhão de festas, encontros casuais e novos conhecimentos. Todos pareciam querer conhecer o homem de Ella, fossem eles seus amigos ou amigos de seus pais. E assim Dorrigo conheceu boa parte da sociedade de Melbourne e acabou por ver-se a si mesmo — como um jovem que depois da guerra alcançaria coisas grandiosas. E tudo nessa vida perfeita se encaixava tão bem — ele e Ella, e a família de Ella, e o lugar deles no mundo, que em breve seria também o seu. E o que fora tão difícil com Ella agora se tornava inesperadamente fácil: não havia mais barreiras entre eles, e era como havia sido antes, talvez melhor até, e ele esquecera completamente a livraria e as próprias dúvidas.

Ao voltar para Adelaide, Dorrigo se enterrou no trabalho burocrático geral que normalmente tanto abominava. Do lado de fora de um abrigo Nissen no bloco de administração do campo de Warrandale — onde ele e outros oficiais médicos tinham consultórios —, a poeira rodopiava com o vento sobre a praça de armas, enquanto no interior, no calor terrível de forno, ele tentava se concentrar nos preparativos para o embarque — suprimentos e equipamentos que não existiam ou que ninguém considerara necessários, além de uma papelada assustadora da qual ele raramente via o propósito ou fim. De noite, havia a perspectiva de um tempo ligeiramente mais fresco e festas com cerveja fria e ponches gelados de rum, e ele se atirou nelas também em busca de um esquecimento que por vezes encontrava.

Chegou um cartão-postal de Keith Mulvaney, repetindo seu convite para ir visitá-lo em seu hotel, o King of Cornwall. Uma foto

colorida à mão do hotel estampava a frente do cartão, mostrando um imponente edifício de pedra de quatro andares — com varandas em três lados de cada andar, com vista direta para uma praia comprida e vazia — construído, segundo o cartão, em 1886. A julgar pelos barqueiros e pelos bigodes usados pelos homens na frente do hotel, o próprio cartão era pouca coisa mais recente. Dorrigo o largou entre as pastas do escritório.

Havia um sentimento crescente de frustração em tudo e em todos à medida que chegavam informes da Blitz em Londres junto com os primeiros relatos dos australianos em ação na Líbia contra os italianos, e eles permaneciam, enquanto isso, no campo em Adelaide. Rumores de um embarque iminente e destinos possíveis — Grécia, Grã-Bretanha, África do Norte, uma invasão da Noruega — iam e vinham.

Dorrigo mergulhou na vida, no trabalho furioso e nas festas frenéticas, e deixou todo o resto se dissipar. Num fim de tarde, no fundo de uma pilha de formulários de restituição de macas, ele deparou com o cartão-postal do hotel à beira-mar de Keith Mulvaney. E, no fim de semana seguinte, quando teve uma licença de doze horas e nada melhor para fazer, Dorrigo Evans guiou até a costa num caminhão Studebaker movido a gasogênio que havia tomado emprestado do irmão de sua ordenança.

Perto do anoitecer, ele chegou a um pequeno povoado que servia de balneário aos moradores de Adelaide. Com a brisa que vinha do oceano, e o marulho das ondas, o calor se tornou não só tolerável como algo sensual e bem-vindo. Se a praia parecia mais ampla do que parecera no cartão-postal, o King of Cornwall era mais grandioso e mais deteriorado do que a foto sugeria, e havia nele o charme alquímico de coisas antigas enfrentando tempos difíceis.

Dentro havia um bar escuro e comprido no estilo do sul da Austrália: pé-direito alto e uma penumbra agradável depois da luminosidade brutal do verão sul-australiano. Os tons de madeira

manchada e as cores pardas pareciam acalmar e tranquilizar os olhos após o resplendor do mundo exterior. O sopro dos ventiladores de teto entrecortava compassadamente a percussão baixa da conversa dos bebedores. Dorrigo foi até o bar, onde uma garçonete estava arrumando a posição de algumas garrafas na prateleira de trás. Ela estava de costas, e ele lhe perguntou se ela poderia ajudá-lo a encontrar Keith Mulvaney.

Sou sobrinho do Keith, acrescentou.

Você deve ser o Dorrigo, disse a garçonete enquanto se virava.

Seu cabelo loiro estava preso no alto formando um coque. Eu sou...

Um cone de luz elétrica suave que iluminava o bar fez seus olhos azuis cintilarem. Por um momento, houve alguma coisa neles, depois eles se esvaziaram.

Sou a mulher do Keith, ela disse.

7.

Seus olhos dardejaram para todo lado, ao longo da prateleira superior de runs e uísques, para os outros bebedores, para a toalha do bar que dizia the king of cornwall. Pousada sobre ela, uma mão de mulher segurando uma toalha de louça úmida. Dedos elegantes com unhas pintadas em bordô. Ele foi tomado por um desejo louco de senti-los em sua boca. Sentiu-se cintilar, rodopiar diante dela.

Diga ao Keith que...

Sim.

Que minha licença foi encurtada. E não posso ficar.

E você é...

Seu sobrinho...

Dorry?

Ele não conseguia se lembrar de seu próprio nome, mas souu correto.

Você é o Dorry? Dorrigo? Não é assim que chamam você?

Bem, é, é.

É... *incomum*.

Meu avô nasceu lá. Dizem que ele cavalgou com Ben Hall.

Ben Hall?

O salteador da mata.

*Pois como nos dias*

*De Turpin e Duval*

*Os amigos do povo eram proscritos*

*E assim era o valente Ben Hall*

Você nunca usa suas próprias palavras?, ela perguntou.

Dorrigo é meu nome do meio, mas ele...

Pegou?

Acho que sim.

Keith não está aqui. Ele vai ficar muito desapontado por não te encontrar.

A guerra.

Sim. Esse sr. Hitler.

Passo por aqui outra hora.

Faça isso, Dorry. Ele vai ficar muito triste porque você não pôde ficar.

Ele se preparou para sair. Seu íntimo estava terrivelmente tumultuado por excitação e traição, como se ele fosse dela e ela o tivesse abandonado, e combinado com isso uma sensação de que ela era sua e ele tinha de levá-la embora.

À porta, ele se virou e deu dois passos para o bar.

Nós não..., ele disse.

Ela pinçou a gola de sua blusa entre o polegar e o indicador — suas unhas vivamente coloridas como um escaravelho auriverde esticando as asas — e puxou a blusa para cima.

A livraria?

Sim, ela disse.

Ele caminhou de novo até o bar.

Eu pensei, ele disse, que eles eram...

Quem?

Ele sentiu alguma coisa sobre ele e ela, mas não sabia o que era. Não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Ele não compreendia, mas sentia.

Aqueles homens. Que eles estavam...

Que eles estavam o quê?

Com você. Que...

Sim?

Que eles eram — seus — seus admiradores.

Não seja tolo. Só uns amigos de um amigo do clube dos oficiais que eu não via fazia muito tempo. E alguns de seus amigos. Então você é o jovem médico inteligente?

Bem, jovem, sim. Mas você também é.

Envelhecendo. Vou dizer para o Keith que você veio.

Ela começou a limpar o bar. Um bebedor inclinou um copo vazio com um resto de espuma na borda na direção dela.

Já vai, ela disse.

Ele saiu, guiou o caminhão de volta para a cidade, procurou um bar, bebeu consistentemente até apagar, e não conseguiu se lembrar onde havia estacionado o Studebaker. Quando acordou, porém, não houve nenhuma aniquilação da lembrança dela. A cabeça latejando, a dor em cada movimento e ato e pensamento, parecia tê-la como causa e remédio, e somente ela e somente ela e somente ela.

Durante semanas depois daquilo, ele tentou se perder participando, como oficial médico, de marchas de estrada intermináveis com uma companhia de infantaria, marchando até vinte milhas por dia — de vinhedos de vale, onde eles enchiam seus cantis com vinho tinto e moscatel, a praias costeiras, onde nadavam, e depois marchavam de volta, e depois recomeçavam — num calor

tão intenso que parecia um inimigo. Ele ajudava a carregar as mochilas de homens que desabavam de fadiga, atirava-se para a frente como um louco. Por fim, o comandante da companhia ordenou que ele retardasse o passo um pouco para não parecer tolo ante os homens.

De noite, ele escrevia cartas para Ella em que tentava se perder nas formas e nos tropos de amor que havia aprendido com a literatura. As cartas eram longas, aborrecidas e falsas. Sua mente era atormentada por pensamentos e sentimentos que ele jamais havia lido. Por eles, Dorrigo compreendia que não poderiam ser amor. Ele sentia um turbilhão de ódio e desejo pela mulher de Keith. Queria agarrar-lhe o corpo. Queria nunca mais vê-la. Sentia um desprezo e uma estranha distância, sentia uma cumplicidade — como se soubesse alguma coisa que não devesse saber —, e sentia, estranhamente, que ela também sabia disso. Ele raciocinou que, quando sua tropa embarcasse para o estrangeiro, felizmente jamais tornaria a pensar nela. E, no entanto, não conseguia deixar de pensar nela.

Ele comia pouco, perdeu peso e parecia tão estranhamente preocupado que o comandante da companhia, impressionado e um pouco preocupado com o zelo extraordinário de Dorrigo, concedeu-lhe uma licença especial de vinte e quatro horas. Ella havia dito que viria a Adelaide se ele recebesse uma licença de curta duração e não desse tempo para viajar a Melbourne. E embora pretendesse de fato passar a licença com ela, havendo até escolhido um restaurante para levá-la, ele de certa forma nunca chegou a mencionar em alguma de suas muitas cartas e cartões que estava prestes a sair de licença. Quando a data se aproximou, ele raciocinou que seria injusto lhe dizer, já que seria tarde demais para ela fazer quaisquer arranjos, e só lhe restaria uma decepção esmagadora. Tendo decidido pelo silêncio, e após prometer solenemente que jamais voltaria ao King of Cornwall, Dorrigo telefonou para o tio Keith, que o convidou para



passar a noite, dizendo que “minha Amy”, como ele chamava a esposa, ficaria tão satisfeita em vê-lo quanto ele próprio.

Minha Amy, pensou Dorrigo Evans enquanto desligava o telefone. Minha Amy.

8.

Depois de jogar baralho com os oficiais australianos, o major Nakamura havia caído num profundo sono alcoólico. Em seus sonhos estranhos, ele estava perdido num quarto escuro e sentindo uma perna de elefante, e tentava imaginar a sala que aqueles pilares poderiam sustentar. Havia uma imensa bocarra de brotos de gavinhas e folhas sufocantes que formavam uma venda em torno de seus olhos, impedindo-o de ver. Tudo ao redor dele exalava vida, mas em parte alguma ela lhe pareceu vida inteligível. Todas as coisas nessa sala eram inesperadas e incivilizadas — fosse a selva interminável ou os prisioneiros australianos seminus que, ele sabia, o cercavam como uma tropa de macacos enormes, peludos e ameaçadores.

O que era essa sala? Como ele poderia sair? A venda verde agora estava enrolada na sua garganta, sufocando-o. Seu coração palpitava. Ele podia sentir o gosto de uma colher de cobre em sua boca seca, o suor rançoso banhava suas costas com um frio pegajoso, suas costelas coçavam terrivelmente, e ele exalava um cheiro azedo mesmo para si. Estava tremendo, estremeendo de frio, quando percebeu que o estavam sacudindo para acordar.

O quê?, berrou Nakamura.

Ele estava dormindo mal naqueles dias, e ser acordado abruptamente do sono no meio da noite o deixava confuso e irado. Ele sentiu o cheiro de chuva da monção antes de ouvi-la fustigando o chão do lado de fora e, arrastando-se através dela, a voz irritante do tenente Fukuhara, que estava chamando seu nome.

O que é?, Nakamura tornou a berrar.

Ele abriu os olhos para sombras saltitantes e tremores de luz e começou a se coçar. Uma capa emborrachada úmida formava um cone preto, brilhante, que se erguia da base até o rosto escurecido de Fukuhara, limpo como sempre, mesmo nas situações mais difíceis, e enfeitado com seu cabelo aparado, óculos de aro de tartaruga perolados de água, e bigode. Atrás dele, segurando um lampião de querosene, estava Tomokawa, o boné de campanha ensopado, com protetores de orelha ressaltando a cabeça de nabo.

O cabo Tomokawa estava de sentinela, senhor, disse Fukuhara, quando um motorista de caminhão e um coronel do Novo Regimento Ferroviário entraram no campo.

Nakamura esfregou os olhos, depois coçou o cotovelo com tanta força que arrancou uma casca de ferida, e seu cotovelo começou a sangrar. Conquanto não pudesse vê-los, sabia que estava coberto de carrapatos. Carrapatos famintos. Os carrapatos lhe mordiam embaixo dos braços, das costas, das costelas, dos testículos, por toda parte. Ele coçava sem parar, mas os carrapatos apenas cavoucavam mais fundo. Eram carrapatos muito pequenos. Os carrapatos eram tão pequenos que, de algum modo, penetravam embaixo da pele para morder.

Tomokawa!, ele berrou. Consegue vê-los? Consegue!

Ele ergueu um braço.

Tomokawa olhou de soslaio para Fukuhara, deu um passo a frente, levantou o lampião e inspecionou o braço de Nakamura. Ele recuou.

Não, senhor.

*Carrapatos!*

Não, senhor.

Eram tão pequenos que ninguém conseguia vê-los. Isso era parte de sua natureza infernal. Ele não sabia ao certo como os carrapatos entravam embaixo de sua pele, mas suspeitava que botassem ovos em seus poros, incubando-os embaixo de sua pele

para nascerem e crescerem e morrerem ali. Era preciso coçar para arrancá-los. Carrapatos siameses, desconhecidos da ciência.

Ele já fizera o cabo Tomokawa examinar seu corpo anteriormente com uma lupa, e o cretino ainda dizia que não podia vê-los. Nakamura sabia que ele estava mentindo. Fukuhara já lhe dissera que os carrapatos não existiam, que a sensação era um efeito colateral do Philopon. Que diabos ele sabia? Havia tanta coisa nesta selva que ninguém jamais vira ou experimentara. Um dia a ciência descobriria e nomearia o carrapato, mas por enquanto ele apenas teria de suportá-los, como havia suportado tantas outras coisas.

O coronel Kota trouxe novas ordens do Grupo de Comando da Ferrovia para lhe dar antes que o senhor prossiga para o Desfiladeiro dos Três Pagodes, prosseguiu Fukuhara. Ele está no refeitório comendo. Suas ordens são para informá-lo o quanto antes.

Nakamura agitou um dedo indicador instável para uma pequena mesa de campo ao lado do seu catre.

*Shabu*, ele murmurou.

Tomokawa afastou o lampião de querosene do rosto de seu oficial-comandante e vasculhou as sombras fuliginosas que oscilavam para a frente e para trás sobre os desenhos técnicos, relatórios e planilhas que repousavam no tampo da mesa, muitos deles salpicados de culturas de bolor escuro.

Fukuhara, ansioso, jovem, o pescoço de pelicano Fukuhara, a quem Nakamura considerava cada vez mais opressivo em seu zelo, continuou falando sobre como era o primeiro caminhão a chegar pela estrada quase intransitável em dez dias, e como, com as chuvas, ele provavelmente seria o último por...

Sim, sim, disse Nakamura. *Shabu!*

O caminhão está atolado a três quilômetros de distância, e o coronel Kota teme que os nativos possam saquear os suprimentos que o caminhão carrega, concluiu o tenente Fukuhara.

*Shabu!*, sibilou Nakamura. *Shabu!*

Tomokawa avistou o frasco de Philopon numa cadeira perto da mesa. Ele o entregou a Nakamura, que naqueles dias sobrevivia da metanfetamina fornecida pelo Exército, e pouco mais. Nakamura virou o frasco e o chacoalhou. Não saiu nada. Nakamura sentou-se em seu catre militar olhando para o vazio com o frasco na mão.

Para inspirar espíritos lutadores, disse Nakamura soturnamente, lendo a inscrição do Exército no rótulo do frasco de Philopon. Nakamura sabia que precisava dormir mais do que qualquer coisa, e sabia que agora isso seria impossível, que teria de ficar acordado pelo resto da noite, reunindo-se com Kota e organizando o resgate do caminhão, e ainda, de algum modo, terminar sua seção da ferrovia no tempo impossível que o quartel-general agora pedia. Ele precisava de *shabu*.

Num gesto súbito e violento ele atirou o frasco de Philopon pela porta aberta do abrigo, onde, como tudo o mais, desapareceu sem um ruído naquele vazio de lama e selva e noite infinita.

Cabo Tomokawa!

Senhor!, disse o cabo, e sem nada mais para falar com nenhum dos dois, ele saiu do abrigo para a escuridão, seu corpo pequeno mancando de leve.

Nakamura esfregou a testa. Ele pensou na vontade que tivera de mobilizar a cada dia para continuar fazendo os avanços necessários à construção da ferrovia. No início — quando o Alto-Comando havia decretado que a ferrovia ligando o Sião à Birmânia fosse construída —, as coisas eram diferentes. Nakamura, como oficial do 5º Regimento Ferroviário do Exército Imperial Japonês, ficara empolgado com a perspectiva. Antes da guerra, os ingleses e os norte-americanos tinham analisado a ideia de uma ferrovia como essa e declararam que era impossível. O Alto-Comando japonês havia decretado que ela seria construída no tempo mais curto possível. O prazer de Nakamura em seu papel pequeno, mas

significativo, nesta missão histórica, o orgulho de unir sua vida a um destino nacional e imperial, eram imensos.

Mas quando Nakamura conseguira chegar ao coração deste misterioso país, em março de 1943, ele se viu pela primeira vez fora das multidões e cidades que o haviam moldado até aquele ponto, longe dos curiosos códigos de conformidade que os homens seguem nesses lugares. Eles eram engenheiros, soldados e guardas, eram o código do Exército que traziam consigo, eram os desejos do imperador encarnados, eram o espírito japonês na forma de planos, sonhos e vontade. Eles eram o Japão. Mas eram poucos, e os culis e prisioneiros de guerra eram muitos, e o jângal se fechava sobre eles um pouco mais a cada dia.

Longe da multidão, Nakamura descobria cada vez mais que sua vida havia adquirido uma estranha e impensada solidão. E essa solidão o perturbava crescentemente. Para acabar com esses sentimentos desestabilizadores, ele se atirou ao trabalho, mas quanto mais duro trabalhava, mais o trabalho se tornava uma equação insana. Com a chegada da monção, o rio havia transbordado, correndo alto e rápido, cheio de árvores e perigoso demais para trazer cargas pesadas rio acima, enquanto a estrada — como o coronel Kota vira pessoalmente — estava, em grande parte, intransitável, e os suprimentos tinham encolhido para quase nada. Não havia máquinas, só ferramentas manuais, e estas eram da pior qualidade. Não havia prisioneiros minimamente suficientes para o serviço no começo, e agora os prisioneiros que não estavam mortos ou moribundos estavam em má forma. Para completar, o cólera havia chegado uma semana antes, tirando homens aptos do trabalho na ferrovia. Havia cada vez menos comida e quase nenhum remédio, mas o Alto-Comando da Ferrovia esperava que ele fizesse cada vez mais.

Nakamura trabalhava com mapas japoneses, planos japoneses, cartas japonesas e desenhos técnicos japoneses para impor ordens

japonesas e significado japonês ao jângal sem sentido e sem propósito, aos prisioneiros de guerra doentes e moribundos, um vórtice aparentemente sem causa e efeito, um turbilhão verde crescente que girava cada vez mais rápido. E entrando e saindo desse turbilhão vinham ordens, cadeias intermináveis de *romusha* e prisioneiros de guerra surgindo e desaparecendo, tão insuspeitos e insondáveis quanto o rio Kwai ou o bacilo do cólera. Ocasionalmente, um oficial japonês podia ficar para uma noite de bebida, fofoca e novidades, e os homens se fortaleciam mutuamente com histórias de honra japonesa e com o indomável espírito japonês e a iminente vitória japonesa. Depois eles também desapareciam em seus próprios infernos em algum outro lugar daquela ferrovia insana em perpétua extensão.

Um vento úmido soprou através do abrigo, enrugando os papéis umedecidos sobre a mesa de campo. Nakamura olhou para os ponteiros luminosos do seu relógio. Trezentas horas. Duas horas e meia ainda até o toque da alvorada. Ele estava se sentindo ansioso, os carrapatos estavam piorando, e então começou a coçar o peito com crescente ferocidade enquanto Fukuhara aguardava suas ordens. Nakamura não disse nada até que o cabo Tomokawa, com a mesma reverência servil que mostrava em todas as suas ações empreendidas para seus superiores, voltou, curvou-se e lhe estendeu um frasco cheio de Philopon.

Agarrando o frasco, Nakamura engoliu quatro comprimidos. Após seu segundo ataque de malária, quando ainda estava exausto mas tinha de continuar o trabalho, ele havia tomado alguns comprimidos de *shabu* para tocar o barco. Agora o *shabu* era-lhe mais necessário do que comida. Construir aquela ferrovia — sem nenhuma máquina e através de uma selva — era uma tarefa sobre-humana. Inflamado pelo *shabu*, ele era capaz de voltar a ela dia após dia debilitante com redobrado fervor. Ele pousou o frasco e ergueu os olhos para ver os dois homens que o fitavam.

O Philopon me ajuda com esta febre, disse Nakamura, sentindo-se subitamente desconcertado. É muito bom. E para a mordedura dos malditos carrapatos.

Sentindo já seu estupor matinal se dissolver magicamente em renovado vigor e vigília, Nakamura encarou intensamente os dois homens até eles baixarem os olhos.

O Philopon é tudo, menos um narcótico, disse Nakamura. Somente raças inferiores como os chineses, os europeus e os indianos são viciados em narcóticos.

Fukuhara concordou. Fukuhara era um porre.

Nós inventamos o Philopon, disse Fukuhara.

Sim, disse Nakamura.

O Philopon é uma expressão do espírito japonês.

Sim, disse Nakamura.

Ele se levantou e percebeu que não havia se preocupado em se despir para ir para a cama. Mesmo suas pernas enlameadas continuavam firmemente amarradas nas suas panturrilhas, embora a fita cruzada sobre uma perna houvesse se desfeito.

O Exército Imperial japonês nos dá *shabu* para ajudar no trabalho do império, acrescentou Tomokawa.

Sim, sim, disse Nakamura. Ele se virou para Fukuhara. Leve vinte prisioneiros para a trilha e resgate o caminhão.

Agora?

É claro, *agora*, disse Nakamura. Empurrem-no o caminho todo até o campo, se for preciso.

E depois?, perguntou Fukuhara. Damos o dia de folga para eles?

Depois eles vão fazer seu trabalho do dia na ferrovia, disse Nakamura. Você está de pé, eu estou de pé, nós continuamos.

A necessidade que Nakamura tinha de coçar estava desaparecendo. Seu pênis estava se avolumando dentro da calça.

Era uma sensação agradável de força. Fukuhara tinha se virado para sair quando Nakamura o chamou pelo nome.

Você é um engenheiro, disse Nakamura. Você entende que precisa tratar todos os homens como máquinas a serviço do imperador.

Nakamura podia sentir o *shabu* aguçando seus sentidos, dando-lhe força onde sentira fraqueza, certeza onde era tão amiúde assaltado por dúvidas. O *shabu* eliminava o medo. Dava-lhe um distanciamento necessário de seus atos. Mantinha-o brilhante e viril.

E se as máquinas estão emperrando, disse Nakamura, se elas só podem ser postas para trabalhar de novo com a aplicação constante de força... bem, use essa força.

Os carrapatos, ele percebeu, tinham finalmente parado de morder.

9.

O homem caminhando na sua direção parecia um vasto contorno de nada, uma silhueta, e para aquele nada Dorrigo Evans estendeu agora a mão para cumprimentar.

Você deve ser o tio Keith.

Na plena intensidade do sol do meio-dia, seu corpo volumoso bloqueando a luz e a cabeça escondida na sombra betuminosa projetada por seu Akubra, ele aparentava ter pouco mais de quarenta, e não sem ameaça. Ele tinha a presença de um poste telegráfico precário. Mas nada era o que parecia e tudo parecia como se vislumbrado através de uma vidraça velha — se inclinando, curvando, estremecendo nas ondulações de calor que subiam da rua asfaltada e do meio-fio de cimento, a poeira da praça de armas de Warradale, os abrigos Nissen em tubos de estanho diante dos quais Dorrigo Evans estivera esperando.

Uma vez no carro do tio, um Ford Cabriolet de modelo recente, Dorrigo Evans conseguiu notar o quanto o tio Keith era grande, e



como seu rosto parecia mais o de alguém com cinquenta anos. Com ele estava um cãozinho, um terrier Jack Russell que ele chamava de Miss Beatrice, que parecia existir para salientar a grandeza de Keith Mulvaney — suas costas amplas, coxas largas e pés grandes, atrás dos quais o cachorro ofegante babava como uma camurça.

Estava quente demais para fumar, mas ele mesmo assim fumava seu cachimbo. A fumaça formou um círculo em volta de um curioso sorriso que Dorrigo mais tarde veio a perceber que era fixo, determinado a considerar o mundo divertido apesar de todas as evidências em contrário produzidas pela vida. Tudo poderia ter sido intimidador não fosse a voz de Keith levemente esganiçada, lembrando a Dorrigo a de um adolescente. E aquela voz não tinha mais fim, assim como o calor intolerável de Adelaide. Ficou claro para Dorrigo Evans que o mundo de Keith Mulvaney era dele apenas, autorreferente, e que ele orbitava três sóis — o hotel, a cadeira de vereador no conselho local e a mulher.

Enquanto seguiam para a costa, ele lamentou o negócio do hotel de uma maneira que, Dorrigo sentiu, aqueles que amam o que fazem lamentam mais sua paixão. *Os motoristas*, ele diria com um s de suspiros sibilantes, haviam sido seu crescimento e sua ruína. *Os motoristasss*, com suas reclamações sobre banheiros e refeições, apareciam num grupo de oitenta num dia e esperavam ser alimentados, enquanto no domingo seguinte você teria sorte de vender dois centavos de biscoitos afegãos; sempre reclamando, os *motoristasss*, para suas associações de automóveis e para os malditos clubes de automóveis reais sobre o estado dos banheiros e o sabonete sujo. Sempre reclamando, a turma motorizada. A única coisa pior são os caixeiros-viajantes. Pois não é que hoje um viajante queria alugar um quarto como consultório para receitar brometos e aspirinas, mas eu suspeito que a coisa era sexo.

Sexo?

Você sabe. Coisas a fazer com a tubulação das mulheres e os nascimentos e não ter bebês, camisinhas e panfletos ingleses sobre liberdade de pensamento; você conhece a coisa toda.

Sim, disse o sobrinho com tal insegurança que o tio sentiu a necessidade de demonstrar que, a despeito do que outros pudessem pensar do King of Cornwall, um sorvedouro moral ele não era.

Bem, sou uma pessoa de mente aberta, Dorrigo, continuou Keith Mulvaney, mas não quero que o King of Cornwall seja alardeado pelo *Truth* de Melbourne e pelos tribunais de Adelaide como o lugar de encontros de Adelaide. Não sou um moralista; não sou como aqueles hotéis norte-americanos que insistem para que os hóspedes deixem a porta aberta se uma dama que não for a sua esposa estiver no quarto.

Sabe, ele disse subitamente, aquecendo para o tema de adultério e acomodação do hotel, na América você se arrisca a ter um anúncio colocado na tua cidade dizendo: *A quem interessar possa, o sr. X foi solicitado a deixar o Wisteria em Watstoria por ter recebido em seu quarto uma dama que não é sua esposa.* Pode imaginar? Quer dizer, eles permitem que pessoas se encontrem em seus quartos e depois as chantageiam com a ameaça de anúncios como esse. Eles dirigem hotéis como Stálin dirige a maldita União Soviética.

Ele foi em frente para falar sobre a família de Dorrigo, mas seu conhecimento — colhido do que o pequeno Tom havia escrito em seus cartões de Natal — estava muito desatualizado, e somente Miss Beatrice quase caindo da janela enquanto petiscava o vento veloz os salvou de seu embaraço ao descobrir que a mãe de Dorrigo havia morrido. Ele estava sentado com o corpo inclinado para a frente no carro, espalhado sobre o volante como um tronco de árvore derrubado pela ventania, suas mãos grandes se movendo incessantemente para cima e para baixo no volante como se este fosse a bola de cristal de um vidente e ele estivesse vasculhando

para sempre as longas, retas e planas ruas de Adelaide em busca de alguma coisa, uma ilusão que pudesse ajudá-lo a viver.

Mas quase não havia tráfego, apenas a retidão, a planura e as ondas de calor causando distorções. Keith Mulvaney falava sem parar, como se tivesse medo do que o silêncio poderia conter ou o que Dorrigo poderia perguntar, fazendo perguntas sobre Dorrigo que ele próprio imediatamente respondia. Sua conversa retornava com frequência a uma batalha que ele estava travando como vereador no conselho local a respeito de uma proposta do prefeito para introduzir um sistema de esgoto. Às tantas, Dorrigo ficou olhando pela janela, expondo a mão úmida à brisa enquanto Keith falava, indiferente à falta de interesse do outro, fazendo perguntas que ele mesmo respondia de imediato e concluindo cada resposta com um sorriso que não parecia tolerar qualquer discordância. Como um solo de clarineta ocasional viria uma periódica menção a Amy.

Uma mulher moderna. Muito moderna. Em casa ou fora. Ela faz um trabalho fantástico. A guerra, porém. É tudo diferente agora. Ela dissolve tudo, esta guerra. Você nunca viu essas coisas antes da guerra. Viu?

Bem...

Não, acho que não. Não é só Londres que está sendo bombardeada. Não. As coisas que causaram escândalo um ano atrás, ninguém mais dá a menor pelota. Sou um homem moderno. Mas fico muito grato de ter uma família para mantê-la em companhia decente.

Apesar de seu sorriso fixo, ele parecia absolutamente miserável.

Outra noite dessas, ela estava com uma mulher ruiva chamada Tippy. Não consigo suportá-la.

Tippy?

Isso, Tippy... você conhece?

Bem...

Eu pergunto: isso é nome de periquito? E tenho essa maldita conferência municipal e preciso passar a noite fora. Em Gawler, horas de distância. Esta noite. Lamento muito não poder ficar com você. Inesperado... o prefeito precisa de mim para nos representar. Por quê?

Imagino...

Não tenho a menor ideia do porquê. Seja como for, Amy cuidará de você. E, para ser franco, fico feliz porque você estará cuidando de Amy. Você não se importa?

Não era para responder e Dorrigo finalmente desistiu de tentar.

Bem, estou certo de que você descansará um pouco, de qualquer modo, disse Keith Mulvaney. Em uma boa cama, em vez de no beliche do Exército.

No King of Cornwall, Keith levou Dorrigo até um cômodo no quarto andar. Enquanto subiam a imponente escada com seu carpete gasto, eles encontraram Amy descendo com um saco de roupas de cama sujas. Dorrigo sentiu uma estranha exaltação, que era tão imprópria como inegável. Ela olhou para o marido, um olhar em que Dorrigo vislumbrou um complexo amálgama de intimidades normalmente invisíveis para o mundo — o sono compartilhado, cheiros, sons, os hábitos afetuosos e frustrantes, os prazeres e tristezas, pequenos e grandes —, a simples argamassa que finalmente transforma dois em um.

Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, rubi dourado à luz do átrio. Enquanto ele era apresentado, a cumplicidade se impôs antes de alguma coisa cúmplice ter ocorrido. Num relance ele viu a face dela brilhando sobrenaturalmente, um cacho solto de cabelo descendo como uma isca de truta na frente de sua orelha direita, e compreendeu que eles haviam silenciosamente concordado em não revelar aquele momento da livraria.

Bem, Amy, disse Keith. Espero que você tenha pensado em alguma distração para o nosso hóspede.

Ela deu de ombros, e Dorrigo notou a leve ondulação de seus seios em sua blusa azul-alfazema.

Gosta de Vivien Leigh?, perguntou Amy. Tem um filme novo da Vivien Leigh na cidade chamado *A ponte de Waterloo*. Gostaria de...

Eu já assisti, disse Dorrigo, que não havia assistido e, de repente, pensou no homem desprezível que era, sua cabeça zumbindo. Estaria com medo de ficar com ela? Estaria procurando testar seu poder sobre ela?

É uma pena, disse Keith. Mas tenho certeza de que esse não é o único filme.

Dorrigo já não conseguia mais se entender, nem por que dissera aquelas coisas. Mas já as tinha dito, e aí, também inesperadamente, ele se ouviu dizer:

Mas eu gostaria de ver novamente.

Repelir, atrair: o padrão do que viria em seguida.

Amy deu de ombros mais uma vez, e Dorrigo Evans desviou seus olhos dela e ficou fitando a escada até ela entrar de novo na sua visão um andar abaixo, os dedos da mão estendida dela correndo pelo corrimão envernizado. Seu olhar seguiu o rabo de cavalo balouçando enquanto ela continuava sua descida para o vazio.

10.

Das muitas coisas que Dorrigo Evans esperava que acontecessem naquela noite, ele não imaginava ser levado a uma boate numa travessa da rua Hindley. Ela disse que, se ele já tinha assistido ao filme, já saberia o que ia acontecer, e isso estragaria tudo. Dorrigo estava de uniforme, ela usava uma blusa oriental damasco e calça de seda preta frouxa. O efeito era de alguma coisa líquida. O corpo dela lhe pareceu tão definido e forte; quando ela se movia, deslizava.

A questão é não saber, disse Amy. Não acha?

Ele não achava. Não sabia. A boate era um salão pouco iluminado com todas as cortinas de blecaute levantadas, cheio de sombras e uniformes. Dorrigo notou um odor de coisa fermentada, o cheiro levemente embriagador de ervas primaveris. Eles tomaram martinis enquanto uma orquestra de suingue tocava. Havia uma estranha excitação no ar. Depois de um tempo, as luzes da casa foram apagadas, cada membro da banda acendeu velas sobre suas estantes de música, e os garçons acenderam velas sobre as mesas.

Por que as velas?, perguntou Dorrigo.

Você vai ver, disse Amy.

Ela falou de si. Tinha vinte e quatro anos, três anos mais nova do que ele. Havia se mudado alguns anos antes de Sydney, onde tinha trabalhado em lojas de departamentos, e conhecera Keith em seu trabalho como garçonzete no King of Cornwall. Ele lhe contou sobre Ella, e cada palavra soava tanto uma defesa contra o que ele verdadeiramente sentia quanto uma traição a tudo o que ele era. E então afastou esses sentimentos.

Dorrigo disse a si mesmo que a separação entre ele e Amy era absoluta. O que eles tinham era uma amizade escorada de um lado no pilar do marido dela, seu tio, e do outro no seu noivado prospectivo com Ella. E havia nisso uma grande segurança para ele que o fez relaxar com Amy talvez mais do que faria em outras circunstâncias.

Ele se sentiu inexplicavelmente feliz na companhia dela de um modo que não conseguia se lembrar de ter sido por muitíssimo tempo. Ele observava as sombras da luz da vela saltarem sobre um rosto que o deixava cada vez mais curioso. O estranho é que, quando a vira pela primeira vez na livraria, não fora a sua aparência que lhe causara tanta impressão. Agora, porém, ele não poderia conceber uma mulher mais bela. Ele desfrutava de sua proximidade com Amy, e mesmo da maneira como outros homens olhavam com inveja, cobiçosa, para a mulher que tão erroneamente parecia ser

dele. Claro, ele disse para si mesmo, ela não era sua, mas a sensação não era desagradável. Ele estava lisonjeado.

Eles acabaram conversando com alguns oficiais navais, que depois se afastaram para a ponta da mesa e para outras conversas, deixando o casal a sós. Amy inclinou-se para a frente e pôs a mão sobre a dele. Ele olhou para baixo, inseguro sobre o que aquilo significava. Sentia-se extremamente desajeitado. Mas não retirou a mão.

O que é isto?, Dorrigo perguntou.

Ele percebeu que ela também estava olhando para as mãos deles.

Nada, ela disse.

Seu toque o eletrizava, paralisava, e em meio ao ruído, à fumaça e ao alvoroço, aquele toque era a única coisa que ele percebia. O universo e o mundo, sua vida e seu corpo, tudo reduzido àquele ponto de contato elétrico. Ele fitava com ela as suas mãos. No entanto, ele presumiu que tudo aquilo nada significava. Porque tinha de não significar nada. A mão dela sobre a sua. A sua na dela. Porque acreditar em alguma outra coisa era um erro. Amanhã, ele seria de novo seu sobrinho, a ser engajado em breve, e ela a mulher de seu tio. Mas aquilo precisa significar alguma coisa, ele desesperadamente desejava pensar...

Nada?, ele se ouviu repetir.

Dorrigo tentou relaxar, mas não conseguia conter a excitação que sentia com o toque dela. Amy correu o indicador pelas costas da mão dele.

Sou do Keith, ela disse.

Ela continuava a fitar distraidamente a mão dele.

Sei, ele disse.

Mas ela não estava realmente ouvindo. Estava examinando seu dedo, sua longa sombra, e ele a estava observando, sabendo que ela não estava realmente escutando.

Sei, ele disse.

Ele estava sentindo ela tocá-lo, e a sensação percorria todo seu corpo, e ele não conseguia pensar em mais nada.

E você, ela disse, você é meu.

Ele ergueu o olhar, espantado. Pela segunda vez ela o havia apanhado completamente de surpresa. E pela segunda vez ele se sentiu estranhamente assustado, como se muito devagar viesse a perceber que, longe de zombar dele, ela era autêntica em sua curiosa franqueza. E tudo que isso significava o aterrorizava. Mas ela continuava a olhar para o seu dedo, para as mãos deles entre seus copos meio vazios, e para os círculos que ela traçava.

O quê?

E só então ela ergueu o olhar.

Eu quero dizer, ela disse, quero dizer que você é de Ella. Mas esta noite. Esta noite você é meu.

Ela riu despreocupadamente, como se aquilo tudo não significasse nada.

Como uma companhia.

Levantando a mão, ela a abanou atrás da orelha sugerindo desconsideração.

Você *sabe* o que eu quero dizer.

Mas ele não sabia. Não fazia a menor ideia. E se sentia ao mesmo tempo excitado e assustado de que o que ela dizia não significasse nada, de que significasse tudo. Ela era esquiva. Ele estava perdido.

Enquanto as velas nas mesas eram apagadas pelos garçons, a banda atacou de "Auld Lang Syne" como uma valsa swing. Era uma lembrança se formando de união e separação, círculos se formando para depois se romperem. E ao fim de cada grupo de compassos, outro músico se inclinava e soprava a vela à sua frente.

Dorrigo viu-se dançando com Amy, e à medida que a pista de dança ia lentamente mergulhando na escuridão, ela de algum modo



recostou a cabeça no seu ombro. O corpo dela parecia convidar o dele para um balanço flexível, compartilhado. À medida que seu corpo cautelosamente se fundia com o dela, ele novamente disse para si mesmo que não era nada, que aquilo não significava nada, que não podia dar em nada.

Está resmungando o quê?, ela perguntou.

Nada, ele sussurrou.

Enquanto circulavam, seus corpos encontraram uma estranha paz recostados um no outro, que era também a mais terrível antecipação e tensão. Ele podia sentir a respiração dela, a mais leve brisa no seu pescoço.

A última vela foi apagada, houve uma barreira de escuridão, as cortinas das janelas foram subitamente baixadas e — suspiros de espanto — uma lua cheia inundou o local. A valsa agora seguia para seu fim, e ele entendeu o evento todo como uma estranha nostalgia por um futuro que, todos temiam, jamais lhes pertenceria, a sensação de um amanhã já renunciado e somente aquela noite era capaz de mudá-lo.

Sob a luz inconstante e a sombra azul-escura, casais se separaram lentamente e aplaudiram. Por um momento, eles ficaram se entreolhando, e ele soube que poderia beijá-la, que só precisava inclinar-se levemente para a frente, para a sombra dela, e cairia para sempre. Mas Dorrigo se lembrou então de quem eles eram e, em vez disso, perguntou se ela queria outra bebida.

Me leve para casa, ela disse.

11.

No hotel, ela o levou para os aposentos onde vivia com Keith. Ele se sentou numa poltrona parda. Podia sentir a brilhantina de Keith na capa do sofá, seu fumo de cachimbo no forro de brocado. Amy deu corda no gramofone, pôs um disco que disse que queria que ele ouvisse, pousou a agulha e sentou-se no braço da poltrona de

Dorrigo. O piano repenicou, o sax entrou e saiu com a brisa do oceano que agitava as cortinas rendadas, e uma voz começou a cantar.

*A tinkling piano in the next apartment  
Those stumbling words that told you  
What my heart meant  
A fairground's painted swings  
These foolish things  
Remind me of you*

É Leslie Hutchinson, ela disse. Aparentemente ele é, você sabe, *íntimo* das damas da família real.

Íntimo?

Ela sorriu.

Sim, ela disse com muita suavidade, olhando-o de soslaio. *Íntimo*.

Ela tornou a rir, um riso gutural, e ele pensou no tanto que gostava da sensação de vigor e simpatia que isso lhe transmitia.

A canção terminou. Ele se levantou preparando-se para sair. Ela recolocou o disco para tocar. Ele se despediu. À porta, ele se inclinou para dentro, beijou-a polidamente na face e, quando ia se afastar, ela inclinou o rosto contra o pescoço dele. Ele esperou que ela afastasse a cabeça.

Você precisa ir, ele a ouviu murmurar. Mas ela mantinha o rosto encostado no seu.

A agulha do gramofone chiava arranhando o fim do disco.

Sim, ele disse.

Ele esperou, mas nada aconteceu.

A agulha continuava presa no sulco, arranhando círculos de areia para a noite.

Sim, ele disse.

E esperou, mas ela não se moveu. Depois de um tempo, ele pôs um braço de leve em torno dela. Ela não se desvencilhou.

Logo, ele disse.

Dorrigo prendeu a respiração até senti-la pressionar levemente o corpo contra o seu. Ele não se moveu.

Amy?

Sim?

Ele não ousou responder. Exalou o ar e arrastou os pés para se equilibrar melhor. Não tinha a menor ideia do que dizer, temendo que se dissesse mais alguma coisa pudesse desestabilizar aquela delicada equação. Ele deixou a mão descer e se acomodar na cintura de Amy, esperando que ela a afastasse. Mas em vez disso ela murmurou:

*Amie*. Palavra francesa para amiga.

A outra mão dele encontrou a curva soberba de suas nádegas.

Minha mãe, ela disse, me ensinou isso quando eu era pequena.

Ela não afastou essa mão tampouco.

Amy, *amie*, *amour*, ela costumava me chamar. Amy, amiga, amor.

Uma trifeta vencedora, disse Dorrigo.

Ela virou os lábios para o pescoço dele. Ele podia sentir a respiração dela na sua pele. Podia sentir o corpo dela contra o seu, agora rijo, e ficou constrangido ao perceber que ela poderia senti-lo. Dorrigo não ousava se mover em qualquer direção para não quebrar o encanto. Não tinha claro o que aquilo significava ou o que deveria fazer. Não ousava beijá-la.

12.

Dorrigo sentiu uma mão quente deslizando por sua perna e acordou sobressaltado. Precisou de alguns segundos para perceber que era o sol do começo da manhã penetrando em seu quarto. Ele encontrou um bilhete de Amy enfiada por debaixo da porta dizendo que estaria

ocupada até o meio da tarde com assuntos do hotel — haveria uma recepção de casamento na hora do almoço —, de modo que não poderia se despedir.

Ele se enrolou numa toalha e saiu para a varanda ao fundo, acendeu um cigarro, sentou-se e ficou olhando através dos arcos vitorianos até onde as ondas do oceano Austral, vasto e incessante, quebravam à sua frente.

Não havia acontecido nada, ela dissera quando ele saiu de seus aposentos. Aquelas foram suas exatas palavras. Eles tinham se abraçado, mas ela dissera que não fora nada. Como poderia ser alguma coisa para ele? Além do abraço, nada havia acontecido. Até aí era verdade. Nada havia acontecido na livraria. Um abraço? Pessoas faziam mais do que isso em funerais.

*Amy, amie, amour*, ele murmurou baixinho.

Nada havia acontecido e, no entanto, tudo havia mudado.

Ele estava caindo.

Ouvia o marulho das ondas, a cintilação da areia, e estava caindo. Uma leve brisa se ergueu das longas sombras do início da manhã e ele ainda estava caindo. Estava caindo e caindo e sentia uma liberdade desenfreada. O que viesse a acontecer seria tão inescrutável e misterioso quanto ela. Até aí ele compreendia. Só não sabia onde aquilo terminaria.

Ele se levantou, excitado, confuso, determinado. Jogou fora o cigarro e entrou para se vestir. Nada havia acontecido e, contudo, ele sabia que alguma coisa havia começado.

13.

Ele voltou ao acampamento do Exército e a uma vida de ordem e disciplina. Mas essa vida, para Dorrigo, já não tinha substância. Ela nem parecia real. Pessoas chegavam, pessoas falavam, pessoas diziam muitas coisas, e ninguém era interessante. Elas falavam de Hitler, Stálin, África do Norte, a Blitz. Ninguém falava de Amy. Elas

falavam de materiais, estratégia, mapas, cronogramas, moral, Mussolini, Churchill, Himmler. Ele ansiava por gritar Amy! *Amie!* *Amour!* Queria agarrá-los pelo cangote e contar-lhes o que havia acontecido, como sentia a falta dela, como ela o fazia se sentir.

Mas tanto quanto desejava que todos ouvissem, não podia se dar ao luxo de deixar que alguém soubesse. A conversa monótona deles, sua ignorância de Amy e a paixão que ela sentia por ele e ele por ela, era o seguro contra a sua indiscrição. O dia em que suas conversas se voltassem para ele e Amy seria o dia em que sua paixão privada se transformaria numa tragédia pública.

Dorrigo lia livros. Não gostava de nenhum. Percorria as páginas à procura de Amy. Ela não estava lá. Ia a festas. Elas o entediavam. Caminhava pelas ruas fitando o rosto de estranhos. Amy não estava lá. O mundo, com toda sua maravilha infinita, o aborrecia. Ele procurava em cada aposento de sua vida por Amy. Mas Amy não estava lá para ser encontrada. E percebeu que Amy era casada com seu tio, que sua paixão era uma loucura, que não tinha futuro, que fosse o que fosse teria de terminar, e que ele teria de terminá-la. Ele raciocinou que, como não havia nada que pudesse fazer sobre os seus sentimentos, precisava evitar agir de acordo com eles. Se ele não a visse, não poderia fazer nada errado. E foi assim que resolveu nunca mais visitar Amy.

Quando veio sua folga seguinte — uma licença de seis dias —, ele não retornou ao hotel do tio, mas tomou o trem noturno para Melbourne, onde gastou todo seu dinheiro em saídas e presentes para Ella, tentando se perder nela, procurando exorcizar toda lembrança de seu estranho encontro com Amy. Ella, por sua vez, olhava gulosamente para o seu rosto, seus olhos, e — com um crescente temor no coração que em alguns momentos se aproximava do terror — ele podia ver o rosto dela perscrutando o seu para descobrir, em seu rosto e em seus olhos, a mesma fome. E o que havia sido um rosto belo, exótico, para Dorrigo Evans, agora

parecia simplesmente de uma banalidade além do imaginável. Os olhos escuros dela — que no início ele havia considerado feiticeiros — agora lhe pareciam crédulos, bovinos até, em sua confiança, embora ele se esforçasse muito para não pensar nisso e se odiasse ainda mais por pensar mesmo assim. E com isso Dorrigo se atirou com renovada determinação em seus braços, em suas conversas, em seus temores e piadas e histórias, na expectativa de que sua intimidade acabasse por eliminar toda lembrança de Amy Mulvaney.

Em sua última noite, eles foram jantar no clube do pai dela. Um major da raaf que eles conheciam fez Ella rir sem parar com suas piadas e histórias. Quando o major anunciou que estava de saída para uma boate próxima, Ella implorou a Dorrigo que eles fossem junto porque *ele era tão pândego*. Dorrigo sentiu uma emoção estranha que não era ciúme nem gratidão, mas uma curiosa mistura de ambos.

Eu adoro estar com pessoas, Ella disse.

Quanto mais pessoas tenho à minha volta, pensou Dorrigo, mais solitário me sinto.

14.

Agora o dia começava antes de os prisioneiros terem acordado, antes do corpo de guardas principal e dos engenheiros estarem de pé, algumas horas antes até de o sol nascer; agora, enquanto Nakamura caminhava pesadamente na lama, respirando o ar úmido da noite, enquanto seus pesadelos se dissolviam, enquanto as metanfetaminas acionavam seu coração e mente, ele sentia uma agradável antecipação. Este dia, este campo, este mundo, estavam a seu dispor. Ele encontrou o coronel Kota, como Fukuhara havia dito, num refeitório vazio, sentado a uma mesa com banco de bambu, comendo peixe enlatado.

O coronel era um homem musculoso, quase da altura de um australiano, seu físico contradizia um rosto que a Nakamura parecia

afundar e se afastar de cada lado de um nariz de barbatana de tubarão em ondulações que desciam por suas bochechas enrugadas.

Kota não perdeu tempo com conversa fiada e foi direto ao assunto, dizendo que estaria de partida pela manhã, assim que pudessem lhe arranjar um transporte. De uma sacola de couro encharcada o coronel tirou uma pasta impermeável da qual retirou uma única folha de ordens datilografadas e diversas páginas de desenhos técnicos que, de tão úmidas, enrolavam nos dedos de Nakamura enquanto ele as lia. As ordens não eram mais complexas do que bem-vindas.

A primeira ordem era técnica: apesar de o leito principal da ferrovia já estar metade pronto, o Alto-Comando da Ferrovia havia modificado os planos originais de Nakamura. Eles agora queriam o leito alargado em um terço para ajudar com questões de declive no trecho seguinte. O novo leito exigiria que outros três mil metros cúbicos de rocha fossem cortados e retirados do local.

Enquanto Tomokawa servia chá de hibisco para os dois, Nakamura se curvou e reatou as fitas de sua perneira. Eles não tinham serras e machados suficientes para limpar a selva. Os prisioneiros cortavam a rocha à mão, com martelo e formão. Eles nem tinham formões apropriados para os prisioneiros usarem, e quando as ferramentas ficavam cegas, não havia coque suficiente para sua forja afiá-las de novo. Nakamura se recostou.

Britadeiras com compressores ajudariam, ele disse.

O coronel Kota bateu na sua bochecha caída.

*Máquinas?*

Ele deixou a palavra pairar no ar, permitindo que Nakamura a completasse em sua própria mente — com o conhecimento de que não havia máquinas, com a vergonha de ter implorado, a sensação de ser zombado. Nakamura baixou a cabeça. Kota tornou a falar.

Não há nada sobressalente. Não tem jeito.

Nakamura sabia que fizera mal em colocar a questão, mas ficou grato porque o coronel Kato pareceu compreender. Ele leu a segunda ordem. O prazo para a conclusão da ferrovia fora antecipado de dezembro para outubro. Nakamura se sentiu arrasado pelo desespero. Sua tarefa era agora impossível.

Sei que pode conseguir, disse o coronel Kota.

Já não estamos em abril, disse Nakamura, esperando que tal resposta fosse compreendida como uma referência indireta a quando o quartel-general havia aprovado os planos finais. É agosto.

Os olhos do coronel Kota continuavam fixos nos de Nakamura.

Redobramos nossos esforços, disse por fim um Nakamura submisso.

Não posso mentir para você, disse o coronel Kota. Duvido muito que haverá um aumento correspondente em máquinas ou ferramentas. Talvez mais culis. Mas nem isso posso garantir. Temos mais de duzentos e cinquenta mil culis e sessenta mil prisioneiros trabalhando nesta ferrovia. Sei que os ingleses e os australianos são preguiçosos. Sei que se queixam de estar cansados demais ou famintos demais para trabalhar. Que escavam um pouquinho e param para descansar. Um golpe de martelo, e param. Que se queixam de questões triviais como levar bofetões. Se um soldado japonês é negligente em seu trabalho, ele espera ser surrado. O que dá aos covardes o direito de não ser esbofeteados? Os culis birmaneses e chineses que são mandados para cá vivem fugindo ou morrendo. Os tâmeis têm, felizmente, um longo caminho para fugir para a Malásia, mas agora estão morrendo por toda parte de cólera, e mesmo com outros milhares chegando agora ainda não há mão de obra suficiente. Não sei. Não sei o que fazer com isso tudo.

Nakamura retornou à leitura da carta datilografada. A terceira ordem era que cem prisioneiros deviam ser transferidos de seu campo para trabalhar no campo próximo ao Desfiladeiro dos Três



Pagodes, cerca de cento e cinquenta quilômetros ao norte da fronteira birmanesa.

Não tenho cem prisioneiros dispensáveis, pensou Nakamura. Preciso de outros mil prisioneiros para completar esta seção no tempo que me foi dado, não perder ainda mais. Ele olhou para o coronel Kota.

Os cem homens terão de marchar para lá?

Não há outro modo na monção. Não há o que fazer sobre isso, também.

Nakamura sabia que muitos morreriam tentando chegar lá. Talvez a maioria. Mas a ferrovia exigia, o imperador havia ordenado a construção da ferrovia, e foi assim que fora decidido que aquela ferrovia seria feita. E ele podia ver que, na realidade — esta realidade de sonhos e pesadelos em que ele tinha de viver a cada dia —, não havia outra maneira de a ferrovia ser construída. Mas persistiu.

Entenda-me, disse Nakamura. Meu problema é prático. Sem ferramentas e com menos homens a cada dia, como posso construir a ferrovia?

Mesmo que a maioria morra de exaustão você deve completar o trabalho, disse o coronel Kota, dando de ombros. Mesmo que todos morram.

E Nakamura pôde ver que, também nesse sacrifício, não havia outra maneira de os desejos do imperador serem satisfeitos. O que era um prisioneiro de guerra, aliás? Menos do que um homem, apenas material para ser usado para fazer a ferrovia, como os dormentes de teca e os trilhos de aço e os pregos. Se ele, um oficial japonês, se permitisse ser capturado, seria executado quando retornasse enfim às ilhas natais de qualquer maneira.

Até dois meses atrás eu estava na Nova Guiné, disse o coronel Kota. Bougainville. O céu é Java, dizem, o inferno é a Birmânia, mas ninguém volta da Nova Guiné.

O coronel sorriu, e as depressões de sua face subiram e desceram, lembrando Nakamura uma encosta escalonada.

Sou a prova de que os ditados de velhos soldados nem sempre são verdadeiros. Mas é muito duro por lá. O poder aéreo norte-americano é incrível. Dia após dia éramos socados por seus Lockheeds. Dia e noite, bombardeados e metralhados. Recebíamos rações para uma semana e esperavam que lutássemos por um mês. Se ao menos tivéssemos sal e fósforos na zona de combate, poderíamos lidar com tudo. Mas vou lhe dizer: e os norte-americanos e os australianos? Eles só sabem vangloriar-se de seu poder material, de suas máquinas, de sua tecnologia. Espere só! Vamos travar uma guerra de aniquilação. Cada oficial e soldado de nosso exército por lá está tinindo de desejo de massacrar todos os norte-americanos e australianos. E nós venceremos, porque nosso espírito resistirá quando o deles desmoronar.

E enquanto o coronel falava, seu rosto escalonado parecia, para Nakamura, conter dentro de si muito da sabedoria ancestral do Japão, de tudo aquilo que Nakamura considerava bom e melhor em seu país, em sua própria vida. Nakamura compreendeu que, com sua voz cordial, o coronel estava lhe contando algo mais do que essa história: ele estava dizendo que, a despeito das adversidades, a despeito de qualquer falta de ferramentas e mão de obra com as quais Nakamura tivesse de lidar, ele resistiria, a ferrovia seria construída, a guerra seria vencida, e tudo isso por causa do espírito japonês.

Mas o que era esse *espírito*, o que ele precisamente significava, Nakamura teria tido dificuldade de dizer. Ele era bom e era puro, e era para ele uma força mais real do que os espinhosos bambus e tecas, a chuva e a lama e as rochas e os dormentes e os trilhos de aço com os quais eles trabalhavam todos os dias. Aquilo havia se tornado, de algum modo, a essência dele, e, no entanto, era algo

indizível. E para explicar o que estava sentindo, Nakamura viu-se contando uma história.

Noite passada eu estava falando com um médico australiano, ele disse. O médico queria saber por que o Japão tinha começado a guerra. E eu tinha explicado que a nobreza da irmandade universal era nossa ideia guia. Mencionei nosso lema, *O mundo inteiro embaixo de um teto*. Mas acredito que não adiantou. E aí eu disse como, em suma, agora era a Ásia para os asiáticos e o Japão como líder do bloco asiático. Eu lhe disse que nós estávamos libertando a Ásia da colonização europeia. Foi muito duro. Ele continuou insistindo sobre liberdade.

Na verdade, Nakamura tampouco fazia nenhuma ideia do que os australianos pretendiam. As palavras, sim, mas as ideias não faziam o menor sentido.

Liberdade?, perguntou o coronel Kota.

Eles riram.

Liberdade, disse Nakamura, e os dois tornaram a rir.

Os pensamentos de Nakamura eram uma selva desconhecida e, talvez, insondável para ele. De mais a mais, ele não se importava com seus próprios pensamentos. Importava-se em estar certo, seguro. As palavras de Kota eram como *shabu* para sua mente enferma. Nakamura se importava com a ferrovia, a honra, o imperador, o Japão, e tinha uma consciência de si como um oficial bom e honrado. Mesmo assim, porém, ele tentava compreender a confusão que sentia.

Lembro-me de um estágio inicial, quando os prisioneiros ainda realizavam concertos, e uma noite eu estava assistindo. O jângal, a fogueira, os homens cantando sua canção, a "Waltzing Matilda". Aquilo me deixou sentimental. Simpático, até. Era difícil não ficar comovido.

Mas a ferrovia, disse o coronel Kota, não é menos campo de batalha do que a linha do front na Birmânia.

Exatamente, disse Nakamura. Não se pode distinguir entre atos humanos e não humanos. Não se pode apontar, não se pode dizer este homem aqui é um homem e aquele lá é um diabo.

É verdade, disse o coronel Kota. Isso é uma guerra, e a guerra está além dessas coisas. E a ferrovia Sião-Birmânia é para um fim militar — mas esta não é a questão principal. É que essa ferrovia é a grande construção de marcar época de nosso século. Sem maquinário europeu, num tempo considerado extraordinário, nós construiremos o que os europeus disseram que seria impossível construir em muitos anos. Essa ferrovia marca o momento em que nós e nosso ponto de vista se tornam os novos propulsores do progresso mundial.

Eles beberam um pouco mais de chá de hibisco, e o coronel Kota foi ficando melancólico por não estar no front, pronto para morrer pelo imperador. Eles maldisseram o jângal, a chuva, Sião. Nakamura falou de como era difícil ficar obrigando os australianos a trabalhar, e se eles fossem apenas um pouco mais receptivos ao papel grandioso que o destino lhes havia reservado, não seria preciso forçá-los com tanta impiedade. Não era de seu feitio ser tão duro. Mas diante da intransigência dos australianos, ele tinha de ser.

Eles não têm espírito, disse o coronel Kota. Foi o que eu vi na Nova Guiné. Você os ataca, eles se espalham como baratas.

Se tivessem espírito, disse Nakamura, teriam escolhido a morte e não a vergonha de serem prisioneiros.

Eu me lembro de quando fui pela primeira vez a Manchukuo, recém-saído da escola de oficiais, disse o coronel Kota, fechando a mão como se estivesse segurando um cabo ou um volante. Um segundo-tenente, muito verde. Cinco anos atrás. Parece que faz muito tempo. Tínhamos que realizar exercícios de treinamento de campo especiais para nos preparar para o combate. Um dia, fomos levados a uma prisão para nosso teste de coragem. Os prisioneiros chineses não tinham sido alimentados por dias. Estavam

esqueléticos. Eles foram amarrados, vendados e obrigados a se ajoelhar diante de um grande poço. O tenente no comando desembainhou sua espada. Ele pegou um pouco de água de um balde na concha da mão e a derramou em ambos os gumes da lâmina. Eu sempre me lembro da água pingando de sua espada.

Observe, ele disse. É assim que se cortam cabeças.

15.

Na tarde do sábado seguinte, o calor havia se tornado insuportável. Tendo acabado o almoço e deixado tudo pronto para o jantar, Amy Mulvaney decidiu se trocar e ir nadar. Havia uma grande multidão espalhada nos dois lados da praia do outro lado da rua do King of Cornwall, e enquanto ela caminhava pela areia, ouvindo as ondas e os grunhidos, de chapéu de palha e usando um short azul e uma blusa de cambraia branca, tinha consciência dos olhares tanto de homens como de mulheres.

Os dias longos, incrivelmente quentes de verão, as noites sensuais, o quarto abafado e os sons e cheiros de Keith enchiam Amy Mulvaney da mais estranha inquietação. Ela estava cheia de desejos. De sair, de ser outra pessoa, estar em outro lugar, começar a andar e não parar nunca. E, no entanto, ainda que a parte mais íntima do seu ser gritasse para ela se mover, ela reconhecia que estava congelada em um lugar, uma vida. E Amy Mulvaney queria mil vidas, e desejava que nenhuma delas fosse igual a que tinha.

Às vezes ela tirava vantagem da guerra e da natureza leniente de Keith para escapar para uma noite aqui e ali. Houve algumas pequenas aventuras — um oficial da raaf que a prensara contra a parede após as danças de uma noite, mas para seu grande alívio e desapontamento, ele só a havia beijado loucamente e a bolinado um pouco. Ela foi para a cama com um caixeiro-viajante que aparecia às vezes no bar dos fundos do hotel e que ela encontrara, certa noite, na saída do cinema na cidade. Fora uma coisa horrível que, uma vez

começada, ela sentiu que só poderia terminar deixando-a seguir seu curso. Comparado com Keith, ele tinha um corpo jovem, forte, e fora viril e atencioso — demais até. Pois tão logo se viu nua na cama com ele, ela ficou horrorizada: não conseguia suportar o seu toque, seu cheiro, sua carne. Ela queria ter ido embora.

Depois, ela havia vomitado e sentido um vazio tão terrível que resolvera firmemente que aquilo jamais se repetiria; uma resolução que a havia ajudado a lidar com a culpa que sentia. Ela raciocinou que, da maneira mais estranha, sua infidelidade talvez tivesse assegurado sua fidelidade futura com Keith. E como não tinha amado o caixeiro-viajante, não houvera, ela veio a pensar, nenhuma real infidelidade. Seu amor por Keith — tal como era — ainda era amor: ela ainda tinha carinho por ele, se divertia com ele e apreciava sua gentileza e suas numerosas pequenas gentilezas. Os meses depois daquela noite desastrosa foram, de certa maneira, os melhores que eles haviam conhecido. E, no entanto, mesmo quando ela dormia um sono prolongado e profundo e despertava sentindo-se serena, com Keith trazendo-lhe uma xícara de chá na cama, Amy Mulvaney queria alguma outra coisa, mas era incapaz de dizer o quê. Enquanto sorvia o chá e observava as grandes costas de lenhador de Keith saindo pela porta, ela não conseguia parar de imaginar o que era aquele anseio — o anseio que lhe consumia o estômago, o anseio que às vezes a fazia estremecer involuntariamente, o invisível, inominável, terrível anseio que ela temia que pudesse ser a verdadeira essência da vida.

E assim havia sido no último ano, mais ou menos. Ela flertava, mas de maneira cautelosa; fazia amizade com quem talvez não devesse fazer, mas de novo de um modo que parecesse a ela e a outros, se não totalmente apropriado, tampouco impróprio. Por isso, porque sentia uma estranha liberdade — uma segurança, até — em haver decidido que nenhuma relação pessoal poderia terminar em algo inconveniente, ela se sentia por vezes encorajada a fazer e a

dizer coisas a homens como fizera com o médico alto na livraria. Mas de novo ela raciocinava que talvez, em última instância, não houvera nada de errado no seu comportamento, pois, de algum modo fundamental, não havia amado nenhum deles e ainda amava Keith. Ela sentia que tinha encontrado um equilíbrio que tornaria mais forte aquele amor, e não sabia por que, quando havia caminhado até aquele médico alto na livraria, havia tirado a aliança de casamento.

E quando Amy pensou no assunto, ela percebeu que havia dito ao médico alto o que jamais dissera a qualquer outro. Não conseguia compreender, nem poderia entender por que pusera a mão sobre a dele no clube, nem por que o retivera quando ele a acompanhou aos seus aposentos. Tentou se convencer de que o que ocorrera com ele já havia acabado. Mas, em seu íntimo, ela temia outra coisa e tentava arduamente não conceder palavras ou mesmo pensamentos a seu medo.

Atirando a toalha sobre a areia ofuscante, chapéu de palha à cabeça, e livrando-se prontamente de suas roupas, ela se sentiu poderosa em seu corpo e sua juventude. E, a despeito de sua insignificância e irrelevância, Amy compreendeu que ao menos, por um curto momento, ela havia sido, de algum modo, especial e importante. Ela entrou correndo na água. Diferentemente de muitas outras mulheres que se demoravam com água até o joelho, Amy Mulvaney mergulhou numa onda no momento em que esta ia se quebrar sobre ela. E quando se pôs novamente em pé, cheirando a sal, o céu de um fulgor insuportável, toda sua confusão desaparecera e em seu lugar ela teve a curiosa sensação de que tudo estava em equilíbrio, tudo estava à espera.

Amy boiava. No mar, ao longe, um pequeno iate flutuava indiferente na água plácida. Quando ela se virou para a praia, viu um homem de meia-idade num traje de banho antiquado de lã olhando para ela. Ele era calvo, sua pele parecia a de uma ave antes de ir para o forno. Ele desviou o olhar bruscamente.

De novo sentiu aquela emoção estranha, assustadora, que não a deixaria ser: mas o que Amy Mulvaney queria, ela era incapaz de expressar. Ela deu algumas braçadas mar adentro, e era como se o mar, o sol, a brisa suave estivessem desejando que ela fizesse alguma coisa, qualquer coisa, mas *alguma coisa*. Olhando para um lado e para o outro da arrebentação, via outras pessoas alinhadas com ela, tanta gente, expectante, esperançosa, igualmente esperando a próxima onda se quebrar, esperando cavalgar em seu poder até a praia. Quando o oceano começou a engrossar num paredão rolante às suas costas, ela notou uma longa linha de peixes prateados de olhos amarelos em sua crista.

Até onde pôde perceber, todos os peixes seguiam na mesma direção ao longo da frente da onda, e todos estavam nadando furiosamente no esforço para escapar do arrasto da onda quebrando. E durante todo o tempo a onda os tinha em seu poder e os levaria aonde quisesse, e não havia nada que a corrente cintilante de peixes pudesse fazer para mudar seu destino. Amy sentiu que começava a subir na elevação da onda, a antecipação e a excitação a deixaram tensa, sem saber se conseguiria pegá-la, e se conseguisse, aonde ela e os peixes poderiam chegar.

16.

O coronel Kota descerrou a mão e disse:

Ele abriu as pernas, ergueu a espada e com um grito deu um forte golpe. A cabeça pareceu saltar longe. O sangue ainda estava jorrando em duas fontes quando tivemos de continuar. Era difícil respirar. Eu estava morrendo de medo de passar por tolo. Alguns dos outros escondiam as cabeças entre a mão, um errou de tal forma o golpe que um pulmão meio que saltou para fora. A cabeça ainda estava no lugar e o tenente teve de acabar com a trapalhada. E o tempo todo eu estava observando: o que era um bom golpe, o que era um mau golpe, como me posicionar ao lado do prisioneiro, como



manter o prisioneiro calmo e imóvel. Pensando nisso agora, posso ver que todo o tempo em que fiquei olhando estava aprendendo. E não só sobre decapitação.

Quando chegou a minha vez, eu não podia acreditar que estava fazendo tudo tão calmamente porque, no meu íntimo, estava horrorizado. Mas desembainhei sem tremer a espada que meu pai havia me dado, umedecei-a como o instrutor havia mostrado sem largá-la e, por alguns instantes, fiquei observando enquanto aquelas gotículas de água se juntavam e lentamente escorriam. Você não acreditaria no quanto observar aquela água me ajudou.

Fiquei de pé atrás do prisioneiro, procurei meu equilíbrio, examinei cuidadosamente o seu pescoço — descarnado e velho com sujeira nas pregas; jamais esqueci aquele pescoço. Mal a coisa começava, ela já terminava, e eu fiquei pensando por que havia pequenos glóbulos de gordura na minha espada que não saíam quando eu a esfregasse com o papel que eles me entregaram. Isso era tudo que eu pensava: de onde vinha aquela gordura num pescoço tão esquelético de um homem tão magricela. O pescoço dele estava sujo, cinzento, como terra onde você urina. Mas depois que eu o abri com o corte, as cores eram tão vívidas, tão vivas — o vermelho do seu sangue, o branco do seu osso, o rosado da sua carne, o amarelo daquela gordura. Vida! Essas cores eram a própria vida.

Eu pensava em como havia sido fácil, como as cores eram vívidas e belas, e fiquei espantado por tudo estar terminado. Foi somente quando o próximo cadete se adiantou que percebi que o pescoço do meu prisioneiro continuava bombeando sangue para fora em duas fontes, como a vítima do tenente, mas só um pouco, por isso devia fazer algum tempo já que eu o havia matado quando notei.

Já não sentia nada por aquele homem. Para ser franco, eu o desprezei por aceitar seu destino com tanta mansidão e me

perguntei por que ele não lutava. Mas será que isso faria alguma diferença? E, no entanto, fiquei zangado com ele por me deixar massacrá-lo.

Nakamura notou como, enquanto ele contava sua história, a mão de Kota na espada continuava se fechando e se abrindo, como se estivesse ensaiando ou praticando.

E o que eu senti, major Nakamura, o coronel continuou, foi algo tão grande em meu estômago que era como se eu agora fosse outro homem. Eu havia conquistado alguma coisa, isso foi o que senti. Era uma sensação grandiosa e terrível. Como se eu tivesse morrido também e agora renascesse.

Antes, eu me preocupava com a forma como meus homens olhavam para mim quando eu estava diante deles. Mas depois, eu só os fitava. Isso bastava. Não me importava mais nem me assustava. Só os encarava e via dentro deles — seus medos, seus pecados, suas mentiras —, via tudo, sabia tudo. Seus olhos são cruéis, uma mulher me disse certa noite. Eu só olhava para as pessoas e isso bastava para assustá-las.

Mas depois de um tempo essa sensação começou a morrer. Passei a me sentir confuso. Perdido. Os homens começaram a falar de maneira insolente de novo, discretamente, pelas minhas costas. Mas eu sabia. Ninguém se assustava mais comigo. É como o Philopon... depois que você toma, mesmo que ele o faça se sentir péssimo, você simplesmente vai querer de novo.

Posso lhe dizer uma coisa? Sempre houve prisioneiros. Passadas algumas semanas sem que eu tivesse decapitado alguém, eu saía atrás e encontrava uma pessoa com um pescoço que eu desejava e que não servia mais para este mundo. Eu a fazia cavar seu túmulo...

E enquanto escutava a história terrível do coronel, Nakamura podia ver que mesmo em tais atos terríveis não havia outra maneira de os desejos do imperador serem realizados.

Pescoços, continuou o coronel Kota, desviando o olhar para onde uma porta aberta enquadrava a noite varrida pela chuva. Isso é tudo que eu realmente vejo nas pessoas agora. Seus pescoços. Não é certo pensar dessa maneira, não é? Não sei. É como sou agora. Conheço alguém novo, olho para o seu pescoço, o avalio — fácil de cortar ou difícil de cortar. E isso é tudo que desejo das pessoas, seus pescoços, aquele golpe, sua vida, aquelas cores, o vermelho, o branco, o amarelo.

Seu pescoço, percebe, disse o coronel Kota, foi a primeira coisa que vi. E um pescoço tão bom — posso ver exatamente onde a espada cairia. Sua cabeça voaria um metro. Como deveria. Porque às vezes o pescoço é simplesmente fino demais ou gordo demais, ou eles se contorcem ou gemem de terror — você pode imaginar —, e você erra e acaba os retalhando, de raiva, até a morte. Seu cabo, porém, pescoço de touro, sua atitude, você vê. Eu teria de me concentrar em meu golpe e na posição certa para matá-lo rapidamente.

E ele não parava de falar. O coronel Kota continua cerrando e descerrando a mão, levantando-a e baixando-a quando cerrada, como se estivesse preparando a espada para outra decapitação.

Não é somente a ferrovia, disse o coronel Kota, embora a ferrovia precise ser construída. Ou mesmo a guerra, embora a guerra deva ser vencida.

Tem a ver com os europeus aprenderem que eles não são a raça superior, disse Nakamura.

E nós aprendermos que nós somos, disse o coronel Kota.

Por alguns instantes nenhum dos dois falou, aí o coronel Kota recitou:

*Mesmo em Kyoto*

*Quando ouço o cuco*

*Sinto falta de Kyoto.*

Bashô, disse Nakamura.

Falando mais, Nakamura ficou encantado ao descobrir que o coronel Kota compartilhava sua paixão pela literatura tradicional japonesa. Eles foram ficando sentimentais à medida que falavam sobre a sabedoria mundana dos haiku de Issa, a grandeza de Buson, a maravilha do grandioso haibun de Bashô, *O caminho estreito para os confins do norte*, que, disse o coronel Kota, resumia em um livro o gênio do espírito japonês.

Os dois ficaram novamente em silêncio. Sem nenhuma razão, Nakamura sentiu seu ânimo crescer bruscamente com o pensamento da ferrovia propiciando a vitória na invasão da Índia, com a ideia do mundo inteiro sob um teto, com a beleza da poesia de Bashô. E todas aquelas coisas que tinham parecido tão confusas e sem substância quando ele tentara explicá-las ao coronel australiano agora pareciam tão claras e óbvias e conectadas, tão gentis e boas, quando conversadas com um homem tão gentil e bom como o coronel Kota.

À ferrovia, disse o coronel Kota, levantando sua xícara de chá.

Ao Japão, disse Nakamura, erguendo sua xícara também.

Ao imperador!, disse o coronel Kota.

A Bashô!, disse Nakamura.

Issa!

Buson!

Eles tomaram o que restara do chá de hibisco de Tomokawa e pousaram suas xícaras. E como eram dois estranhos sem a menor ideia do que dizer em seguida, o silêncio que retornou pareceu a Nakamura uma mútua e profunda compreensão. O coronel abriu uma caixa azul-escura de cigarros adornada com o sol branco do Kuomintang e a ofereceu a seu colega oficial. Eles acenderam os cigarros e relaxaram.

Eles recitaram um para o outro seus haiku favoritos e ficaram profundamente comovidos não tanto pela poesia quanto por sua

sensibilidade à poesia; não tanto pela genialidade do poema quanto por sua sabedoria em compreender o poema; não por conhecerem o poema, mas por saberem que o poema demonstrava o lado superior deles e do espírito japonês — aquele espírito japonês que em breve viajaria diariamente pela ferrovia até a Birmânia, o espírito japonês que da Birmânia conseguiria chegar à Índia, o espírito japonês que partindo dali conquistaria o mundo.

Dessa maneira, pensou Nakamura, o espírito japonês é agora ele próprio a ferrovia, e a ferrovia, o espírito japonês, nosso caminho estreito para os confins do norte, ajudando a levar a beleza e a sabedoria de Bashô ao vasto mundo.

E enquanto eles falavam, de renga, waka e haiku, de Birmânia e Índia e da ferrovia, ambos sentiram uma grande sensação de sentido compartilhado, embora exatamente o que eles haviam compartilhado nenhum dos dois seria capaz de dizer mais tarde.

O coronel Kota recitou outro haiku de Kato, e eles concordaram que era este supremo dom japonês — de retratar a vida com tanta concisão, tanto requinte — que eles, com seu trabalho na ferrovia, estavam ajudando a levar ao mundo. E essa conversa, que foi na verdade uma série de concordâncias mútuas, os fez se sentirem consideravelmente melhor sobre suas próprias privações e a dura batalha que era seu trabalho.

E aí Nakamura consultou seu relógio.

Você deve me desculpar, coronel. Já são três e cinquenta. Preciso reprogramar os grupos de trabalho para cumprir as novas metas antes da alvorada.

Quando ele estava prestes a sair, o coronel pôs a mão no ombro de Nakamura.

Eu poderia ficar falando de poesia com você a noite inteira, disse o homem grande.

Na escuridão e no vazio do abrigo, Nakamura pôde sentir a emoção intensa do coronel Kota quando ele o enlaçou e trouxe seu

rosto de barbatana de tubarão para perto. Ele cheirava a anchovas rançosas. Os lábios estavam abertos.

Em outro mundo, começou o coronel Kota. Homens... homens *amam*.

Ele não pôde continuar. Nakamura se desvencilhou. O coronel Kota se endireitou na esperança de ter sido mal interpretado. Na Nova Guiné, eles haviam chacinado e devorado tanto prisioneiros norte-americanos quanto seus próprios homens. Eles estavam morrendo de fome. Ele se lembrou dos cadáveres com seus fêmures esfolados espetados para fora como baquetas roídas. As cores. Marrom, verde, preto. Lembrou-se do sabor adocicado. Gostaria que outro ser humano soubesse. Que eles estavam morrendo de fome e não tiveram escolha. Dissesse que estava tudo bem. O amparasse. O...

Não pode ser, disse Nakamura.

Não, respondeu o coronel Kota, dando um passo para trás e abrindo sua caixa de cigarros Kuomintang para oferecer outro cigarro a Nakamura. Claro que não.

Enquanto o major acendia, o coronel Kato disse:

*Mesmo em Manchukuo  
quando vejo um pescoço  
sinto falta de Manchukuo*

Ele fechou a caixa de cigarros com um estalo e, cerrando o punho, virou-se e saiu, seu riso estranho desaparecendo com ele no ruído da noite de monção.

17.

Amy Mulvaney ficou admirada de como lhe fora fácil mentir, e sentiu ao mesmo tempo vergonha e alegria por sua nova habilidade. Durante o jantar, Keith havia começado uma de suas arengas sobre

a política municipal quando ela o interrompeu para dizer que passaria o dia seguinte com uma velha amiga — elas iriam de carro para uma praia distante, isolada, para um piquenique e umas braçadas, e ela tomaria emprestado o Ford Cabriolet para isso.

Tudo bem, disse Keith, e voltou imediatamente a sua história sobre o novo funcionário administrador municipal e seu pensamento antiquado sobre esgoto.

Fale alguma coisa real! Amy quase havia gritado. Mas o que era essa coisa real, como poderia soar, ela tampouco saberia dizer, e, de mais a mais, não queria realmente chamar a atenção dele. E quanto mais Keith arengava sobre bueiros e a necessidade urgente de esgotos e regulamentos de planejamento modernos e banheiros para todos e mecanismos nacionais, regulação e administração científica, mais ela ansiava pelo roçar dos dedos de Dorrigo Evans no escuro.

Naquela noite, Amy custou a dormir, Keith acordou duas vezes e lhe perguntou se ela estava doente, mas antes que respondesse, ele já havia adormecido de novo, a boca resfolegando, uma minúscula salina de espuma seca na prega embaixo dos lábios.

O dia seguinte começou com ela maquiando o rosto duas vezes até ficar satisfeita e trocando de roupa várias vezes até terminar no que havia começado: short escuro e uma blusa leve de algodão cortada para parecer um xale, que a exibia vantajosamente. Em seguida, ela trocou a blusa de algodão por uma blusa vermelha decotada que imaginou parecida com a que Olivia de Havilland usara em *Capitão Blood*. Mas ela não tinha uma saia que combinasse. E quando, pouco depois das dez, ela pegou Dorrigo Evans na guarita do lado de fora do quartel — Dorrigo Evans, que, ela pensou, com seu sorriso, e seu nariz, e a maneira como usava o cabelo um pouco mais longo que o normal, não era tão diferente de Errol Flynn —, ela estava usando uma cativante saia floral azul-clara bem pouco prática, mas que lhe parecera encantadora, e uma regata creme.

Com Dorrigo ao seu lado, tudo que a Amy havia parecido tedioso e estúpido agora era delicioso e interessante; tudo que ontem parecia uma prisão cada vez mais claustrofóbica da qual ela desejava escapar, hoje parecia o mais maravilhoso pano de fundo de sua vida. Mas seu nervosismo era tão grande que ela ficava deixando o carro morrer e Dorrigo acabou por assumir o volante.

Deus, ela pensou, como ela o desejava, e como eram indecorosos e indescritíveis os modos como o desejava. Amy pensou em quanto era desgraçada, quão perverso era o seu coração, e como o mundo a puniria. E esse pensamento foi quase imediatamente substituído por outro. Meu desgraçado, perverso coração, pensou Amy, é mais corajoso que o mundo. Por um momento pareceu a Amy que não havia nada no mundo que ela não pudesse enfrentar e vencer. E, embora soubesse que essa era a mais tola das ideias, ela a excitava e encorajava ainda mais.

O Ford estava em mau estado. O motor roncava e o câmbio fazia um ruído pavoroso toda vez que Dorrigo o usava. Em meio à barulheira geral, ela se sentia livre para falar, suas palavras nada, o escoar delas tudo.

Ele é um bom sujeito, ela disse. Tão bondoso. Você não tem ideia. Quer dizer, eu amo Keith. Muito. Quem não amaria? Um bom sujeito.

O melhor dos caras, disse Dorrigo Evans, não totalmente insincero.

Sim, disse Amy. Um bom sujeito. E aquele administrador municipal! Ele não tem a menor noção sobre esgoto.

Ela sabia que estava tagarelando, que o que realmente queria dizer a Dorrigo era como Keith nunca falava uma palavra que ela considerasse autêntica. Cada palavra era uma máscara. Queria contar a Dorrigo o quanto ansiava que Keith dissesse coisas reais. Ou apenas uma coisa real.



Mas o que poderia ser essa coisa real, Amy em seu íntimo não sabia. O que Amy Mulvaney queria ouvir simplesmente não soava como banheiros e cidades-jardins e a necessidade de um sólido planejamento de esgotos. Ela sabia que queria coisas contraditórias. Na verdade, ela queria que o marido não falasse nada; embora quisesse que Dorrigo Evans lhe falasse muitas coisas, e não quisesse ouvi-lo dizer nada, caso ele quebrasse o encanto — caso ele, de alguma forma, dissesse que era apenas um passeio, que ela era apenas um dever que ele havia aceitado como parte do que se passara, a tanta distância de sua casa, com sua família. E ela expressava todo esse estranho e contraditório tumulto, todo esse oceano de sentimento pelo homem com quem não estava casada, falando sobre o homem com quem estava...

Keith é Keith.

Quando eles chegaram ao começo da trilha para a praia, Dorrigo acendeu um cigarro, mas ainda não o havia tirado da boca quando Amy, esticando-se desajeitadamente para proteger sua saia e sua dignidade ao passar sobre uma cerca de arame farpado arriada, arranhou a coxa e gritou. Ela desenroscou a perna. Uma fieira de minúsculas gotas de sangue brotava lentamente no lado interno da coxa, três esferas de rolamento vermelho cintilante.

Dorrigo Evans atirou o cigarro para longe e se agachou.

Me desculpe, ele disse de maneira formal, e com um dedo puxou a barra da saia azul-clara de Amy levemente para cima, deixando-lhe a coxa à mostra. Ele secou o ferimento com um lenço, parou, e observou. As três gotículas de sangue ressurgiram.

Dorrigo se curvou e apoiou a mão na outra panturrilha dela para se firmar. Podia sentir o cheiro do mar. Levantou os olhos para ela. Ela o estava fitando com um olhar que ele não conseguiu interpretar. Seu rosto estava muito próximo da coxa dela agora. Ele ouviu o guincho de uma gaivota e tornou a concentrar a atenção na perna de Amy.

Ele colou seu lábio na gotícula de sangue mais baixa.

A mão de Amy desceu e pousou atrás de sua cabeça.

O que está fazendo?, ela perguntou com voz áspera, direta.

Mas seus dedos estavam enfiados nos cabelos de Dorrigo em estranha e arrepiante contradição. Ele avaliou a tensão na voz de Amy, a leveza do toque de seus dedos, o cheiro avassalador de seu corpo. Muito lentamente, com a ponta de seus lábios apenas tocando a pele dela, Dorrigo retirou a gotícula de sangue com um beijo, deixando uma mancha carmim na coxa.

A mão dela continuava pousada na cabeça de Dorrigo, os dedos nos cabelos dele. Ele se virou um pouco mais para ela e, erguendo a mão, acomodou-a suavemente na parte interna da coxa de Amy.

Dorrigo?

Outras gotículas continuavam a brotar, e a primeira voltou a sair. Enquanto esperava que ela objetasse, sacudisse a perna, o empurrasse, chutasse até, ele não ousou olhar para cima. Olhava aquelas esferas perfeitas de sangue, três camélias de desejo continuavam a brotar. O corpo dela era um poema impossível de memorizar. Ele beijou a segunda gotícula de sangue.

Os dedos dela ficaram tensos em seu cabelo. A terceira gotícula de sangue ele absorveu com a língua, um pouco acima apenas da linha de sombra da saia de Amy, onde a coxa começava a engrossar. As pontas dos dedos de Amy afundaram em sua cabeça. Ele tornou a beijar a perna, dessa vez sentindo seu gosto de sal, fechou os olhos e deixou os lábios repousarem na coxa dela, sentindo-lhe o cheiro, o calor.

Lentamente, com relutância, ele soltou a perna e se levantou.

18.

No quarto de hora seguinte, imersos num silêncio embaraçoso, eles andaram por uma trilha coberta de mato até a praia. O dia estava esquentando, eles estavam suando e ambos ficaram gratos pelo

alívio daquela praia vazia e daquele oceano, seu ruído, seu propósito, sua solidão. Após se trocarem a uma distância decorosa um do outro nas dunas, eles correram juntos para o mar.

Amy sentiu a água regenerá-la nalguma coisa íntegra e forte. Coisas que no dia anterior pareciam estar entranhadas em sua pessoa se dissolveram em trivialidades e foram completamente lavadas: o cardápio das refeições da semana seguinte; a dificuldade de encontrar novos cobertores de lã para os quartos do hotel; o odor do barman principal; o nauseante ruído de sugar que Keith fazia quando acendia seu cachimbo da noite.

Atrás da linha de arrebentação, eles se viraram com o rosto molhado e os olhos cintilando. Somente suas cabeças irrompiam da extensão infinita do oceano. Eles caminhavam dentro da água, fitando-se mutuamente. Ela o sentiu emergir de baixo e roçar seu corpo a caminho da superfície. Como uma foca, como um homem.

Depois, eles descansaram na fenda de uma duna, onde o rugido das ondas se quebrando era abafado e o vento, contido. À medida que seus corpos secavam, o calor retornava com uma força assustadora. Amy se estendeu na areia e Dorrigo a imitou. Ela deixou as costas absorverem o calor e repousou, deixando o rosto na sombra escura projetada por sua cabeça. Depois de algum tempo, ela se arrastou e aninhou a cabeça na barriga de Dorrigo. Ele acendeu outro cigarro.

Dorrigo estendeu o braço para o céu estriado de branco e pensou que jamais tinha visto algo tão perfeito. Fechou um olho e com o outro observou seu dedo tocar a beleza de uma nuvem.

Por que não nos lembramos de nuvens?, ele perguntou.

Por que elas não significam nada.

E, no entanto, elas são tudo, pensou Dorrigo, mas essa ideia era demasiado vasta ou absurda para se defender ou até considerar, e ele a deixou deslizar para longe junto com a nuvem.

O tempo escoava devagar ou rapidamente. Era difícil dizer. Eles se aproximaram.

Dorry?

Dorrigo murmurou.

Sabe que é, quando estou sozinha com Keith não consigo suportá-lo e me odeio, ela disse. Por que será?

Dorrigo Evans não soube o que responder. Ele atirou o cigarro numa duna com um piparote.

Porque eu quero estar com você, ela disse.

O tempo havia passado e estava tudo parado.

É por isso, ela disse.

Tudo que os mantivera apartados, tudo que havia contido seus corpos antes, agora se fora. Se a terra girava, ela titubeou, se o vento soprava, ele aguardou. Mãos encontraram carne; carne, carne. Ele sentiu o peso improvável da pestana de Amy na sua; beijou a trincheira leve, rosada, que restara do elástico de sua calcinha, contornando seu ventre como a linha do equador contorna o mundo. Enquanto eles se perdiam na mútua circum-navegação, guinchos agudos que terminavam num uivo mais profundo chegaram perto deles.

Dorrigo ergueu os olhos. Um grande cachorro estava parado no topo da duna. Na boca, de onde escorria uma baba manchada de sangue, ele segurava um pinguim azul, que se contorcia. Dorrigo teve a estranha sensação de que, de repente, Amy estava muito, muito distante, e que ele estava pairando sobre seu corpo nu. Seus sentimentos se transformaram abruptamente. Amy, cujo corpo um pouco antes o deixara quase inebriado com seu aroma, seu toque e sua extensão, sua doce geada de sal; Amy, que um momento antes lhe parecera ter se tornado outro aspecto dele mesmo, agora estava distante e afastada dele. A compreensão que sentiam um do outro havia sido maior que a de Deus. E alguns instantes depois ela desaparecera.

O cachorro inclinou a cabeça para o lado; o corpo agora flácido do pinguim baqueou, e o cachorro se virou e desapareceu. Mas o uivo do pinguim — lúgubre e longo, com seu fim abrupto — permaneceu em sua mente.

Olhe para mim, ele ouviu Amy sussurrar. Só para mim.

Quando ele olhou para baixo, os olhos de Amy haviam mudado. Suas pupilas pareciam dilatadas, perdidas... e perdidas, ele percebeu, nele. Dorrigo sentiu a gravidade terrível do desejo de Amy por ele, puxando-o de novo para ela, para uma história que não era a sua, e agora que tivera tudo com que sonhara nos últimos dias, ele queria escapar o mais rapidamente possível. Temia perder-se, perder sua liberdade, seu futuro. O que um momento antes o excitara com tanta intensidade agora parecia sem encanto e vulgar, e ele desejava fugir. Mas, em vez disso, fechou os olhos, e enquanto a penetrava, um gemido escapou dos lábios de Amy numa voz que ele não reconheceu.

Uma intensidade selvagem, quase violenta, se apoderou de seu coito e transformou a estranheza de seus corpos em uma coisa única. Ele esqueceu aqueles guinchos breves, agudos, aquele horror de solidão incessante, seu pavor de um futuro inominável. O corpo dela se transformou mais uma vez para ele. Não era mais desejo ou repulsa, mas outro elemento dele, sem o qual ele ficava incompleto. Dentro dela, ele sentia o mais poderoso e necessário retorno. E sem ela, sua vida nem lhe parecia mais vida.

Mesmo naquele momento, porém, sua memória estava corroendo a verdade deles. Posteriormente, ele só se lembrou de seus corpos subindo e descendo com a arrebatada das ondas, roçados pelas brisas marítimas que ondulavam os cumes das dunas de areia e varriam a cinza que consumia seu cigarro abandonado.

Um ar mortiço cochilava nos corredores do King of Cornwall. Havia uma fadiga na luz baça. A cozinha do hotel cheirava a gás, embora nenhum vazamento houvesse sido descoberto. Dos andares superiores e das escadas elegantes, com suas passadeiras de carpete empoeiradas, emanavam e eram sentidos odores que Amy reconhecia como decepção, partículas de poeira e secura misturados com a gordura remanescente de refeições ruins e encontros furtivos de caixeiros-viajantes com mulheres entediadas, ou desesperadas, ou ambas. Serei uma dessas mulheres? Amy se perguntou enquanto subia para o último andar. Serei uma também?

Mas uma vez dentro do quarto de canto que eles agora consideravam como seu — onde as portas francesas, com suas dobradiças corroídas e fechadura enferrujada, se abriam rangendo para o oceano e para a luz incessante do outro lado da rua, onde o quarto rescendia a mar e o ar parecia dançar, ali, onde todas as coisas pareciam possíveis —, ela sabia que não era. Havia arranjado um pouco de gelo e duas garrafas de cerveja para ele, mas, apesar do calor feroz, elas não tinham sido abertas quando Amy chegou.

Dorrigo Evans apontou para o relógio de baquelita verde sobre o consolo da lareira. Embora o ponteiro dos minutos houvesse desaparecido do mostrador, o ponteiro das horas mostrava que ele estivera esperando ali três horas além do tempo que ela dissera que viria.

Tive de esperar até a equipe diurna sair, ela disse. Até ser seguro vir aqui sem ser notada.

Quem sobrou?

Duas atendentes do bar, o barman principal, o cozinheiro, Milly, a garçonete. Nenhum deles nunca vem até aqui em cima.

Parece que não há ninguém hospedado aqui.

Não esta noite. Fiz todas as reservas serem alojadas nos dois andares abaixo, de modo que só estamos nós dois aqui.

Eles saíram para a varanda dos fundos, sentaram-se nos móveis de ferro enferrujados e dividiram uma garrafa de cerveja.

Segundo Keith, você é uma ótima apostadora, disse Dorrigo.

Ora, disse Amy. Olhe aqueles pássaros. E ela apontou para o local de onde as aves marinhas despencavam subitamente como mortas no oceano. Ela foi até a balaustrada de ferro forjado; toda sua tinta havia descascado fazia tempo, restando somente um pó ocre. Ela correu a mão sobre esse óxido áspero, vermelho como rocha antiga.

Keith achava que você teria a melhor barbada, disse Dorrigo.

As aves voltavam com pescadas nos bicos. Amy esfregou a ferrugem arenosa entre as pontas dos dedos. Ela se virou para olhar a longa praia que se estendia por algumas milhas até alcançar um antigo promontório erodido, despido de tudo, exceto o mato mais resistente. Sua mente parecia concentrada em coisas distantes. Ele tentou pegar-lhe a mão, mas ela a retirou.

Keith disse isso?

Ele disse que você sempre sabe a pista, o terreno, as cotações e a melhor aposta.

Bobagem, ela disse, e voltou aos próprios pensamentos. Da rua abaixo, o barulho de um cachorro latindo a assustou.

Ela desviou o olhar, inquieta.

É ele, ela disse, e Dorrigo pôde ouvir o pânico crescendo em sua voz. Ele voltou um dia antes. Preciso ir, ele...

É um cachorrão, disse Dorrigo. Escute. Um cachorrão. Não um vira-lata como Miss Beatrice.

Ela silenciou. Os latidos silenciaram, uma voz masculina — não a de Keith — pôde ser ouvida falando com o cachorro, e depois se afastou. Após alguns instantes, ela falou.

Odeio aquele cachorro. Quer dizer, gosto de cachorros. Mas ele o deixa ficar na mesa depois que come, com sua língua estirada para fora como uma cobra horrível.

Dorrigo riu.

E babando, arfando, disse Amy. Um cachorro à mesa? Pode imaginar?

Toda refeição?

Posso dizer uma coisa? Só para você?

Claro.

Não tem a ver com Miss Beatrice... e você não pode contar para ninguém.

Claro.

Promete?

Claro.

Promete!

Eu prometo.

Ela voltou para o abrigo sombreado da varanda e se sentou. Sorveu um golinho de cerveja, depois um longo trago, pousou o copo, olhou para ele e de novo para o copo perolado.

Eu fiquei grávida.

Ela estava olhando para os dedos, esfregando agora o pó de ferrugem umedecido entre suas pontas.

De Keith.

Você é a sua esposa.

Isso foi antes. Antes de nós estarmos casados.

Ela fez uma pausa e girou a cabeça como se procurasse alguma outra pessoa que estivesse naquela varanda longa e sombreada. Por fim, satisfeita por não haver mais ninguém, virou-se para ele.

Foi por isso que nos casamos. Ele não achou... isso soa tão terrível... ele não achou que era certo ter um bebê fora do casamento. Entende?

Não exatamente. Você podia se casar. Você se casou.

Ele é um bom sujeito. É mesmo. Mas quando eu fiquei grávida, ele não queria casar. E eu quis. Para proteger o bebê. Eu não...

Ela fez uma nova pausa.



O amava. Não. Não amava. Além disso.

Além do quê?

Você não vai me achar uma mulher má?

Por quê?

Perversa? Não sou perversa.

Por quê? Por que eu pensaria tal coisa?

Porque eu disse que ia a Melbourne para assistir à Copa. Disse às pessoas que eu sempre ia. Bem, eu era nova aqui, o que elas sabiam? Mas...

Mas você não foi.

Não. Não é isso. Eu fui. Mas também...

Seus dedos agora estavam se movendo rapidamente, tentando eliminar a ferrugem. De repente, ela os limpou no lado do vestido, deixando uma mancha vermelha.

Eu também fui ver um homem, um médico, que Keith havia arranjado, em Melbourne. Keith disse que era a melhor maneira de lidar com o assunto. Era novembro. Bem. Ele resolveu.

Fez-se um silêncio que nem toda a arrebentação das ondas conseguiu preencher.

Nunca tive o menor interesse por cavalos, disse Amy.

Mas você escolheu Old Rowley para vencer a Copa. Cem por um. Deve entender um pouco.

Eu o escolhi porque ele *pagava* cem por um. O escolhi para perder. Meio que esperava que ele empacasse no portão de largada. Eu o escolhi porque odeio a maldita Copa. Odeio tudo que tem a ver com ela.

Ela se levantou de novo.

Não quero falar disso aqui.

Eles voltaram para dentro e se deitaram na cama. Amy pousou a cabeça sobre o peito de Dorrigo, mas estava quente demais e, depois de um tempo, afastou-se, e eles ficaram deitados lado a lado apenas com as pontas de seus dedos se tocando.

Ele se sentou ali... Keith, eu quero dizer. Keith se sentou ali com Miss Beatrice no colo e disse que tinha arranjado um homem em Melbourne para cuidar de mim. Um homem. O que isso significa? Um homem?

Por um instante essa pergunta pareceu absorvê-la, depois ela recomeçou a falar.

E dava tapinhas no seu cachorro. Nunca odiei nada como esse cachorro. Ele não me tocava, mas ali estava ele, dando tapinhas e acariciando o cachorro.

E o que aconteceu?

Nada. Fui ver um homem em Melbourne. Ele ficou só afagando e paparicando seu maldito cachorro.

20.

Os ruídos ocasionais da rua e da praia bem abaixo eram alçados e rodopiados pelas lâminas do ventilador de teto, enquanto se desfiava o tempo lentamente. Ele notou que estava ouvindo a respiração dela, as ondas, o relógio no consolo. Em certo momento, notou que a cabeça de Amy estava de novo apoiada em seu peito e que ela havia adormecido; em outro, que ele também havia adormecido com ela. A brisa marítima do entardecer cresceu estufando para dentro a cortina, e com ela o calor esmoreceu e vieram os sopros da luz esfumaçada do crepúsculo.

Quando ele se espreguiçou, percebeu que era noite, a luz estava acesa e Amy, acordada, olhando para ele.

Mas depois disso?, ele murmurou.

Depois do quê?

Depois do homem em Melbourne?

Ah. Sim, ela disse, e parou e olhou para o teto ou, talvez, para além dele. Era um olhar de perplexidade e resignação, como se ela esperasse que o mundo sempre retornasse a esse lugar misterioso

no teto ou nas estrelas além dele. Sim, ela disse várias vezes, ainda olhando para cima. Por fim, tornou a olhar para ele.

Tive de fingir que fui a Melbourne para a corrida. Estudei muito sobre cavalos e apostas, essas coisas. Talvez até tenha me interessado um pouco. Era alguma coisa em que pensar, imagino. E depois, não liguei. Era como os cavalos. Eu apenas fingia. Não sei. De qualquer modo, é por isso que saracoteio um pouco de vez em quando.

E Keith?

Quando voltei ele foi gentil. Muito gentil. Imagino que se sentia culpado. E eu estava muito contrariada. E ele quis se casar comigo apesar de não haver mais nenhum bebê... talvez para compensar. Talvez estivesse mais envergonhado do que eu. Não sei.

E você se apaixonou?

Foi isso. Tudo era neve. Em minha cabeça. Já teve essa sensação? Você tem um mundo e aí todos seus pensamentos viram neve. Keith era tão gentil, e eu era neve. Talvez estivesse envergonhada. Talvez achasse simplesmente que estava suja. Eu achava mesmo que estava suja. Sei que não queria ser uma solteirona. Talvez achasse que nós poderíamos fazer direito. Engravidar de novo. E dessa vez fazer direito. Mas estava tudo errado. Eu o odiei pela sua bondade. Eu o odiei até ele me odiar também. Ele disse que eu o tinha enganado para se casar. E de algum modo isso parecia possível. Ele disse que eu o enganei, que fiz coisas horríveis e que a gravidez veio daí. Talvez ele não pense assim hoje. Mas às vezes algumas coisas são ditas e elas não são meras palavras. São tudo que uma pessoa pensa da outra numa frase. Apenas uma frase. Você me enganou, ele disse, e daí veio o casamento. Há palavras e palavras e nenhuma significa coisa alguma. E aí uma frase significa tudo.

Amy estava deitada de lado, olhando para o mar. Deitado de costas, ele sentiu ciúme do travesseiro de Amy. Eles ficaram deitados

em silêncio por um longo tempo. Com um dedo ele ajeitou os cabelos que caíam sobre a face dela atrás da orelha. A concha da orelha dela sempre o comovia. Ele sentiu uma vertigem terrível, como se estivesse sendo impelido para um gigantesco turbilhão que não tinha fim. O relógio de baquelita verde estava reduzido à fosforescência de seu ponteiro e seus números, um círculo flutuante fantasmagórico que agora parecia pairar acima deles enquanto tiquetaqueava sem parar. Ela se aninhou nele, e ele podia sentir-lhe a respiração roçando seu peito. Viu os olhos dela abertos, olhando intensamente através de seu corpo como se fitassem alguma coisa muito distante, e depois se fecharem.

Bem mais tarde, ele acordou com o som da voz de Amy.

Ouviu isso?, ela perguntou.

Pela janela aberta ele podia ouvir ondas, alguns homens saindo do bar quatro andares abaixo, falando de futebol. Passos, um carro qualquer na rua larga modorrenta e em grande parte vazia, uma mulher falando com uma criança, pessoas reunidas podendo socializar.

As ondas, ela disse. As ondas, o relógio.

Ele prestou atenção. Depois de alguns instantes seu ouvido sintonizou, a rua abaixo silenciou e ele pôde ouvir a lenta ascensão e o estrondo das ondas na praia, o tiquetaquear aveludado do relógio.

Tempo do mar, ela disse enquanto outra onda se quebrava. Tempo do homem, ela disse enquanto o relógio tiquetaqueava. Nós funcionamos no tempo do mar, ela disse, e soltou uma risada. É o que eu acho.

Se ele é tão horrível, por que você fica?

Ele não é horrível, esse é o problema. Talvez eu até o ame da minha maneira. Não somos nós.

Mas amor é amor.

É? Eu às vezes acho que ele é uma maldição. Ou um castigo. E quando estou com ele, me sinto solitária. Quando estou sentada na

frente dele, estou solitária. Quando acordo no meio da noite deitada ao seu lado, me sinto muito solitária. E não quero ser. Ele me ama e eu não posso dizer... Seria demasiado cruel. Ele tem piedade de mim, eu acho, mas isso não basta. Talvez eu tenha piedade dele. Você compreende?

Ele não compreendia e não poderia compreender. Tampouco compreendia por que desejando-a tanto, e cada vez mais a desejava, mais se permitia ficar preso a Ella. Não podia compreender como a relação dela com Keith era amor se só a fazia se sentir solitária e miserável, e, no entanto, seus laços eram de, algum modo, mais fortes do que o amor para fazê-la feliz. E enquanto ela continuava a falar, era como se tudo que lhes estava acontecendo jamais pudesse ser decidido por eles, eles viviam em um mundo de muitas pessoas e muitos laços, e nada disso lhes permitiria ficarem juntos.

Não somos apenas dois, ele disse.

É claro que somos dois, ou não somos nada, disse Amy. O que você quer dizer com não somos dois?

Mas ele não sabia o que queria dizer. Naquele momento ele sentia que existia nos pensamentos, sentimentos e palavras de outras pessoas. Não fazia a menor ideia de quem ele era. Não tinha palavras ou ideias para o que eles eram, ou o que seria deles. Parecia-lhe que o mundo simplesmente permitia algumas coisas e punia outras, que não havia nem razão, tampouco explicação, nem justiça, tampouco esperança. Havia simplesmente o agora, e era melhor aceitá-lo.

Mas ela continuava falando, tentando decifrar um mundo indecifrável; ela ainda lhe perguntou quais eram suas intenções, suas ideias, seus desejos; ele sentiu que Amy estava tentando levá-lo a alguma expressão de compromisso que ela pudesse então rejeitar completamente como impossível. Era como se quisesse que

ele nomeasse a coisa que havia entre eles, mas, se o fizesse, mataria essa mesmíssima coisa.

Na penumbra ele ouviu sua promessa...

Um dia vou embora. Um dia vou embora e ele jamais me encontrará.

Era difícil acreditar nela. Ele não disse nada. Ela ficou em silêncio. Ele sentiu que precisava dizer alguma coisa.

Por que você está me contando?

Porque eu não amo Keith. Não está vendo?

E essas palavras pareceram aos dois uma nova e perturbadora revelação. Por alguns instantes os dois ficaram em silêncio. Para além do círculo verde de tempo que aguardava a sua frente, eles estavam numa completa escuridão em que seus corpos se dissolviam. Eles não encontraram um ao outro no escuro, mas pedaços que se tornavam um todo diferente. Ele sentiu que podia se despedaçar em milhares de fragmentos não fosse pelo corpo e pelos braços dela que o continham.

Escute, ela disse. Somos tempo de mar.

Mas o mar havia acalmado e o único som era o daquele relógio de baquelita com um ponteiro. Ele sabia que não era verdade; que quando beijou a concha de sua orelha ela estava dormindo, e que a única coisa verdadeira no universo naquele momento era eles juntos naquela cama. Mas ele não estava em paz.

21.

O ar da manhã já parecia um forno antes de o sol ter realmente surgido. Ela ajudou Dorrigo a arrumar a cama para sua desgraça não ficar visível à arrumadeira. Ela o observou se lavar: suas mãos uma tigela molhada, seu rosto radiante saindo delas como um pudim fumegante. Eram os braços que mais chamavam sua atenção, morenos, a maneira como ele pegava e segurava as coisas, o jarro

de água fria, o pincel de barba, o aparelho de barbear. Com um poder suave, não força bruta. Sua rigidez. A diferença dele.

Ele estava se inclinando e enfiando a cabeça na bacia de água agora, um braço estendido de cada lado como as pernas tortas de um cordeiro. Mas não se parecia em nada com um cordeiro — mais com um lobo, ela pensou, mantendo-se ali firme, plantado, um lobo preto, os lindos pelos pretos de suas axilas manchados de sabão. O peito. Os ombros quando ele levantava um braço como que parando alguma coisa — carros, trens, o coração dela — e depois o deixava cair como se não fosse nada.

Ela queria enterrar o rosto naquelas axilas na mesma hora e prová-las, mordê-las, se aconchegar nelas. Queria dizer nada e apenas esfregar o rosto por todo ele. Queria não estar usando aquele vestido estampado — verde, uma cor tão ruim, um vestido tão barato, tão desagradável, e os seios ela queria empinados e expostos, não perdidos e cobertos. Ela o observava, seus músculos pequenos animais ocultos correndo por suas costas, ela o observava se mover, queria beijar aquelas costas, aqueles braços, os ombros, ela o observou levantar os olhos e vê-la.

Os olhos, os olhos negros. Olhando sem ver.

Ela disse alguma coisa para fugir daquele olhar, mas ficou. O que ele estava pensando ela nunca soube. Uma vez havia perguntado; ele disse que não tinha a menor ideia. Posteriormente, ela pensou que ele estava assustado. Ele era bonito. Ela não gostava disso nele. Muito senhor de si, ela sentia, muito informado — outra coisa sobre a qual ela mais tarde percebeu que estava errada. O informado e o desinformado.

Ele. Preciso.

Quando Dorrigo percebeu que ela ainda o fitava, desviou o olhar, o rosto ruborizado.

Ela almejava saber tudo sobre ele, contar-lhe tudo sobre ela. Mas quem era ela? Viera de Sydney para visitar um amigo que tinha

parentes em Adelaide e terminara ficando, arranjando um trabalho atrás do bar do King of Cornwall. Ali ela conheceu Keith Mulvaney. Ele era um homem aborrecido, mas gentil à sua maneira, coisas tinham acontecido, e quem era ela? A filha de um pintor de placas de Balmain que havia morrido quando ela tinha treze anos, um de sete filhos que ganhava a vida como podia. Ela jamais conhecera alguém como Dorrigo.

O chão é mais interessante do que eu?, ela perguntou.

Por que raios dissera isso? Ela era uma mulher má, era uma desgraçada; sabia disso, e às vezes não se importava que o mundo soubesse; ela não lamentaria se estivesse agora no seu leito de morte. Não lamentava nada. Amy entregou a camisa para ele.

Não, ele disse.

E sorriu. Seu sorriso, seu bíceps se movimentando como uma bola para a frente e para trás sob sua pele quando ele pegou a toalha dela e enterrou nela o seu sorriso. Movendo e não movendo.

Mas ela achava que ele parecia inseguro. Todos os homens eram mentirosos e ele seguramente não era diferente — apenas uma língua e mais histórias além do canil municipal. Ela conhecia o pedaço, o percorrera em cada direção. Ansiava para ter seu adorável pau na sua boca agora, na frente de todo mundo lá embaixo, na sala de jantar, isso poria um pouco de creme em seus cafés.

De repente, ela desejou que ele simplesmente desaparecesse. Queria repeli-lo e o teria feito, mas ficou aterrorizada pelo que poderia haver ser ela o tocasse.

Dorry?

O perguntar e o querer.

Não poderia ser e era, e ela se perguntou se isso algum dia acabaria, esse sentimento, esse saber, esse *nós*.

Dorry?

Sim.

Dorry, *será que* isso?



Que isso o quê?

Te assustaria, disse Amy. Se eu disser que te amo?

Dorrigo não respondeu e se afastou, enquanto Amy vasculhava a colcha azul procurando fios soltos de algodão, arrancando todos.

Ah, ela era uma mulher má e havia mentido para si mesma e para Keith, mas não lamentava nada se tudo aquilo tivesse levado a isso. Ela não queria amor. Ela *os* queria.

Embora ainda fosse de manhã, eles deitaram juntos na cama arrumada havia pouco. O braço dele estava estendido sobre os seios dela e sua mão formava um ninho sob o queixo de Amy. Ele esfregou o nariz para cima e para baixo no pescoço dela. Ela se esquivou. Os lábios dele, abertos; o pescoço dela, subindo.

Não, ele disse.

Enquanto ele dormia, ela se levantou, cambaleou, recuperou o equilíbrio, se espreguiçou e foi para a sombra da varanda. Na praia, a certa distância, algumas crianças soltavam gritinhos nas ondas. O calor era como uma força maternal, exigindo que ela se sentasse. Amy ficou ali sentada um longo tempo, ouvindo as ondas se quebrarem com estrondo. Quando sentiu que a sombra estava encurtando sobre suas pernas estendidas, ela desceu enfim os três andares para os aposentos onde vivia com o marido.

Ela recendia a Dorrigo por toda parte, mesmo depois de tomar banho. Ele havia perfumado seu mundo. Ela deitou-se em sua cama marital e dormiu até bem depois do anoitecer, e quando despertou tudo que pôde sentir era o cheiro dele.

22.

Metade de dias, dias inteiros, noites livres, todo tempo que Dorrigo Evans conseguia arranjar de licença ele agora passava com Amy. Ele tinha uma mobilidade recém-descoberta na forma de um furgãozinho de padaria Austin. Um colega oficial o havia ganhado num jogo de baralho e, já tendo seu próprio carro, emprestava-o de

bom grado a Dorrigo sempre que ele a queria. Keith gostava das visitas de Dorrigo e se declarou contente de ter seu sobrinho fazendo companhia a Amy quando ele estava fora em seus vários compromissos, que, à medida que o verão avançava, pareciam ser cada vez mais frequentes.

A vida de Dorrigo no King of Cornwall, que era medida em horas e que poderia ser somada em não mais que algumas semanas, parecia ser a única vida que ele jamais vivera. Amy usava expressões como *Quando voltarmos a nossas vidas reais, quando o sonho acabar*, mas somente aquela vida, aqueles momentos com ela, pareciam-lhe reais. Tudo o mais era uma ilusão sobre a qual ele passava como uma sombra, desconectado, desinteressado, zangando-se apenas quando aquela outra vida, aquele outro mundo, desejava requisitá-lo, demandando que ele agisse ou pensasse em algo, em qualquer outra coisa exceto Amy.

Sua vida militar, que antes o consumia, agora mal conseguia interessá-lo, e menos ainda empolgá-lo. Quando examinava pacientes, eles eram meras janelas através das quais ele via Amy, e somente ela. Cada corte, incisão, cada procedimento e sutura que fazia parecia malfeito, estranho, inútil. Mesmo quando estava longe dela, ele podia vê-la, sentir o cheiro almiscarado do seu colo, fitar seus olhos brilhantes, ouvir seu riso rouco, correr o dedo por sua coxa ligeiramente pesada, observar a falha no seu cabelo; os braços dela sempre tão levemente dotados de alguma misteriosa fatura feminina, nem rijos nem flácidos, mas para ele maravilhosos. As imperfeições dela se multiplicavam cada vez que ele a fitava, excitando-o cada vez mais; ele se sentia como um explorador numa terra inexplorada onde todas as coisas estavam às avessas e, por isso, ainda mais maravilhosas.

Faltavam a Amy as diversas conformidades que tornavam Ella tão admirada e provocavam comparações com várias estrelas de Hollywood; Amy era muito mais real para isso. Quando estava longe

dela, Dorrigo tentava lembrar mais de suas perfeitas imperfeições, como elas o excitavam e o encantavam, e quanto mais pensava nelas, mais reais elas se tornavam. Aquela pinta acima do lábio, o cativante sorriso dentuço, a leve deselegância do seu andar — um balanço pensado que era quase um rebolado, como se ela estivesse tentando controlar o incontrolável, fingir-se de recatada sem expor também algo de feminino e animal. Ela estava sempre puxando inadvertidamente o decote de sua blusa para cima, como se temesse que seus seios pudessem escapar a qualquer momento se não o fizesse.

Ele se lembraria de que, quanto mais ela tentava evitar ou ocultar sua natureza, mais esta se rebelava nos olhares que provocava. Ela era um paradoxo ambulante, ao mesmo tempo constrangida e excitada por aquilo que exsudava. Quando ria, ela cacarejava, quando se movia, ela ondulava, e para ele sempre havia ao redor dela o cheio de almíscar e a respiração errática da brisa marinha soprando através da varanda do hotel e fazendo estalar suavemente as portas francesas abertas. Na cama, ela às vezes corria a mão sobre partes de seu corpo e fitava suas coxas e quadris com estranha perplexidade: seu corpo era um mistério insondável tanto para ela quanto para ele. Ela se descrevia em termos de uma construção defeituosa — a forma de suas pernas, a largura de sua cintura, a forma de seus olhos.

No começo, ele se recusou a acreditar no sentimento que ela nutria por ele. Mais tarde, ele o depreciou como luxúria e, finalmente, quando não pôde mais negá-lo, ficou intrigado com sua animalidade, seu poder e sua ferocidade quase inacreditáveis. E se essa força vital às vezes parecia demasiado grande e demasiado inexplicável para um homem com baixa autoestima como Dorrigo Evans, era também, ele veio a reconhecer, inexorável, inescapável e avassaladora, e ele se rendeu a ela.

O desejo agora os dominava incansavelmente. Eles se tornaram imprudentes, usando cada oportunidade para fazer amor, aproveitando sombras e minutos que poderiam terminar abruptamente em descoberta, desafiando o mundo a vê-los e conhecê-los *como* eles, em parte dispostos a isso, em parte desejando isso, em parte se evadindo disso e em parte se escondendo, mas sempre se excitando com isso. O oceano subindo e arrebatando as grossas paredes de arenito azul do King of Cornwall; seus esforços no interior, lentamente se fundindo em um, seus corpos gotejando e grudando no suor escorrido. Eles faziam amor em praias, no mar, e menos facilmente no Cabriolet, na rua atrás do King of Cornwall, sobre um barril de Coopers Red no esconderijo fresco do porão, e uma vez na própria cozinha tarde da noite. Ele não conseguia resistir ao arrasto da ressaca de Amy.

Após o coito ele era assombrado pela face dela, inexpressiva, tão próxima, tão distante; olhando para ele e através dele, para além dele. Nessas ocasiões, ela parecia perdida em algum transe. As sobrancelhas tão definidas, tão fortes; o azul ardente de seus olhos, prata sob a luz da noite, aparentemente não focados nele, mas fitando-o diretamente; seus lábios entreabertos, sem sorrir, apenas o mais suave dos arquejos para o qual ele se curvava e virava o rosto para sentir a mais leve brisa em sua pele, para assim poder saber que aquilo não era uma visão, mas ela, ela na cama com ele. E Dorrigo não sentia alegria, ou orgulho, mas espanto. No quarto de hotel escurecido ele achava que jamais vira algo tão belo.

Certa vez, quando Keith saíra cedo da cidade para uma reunião, ela veio ao quarto dele de manhã. Eles conversaram, e quando ela se preparava para sair, se abraçaram, se beijaram e caíram na cama. Com as pernas dela se projetando para fora da cama e ele meio de pé e meio curvado, Dorrigo a penetrou. E quando olhou para o rosto de Amy, ela parecia não estar ali ou mesmo consciente dele.

Os olhos dela foram ficando cada vez mais brilhantes, mas estavam estranhamente desfocados. Seus lábios estavam separados apenas o suficiente para seus arquejos acelerados escaparem, uma cascata curta e repetida de suspiros em parte em resposta a ele e em parte a algum êxtase que era apenas dela. Ele se assustou pelo tanto que o rosto dela parecia perdido. Como se o que ela realmente buscasse dele fosse essa obliteração, um esquecimento, e a paixão dos dois servindo apenas para causar o apagamento de Amy do mundo. Como se ele fosse apenas um veículo para ir a outro lugar, tão distante, tão desconhecido para ele que um ressentimento surdo cresceu momentaneamente nele. E quando Amy começou a agarrá-lo e puxá-lo violentamente para dentro dela, ele compreendeu que seu próprio corpo, de alguma forma, estava fazendo a mesma viagem. Será que ela pensava que tudo isso era ele?, Dorrigo se perguntava. Não era. Era um mistério para ele também.

E assim prosseguiram as coisas naquele verão interminável, que acabou como a colisão de um carro furtado por diversão na noite de domingo em que Keith contou a Amy que ele sabia, e que sempre soubera.

23.

Keith Mulvaney começou pelo começo, e ficou claro que nada havia lhe escapado. Ele dirigia ainda mais devagar do que normalmente fazia, pois com as leis de blecaute não havia um poste de iluminação aceso, uma luz de casa visível, e todos os faróis de carros estavam cobertos por quebra-luzes com ranhuras.

Eu sei, ele disse. Sempre soube.

O assoalho do carro estremeceu embaixo dos pés de Amy. Ela tentou alhear-se de si mesma em suas vibrações, mas as vibrações pareciam simplesmente lhe dizer Dorry... Dorry... Dorry. Ela não ousava olhar para o marido, preferindo olhar fixamente para a noite a sua frente.

Desde o começo, ele disse. Quando ele veio ao bar perguntando por mim.

Milhas pareciam escoar entre sentenças. O carro parecia perdido numa escuridão interminável, sacolejante. Ela se esforçava para tirá-lo da cabeça, mas tudo que conseguia sentir era a tristeza que emanava de Keith, uma tristeza que parecia esvaziar o mundo. Apesar das vibrações e dos sacolejos do carro, tudo ao redor dela parecia apenas silêncio, solidão e a mais terrível calma. Ela só o vira assim quando a amada irmã dele havia morrido de tuberculose no verão anterior.

Talvez isso também fosse uma forma de tristeza, ela pensou. A total ausência de alegria, assombro, riso, energia, luz, futuro. Esperanças e sonhos são as cinzas frias de um fogo morto. Não há conversa nem disputa. Pois, na verdade, o que há para ser dito? É a morte. A morte do amor, pensou Amy. Ele estava ali sentado, curvado para a frente, tantos gravetos partidos de desespero se projetando de um saco de roupas desconstruídas: calça frouxa marrom, camisa de sarja verde, uma gravata de lã encardida.

Achei que era descarado, disse Keith.

Amy Mulvaney objetou o melhor que pôde sem dizer a verdade, que a verdade era que não estava havendo nada entre eles. Ela disse que eles eram estranhos naquela época, exceto por um encontro casual onde nada acontecera — na livraria, que, como ela lembrou Keith, ela havia lhe contado o que de algum modo fizera.

*Nada?*, disse Keith Mulvaney. Ele estava até sorrindo, um sorriso que a horrorizou e envergonhou em igual medida. *Você não sentiu um nó no estômago?*, ele continuou. *Você não se sentiu de certo modo excitada ou nervosa falando com ele?*

Sem querer mentir, ela não disse nada, sabendo que o silêncio era uma irrefutável admissão, mas que palavras seriam piores.

Está vendo, eu te conheço, Amy. E sei que você estava.

Como ele poderia saber?, ela se perguntou. Como ele poderia ter sabido, quando eles não? E, no entanto, ele soube.

Se Keith fosse um homem diferente, Amy poderia ter achado que ele estava blefando. Mas Keith Mulvaney era ingênuo. Ele tinha uma relação infeliz com a verdade que ela se permitira perder desde que conhecesse Dorrigo. Ela nunca dizia a primeira coisa que lhe ocorria, mas a terceira ou quarta, e só depois de ser inspecionada e testada contra erros e falhas. Mas quando Keith falava, ele dizia exatamente o que lhe passava pela cabeça. Ele soubera, sempre soubera, e havia carregado esse conhecimento terrível, como fazia com todo o resto, em silêncio, com paciência e resignação, até aquela noite em que, voltando da casa dos Robertsons, alguma coisa se abriu na escuridão a sua frente, tornando-lhe impossível suportar mais aquilo.

Seu casamento permanecera confortável durante o verão — talvez, quando Amy pensava nisso, o conforto tivesse até aumentado. Era como os móveis de crina eduardianos que ele se recusara a trocar, apesar dos pedidos dela depois do casamento: arriados, confortáveis se a pessoa se aninhasse nos locais macios e evitasse os duros. Ele era generoso e era bom. Mas não era Dorrigo. E ela estava achando cada vez mais difícil se enganar de que isso era amor. Sentia seu casamento atrofiar. Ela voltou a sua presença, a sua cama, com sua colcha gasta de veludo cotelê amarelo, que ela dobrava em cada noite quente, amigavelmente, em silêncio, mas escondendo uma vida interior, um tumulto, que a levava para outro lugar.

Às vezes ela sentia uma ânsia muito forte de cair de joelhos e confessar. Ela conseguia conviver com sua culpa durante o dia. De noite, porém, nas primeiras horas da madrugada, a culpa enchia seu estômago e pressionava de tal forma seu peito que ela tinha de desacelerar a respiração para suportar o peso esmagador. Amy não queria a absolvição dele, apenas a pureza de se reconciliar com sua

própria verdade e sua vida, e, tendo feito isso, se levantar, se afastar e partir para sempre.

24.

Se Amy havia gostado das atenções, dos presentes e da adulação do hoteleiro mais velho nos primeiros meses que trabalhou no King of Cornwall — e talvez os tenha mesmo encorajado inconscientemente —, ela também começara a ficar incomodada com eles. Uma noite, depois que o bar havia fechado, ela ficou sozinha com Keith. Ela fez isso por achar que seria o momento apropriado para lhe dizer gentilmente que suas atenções tolas deviam acabar, que nada haveria ou poderia haver entre eles. Mas em vez desse desfecho, ela se viu num labirinto de carícias e toques. Não sabia quando ou como escapar dele e, por fim, lhe pareceu simplesmente mais fácil e mais sábio seguir em frente com aquilo e esperar um outro momento para lhe dizer.

E uma coisa, como acontece às vezes, não levou a outra, mas despedaçou um mundo.

Depois do aborto, quando a culpa se apoderou de Keith e ele se decidiu pelo casamento, Amy estava arrasada e perdida demais para tomar qualquer decisão, e Keith trabalhou com tenacidade para trazê-la tão completamente para o seu mundo e o do hotel que ela não teve tempo para mais nada. Perversamente, a proposta de casamento — com sua segurança e respeitabilidade — pareceu-lhe a única maneira de sair do atoleiro. Ela disse a si mesma que as diferenças deles, que pareciam tão pronunciadas, talvez não fossem de fato maiores ou menores do que as de qualquer outro casal.

E talvez não fossem. Ela acabou por descobrir um homem gentil, generoso, atencioso. Teve, pela primeira vez em sua vida, segurança e uma riqueza moderada. E em consideração à diferença de idade deles — cerca de vinte e sete anos —, Keith concedeu-lhe



certa liberdade de ir e vir, como ela desejava, e Amy não se mostrou ingrata. Não, não era infernal.

Ela sabia que havia muita coisa a apreciar em Keith. Ele podia ser uma boa companhia. Mantinha o hotel bem conservado, cuidava bem dela, mantinha os fogos abastecidos de lenha no inverno, a cozinha abastecida de gelo no verão. Ele cuidava dela. Amy sentia que existia como o hotel para ele, como uma parte de sua vida com necessidades que precisam ser atendidas, nas quais ele tinha um interesse, mas nenhuma paixão fundamental. O vazio de suas vidas ele mantinha à distância com diligência, trabalho duro no hotel e, no pouco tempo livre que restava, na qualidade de secretário de vários clubes esportivos e como vereador.

Mas Amy queria mais do que manutenção, conforto, troca de gentilezas e leite gelado; mais do que colcha de cama de veludo cotelê amarelo desbotado caindo perfeitamente em vincos gastos no tecido por anos de dobradura idêntica. Queria desarrumação, aventura, incerteza. Não conforto, mas o inferno.

À noite, às vezes ele se recostava nas costas dela, acariciava seus quadris, suas coxas. Ela sentia a mão dele no seu seio e pensava numa aranha caçadora gorda. Depois, aqueles mesmos dedos estariam entre as suas pernas, procurando lhe dar prazer. Ela não reagia. Achava que a melhor maneira de lidar com as atenções dele era não fazer nada. Ela nem reagia nem aceitava. Quando ele colocava uma perna ali, quando a penetrava acolá, ela simplesmente o acompanhava, sem dizer nada. Mas sempre recusava os seus beijos. Sua boca era apenas sua.

Às vezes isso o enfurecia, e ele a agarrava pelo queixo, trazia o rosto dela para junto do seu e esfregava seus lábios nos delas, a língua serpenteando para um lado e para outro sobre a boca cerrada de Amy — ela imaginava que devia ser como lambe uma fechadura de porta —, e depois deixava o rosto dela escapar de suas mãos e às vezes gemia, um mugido animal estranho, terrível.

Com o tempo, ele acabou por aceitar a aquiescência de Amy nos termos dela. No fim, ela se livrava dos lençóis e, sem dizer uma palavra, sem um gesto, caminhava contrariada com passos firmes para o banheiro.

Doía-lhe feri-lo, mas ela sentia que, de certa forma, isso era autêntico e necessário. E se ficava se sentindo um lixo, um lodo, uma coisa vil abjeta, havia razão para isso, uma razão estranha e contraditória. Ela ao mesmo tempo queria que ele soubesse e soubesse tudo, e igualmente fazia tudo ao seu alcance para manter em segredo seu caso com Dorrigo e não feri-lo. Queria uma crise que acabasse com tudo, queria que nada mudasse; precisava provocá-lo e desejava desesperadamente que ele não fosse provocado.

Quando ela retornava, não o tocava nem falava com ele, apenas ficava deitada na cama virada para o outro lado. Ele se inclinava e tentava beijar repetidamente sua testa, talvez em pânico, talvez querendo algum sinal, alguma afirmação de que não estava enganado, que ela o amava, que ela sentia por ele o mesmo que ele por ela. Mas não havia nada.

Amy sentia o corpo ofegante dele às suas costas e sabia que o amor não é bondade, e tampouco é felicidade. Ela não era necessariamente, ou sempre, infeliz com Keith, nem seus sentimentos por Dorrigo eram sempre exatamente os de felicidade. Para Amy, o amor era o universo tocando e explodindo dentro de um ser humano, e essa pessoa explodindo num universo. Era aniquilação, o destruidor de mundos.

E enquanto estava deitada na cama sentindo Keith soluçar silenciosamente às suas costas, ela compreendia que o amor não termina até que todo seu poder seja exorcizado em miséria, crueldade e obliteração, e também em bondade e alegria. E toda noite que ficava ali deitada, ela podia sentir, rolando em seu

estômago, estilhaços de vidro quebrado... cortando, cortando, cortando.

25.

Não havia ninguém com quem Amy pudesse conversar sobre esses assuntos. O amor é público, ou não é amor, um de seus amigos havia dito durante a noite em que jogavam Quinhentos, noite da qual ela e Keith estavam voltando agora. O amor ou é compartilhado com outros ou morre.

Keith e Amy jogavam baralho com os Robertson toda primeira noite de domingo do mês, e eles estiveram discutindo o escândalo recente em que um conhecido advogado havia largado a esposa pela filha de um médico. Isso havia incentivado vários casos de abandono escabrosos e adultérios desprezíveis. Invariavelmente, a simpatia da mesa ficava com o parceiro abandonado. A esposa que encontrava outro era objeto de desprezo, zombaria e exorcismo. Sobretudo exorcismo. Um banimento.

Amy ansiava por isso, por seu desfecho dramático. Mas em vez disso as coisas sangravam. Elas sangravam e sangravam, e não parariam de sangrar. Não haveria nenhum final dramático, ela percebeu, somente um lento definhamento, como o desgraçado fim da irmã tuberculosa de Keith. Sangramento e mais sangramento.

Havia tantas coisas que ela gostaria de perguntar, de saber. Você realmente acha *isso?*, ela queria perguntar. Um amor secreto não é amor? Ele está realmente condenado a não existir? Ele não para de sangrar até morrer?

Ela queria virar a mesa de jogo e espalhar as cartas ao vento, levantar-se e exigir que eles dissessem o que realmente estavam pensando. Me respondam, ela queria dizer. Um amor não nomeado não pode ser amor também? Não poderia ser até um amor maior? Eu amo outro homem, ela queria dizer a todos eles. Enquanto as cartas caíssem ao chão, enquanto a mão de cada um se revelasse

imprestável, enquanto cada ponto ganho se revelasse como uma charada inútil, ela lhes diria o quanto esse outro homem era maravilhoso, e se não o visse por outros trinta anos, ela ainda o amaria, como ainda o amaria se ele estivesse morto, ou até ela morrer.

Mas em vez disso ela observou Harry Robertson jogar o valete certo, e ele e Keith, que sempre jogavam como parceiros, ganharem a mão.

Enganar é tão fácil, disse Elsie Robertson, juntando as cartas e embaralhando-as para a rodada seguinte. É patético. Você só mente e abusa da confiança.

Amy pensou que eles estavam falando de amor. Enganar não era fácil, pensou Amy. Era difícil, muito, muito difícil. Não era alguma falha de caráter. Simplesmente era. Não era nem sequer enganar. Porque se a pessoa estava sendo autêntica, então o verdadeiro engano não seria a farsa que ela encenava com seu cônjuge? E não era isso, o verdadeiro engano, o que o mundo e os Robertson queriam e aprovavam?

Ela esperou algum sinal, algum insight, algumas palavras de outra mulher de que ela não estava sozinha. Mas não houve nada. Dorrigo havia lhe dito naquela mesma tarde que sua unidade estava zarpando na quarta-feira. E talvez ele morresse, ou talvez vivesse, mas nunca voltasse para ela. Ela recordou o que ele havia dito sobre os gregos e os troianos — será que os gregos ganhariam novamente?

E ela se perguntou: o que sentia era um grande amor ou não era amor? E por que, quando sentiu que havia passado a existir somente por intermédio de outra pessoa, sentiu uma solidão tão terrível?

Pois isso Amy sabia: ela estava só.

Quando eles saíram da noitada de jogo, Amy notou que Keith estava particularmente silencioso. Em geral ele tagarelava, mas

ultimamente falava cada vez menos, e durante as mãos de Quinhentos ele não havia dito quase nada. A tristeza que emanava de Keith parecia esvaziar o mundo. Ela tentou perder seus pensamentos nas janelas chacoalhantes do Cabriolet, no barulho da rua, no ruído leve do seu motor. Mas tudo que conseguia perceber era a atitude profundamente ensimesmada de Keith, e o chacoalhar e o tamborilar e os pontos ruidosos permaneciam exatamente os mesmos.

Acabou a magia, ele disse.

O conselho verá a razão do que você está defendendo, disse Amy, retomando uma conversa da noite.

O conselho?, disse Keith, olhando para Amy como se fosse um vendeiro e ela uma consumidora que havia entrado em sua loja e inesperadamente lhe pedisse um saco de bom senso. O conselho não tem nada a ver com isso, ele disse, tornando a olhar para a rua.

E embora ela soubesse que não devia, disse vivamente: Quem tem então?

Era uma espécie de mentira. Agora tudo era uma mentira maior ou menor.

Por alguns instantes, Keith se virou e olhou para ela. No escuro, Amy não pôde perceber direito, mas pôde ver que ele não a estava fitando com raiva, o que teria sido compreensível, nem com acusação, o que teria sido útil, mas com um julgamento terrível do qual ela não podia escapar enquanto ele a fitava — com piedade, com horror, com uma mágoa que a escuridão não podia ocultar e que Amy temia que permanecesse com ela para sempre. De repente, ela ficou muito assustada.

Eu não sabia, entende?, ele disse. Não mesmo.

Ela disse para si mesma que não poderia amá-lo. Não poderia, não deveria, jamais poderia algum dia amá-lo.

Ele prosseguiu sem erguer a voz: Eu esperava que estivesse totalmente enganado. Que você provaria como eu era um velho

horrível e ciumento por estar pensando essas coisas horrorosas. Que faria eu me envergonhar de pensar essas coisas. Mas agora. Bem, agora eu sei. Tudo está... *claro*.

Por alguns momentos ele pareceu perdido em pensamentos, cálculos, em alguma contabilidade de traição. E então ele disse de uma maneira vaga e lenta:

E quando você me conta alguma coisa, é como... *como...*

Ele tornou a olhar para a rua.

É como ouvir o estalido do cão do rifle sendo armado.

Ela queria refreá-lo. Mas não fez e não faria tal coisa.

Talvez eu devesse ter feito alguma coisa, continuou Keith. Mas senti, bem, o que há para dizer? Ele tem a idade dela mais ou menos, eu disse a mim mesmo; sou um idiota velho e gordo. Eu tinha...

Ele parou. Seus olhos estariam molhados? Ela sabia que ele não choraria. Era mais corajoso do que ela, pensou. E melhor. Não era virtude, porém, o que ela queria, e sim Dorrigo.

Tinha suspeitas. Sim, disse Keith com um tom como se ele estivesse falando com Miss Beatrice no seu colo. E eu pensei, ora, Keith, meu chapa, tire o time quando ele estiver por perto. Eles podem ficar juntos, e a coisa se esgotará, e ela voltará para você. Esse não foi meu primeiro erro, porém.

Um caminhão do Exército passou por eles, e na curta brecha fraca de luz que ele lançou no Cabriolet ela arriscou uma olhadela para o lado. Mas o rosto dele, sombrio, intenso, fitando muito longe aquela longa rua reta de Adelaide, não lhe disse nada.

Eu devia ter deixado você ficar com o bebê, ele disse.

Ele engrenou a marcha e o assoalho do carro estremeceu embaixo dos pés de Amy. Suas vibrações pareciam gritar Dorry!... Dorry!... Dorry!

Eu tinha, suponho, prosseguiu Keith, ideias. Que você, eu... Sua língua vacilava. Cada palavra era um universo, infinito e insondável.

*Nós*, ele continuou.

Ela reconheceu dentro de si um sentimento profundo por ele. Mas embora sentisse muito, o que sentia não era amor.

Não está havendo nada, Keith.

Não, não, ele disse. Claro. Claro, não está.

O que você quer que eu faça?

Faça? Faça? O que pode ser feito?, ele perguntou. A magia acabou.

Não houve nada, ela mentiu pela segunda vez.

*Nós*, ele disse, e virou-se para ela. *Nós?*, ele perguntou. Mas parecia inseguro, perdido, tão derrotado como a França. *Nós poderíamos*. Isso, nós poderíamos ser alguma coisa. Sim, disse Keith.

Sim, disse ela.

*Nós poderíamos*. Mas não podemos. Poderíamos, Amy? Eu matei o bebê e isso nos matou.

26.

Na manhã de segunda-feira, Dorrigo Evans estava prestes a liderar uma marcha de treinamento por Adelaide Hills quando foi chamado pela administração do regimento para atender a um telefonema urgente de sua família. O escritório era um grande abrigo Nissen de ferro corrugado onde oficiais do Estado-Maior trabalhavam em temperaturas desconhecidas fora de padarias e fornos de cerâmica. O calor infernal ficava retido e ainda mais abafado pela divisão do abrigo em escritórios impraticáveis delimitados por biombos Masonite de uma folha pintados numa cor mostarda suja. Em virtude da frustração, todos pareciam fumar mais, e o ar tinha uma névoa que só rivalizava com seu odor — composto de fumaça de tabaco, suor e um cheiro de amoníaco, rançoso, de animais amontoados —, e fazia todos tossirem incessantemente.

O telefone onde a chamada de Dorrigo esperava estava instalado numa parede em frente à escrivaninha frontal do oficial de serviço, pelo qual passavam todos que queriam sair com qualquer pretexto. Contrabalançando essa incontornável falta de privacidade havia uma cacofonia enlouquecedora de teclas de máquinas de escrever sendo acionadas e carros de máquinas de escrever retornando, telefones tocando, homens gritando e tossindo, ventiladores elétricos aqui e ali roncando enquanto retalhavam o calor insuportável em tufos de calor intoleráveis.

Dorrigo pegou o receptor de baquelita e, inclinando-se sobre o cone de voz, tossiu para sinalizar sua presença. Por um instante não houve nenhum som, e só então ele ouviu a voz inconfundível dela pronunciar duas palavras.

Ele sabe.

Ele se sentiu despencando pelo cosmos sem nada para ampará-lo. Nalgum lugar muito abaixo estava seu corpo, preso a um receptor telefônico que estava ligado a um fio que corria por outros fios até onde Amy Mulvaney estava, no King of Cornwall. Ele podia ver seu corpo de costas para os outros homens. Tossiu de novo, desta vez inadvertidamente.

O quê?, disse Dorrigo. Ele formou uma concha com a mão em torno da boca do receptor, tanto para melhor ouvir Amy como para se assegurar de que mais ninguém poderia ouvi-la.

Nós, disse Amy.

Dorrigo passou um dedo entre o colarinho molhado e seu pescoço. O calor era insuportável. Ele respirava com longas inspirações tentando obter ar suficiente.

Como?

Não sei, ela disse. Como o quê, não sei. Mas Keith sabe.

Dorrigo entendeu que em seguida Amy diria que largaria Keith, ou talvez que Keith a havia expulsado. De um jeito ou de outro, ele e Amy iniciariam agora uma vida juntos. Ele compreendeu tudo isso,



e sabia que diria sim — sim, ele terminaria com Ella Lansbury, e sim, começaria imediatamente a arranjar seus assuntos para que ele e Amy se tornassem um verdadeiro casal. E tudo isso lhe parecia inevitável e apropriado.

Amy, sussurrou Dorrigo.

Volte, ela disse.

O quê?

Para ela.

Dorrigo sentiu-se desmoronar quando voltou para o forno do escritório. Ele ansiava por falar com ela em qualquer lugar menos este — numa livraria cheia de poeira, na praia, no quarto de canto que ele agora pensava como sendo deles, com suas portas francesas descascando, brisas e a sacada de ferro batido levemente enferrujada.

Volte para Ella, disse Amy.

Ele respondeu da maneira mais direta e pouco emocional que pôde, quebrando as palavras para que o oficial de plantão sentado atrás dele não compreendesse o que estava dizendo.

O quê? Quer dizer. Voltar?

Para ela. É isso o que eu quis dizer. Você deve, Dorry.

Ela não queria isso, ele pensou. Ela não poderia querer isso. Por que estava dizendo isso, então? Ele não fazia a menor ideia. Seu rosto enrubesceu. Seu corpo parecia quente demais e grande demais para seu uniforme. Ele estava zangado. Precisava dizer tantas coisas e não poderia dizer nada. Podia sentir as paredes de Masonite mostarda se fechando sobre ele, o peso do cáqui ao seu redor, da disciplina e das regras e da autoridade. Sentiu-se sufocar.

Volte para Ella, Amy ordenou.

Seu corpo só queria fugir da horrorosa fornalha da sala do abrigo Nissen, escapar...

Amy, ele disse.

Volte, ela disse.

Eu...

Eu o quê?, perguntou Amy.

Pensei, ele replicou. Que...

Que o quê?, disse ela.

Estava tudo invertido agora. Quanto mais ele a queria, mais ela o repelia. E nesse momento Amy disse podia ouvir Keith chegando, que lamentava, mas tinha que ir. Ele seria feliz, ela disse.

E embora não estivesse feliz, Dorrigo Evans sentiu o mais inesperado e imenso alívio. Num instante, ele estaria fora da fornalha da administração do regimento e não teria mais a confusão esmagadora próxima da paralisia que Amy Mulvaney trouxera a sua vida; doravante, ele poderia viver a vida em seus próprios termos, de uma maneira séria e honesta com Ella Lansbury. Ele compreendeu que seria livre, que não teria mais que nadar num turbilhão de mentiras e enganos rodopiante, que poderia se dedicar de pleno coração à tarefa de encontrar o amor com Ella Lansbury. Por isso, mais tarde, ele nunca compreendeu por que disse então o que disse, apenas quis dizer cada palavra daquilo. Numa frase ele abandonou aquela liberdade e com ela aquela esperança razoável de amor sendo construído.

Eu voltarei, disse Dorrigo Evans. Quando terminar. Para você, Amy. E nós nos casaremos.

Ele tinha consciência de que era um caminho para a miséria e até para a danação. Que um momento antes ele nem sequer pensara no que agora parecia inevitável, e era como se jamais pudesse ter sido de algum outro modo — seu encontro na livraria com as partículas alucinadas de pó, o quarto com a pintura descascando e as cortinas preguiçosas ondulando com as brisas oceânicas, um abrigo de lata quente como um fumeiro. O receptor de baquelita estava tão molhado de suor que escorregou de sua orelha, e levou alguns segundos para ele compreender que Amy

havia desligado e possivelmente não ouvira uma palavra do que ele acabara de dizer.

Ele tinha de vê-la — isso foi tudo que conseguiu pensar. Precisava vê-la. Em uma das duas noites que lhe restavam, ele teria de algum modo que se esgueirar do quartel e arranjar um encontro para que eles pudessem conversar.

Você ficou de fora, Evans, disse uma voz às suas costas. Ele se virou para ver um oficial de Estado-Maior do 2/7 com uma prancheta.

A mente de Dorrigo estava arquitetando como ele sairia de Warradale sem permissão, onde encontraria um veículo, onde eles poderiam se encontrar secretamente.

Os chefes do Estado-Maior combinado do 2/7 estão tomando o trem para Sydney esta noite. Na chegada, vocês serão notificados sobre o navio em que vão embarcar. O destino final será informado em algum lugar no meio do maldito Pacífico. Vocês foram ordenados a cancelar todas as atividades planejadas e se preparar para partir às cinco horas da tarde.

A mente de Dorrigo estava em polvorosa. A ficha do que estavam lhe dizendo estava começando a cair.

Mas... eu achava que seria na quarta-feira?

O oficial do Estado-Maior deu de ombros.

Tremendo alívio por estar partindo, se você me perguntar, ele disse. Você tem cinco horas. O oficial do Estado-Maior ergueu o pulso e consultou o relógio. Ou menos, disse.

E Dorrigo percebeu que poderia não ver Amy nunca mais. E com o conhecimento que tinha, sabia que teria de trabalhar, operar, ir para a cama e levantar de novo e viver, e agora ir para onde a guerra o levasse, sem nenhuma outra alma conhecer o que ele carregava no mais fundo de seu coração.

De noite, o calor parecia não ter fim. Mas não era como o verão de dois anos antes. A guerra grassava, a maioria das famílias na praia estava sem um pai, mais uniformes do que ternos ou camisetas bebiam agora no bar, e as conversas eram cheias de palavras novas, nomeando lugares até então desconhecidos tanto no bar da frente como no dos fundos do King of Cornwall — El Alamein, Stalingrado, Guadalcanal. Era o décimo primeiro dia da onda de calor, os bares do King of Cornwall estavam atarefados como num dia de Copa antes da guerra. Um homem que havia matado a esposa com um atizador atribuiu o assassinato ao calor, e Amy retornara havia pouco para casa depois de ter cortado o pé numa garrafa de cerveja quebrada enquanto dava uma caminhada noturna pela praia. Ela lavou o pé no banheiro, fez um curativo e veio para a sala do hotel, que lhes servia de sala de estar, para encontrar Keith Mulvaney desligando o rádio.

Foi um bom episódio esta noite, ele disse enquanto a estática desaparecia suavemente. Você teria gostado.

E Amy já havia gostado bastante daquilo, mas agora não conseguia mais suportar os rituais domésticos do marido, menos ainda este: a escuta em silêncio do seriado de rádio semanal favorito dele — quebrado apenas pelo marido riscando um fósforo e sugando o cachimbo, pelo cachorro babando —, e agora ela tentava escapar disso sempre que podia. Ela odiava o seriado do rádio, seu cachimbo, seus movimentos de velho; odiava o próprio ar que tinha de compartilhar com ele, o ar sufocante, irrespirável, malcheiroso, no qual ela estava se afogando a cada dia.

Keith sentava-se numa poltrona, Miss Beatrice saltava para o seu colo, arfando e babando, enquanto ele socava o fumo no cachimbo. As janelas estavam todas abertas, mas Amy ainda achava o ambiente sufocante depois da brisa marítima da praia. Ela se sentou. Seu pé doía. A brisa marítima noturna penetrou no local, mas parecia que só fazia aumentar o cheiro de brilhantina

impregnado na capa protetora dos móveis, fortalecer o cheiro de fumo de cachimbo rançoso nas poltronas pardacentas, lembrá-la do cheiro de cachorro velho que sempre a fizera querer sair pela porta e partir para sempre.

Depois da reunião do conselho esta noite, começou Keith Mulvaney, e Amy olhou para o pelo do cachorro no tapete, temendo outra história da trabalhadeira municipal.

O vereador, Ron, disse Keith Mulvaney. Lembra do Ron?

Não, disse Amy.

Claro que lembra. Ron Jarvis. Você lembra do Ron Jarvis.

Não.

Ron Jarvis estava dizendo que ele ouviu por alto que as notícias são muito ruins sobre nossos rapazes em Java.

Amy ergueu os olhos. O sorriso hirto de Keith não revelava nada — um olhar sonhador, meio demente, ela sentiu. Mas naquele momento compreendeu que ele sempre vira mais longe do que ela imaginara.

Nunca ouvi falar de Ron Jarvis, disse Amy, mas ela pôde agora associar um rosto pequeno, de galgo, ao nome. Keith estaria tentando dourar o pior com alguma coisa boa? Ele acendeu o cachimbo, sugou-o até o fumo se tornar um carvão perfeito, e então, sem abandonar em nenhum momento o sorriso, inclinou-se para a frente em sua poltrona. Miss Beatrice, ensanduichada em seu colo, guinchou enquanto se adaptava ao vagalhão da barriga de Keith.

Eu estava perguntando, disse Keith Mulvaney. Bem, mais do que isso. Disse ao Ron: Tenho um sobrinho, Dorrigo Evans, será que você não consegue descobrir alguma coisa sobre ele ou sua unidade? Dei-lhe detalhes. Bem, ele voltou ontem. A questão, Amy, é que a notícia não é muito boa.

Amy se levantou, contraiu-se, e andou coxeando até a janela de guilhotina.

Não, ele continuou, nada boa mesmo. Sinistra até. É por isso que é secreta. Muito secreta.

Ela ficou parada perto da janela, e embora o ar noturno lá fora estivesse mais fresco que no interior, o calor externo ainda parecia uma coisa brutal e ameaçadora. Ela podia ouvir os pequenos sons perturbadores de coisas secando, estalando, quebrando — grama, madeira, sabe Deus o que mais. Podia perceber o ferro corrugado no telhado distante sofrendo ruidosamente enquanto se contraía com os excessos da radiação solar. Ela se apoiou pesadamente sobre o pé cortado para sentir a punhalada da dor.

Sinistra?, perguntou Amy Mulvaney. O que é sinistra? Eles são prisioneiros, isso nós sabemos. E os japoneses são brutais. Mas eles estão salvos.

Com os prisioneiros australianos na Alemanha você pode se corresponder. Mas os prisioneiros na Ásia, bem, o quadro não é nada bonito. Não há nenhuma notícia, nenhum testemunho confiável. Não houve uma informação real deles desde a rendição de Cingapura. Não se ouviu nada de sua unidade em nove meses. Eles acham que milhares dos prisioneiros pereceram lá.

Talvez. Mas não há nenhuma prova da morte de Dorrigo.

Eles ouviram...

Quem falou? Quem disse isso? Quem, Keith?

Eu... Sua inteligência, eu acho. Quer dizer...

Quem, Keith?

Não posso dizer. Mas o Ron... bem, ele sabe. *Pessoas*.

Pessoas?

Pessoas bem colocadas. Pessoas do Departamento de Defesa.

Keith Mulvaney silenciou; seu sorriso de máscara parecia estar sinalizando algo mais — piedade? incerteza? raiva? —, e depois continuou com uma força implacável.

E eles acreditam que pouquíssimos deles sobreviverão para contar a história.

Amy percebeu que ele havia abandonado sua prática normal de fazer uma pergunta para imediatamente respondê-la. Ele não estava tentando vencer uma briga. Estava tentando lhe contar alguma coisa. Era como se ele já houvesse vencido.

Ele nos escreveu, disse Amy, mas pôde notar que sua voz estava esganiçada.

Aquele cartão?

O cartão, sim. E seu irmão Tom escreveu para você contando que a família dele na Tasmânia recebera um depois de nós.

Sua voz, Amy sabia, estava fina e inconvincente mesmo para ela.

O cartão que ele nos enviou, Amy, estava datado de maio de 1942, e nós o recebemos em novembro. Isso foi há três meses. Já faz quase um ano que não recebemos uma palavra dele. Nem uma palavra...

Eu sei, disse Amy Mulvaney. Sei, sei. Rapidamente, em definitivo, como se isso de alguma forma comprovasse sua posição em vez de demoli-la.

Nem uma palavra.

Eu sei, disse Amy Mulvaney. Embora ela o pressionasse cada vez mais, seu pé não doía muito de fato. Hábito e circunstância, a tranquilidade e a segurança do casamento, já não lhe bastavam. Ela poderia deixá-lo. Mas tendo esse pensamento amargo, ela imediatamente se sentiu confusa. Como? Onde? E do que ela viveria?

O cartão que a família dele recebeu em dezembro tinha data de abril.

Eu sei, Keith, disse Amy Mulvaney. Sei, sei, sei.

Seu corpo estava sendo atirado e rolado, e ela procurava palavras para ajudá-la a manter o equilíbrio. Ela não disse que havia escrito mais de uma centena de cartas para Dorrigo desde que

soubera que ele fora feito prisioneiro. Com certeza, pensava Amy Mulvaney, uma teria chegado.

Ron Jarvis disse também que há relatos vindos de outras fontes. Nada bons. Dizendo que os homens estão pele e osso, e estão sendo deixados para morrer de fome.

Não há nada nos jornais.

Havia. Atrocidades. Massacres.

Isso é propaganda, Keith, disse Amy Mulvaney. Para nos fazer odiá-los.

Embora ela pusesse todo seu peso sobre o pé cortado, ele quase não doeu.

Se é propaganda, disse Keith Mulvaney, é propaganda muito ruim.

Mas nada mais, nenhuma continuação.

É uma guerra, Amy. Má notícia é a ausência de notícia. Ela desaparece. Eis a melhor parte de um quinto do Exército australiano desaparecido e somente alguns confiavelmente localizados.

Isso não significa que ele está morto, Keith. Parece que você gostaria que ele estivesse. Ele não morreu. Eu sei. Eu sei.

Amy percebeu que a brisa marítima havia cessado. O próprio mundo se esforçava para respirar. De fora, ela pensou ter ouvido o som de uma folha seca estalando. Keith tossiu. Ele não havia terminado.

Ron Jarvis fez mais umas investigações para mim, ele disse, enxugando os lábios com um lenço. Houve um prisioneiro que conseguiu escapar. Eles ainda não estão contando às famílias. O moral nacional, eu creio. E, suponho, estão esperando confirmação por outros canais. Cruz Vermelha, essas coisas.

Contar às famílias o quê, Keith?

Eu sabia que você ia querer saber, Amy. Não tenho coragem de contar à família dele, porém... não é o meu papel, de qualquer



modo. Estaria quebrando uma confiança. Não dizer nada de segurança nacional. Isso fica estritamente entre nós.

Não há nada a contar, Keith. O que você está querendo dizer?

O fugitivo confirmou que Dorrigo Evans morreu em um dos campos.

Os pensamentos de Amy estavam distantes e esquisitos. Ocorreu-lhe que Keith a amava, algo em que ela não pensava havia muito tempo.

Amy, acredite em mim, Dorrigo está morto. Ele morreu há seis meses.

As palavras de Keith Mulvaney, sua voz pueril, escorreram pelos ladrilhos do piso do corredor, quadrados pretos e brancos. Suas palavras percorreram o saguão vazio sobre a passadeira gasta de palha de coqueiro, à procura de Amy. Mas ela já havia abandonado o recinto.

Keith Mulvaney sentiu-se como um homem que havia matado algo para comer. Ele quisera dizer outra coisa, alguma coisa tão verdadeira que justificasse a terrível mentira que acabara de contar. Queria dizer eu te amo. Mas em vez disso chamou Miss Beatrice para o seu colo com um assobio.

Acho que isso bastará, disse Keith Mulvaney ao cachorro enquanto fazia cócegas atrás de sua orelha. Sim, isso vai dar um jeito nela.

Ele consolou-se com a consciência de que não havia mentido. Era verdade que a morte ainda não fora confirmada, mas Ron Jarvis fora inequívoco: na lista de nomes que o prisioneiro havia fornecido às autoridades estava um major D. Evans. Ele pensou que eles poderiam ser felizes juntos. Era uma questão de trabalho e tempo.

Com certeza, ele disse a Miss Beatrice. Com certeza.

Mais tarde naquela noite, ele encontrou Amy sozinha, limpando a cozinha do salão de jantar. O odor perpétuo da sala parecia no mínimo mais forte, mas os ladrilhos creme molhados e o aço

reluziam sob a luz elétrica. Ela estava apática, dizendo-lhe que ainda tinha mais coisas para fazer, e recomeçou a esfregação enquanto ele ficou observando da porta. Só depois que Keith havia se afastado ela largou o trapo que estava usando e desabou. Amy se agachou, como uma criança. Bateu o pé repetidamente no chão de ladrilhos. Mas não sentia nada. Queria rezar para qualquer coisa que porventura existisse. Mas sabia que ele estava morto, que o mundo não admite milagres, que pessoas morrem e que ela não poderia impedi-las de morrer.

Sentado em sua poltrona pardacenta na sala de estar, socando seu cachimbo para uma baforada antes de dormir, com a cabeça recostada na capa protetora da poltrona, Keith Mulvaney sentiu um filete de suor descer de sua têmpora esquerda. Ele não ouviu a explosão que, com o incêndio subsequente, reduziu o gracioso hotel de pedra de quatro andares a destroços fumegantes, vigas carbonizadas e uma fachada de dois lados.

*Um mundo de orvalho  
E em cada gota de orvalho  
Um mundo de agruras.*

Issa

1.

Uma gota pingou.

Tiny, murmurou Darky Gardiner.

O barulho da chuva de monção fustigando o teto de lona do comprido abrigo de duas águas — montado sobre estacas de bambu com as paredes abertas — fazia com que Darky Gardiner mal conseguisse se ouvir. O clamor da chuva tornava certas noites ainda mais desoladoras, pior, de certo modo, do que os dias em que ele estava apenas tentando sobreviver mas ao menos tinha companhia para compartilhar. O tremor do jângal em lâminas ruidosas, o martelar incessante da lama fustigada pela chuva, os estranhos tapas e socos de invisíveis correntes de água, tudo isso o deprimia.

Outra gota pingou.

Vamos, meu chapa, sussurrou Darky Gardiner. Vá para lá.

Darky Gardiner não tinha ideia do tempo transcorrido desde que havia voltado a sua tenda depois de ajudar a trazer o caminhão japonês abandonado; ele havia procurado seu lugar entre os vinte prisioneiros que dormiam espalhados em toda sua extensão sobre dois estrados de bambu infestados de piolhos e descobriu que Tiny Middleton, o prisioneiro que se deitava à sua direita, havia rolado e ocupado quase todo seu lugar de dormir no estrado. Isso deixava Darky espremido de lado perto de Tiny, diretamente embaixo de uma estaca de bambu pela qual gotas de água escorriam e caíam em seu rosto. Tiny parecia uma parede de tijolos desabando sobre ele, e, no entanto, pensou Darky, ele não devia pesar quarenta quilos. Agora que Tiny estava coberto de tinha, Darky odiava tocá-lo. E por isso sussurrou de novo:

*Porra, Tiny.*

Estava claro que Tiny Middleton não ouvira nada. Darky Gardiner ergueu um punho sobre o rosto para conferir a hora. Não havia nada para ver; ele tinha vendido seu relógio luminoso por uma

lata de sardinhas portuguesas alguns meses antes. Deixou cair o braço. O bom, Darky disse para si mesmo, era que ainda estava escuro. Ele estava molhado e exausto, mas poderia descansar por mais algumas horas. Darky procurava sempre o lado positivo, por menor que ele fosse, e por isso com muita frequência o encontrava. Embora estivesse desperto agora, o lado positivo era que ele não precisava se levantar e ir trabalhar na ferrovia, podendo dormir por mais tempo. Isso era bom, ele desfrutaria desse sono se ao menos conseguisse fazer Tiny se mover. Deixando de lado os pensamentos com tinha, ele se espremeu contra o corpo estendido ao seu lado.

Chega pra lá, seu gordo estúpido.

Pouco depois, Darky desistiu e deitou de lado, de costas para Tiny, com a cabeça enterrada no corpo, fora do alcance dos pingos. Imaginava, ele tolamente sabia, que de alguma forma suas costas eram menos propensas a pegar tinha do que a sua frente. Enrodilhado na própria escuridão, protegido no conhecimento que ninguém mais conhecia, Darky estendeu a mão acima da cabeça até sua mochila e a puxou pelo estrado até seu peito. Depois de algumas remexidas no escuro, retirou dela o que sabia ser dois milagres: um ovo cozido e uma lata de leite condensado.

O leite ou o ovo?, ele ponderou. Qual deles?

Por fim, decidiu que o leite — que havia roubado do caminhão japonês — podia ser guardado por tempo indeterminado sem estragar, e por isso era mais bem conservado, ainda que por mais alguns dias apenas. Rabbit Hendricks havia trocado o ovo de pata com ele por um pincel que Darky havia roubado da sacola de campo de um oficial japonês de passagem pelo acampamento para os campos de batalha da Birmânia. Seu método de roubo baseava-se em velocidade e discernimento: ele nunca tirava tanto que demandasse uma investigação, apenas o suficiente para ajudá-lo a *seguir em frente*.

Rabbit Hendricks, por sua vez, havia recebido dois ovos de pata do comandante japonês do campo em troca de rabiscar algumas imagens de cartão-postal dele e de alguns de seus parceiros — presumivelmente para enviá-las a namoradas e famílias no Japão. Embora os japoneses ocasionalmente fizessem uso dos talentos de Rabbit dessa maneira, eles provavelmente o matariam se vissem os esboços e as aquarelas que ele havia feito da vida diária no campo — o trabalho odioso, os espancamentos, a tortura —, e por essa razão Rabbit Hendricks os mantinha cuidadosamente escondidos. Mas seu trabalho estava no fim. Na noite anterior, quando terminava seu turno na Linha, Rabbit sofrera um acesso terrível de cólica e tivera que se aliviar imediatamente. Antes mesmo de ele ter se levantado, Chum Fahey, que estava trabalhando perto, o observava. Rabbit Hendricks virou-se. Embaixo dele, viu que seus intestinos haviam selado seu destino numa poça de água de arroz colorida de merda. Os prisioneiros tinham começado a temer isso mais do que os japoneses desde que o cólera havia surgido nove dias antes.

Chum Fahey e dois outros ajudaram Darky a carregar Rabbit numa maca toscamente improvisada pela Dolly — uma trilha na selva que conectava a Linha com seu campo a três milhas e meia —, uma tarefa dolorosamente lenta que não foi mais rápida devido a busca no escuro pelas dentaduras de Rabbit perdidas num espasmo violento de vômito. Com dificuldade, eles conseguiram avançar pelo jângal noturno, tendo como seus únicos guias os sulcos enlameados e os gemidos distantes de prisioneiros doentes que iam à sua frente, e chegaram por fim ao campo pouco antes da meia-noite cobertos de lama e vômito aquoso. Rabbit Hendricks, junto com seu conjunto de aquarelas, seu caderno de desenhos e seus esboços secretos, havia desaparecido no complexo do cólera, para onde cada vez mais homens eram enviados e de onde apenas um punhado retornava. E tudo que restara dele fora o ovo de pata enegrecido cuja casca Darky Gardiner agora retirou destramente em apenas três pedaços.

A chuva tornou a cair com grande violência, e o movimento produziu uma brisa fresca, úmida, que soprou por alguns instantes pelo lamentável abrigo que lhes servia de caserna, lavando o cheiro de merda e decomposição que havia em todos os homens que dormiam em toda a extensão da barraca sobre dois longos estrados de bambu. Darky sentiu a brisa como uma espécie de esperança e tentou dizer a si mesmo que isso era outra coisa boa. Mas a chuva começou a pingar novamente em seu rosto, e quando ele tentou se virar, Tiny continuava ali, e, quando de novo tentou afastá-lo, Tiny permaneceu imóvel, roncando, morto para o mundo.

Por que raios você não arreda, Tiny?

Foda o folgado, Darky, gritou alguém no estrado.

Não havia nada que Darky pudesse fazer com Tiny. Ele também fedia. A chuva voltou com força, e com a cabeça febril e o barulho, às vezes era difícil saber o que estava dentro de sua cabeça ou fora dela. Ele estava pensando em quando conhecera Tiny, um touro, que havia se despido e desfilado por lá em seu corpo magnífico, flexionando, se esticando, se exibindo. Como um galo ciscando numa manhã de domingo, Chum Fahey havia dito.

Mesmo com as rações de fome que lhes eram concedidas, a perda de peso de Tiny só fazia enfatizar a magnificência de seu corpo. Ela parecia aprimorar em vez de desgastar seu físico. O corpo de Tiny triunfava sobre tudo: a malária, a disenteria, a pelagra e o beribéri. Nenhuma das doenças que derrubaram e começaram a matar os outros homens parecia afetá-lo, como se sua magnificência fosse em si uma forma de imunidade. De algum modo, os campos não o haviam reduzido, nem os japoneses o haviam quebrado.

O trabalho de Tiny era fazer furos na rocha martelando lentamente uma barra de aço na superfície com sua marreta até o furo ficar com a profundidade desejada. Quando havia furos suficientes, um engenheiro japonês os enchia de explosivo e implodia aquela seção. Darky era ajudante de Tiny, segurando a

barra, dando-lhe um giro de um quarto depois de cada martelada para ajudar a perfurar. Tiny trabalhava com uma energia incomum em qualquer outro prisioneiro e se orgulhava de terminar sua cota de trabalho antes dos demais. Este era seu triunfo sobre seus captores japoneses.

Mostrar a esses putos amarelinhos o que é um homem branco, ele dizia.

Ele não parecia notar que, dessa forma, os japoneses exigiam que todos fizessem o mesmo que ele.

Aquele maldito Tarzan vai ferrar todos nós, disse Sheephead Morton.

Se Tiny estabelecia um novo recorde para o trabalho — como ele parecia regularmente pretender —, os engenheiros japoneses o tomavam como parâmetro para a nova cota diária, e outros menos fortes sofreriam trabalhando para cumpri-la.

Putá que o pariu, diga pra ele, disse Sheephead a Darky.

Dizer o quê?

Porra nenhuma. *Nada*.

Nada nada ou só nada?

Vá se ferrar.

Darky disse mais tarde para Tiny: Meu chapa, você devia manear.

Tiny sorriu.

Só um pouco. Nem todo cara consegue trabalhar no seu ritmo, disse Darky.

Tiny era um crente devoto. Com um sorriso sinistro, ele disse: O Senhor nos deu este corpo para trabalharmos, para nos regozijarmos.

Bem, taí outro cara do qual não se ouve falar muito hoje em dia. Mas todos nós O estaremos vendo sem demora se você não manear. Porque senão você vai ser a morte de cada um, Tiny.

O Senhor proverá. É assim que eu vejo.



E Tiny, o cristão musculoso, se manteve como um corredor no final de um sprint de cento e dez jardas, as mãos nos quadris, levemente relaxado, o corpo a meio caminho entre esforço e relaxamento, tenso, perfeito, fitando Darky Gardiner com seu sorriso fino, enlouquecedor.

Aos poucos, Darky começou a odiar Tiny. Cada nova cota que os engenheiros japoneses cobravam na medida métrica estrangeira — primeiro um metro por dia, depois dois metros, depois três metros —, Tiny atingia em menos tempo do que os japoneses exigiam, e aí todos os demais — os febris, os mortos de fome, os moribundos — tinham de igualar aquela carga de trabalho insana. Todos os demais tentavam ir devagar, fazer menos, poupar as energias debilitadas para a tarefa necessária da sobrevivência. Mas não Tiny, o estômago ondulando, o peito arquejando, os braços brutais flexionando. Ele tratava a coisa como os galpões de tosquia onde havia trabalhado anteriormente, como se tudo não passasse de alguma estúpida competição, e, chegando a noite, ele seria novamente o melhor tosquiador. Mas sua vaidade só estava beneficiando os japoneses e matando o restante deles.

O Speedo veio. Agora, só havia os japoneses os pressionando com mais e mais espancamentos e cada vez menos comida a trabalharem mais arduamente e por mais tempo durante o dia. À medida que os prisioneiros iam ficando mais aquém dos cronogramas japoneses, o ritmo ia ficando mais frenético. Uma noite, quando os prisioneiros estavam caídos, exaustos, em seus estrados de bambu, prontos para dormir, veio a ordem de retornar ao corte. Assim começaram os turnos da noite.

O corte era uma abertura através da rocha, seis metros de largura por sete de profundidade e meio quilômetro de extensão. Iluminados por fogueiras de bambu e archotes toscos feitos de trapos enfiados em bambus alimentados com querosene, os escravos nus, imundos, agora trabalhavam num mundo estranho,

infernais, de labaredas dançantes e sombras fugidias. Para os homens que martelavam, isso requeria uma concentração acima do normal, pois a barra de aço desaparecia na escuridão da sombra enquanto a marreta descia.

Naquela primeira noite, pela primeira vez, Tiny penou. Ele estava com malária, seu corpo tremia e seu movimento com a marreta não era um levantamento e descida, mas um penoso esforço de vontade. Por várias vezes Darky Gardiner teve de saltar para fora do caminho quando Tiny perdia o controle da marreta. Após menos de uma hora, ou talvez fossem algumas horas — mais tarde Darky não conseguiu se lembrar de exatamente quanto —, Tiny levantou o malho a meia altura e deixou-o cair no chão. Darky contemplou com espanto Tiny cambaleando num meio círculo, como numa espécie de giga para trás e para a frente, e desabar no chão.

Um guarda de corpo atarracado e musculoso e de pele mosqueada apareceu: o Lagartão. Alguns diziam que Lagartão tinha vitiligo e que fora isso que o deixara louco, outros diziam apenas que ele era louco e era melhor que fosse evitado em qualquer situação. Uns poucos diziam que ele era o diabo em pessoa — inexplicável, inevitável, impiedoso, e também, em ocasiões especiais, como se num tormento final, desconcertantemente bondoso. Mas como ninguém ali na Linha acreditava mais em Deus, era difícil que acreditasse também no diabo. Lagartão apenas era como muitos desejavam que ele não fosse.

Lagartão olhou para os que trabalhavam por um instante e, muito lentamente, virou-se para o outro lado, como se estivesse pensando, e tornou a virar-se lentamente para a posição anterior. Esses movimentos estranhos, artificiais, eram um prenúncio incontornável de uma explosão de violência. Ele surrou Tiny com um pedaço comprido e pesado de bambu por um minuto ou dois, e depois lhe aplicou mais uns chutes sem propósito na cabeça e no estômago. Enquanto os espancamentos de Lagartão prosseguiam,

Darky não achou que fossem muito ruins. O que estava diferente era Tiny Middleton.

Enquanto antes ele teria se retesado e absorvido golpes e chutes de uma maneira que beirava a insolência, como se o seu corpo fosse mais rijo do que qualquer surra, agora ele rolava sobre o corte na rocha explodida como um objeto de trapo ou de palha. Ele absorvia os socos e as pancadas como um saco. E no fim da surra, Tiny fez uma coisa notável. Começou a soluçar.

Lagartão ficou admirado. Como Darky, ele contemplava a cena pasmo. Ninguém jamais chorava na Linha. Não poderia ter sido a dor ou a humilhação, pensou Darky, tampouco o desespero ou o horror, porque todos conviviam com aquilo.

Balançando a cabeça, as sombras das chamas agarrando-se a seu corpo imundo seboso de suor, Tiny agora meio que estapeava, meio que unhava seu peito como se tentasse expulsar as sombras e o fracasso. Para Darky, parecia que ele estava acusando seu corpo, porque esse corpo poderoso havia sempre triunfado, havia levado aquela mente pequena e coração minúsculo tão longe, só para ele agora — aquele estranho meio túnel infernal de chama e sombra e dor — cruel e inesperadamente traí-lo. E com seu corpo desmoronando, Tiny estava perdido.

Eu!, ele gritou enquanto se batia e se arranhava. Eu! Eu!

Mas o que ele quis dizer, nenhum deles realmente soube.

Eu!, ele continuou a berrar. Eu! Eu!

Darky ajudou Tiny a ficar de pé. Com um olho em Lagartão, Darky pegou a marreta e entregou a barra de aço a Tiny. Ele se agachou, segurou a barra no buraco em que eles estiveram trabalhando, os olhos aguados firmemente fixos nele, e Darky levantou e deixou cair a marreta. Quando ele a levantou pela segunda vez, teve que pedir para Tiny fazer o giro de um quarto. A marreta desceu e subiu, Tiny estava imóvel, agarrando a barra de aço como se ela fosse uma espécie de âncora, e de novo Darky

pediu para Tiny girar a barra de aço um quarto. Ele pediu a Tiny tão gentilmente como pediria a um garotinho para lhe dar a mão, e com a mesma voz ele ficou dizendo para Tiny o resto da noite: Vire ela, parceiro... vire ela. E dessa maneira eles continuaram o trabalho como se tudo estivesse normal. Vire ela... vire ela, parceiro, Darky Gardiner recitaria, vire ela.

Mas alguma coisa havia mudado.

Darky sabia. Ele havia observado como o corpo magnífico de Tiny começara a definhar nas últimas semanas. Os japas sabiam disso e pareciam surrar Tiny regularmente agora, e com intenções mais cruéis. E Tiny tampouco parecia se importar com isso. Os piolhos sabiam. Todos tinham piolhos, mas Darky notou como eles começaram a enxamear Tiny a partir daquele dia. E Tiny não parecia se importar que seu corpo estivesse coberto por eles, não se preocupando mais com lavagem ou onde defecava. Depois veio a tinha. Como se cada fungo soubesse, sentindo o momento em que um homem desistia de si e já era tão bom como um cadáver apodrecendo na terra. E Tiny sabia. Tiny sabia que não sobrara nada dentro dele para barrar o que estava vindo.

Darky se manteve leal a Tiny, mas alguma coisa nele se revoltava por aquele homem outrora grande, aquele homem outrora altivo, agora tornar-se um esqueleto cagão. Alguma coisa em Darky não conseguia evitar o pensamento de que Tiny havia se rendido, que isso era uma falha de caráter. E esse pensamento, ele sabia, era apenas para fazê-lo se sentir melhor, fazê-lo pensar que ele viveria e não morreria porque ainda tinha o poder de escolher essas coisas. Em seu íntimo, porém, ele sabia que não tinha esse poder. Porque podia sentir a verdade no hálito rançoso de Tiny. Fosse o que fosse aquele fedor, ele temia que o estivesse contagiando, e só queria escapar dele. Mas ele tinha de ajudar Tiny. Ninguém lhe perguntava por que fazia isso; todos sabiam. Ele era um companheiro. Darky Gardiner detestava Tiny, achava-o um tolo, mas faria qualquer coisa

para mantê-lo vivo. Porque coragem, sobrevivência, amor — todas essas coisas não existiam em um homem. Elas existiam em todos eles, ou eles morriam, e cada homem morreria com elas; eles acabaram por acreditar que abandonar um homem era o mesmo que eles próprios se abandonarem.

2.

Quando o ovo ficou pronto — úmido e macio entre seus dedos —, Darky Gardiner pôde sentir o cheiro de sua promessa avassaladora, ligeiramente enjoativa em sua riqueza. Ele já estava com o ovo quase nos lábios quando parou, ponderou e deu um suspiro. Ele chacoalhou a forma adormecida de Tiny não com força, mas insistentemente.

Quando Tiny finalmente despertou, Darky segurou o ovo perto do seu nariz e fez sinal para ele ficar em silêncio. Tiny grunhiu, e Darky dividiu o ovo pela metade com sua colher. Tiny formou uma concha com as mãos, como se fosse um sacramento que estivesse recebendo, para assegurar que não se perdesse nenhum pedacinho de gema. E no bojo das mãos de Tiny, Darky acrescentou então a metade de um bolinho de arroz frito que ele havia guardado de uma refeição anterior embaixo de sua coberta.

Na escuridão úmida onde ninguém poderia vê-los ou ouvi-los, na solidão negra onde ninguém perguntaria como eles conseguiram comida extra, eles começaram a comer sub-repticiamente. Darky comia devagar, desfrutando cada bocado, sua boca salivando tão copiosamente que ele se preocupava com o som alto de mastigação que fazia. Mas o som se perdia em meio a todos os outros ruídos úmidos da noite.

Ele lambeu a gordura fuliginosa de seus dedos. O ovo e o bolinho de arroz formaram uma massa rançosa em seu estômago, queimando sua garganta como uma chama ácida gordurosa. Ele não iria morrer. Já não se importava que Tiny houvesse ocupado a maior

parte de seu espaço. Ainda podia sentir os grãos de arroz em seus lábios, o sabor da linda graxa e da rica gema em sua boca, e sentiu um torpor na cabeça e adormeceu. Não tinha certeza se estava se afogando ou em alguma cama que era também uma mesa cheia de lagostins e maçãs e pedaços de damasco e pernas de cordeiro assadas, uma cama seca, de lençóis limpos e um fogo a seu pé, granizo fustigando a janela do quartinho mais além. Ele havia comido, desejava comer mais, estava afundando mais e mais, estava à mesa e estava dormindo.

Quando tornou a acordar, seu estômago era um punho. Ainda estava escuro. Sua boca tinha gosto de sabão, uma cólica terrível fazia sua barriga murcha se contorcer. Ele se sentou, meio gemendo, meio ofegando pelo esforço, agarrou uma lata de querosene que conservava cheia de água perto de seu lugar de dormir e começou a caminhar descalço pela escuridão, pela lama e pela chuva em direção ao *benjo*, como os japoneses insistiam que a latrina do campo fosse chamada.

A alguma distância das barracas, o *benjo* era uma valeta de vinte jardas de comprimento e meia jarda de profundidade, sobre a qual os homens se agachavam precariamente sobre pranchas de bambu pegajosas para se aliviar. O excremento borbulhante no fundo estava infestado de vermes — parecendo lascas secas de coco sobre *lamingtons*, dizia Chum Fahey. Era um horror. Quando os prisioneiros competiam imaginando maneiras de acabar com seus guardas mais odiados, eles brincavam de um dia afogar Lagartão no *benjo*. Mesmo para eles, uma morte mais terrível era difícil de conceber.

As fogueiras para espantar tigres que os japoneses haviam ordenado que fossem mantidas acesas durante toda a noite já haviam sido encharcadas e extintas pela chuva incessante. O mundo estava escuro, com as nuvens de monção bloqueando boa parte da luz das estrelas e da lua; o jângal empapava a maior parte do resto.

Darky Gardiner percorreu a distância em pulinhos desajeitados, apertando o estômago com a mão livre e tentando não contorcer os intestinos com algum movimento amplo ou brusco que o fizesse evacuar antes da hora. Meio curvado, ele percorreu o caminho entre vagos contornos negros até o campo de abrigos periclitantes de bambu. De dentro vinham gemidos, roncões e arquejos súbitos de outros prisioneiros, que podiam ser de dor ou de tristeza, de lembrança ou agonia. Ou todos esses. E lavando cada som de exaustão e angústia e esperança na lama, havia o zumbido inexorável da chuva torrencial.

Agora, inteiramente desperto pela dor que roía seu abdome, e ofegando com o esforço intenso de caminhar sem defecar, Darky ainda estava a certa distância do *benjo* quando escorregou do acostamento engordurado do caminho para seu centro lamacento, enterrando os tornozelos na lama imunda. Ele ficou momentaneamente em pânico. Seu esforço súbito, frenético, para voltar a um terreno mais firme, mexeu com seus intestinos. Ele sentiu uma queda brusca da tensão extrema e, num jorro calmante, percebeu que estava defecando no meio do caminho principal do campo.

Uma exaustão terrível o acometeu, seu ânus ardia como fogo, sua cabeça girava furiosamente, e tudo que ele queria era deitar-se na lama e na merda e dormir para sempre. Mas lutou contra esse sentimento porque seu estômago estava novamente apertando como um garrote, e sentiu mais uma vez a explosão de um jorro malcheiroso. O esforço o deixara ofegante; tendo se esvaziado por completo, seu intestino pareceu se encher imediatamente de novo.

Darky rendeu-se ao seu corpo, retesou-se uma vez mais e se odiou por ter feito isso, por nem sequer ter conseguido chegar ao *benjo*, por ter espalhado sua sujeira onde outros homens caminhariam pela manhã. Ele pensou nas recomendações do Amigão para observar uma rígida higiene, em como eles todos agora

viam a limpeza — na medida do possível — como fundamental para a sobrevivência. E apesar de não haver nada que pudesse fazer a esse respeito, sentiu-se mesmo assim envergonhado e vencido.

Não havia como separar seu jorro fecal da lama profunda, aquele interminável e incessante mundo lamacento e imundo. Ele já estava sendo lavado pela chuva e transformado em alguma outra coisa, uma decomposição inescapável e mortal que estava em tudo e em todos e os devolvia ao jângal. Da próxima vez, ele disse a si mesmo, houvesse o que houvesse, ele conseguiria chegar à porra daquela horrível latrina. Finalmente houve um movimento insatisfatório que ele sabia que não teria produzido mais que algum muco estriado de sangue oleoso.

Exausto, tonto pelo esforço, Darky se ergueu devagar até ficar numa posição completamente ereta, deu alguns passos trôpegos para fora do caminho e, com a água de sua lata de querosene, começou a se lavar o melhor que pôde. Suas nádegas pareciam cordas. Ele gastou algum tempo limpando o ânus, que, com sua estranha proeminência em meio à carne exaurida, o deixou com uma profunda sensação de desgosto. De repente, ele ficou transido de frio, e suas coxas e panturrilhas tremiam selvagememente enquanto ele as lavava. Darky engoliu em seco, abafando um grito enquanto borrifava água sobre a úlcera tropical do tamanho de uma xícara de chá na sua perna, e se consolou com a ideia de que manter a ferida limpa era uma coisa boa. Ela tinha de ser mantida limpa. Sua mente estava turva — a malária, ele imaginou —, seus sentidos ao mesmo tempo excessivamente aguçados e excessivamente confusos. Mas isto permanecia vívido e forte dentro dele, isto ele sabia: era fácil desistir. O que era, para a mente de Darky, por mais febril que estivesse, não apenas uma coisa ruim, mas a pior das coisas. O caminho para a sobrevivência era jamais desistir nas coisas pequenas. Desistir era não chegar ao *benjo*. Da próxima vez, ele jurou, chegaria lá por mais difícil que pudesse ser.



Seus pés, perdidos na lama, estavam condenados a existir na sujeira. E por isso, limpando-se o melhor que pôde, ele voltou pela merda e pela lama para sua tenda e seu lugar no estrado de bambu. Darky se enfiou embaixo de sua coberta imunda e malcheirosa, arrastando os pés sujos de merda consigo. Seu último pensamento antes da exaustão emporcalhada o carregar para o sono foi que ele estava novamente faminto.

3.

Enquanto as últimas notas do toque de “Alvorada” na corneta de Jimmy Bigelow se dispersavam no amanhecer úmido, Rooster MacNeice abriu os olhos. Uma difusa luz cinzenta coloriu a tenda sem paredes na qual ele dormia e a lama fétida, a sujeira, a desesperança do campo de prisioneiros de guerra mais adiante em tons foscos de ferro e fuligem. Ao longe, a floresta tropical de teca era um paredão negro.

Antes mesmo de estar completamente acordado, Rooster começou aquela manhã, como fazia todas as manhãs, com o primeiro de vários exercícios de autodisciplina que ele sabia que assegurariam sua sobrevivência, mental, física e moralmente. Ele começou a recitar em voz baixa a página de *Mein Kampf* que havia memorizado na noite anterior. Descobriu que as partes contendo judeus — que constituíam o grosso do livro — eram as mais fáceis. Tinham um ritmo galopante que as tornavam menos difíceis de memorizar, o termo *judeu*, um útil coro recorrente. Mas agora ele estava perdido na história inicial do Partido Nazista na Baviera e estava com dificuldade. Onde estavam os judeus, se perguntava Rooster MacNeice, quando realmente se precisava deles?

Uma bomba caiu no Palácio de Buckingham, disse uma voz próxima. Matou o rei e Gracie Fields.

Enquanto se impelia para a beirada da bancada de bambu e coçava a coxa, e depois mais vigorosamente o escroto, Rooster

MacNeice continuava murmurando para si mesmo sobre a bravura dos primeiros *stormtroopers*. Ele sentiu alguma coisa dura e em forma de concha em seu escroto e a esmagou, depois sentiu outra e mais outra, e só então começou a notar a coceira e a mordida dos piolhos que viviam nos estrados de bambu.

Uma coisa eu digo dos japas, disse um velho ao notar sua coceira, eles te ferram de tal modo que você até consegue dormir com piolhos comendo seus bagos de café da manhã.

Rooster percebeu que era Sheephead Morton quem estava falando. Ele parecia um setentão acabado, mas poderia perfeitamente não ter mais do que vinte e três ou vinte e quatro anos.

Acho que alguém disse que Gracie Fields estava com um *dago*, [6] disse Jimmy Bigelow, a corneta amassada na mão, voltando para a tenda. Eles não desertaram para Mussolini?

Isso foi só um rumor, disse Chum Fahey. Desta vez eu consegui notícias quentes de uns holandeses que passaram pelo campo outro dia desses. Holandês uma ova. Mestiços de wops, [7] a maioria deles. Eles disseram que os russos perderam em Stalingrado, os ianques invadiram a Sicília, Musso foi derrubado e o novo governo *dago* está pedindo paz.

Rooster MacNeice tinha uma barba desgrenhada cor de gengibre e o hábito, quando se concentrava, de sugá-la através do lábio inferior e mastigá-la. Mastigando as suíças, ele se lembrou de que, na semana anterior, o rumor tinha sido de que os russos haviam vencido em Stalingrado. Isso era claramente propaganda bolchevique, pensou. Muito provavelmente de Darky Gardiner. Ele diria esse tipo de coisa. Rooster MacNeice odiava bolchevistas, mas, considerando tudo, odiava mais Darky Gardiner. Ele era um homem comum e sujo, e, como a maioria dos mestiços, não merecia confiança. Ele também não conseguia suportar o hábito de Gardiner — até o Speedo acabar com qualquer coisa que não fosse trabalho e

sono — de às vezes ficar de pé sobre um toco de teca na borda do campo cantando “Without a Song” enquanto os prisioneiros voltavam manquitolando de uma noite na Linha. Outros homens pareciam gostar disso; Rooster MacNeice odiava.

E o ódio era uma força poderosa para Rooster MacNeice. Ele odiava wogs, wops, gyppos e dagos.<sup>[8]</sup> Ele odiava chinks, nips e slopes,<sup>[9]</sup> e sendo um homem imparcial, odiava também poms<sup>[10]</sup> e ianques. Encontrava tão pouco em sua própria raça de australianos para admirar que às vezes argumentava que eles mereciam ser conquistados. Ele recomeçou a recitar *Mein Kampf* em voz baixa.

O que é que você está matraqueando agora, Rooster?, perguntou Jimmy Bigelow.

Rooster MacNeice virou-se para o corneteiro, que só recentemente fora transferido para aquela tenda e não conhecia sua rotina matinal. Rooster MacNeice achava que Jimmy Bigelow era um vitoriano e por isso contou-lhe livremente que, para impedir que seu intelecto estagnasse no meio de tasmanianos descendentes de proscritos, jogadores de baralho, adoradores de futebol australiano e viciados em corridas de cavalo — em cuja tenda ambos haviam terminado e que eram tudo menos o que australianos deveriam ser —, ele havia se imposto a tarefa de memorizar um livro inteiro, uma página por dia.

Boa, disse Jimmy Bigelow, sem ousar dizer a Rooster MacNeice que ele era do vale de Huon e havia se alistado com Gallipoli von Kessler. Mas como um modo de passar uma guerra, prosseguiu, há coisas piores do que jogar um *crib* com quatro pessoas.

A mente!, disse Rooster MacNeice. A mente, James!

Gallipoli von Kessler perguntou se ele havia pensado em jogar Quinhentos, dizendo que, embora algumas pessoas dissessem que Quinhentos era, talvez, um jogo mais cerebral do que o *crib*, ele não concordava necessariamente, mas isso poderia ser mais fantasia de Rooster. Era na verdade bridge sem a má companhia.

Claro, não tenho certeza se algum livro os ajudaria, disse Rooster MacNeice, olhando em volta para seus companheiros de tenda para não ter de olhar para Von Kessler. Eles têm a *mancha fatal*.

Boa, disse Jimmy Bigelow, sem a menor ideia do que Rooster estava falando, e Rooster apenas foi em frente, falando sobre como odiava *Mein Kampf*, como odiava Hitler, e como odiava ter de memorizar uma página das besteiras daquele comedor de salsicha por dia. Mas no campo de prisioneiros de guerra javaneses na época em que ele havia começado esse exercício de disciplina mental, este fora o único livro que conseguira. De mais a mais, ele disse, a barba com leves cintilações de saliva, era bom conhecer os argumentos do inimigo e, de todo modo, o conteúdo não era importante para os propósitos do seu exercício. Ele não disse que ficou surpreso pelo tanto que o manifesto de Hitler fazia sentido para ele.

Um dos wops estava por dentro, disse Chum Fahey. Eu confiaria nele. Vendi-lhe o meu casaco.

Rooster MacNeice perguntou o que ele recebera pelo casaco.

Três dólares e um pouco de açúcar de palma. E um livro.

Um casaco vale pelo menos dez, disse Rooster MacNeice, que também odiava holandeses de qualquer origem. Qual é o livro?

É um bom Western.

Isso enfureceu Rooster MacNeice.

Você pode não querer nada melhor do que *Murder at Red Ranch* ou *Sunset on the Corral*, ele explodiu, mas que Deus ajude a Austrália se essa é a mentalidade australiana.

Chum Fahey perguntou se Rooster MacNeice estaria disposto a trocar seu *Mein Kampf* por isto? Ele levantou um exemplar bastante manuseado e muito encardido de *Sun Sinking, Sioux Rising*.

Não, disse Rooster MacNeice. Não, não estaria.

A luz da manhã, embora fraca ainda, trazia lentamente um alívio cor de anil à tenda. As conversas crescentes dos prisioneiros

que despertavam pararam abruptamente, e todos se viraram em uma direção, olhando por sobre o ombro de Rooster MacNeice. Um riso abafado se propagou pelos estrados, e um a um os prisioneiros esfregaram os olhos para se assegurar de que viam mesmo o que estavam vendo. Rooster MacNeice virou a cabeça. Foi a coisa mais estranha, mais inesperada de todas. Ele mastigou suas suíças.

Muitos homens começaram a se preocupar que seu desempenho após a guerra seria afetado permanentemente pela absoluta falta de desejo sexual que a fome e as doenças haviam causado em quase todos. Os médicos os tranquilizavam, dizendo que aquilo era apenas uma questão de dieta; e que resolvido isso, eles estariam ótimos. Mas mesmo assim os prisioneiros se perguntavam se funcionariam como homens ao fim de suas provações. Nenhum deles conseguia se lembrar da última ereção que tivera. Alguns se perguntavam se seriam capazes de deixar as esposas felizes quando voltassem para casa. Gallipoli von Kessler disse que não conhecia um cara que tivesse ficado excitado em meses, enquanto Sheephead Morton afirmou que não *ficava de pau duro* havia mais de um ano.

Foi, pois, a visão mais milagrosa — tão imperdível quanto notável — a que eles viram surgir diante deles.

O velho Tiny, disse Gallipoli von Kessler. Lá está ele, batendo às portas da morte, e parece um bambu no molhado.

Porque se erguendo da forma esquelética ainda adormecida de Tiny Middleton — o antes musculoso cristão em pessoa, dormindo deitado de costas, distraído de toda atenção, sonhando alegremente com alguma empreitada pecaminosa, sua depravação indiferente à fome e à doença —, ali estava, projetando-se para o alto, como o mastro de uma bandeira regimental, uma grande ereção.

Era uma coisa alentadora, todos concordaram, ainda mais pelo tanto que Tiny Middleton havia afundado nas últimas semanas. A visão era tão notável que todos ficaram falando em voz baixa

enquanto acordavam outros e os orientavam para olhar. Em meio aos risos abafados, às piadas obscenas e à alegria geral que a visão suscitava, um homem objetou.

Será o melhor que podemos fazer?, perguntou Rooster MacNeice. Rir de um homem quando ele está na pior?

Chum Fahey observou que Tiny parecia ótimo para ele.

Vocês não têm a menor decência, murmurou Rooster MacNeice. Nenhum respeito. Não como os velhos australianos.

Vou cobri-lo para você, Rooster, disse Darky Gardiner. Pegando um grande fragmento de casca de ovo de pata ao lado de sua coxa, ele se curvou e o depositou cuidadosamente na ponta do pênis ereto.

Tiny continuava dormindo. Seu pinto enchapelado se erguia acima deles como um cogumelo fresco da floresta estremecendo levemente à brisa matinal.

É feio zombar, disse Rooster MacNeice. Não somos melhores do que os japas imundos se fizermos isso.

Darky Gardiner apontou para a casca de ovo, que parecia uma espécie de mitra.

Ele foi promovido a papa, Rooster, disse Dark Gardiner.

Porra, Gardiner, disse Rooster MacNeice. Deixe o pobre homem em paz e permita-lhe um pouco de decência.

Ele se sentou por completo, levantou-se e caminhou até onde Tiny Middleton dormia. Inclinando-se entre as pernas espalhadas de Tiny, Rooster MacNeice estendeu a mão e tentou retirar o que lhe parecia uma piada degradante.

No momento em que seus dedos se fechavam em torno da casca de ovo, Tiny Middleton despertou. Quando seus olhos se cruzaram, a mão de Rooster MacNeice congelou sobre a casa de ovo, talvez até a esmagando levemente. Tiny Middleton se endireitou com uma raiva e energia inteiramente desproporcionais a seu corpo exaurido.

Rooster, seu maldito *perverso*.

Quando — humilhado e para a gozação geral, e a risada de Darky Gardiner em particular — Rooster MacNeice voltou ao seu lugar no estrado, ele fez uma descoberta desalentadora. Vasculhando seu saco de viagem atrás do *Mein Kampf* para conferir sua memorização, ele descobriu que seu ovo de pata — comprado três dias antes e escondido no saco de viagem — havia desaparecido. Ele pensou naquele ovo desaparecido, e na casca de ovo de pata que Darky Gardiner havia colocado em Tiny Middleton, e soube que o Príncipe Negro havia roubado seu ovo.

Não havia nada, é claro, que pudesse ser feito a esse respeito — Gardiner negaria o roubo, os outros ririam ainda mais, talvez até apreciassem a ideia do roubo. Naquele momento, porém, ele odiou Gardiner — um homem que o havia roubado e depois usara o roubo para humilhá-lo — com uma intensidade e selvageria que excediam em muito qualquer rancor que sentisse pelos japoneses. E o ódio era tudo para Rooster MacNeice.

4.

Darky Gardiner se vestiu, e porque, como qualquer outro, não tivesse outras roupas além daquele chapéu australiano que colocava sobre a cabeça e a tanga aborígine que usava dia e noite — um tapa-sexo imundo que cobria o pênis e pouco mais —, não precisou de muito tempo para se vestir. Ele fez a sua cama e, como ela não era nenhuma cama, também levou pouco tempo de Darky Gardiner. Ele dobrou sua cobertura segundo o regulamento do Exército Imperial Japonês e depois a colocou no lugar definido pelos regulamentos do Exército Imperial Japonês — ao pé de seu espaço de dormir sobre a bancada de bambu. A chuva parou. O som da selva gotejando deu lugar às aves da selva chamando em gotículas sonoras.

Ele pegou uma de suas últimas oito posses, seu kit de cozinha militar — dois recipientes de lata maltratados encaixados um no

outro que serviam de prato, caneca e marmitta —, e estava prendendo o cabo de arame em forma de pregador de cabelo em sua tanga quando surgiu um grito. Alguns guardas estavam a caminho de seu abrigo para uma inspeção surpresa. Houve uma excitação desesperada enquanto cobertas eram dobradas, sacos de viagem afofados e alisados, e vários contrabandos escondidos da melhor maneira possível.

Dois guardas liderados por Lagartão entraram pelo corredor central do abrigo enquanto os prisioneiros ficaram em posição de sentido diante das camas comunitárias. Lagartão despejou um saco na lama do lado de fora, esbofeteou um homem sem nenhuma razão aparente e depois parou diante de Darky Gardiner.

Lagartão tirou seu rifle do ombro e, com um movimento longo e lento, levantou a cobertura de Darky Gardiner com a ponta do cano e a deixou cair no chão enlameado. Por alguns instantes Lagartão ficou olhando para a cobertura imunda, e depois ergueu os olhos. Soltou um grito e bateu com toda força com a coronha do rifle na cabeça de Darky Gardiner.

O prisioneiro caiu, mas foi lento demais para erguer um braço e se proteger, e o outro guarda chutou seu rosto. Ele conseguiu se contorcer para o lado sob a proteção do estrado de bambu, mas não antes de Lagartão lhe dar um bom chute na cabeça. E aí, tão abruptamente como haviam começado, as coisas terminaram.

Lagartão continuou sua caminhada estranha e artificial pelo corredor do abrigo, esbofeteando Chum Fahey sem nenhuma razão discernível, depois desapareceu com seu acompanhante na outra extremidade. Darky Gardiner ficou de pé, um pouco desequilibrado, a cabeça ainda confusa, a boca salgada do sangue, seu corpo coberto da lama suja que se acumulava embaixo do estrado de bambu.

A dobra, disse Jimmy Bigelow.

Não foi tão ruim, disse Darky.



Ele se referia à surra. Cuspiu um catarro ensanguentado. Estava tonto, pôs um dedo na boca e sentiu o molar que havia recebido os chutes. Estava mole, mas com sorte aguentaria. Sua cabeça não estava funcionando direito.

Você esqueceu a dobra, disse Sheephead Morton.

Eu dobrei a porra toda, disse Darky Gardiner.

Com um toco de cigarro fumegando que acabara de acender e agora segurava entre o polegar e o indicador, Jimmy Bigelow apontou para a própria coberta.

Olhe só, ele disse.

A dobra estava virada para fora.

A sua dobra estava virada para dentro, disse Sheephead Morton. Contra os regulamentos dos japas. Você sabe disso.

Lagartão achou que você estava gozando da cara dele, disse Jimmy Bigelow, dando uma tragada. Tome — ele estendeu o cigarro empapado para Darky.

A mão de Jimmy Bigelow estava coberta de crostas rachadas e estava seriamente infeccionada, toda ela vermelhos e amarelos. Doenças aterrorizavam Darky Gardiner. Elas se apossavam das pessoas e não as largavam mais.

Toma, disse Jimmy Bigelow. Pegue.

Darky Gardiner não se moveu.

Só a morte está pegando por aqui, disse Jimmy Bigelow, e eu não a peguei. Certo?

Darky Gardiner pegou o cigarro e — sem deixar que tocasse em seus lábios — segurou-o diante de sua boca aberta.

Certo, disse Jimmy Bigelow.

Darky deu uma tragada. Ele observou quatro homens carregando uma maca de bambu, caminhando aos tropeções para o hospital.

Acho que é o Gyppo Nolan, disse Chum Fahey.

A fumaça entrou na boca de Darky. Era ácida, picante, boa.

Lá se vai nosso torneio de *crib* a quatro pelo ralo, disse Sheephead Morton. Ele se virou para Rooster MacNeice. Te interessa tomar o lugar dele?

O quê?, disse Rooster MacNeice, ainda magoado com a humilhação da casca de ovo.

O Gyppo. Ele... Ele... bem. Foi. E ele adorava o *crib*. Ele detestaria pensar que...

Morrendo?

Bem. Um pouco. Quer dizer, o cara podia ser um idiota. Mas ele amava um joguinho de baralho. Esse era o gyppo de que me lembro. E sei que ele ia querer que nós continuássemos.

A jogar *crib*?

Por que não? Bridge nunca foi a praia do Gyppo.

Darky Gardiner deu uma lenta e longa tragada uma segunda vez, inalou a fumaça profundamente e a reteve. Por um instante o mundo ficou calmo e silencioso. Com a fumaça rica, gordurosa, veio a paz, e ele sentiu como se o mundo houvesse parado e ficaria parado enquanto aquela fumaça permanecesse dentro de sua boca e de seu peito. Ele fechou os olhos e, enquanto estendia o toco de cigarro a Jimmy Bigelow, entregou-se à anulação que impregnava seu corpo com a rica fumaça. Mas sua cabeça não estava bem.

Detesto baralho, disse Rooster MacNeice.

A chuva voltara. Era um ruído sem conforto. Ela não escorria suavemente pelos pés de teca e de bambu, não suspirava, não criava uma quietude calmante. Desabava sobre o bambu espinhoso e o dilúvio soava para Darky Gardiner como o barulho de muitas coisas quebrando. A chuva era tão forte que era impossível conversar.

Ele saiu e ficou parado na tempestade para se lavar da lama. Pequenos filetes de água imundos surgiram ao redor de seus pés, enquanto a chuva formava regatos e escorria por todo o campo. Ele observou um caldeirão rolar ao lado de seu abrigo, e um momento

depois viu um australiano ocidental pernetando saltitando com suas muletas de bambu em seu encaço.

Mas sua cabeça não estava bem.

5.

Toda manhã Dorrigo Evans se barbeia porque acredita que deve manter as aparências para o próprio bem deles, porque se parecer que ele não se importa mais com ela, por que eles se importariam? E quando olha o pequeno espelho de serviço, ele vê seu reflexo turvo borrando o rosto de um homem que não é mais ele: mais velho, mais descarnado, mais ossudo, rígido de uma maneira que ele nunca foi, mais reservado e dependendo cada vez mais de alguns acessórios lamentáveis: seu chapéu de oficial, numa inclinação vulgar; uma echarpe vermelha amarrada como uma bandana em volta do pescoço, um toque cigano talvez mais para si mesmo do que para eles.

Três meses antes, caminhando para um acampamento rio abaixo a fim de conseguir remédios, ele deparou com um *romusha* tâmil vestido com um sarongue vermelho esfarrapado sentado ao lado de um riacho, esperando para morrer. O velho não estava interessado na ajuda que Dorrigo lhe pudesse prestar. Ele esperava pela morte como um viajante por um ônibus. Voltando a pé pelo mesmo caminho um mês antes, ele topou com o velho pela segunda vez, agora um esqueleto descarnado por animais e insetos. Dorrigo tirou o sarongue vermelho do esqueleto, lavou-o, rasgou-o ao meio e amarrou o melhor pedaço em volta do pescoço. Quando a morte lhe chegar, ele espera encontrá-la como o *romusha* tâmil, embora duvide que faça isso. Não aceita as imposições da vida e não as aceitará, assim ele pensa, da morte.

Dorrigo nota como eles, seus homens, também estão bem mais velhos do que jamais serão se sobreviverem para envelhecer. No seu íntimo, será que eles sabem que têm apenas que sofrer, mas não

infligir sofrimento? Ele compreende que o culto de Cristo faz do sofrimento uma virtude. Havia discutido com o padre Bob sobre o assunto. Espera que Cristo esteja certo. Mas não concorda. Não mesmo. Ele é um médico. Sofrimento é sofrimento. Sofrimento não é virtude, nem faz virtude, nem a virtude flui necessariamente por ele. O padre Bob morreu gritando de terror, de dor, de desespero; ele foi cuidado por um homem que, ao que Dorrigo Evans sabia, teria sido um assaltante brutal de uma gangue de Darlington antes da guerra. Virtude é virtude, e, como o sofrimento, é inexplicável, irredutível, ininteligível. Na noite em que o padre Bob morreu, Dorrigo Evans sonhou que estava num poço com Deus, que ambos eram calvos e lutavam por uma peruca.

Dorrigo Evans não é cego às qualidades humanas dos prisioneiros. Eles mentem, trapaceiam, roubam e mentem, trapaceiam e roubam com gosto. O pior finge doença, o mais orgulhoso, saúde. A nobreza com frequência os evita. No dia anterior, ele havia topado com um homem tão doente que estava deitado de bruços, apenas o nariz fora da lama, no fundo da face da rocha que marca o fim da Dolly, incapaz de percorrer as meras cem jardas finais até a casa. Dois homens estavam passando por ele, exaustos demais para ajudar, lutando para conservar a pouca energia que lhes sobrara para a própria sobrevivência. Ele teve que ordená-los a ajudar o homem nu a chegar ao hospital.

No entanto, a cada dia ele os carrega, atende, segura, corta e costura, joga baralho por suas almas e desafia a morte para salvar mais uma vida. Ele mente, trapaceia e rouba também, mas por eles, sempre por eles. Pois veio a amá-los, e a cada dia compreende que está falhando em seu amor, pois a cada dia mais e mais deles morrem.

Havia muito tempo que ele não pensava em mulheres. Mas ele ainda pensa nela. Seu mundo além dali encolheu para ela. Não Ella. Ela. Sua voz, seu sorriso, seu riso gutural, o cheiro dela dormindo.

Ele mantém conversas com ela em sua cabeça. Será que ama os rapazes por que não pode tê-la? Ele não pode tê-la. Ele não pode responder à própria pergunta. Não pode.

Dorrigo Evans não é típico da Austrália, e eles tampouco, voluntários das periferias, favelas e terras das sombras de seu vasto país: vaqueiros, caçadores, doqueiros, caçadores de cangurus, trabalhadores de escritório, caçadores de dingo e tosquiadores. São bancários e professores, balconistas, operários e traficantes baratos, sobreviventes do *susso*,<sup>[11]</sup> trambiqueiros, palhaços, valentões, garçons, marginais, idiotas e bastardos durões oriundos de uma depressão que os fez crescer em casebres e barracos sem eletricidade, com seus velhos mortos ou aleijados ou enlouquecidos pela Grande Guerra e suas velhas vivendo de professoras assistentes e de esperança, de pensão de soldados, em assentamentos, cortiços e favelas, em um mundo oitocentista que cambaleara até meados do século xx.

Embora cada homem morto seja uma redução em seu número, os milhares de prisioneiros de guerra que partiram primeiro de Changi como a Força J de Evans — um sortimento de tasmanianos e australianos ocidentais rendidos em Java, australianos do sul rendidos em Cingapura, sobreviventes do afundamento do destróier *HMAS Newcastle*, alguns de Vitória e de Nova Gales do Sul, de outras desventuras militares. E alguns aviadores da raaf — continuam sendo a Força J de Evans. Era isso que eles eram quando chegaram, e é o que serão quando partirem. A Força J de Evans, com um milhar de almas, pouco importando se no fim somente um homem restar para marchar para fora deste campo. Eles são sobreviventes de décadas sombrias e difíceis que foram deixados com este mínimo irredutível: uma crença no outro, uma crença à qual se aferram ainda com mais força quando a morte chega. Pois se o vivo deixar o morto partir, sua própria vida deixa de ter

importância. O fato de sua própria sobrevivência de certo modo exige que eles sejam unidos, agora e para sempre.

6.

Um saco de cartas da Austrália havia chegado com o caminhão atolado. Era um prazer raro e inesperado. Os prisioneiros sabiam que os japoneses retinham quase toda a correspondência, e a excitação foi tão grande que antes do desjejum terminar o saco já havia sido aberto e seu conteúdo distribuído. Dorrigo ficou encantado de receber sua primeira carta em quase um ano. Antes mesmo de ter examinado a caligrafia, soube pelo envelope de cartão duro que era de Ella. Ele resolveu não abri-lo até a noite, prolongando o prazer de sentir que, em algum lugar, um mundo diferente e melhor continuava existindo, um mundo em que ele tinha um lugar e ao qual um dia voltaria. Quase imediatamente, porém, sua mente se rebelou e ele abriu o envelope com um rasgão, e desdobrou com tanta afobação as duas folhas que as rasgou parcialmente. Ele começou a ler com furiosa avidez.

A dois terços do caminho da primeira página, ele parou. Sentiu-se incapaz de prosseguir. Era como se tivesse saltado para um carro e acelerado diretamente contra um muro. As letras da escrita cursiva elegante de Ella ficaram se espalhando e se erguendo da página como grãos de poeira, mais e mais grãos de poeira se entrechocando, e ele com dificuldade de se lembrar do rosto dela. Parecia muito real e totalmente irreal ao mesmo tempo.

Ele não sabia se era o ataque de malária do qual ainda estava se recuperando, ou exaustão, ou o choque de receber a carta, sua primeira em quase um ano. Ele a releu, mas se perdeu numa lembrança a um só tempo precisa e imprecisa, os grãos de poeira mais brilhantes e selvagens, o sol poente mais cegante do que nunca, e ainda assim ele não conseguia ver o rosto dela claramente. Pensando: O mundo é. Apenas é.

Ele podia se lembrar de estar sentado no furgãozinho Austin do padeiro enquanto guiava para a costa, podia sentir o cheiro acre de seu estofamento de crina de cavalo e de farinha estragada, sentir a ferroada ardente no calor de Adelaide quando começou a visitar regularmente o hotel de seu tio, seu estômago doendo de nervosismo, sua boca seca, sua camisa apertada demais, seu batimento cardíaco uma pulsação consciente. O hotel, que veio à sua mente como se ele estivesse novamente lá: as varandas fundas e escuras; as crostas escamando nas filigranas enferrujadas de ferro; o vasto mar de topázio ondulado pelo vento; o som crepitante e longínquo de Leslie Hutchinson cantando "These Foolish Things" ouvido como se estivesse pegando um jacaré numa onda rasa. Mas do rosto de Amy ele não conseguia se lembrar minimamente.

O que era, ele se perguntou, esse desejo de estar com ela e só com ela, de estar com ela noite e dia, se interessar até pelos seus casos mais deprimentes, a mais óbvia de suas observações, correr seu nariz ao longo de suas costas, sentir as pernas dela envolvendo as suas, ouvi-la gemer seu nome, esse desejo que subjugava todo o resto em sua vida? Como nomear essa dor que ele sentia no estômago por ela, esse aperto no peito, essa vertigem avassaladora? E como dizer — em palavras que não fossem as mais óbvias — que ele agora estava tomado por um único pensamento que mais parecia um instinto: que ele tinha de estar perto dela, com ela e somente com ela.

Ela ansiava por demonstrações de afeto. O presente mais banal sempre a comovia, a tranquilizava, sabendo que os sentimentos dele por ela não tinham evaporado. Para ela os presentes, as declarações, eram necessários. O que mais ela tinha como prova deles? Negada a possibilidade de eles formarem um casal, esta era a única evidência que ela poderia ter, agora e depois, de que um dia tivera tamanha alegria. Talvez Amy, no seu íntimo, tão diferente de Dorrigo, fosse uma realista. Ou assim ele pensava. E desse modo,

um dia em que eles estavam juntos na cidade, ele havia sacado quase toda sua poupança para comprar um colar de pérola para ela. Era uma pérola solitária elegantemente disposta numa corrente de prata. Ele se lembrou de ter olhado por sobre a cintura dela para a estrada construída pela lua sobre o mar. Ela havia lastimado a loucura dele, disse-lhe duas vezes para devolver o colar, mas seu contentamento era indisfarçável. Porque ela tinha o que havia desejado, embora jamais pudesse usá-lo publicamente: a prova deles. Mesmo agora ele podia ver o colar. Mas o rosto dela, nada.

Quando você me viu pela primeira vez na livraria, ele havia dito enquanto abria o fecho triangular do colar e beijava-lhe a nuca. Lembra?

Claro, ela disse, um dedo na pérola.

Agora eu fico tentando imaginar se foi naquele momento que você de algum modo se juntou a nós?

O que quer dizer?

Mas ele não soubera o que quisera dizer e ficara assustado por não saber para onde seus pensamentos o estavam levando. Sendo assim, será que ele tinha tão pouco controle sobre a própria vida? Ele se lembrou de nadar na praia uma manhã, esperando que ela voltasse da cidade. Uma correnteza o havia apanhado e arrastado algumas centenas de jardas até ele conseguir escapar.

A ressaca, ele havia dito. Nossa.

Ela rira. É um lindo colar, disse.

Mesmo agora ele podia ver a lua em miniatura do colar ondulando a luz elétrica da loja; podia ver o fecho triangular repousando sobre a sua nuca, emoldurando aquele mais tênue, mais sedutor espinhaço de coníferas. Mas os grãos de poeira estavam subitamente por toda parte, o ruído da chuva estava aumentando e ele não conseguia ver o rosto dela, não conseguia ouvir a voz dela. Bonox Baker estava ao seu lado dizendo que era *tenko*, e Amy não estava lá.



Se não formos agora, disse Bonox Baker, chegaremos tarde, e Cristo sabe que pobre bastardo eles vão nos mandar para trabalhar.

Por um instante Dorrigo Evans ficou confuso sobre quem ele era. Ainda sem estar muito seguro, deixou a carta perto de sua cama e saiu para a chuva.

Pensando: O mundo é. Ele apenas é.

7.

Rooster MacNeice demorou a juntar-se à turba exausta que avançava penosamente pela chuva e pela lama de sua aldeia dos danados para a cozinha. Exceto por suas tangas e chapéus da Força Imperial Australiana, a maior parte deles estavam nus, e quanto menos roupas tinham, mais gastos e arruinados ficavam seus corpos, mais eles pareciam usar o chapéu com uma petulância de arruaceiro, como se estivessem mais uma vez de saída para uma noitada de cerveja e bordéis na Palestina. Mas já não tinham a mesma elegância de antes.

O cheiro de fumaça de madeira, o pequeno santuário de poeira seca e quente em torno dos fogões, o relaxamento dos homens prestes a ser alimentados, o zum-zum de conversas, tudo isso na maioria das circunstâncias fazia a cozinha parecer caseira, acolhedora, em um mundo estranho e desagradável. Mas naquela manhã a chuva estava invadindo a cozinha. Vários fios de água desciam do telhado de folhas de palmeira, fumegando ao atingir os fogões, guarnecendo o arroz nas largas panelas de ferro fundido com a fuligem que arrastavam para baixo das vigas enegrecidas. O chão estava duas boas polegadas embaixo d'água.

Chapinhando, Rooster MacNeice despreendeu seu jogo de vasilhas e, quando chegou sua vez, estendeu as duas. Uma pequena xícara de uma papa aguada de arroz que servia de café da manhã foi despejada em uma vasilha e uma bola de arroz suja que servia de almoço foi largada na outra.

Vai andar ou não?, disse uma voz atrás dele.

Rooster MacNeice se endireitou. Chapinhando pela água, ele voltou para a chuva torrencial. Agora suas opções eram tentar retornar pela ladeira escorregadia com sua água de arroz para o relativo abrigo de sua tenda e ali se sentar e comer seu desjejum, ou, como faziam muitos prisioneiros, ficar de pé na chuva e engoli-lo o mais rapidamente possível. Afinal, não era comida; era sobrevivência.

Ele observou Darky Gardiner passar por ele, voltando para o abrigo para comer. Darky Gardiner era um dos prisioneiros que faziam do ato de comer uma pequena cerimônia, como se estivesse se preparando não para algumas colheres de arroz azedo, mas para um assado de domingo. Rooster MacNeice, por sua vez, embora se esforçasse para não engolir de uma vez sua lavagem, fracassava sempre. Ele percebia o sentido do prazer de reter a comida por um ou dois minutos — de apenas saber que agora se poderia comer, de desfrutar da antecipação quase tanto quanto da comida, de comer devagar, saboreando as poucas bocadas, e até multiplicá-las, quebrando-as em muitas porções na colher, em vez das três ou quatro bocadas que a ração de lavagem comportava. Mas não o fazia.

E Rooster MacNeice detestava o momento em que, depois de engolir o arroz, erguia os olhos e via um homem como Darky Gardiner ainda comendo, com vagar e serenamente, com comida ainda por comer. Nessas ocasiões, Rooster MacNeice tentava não olhar, ignorar a inveja que tão dolorosamente empanturrava sua barriga vazia, ignorar a raiva que dilacerava sua mente frenética. Ele prometia que na vez seguinte também comeria sabiamente, cuidadosamente, lentamente; que na vez seguinte ele, Rooster MacNeice, seria um daqueles para os quais todos aqueles rostos cavernosos miseráveis, todos aqueles focinhos ossudos e grandes olhos sonhadores se virariam e olhariam com inveja, desesperados

por um pouco da sua gororoba. Nessa próxima vez, ele seria o cara com aquela estranha dignidade que fazia de comer uma gororoba um ato de coragem, de desafio até.

Mas jamais conseguiu.

Sua fome parecia um animal selvagem. Sua fome era desesperada, louca, dizendo-lhe que qualquer comida que ele encontrasse fosse engolida o quanto antes e o mais rapidamente possível; apenas coma, sua fome guinchava — coma! coma! coma! E o tempo todo ele sabia que era sua fome que o estava devorando.

Ele ouviu um grito. Levantando a cabeça, Rooster MacNeice viu Darky Gardiner escorregando pela lama, seu mingau de arroz se espalhando por todos os lados. Ele captou os olhos desvairados de Darky Gardiner por mais tempo do que desejava e depois, olhando para baixo, viu onde, na lama marrom, a chuva pesada já estava dissolvendo a lavagem de arroz numa mancha cinza cintilante.

Rooster MacNeice virou para o outro lado e, de costas para Darky, engoliu o resto da sua lavagem. Em poucos segundos ela se foi. Não era nada, ele pensou. Um homem precisava de dez vezes aquela quantidade de comida por desjejum.

Os porcos amarelos estão nos matando de fome, ele disse para ninguém em particular.

Tendo acabado, ele se virou para trás para ver Tiny Middleton — uma figura grotesca, tão magra que suas ancas se destacavam como orelhas de elefantes — ajudando desengonçadamente Darky Gardiner a se levantar. Enquanto Rooster MacNeice lambia os restos na sua vasilha, ele observou o esqueleto apanhar a vasilha de estanho de Darky Gardiner, transferir para ela metade de sua gororoba de arroz e a devolver a ele.

Rooster MacNeice fechou seu conjunto de vasilhas com o bolo de arroz do almoço dentro e o prendeu à sua tanga. Ele não conseguia compreender como um homem humilhado podia ajudar seu atormentador sacrificando metade da sua comida. Homens

assim, ele podia ver, não tinham vergonha nem autoestima. Sentindo uma estranha sensação de alívio que beirava o triunfo por não ter tido que dividir o seu próprio desjejum, ele foi até a dupla e pôs uma mão sobre o ombro enlameado de Darky Gardiner.

Precisa de ajuda, Gardiner?

Estou bem, Rooster.

Notando outros homens se dirigindo então para a revista matinal, Rooster MacNeice se apressou para se juntar à procissão maltrapilha a caminho da borda oeste do campo. Lá, diante de um galpão de dois cômodos sobre estacas com paredes de bambu e telhado de folhas de palmeira que servia de administração para os engenheiros japoneses, havia um lamaçal que servia de praça de armas. Ali era realizado o *tenko* matinal e ali eles eram contados e divididos em seus grupos de trabalho diurno.

Ao chegar, Rooster MacNeice observou os outros chegando de todo o campo, alguns mancando, outros escorados por colegas, alguns sendo carregados sobre ombros, outros se arrastando. Ele se viu perto de Jimmy Bigelow, que maldizia o dia e Deus.

Está lindo, disse Rooster MacNeice, já que para ele só pensamentos positivos deviam ser expressos. Os melhores pensamentos, ele havia descoberto, às vezes também tinham o efeito de desencorajar a companhia de homens como o que estava ao seu lado. Os prisioneiros tendiam a ficar ligados a seus grupos de tenda. No melhor dos tempos — e este era tudo, menos isso —, essa camaradagem não fizera muito por Rooster MacNeice. E após sua humilhação no começo do dia, significava menos ainda agora. Quando não conseguia se esquivar dela, ele tentava quebrá-la.

É a catedral da natureza, disse Rooster MacNeice, apontando para um arvoredado alto de bambus.

Jimmy Bigelow, erguendo os olhos fundos para o céu, só conseguia ver o céu ainda escuro das primeiras horas da manhã e as pontas escuras do jângal abaixo dele.

Boa, disse Jimmy Bigelow.

Olha só a maneira como as árvores se inclinam umas para as outras para formar aqueles grandes arcos góticos, disse Rooster MacNeice. E por trás delas, os pés de teca traçando aquelas linhas filigranadas, como as divisórias de chumbo de vitrais.

Jimmy Bigelow fitou a silhueta lúgubre das árvores. Ele perguntou se Rooster queria dizer como *King Kong*. Seu tom era inseguro.

Eu acredito que há vitaminas na beleza, disse Rooster MacNeice.

Jimmy Bigelow disse que achava que vitaminas estavam em vitaminas.

Beleza, eu disse, retrucou Rooster MacNeice.

Ele não acreditava em nada disso, mas tinha ouvido Rabbit Hendricks discorrer sobre besteiras parecidas. Esses sentimentos elevados, sendo elevados, mesmo quando roubados de outros, ele via como evidência de um caráter melhor que o deixava à parte da ordem inferior e garantiria sua sobrevivência.

Uma nuvem negra de chuva surgiu no céu com uma velocidade alucinante. A luz que incidia sobre os bambus bruscamente escureceu, os galhos de teca se dissolveram em cinza, alguns pingos grossos de chuva desceram erraticamente para o chão e em segundos haviam se transformado num dilúvio trovejante. O jângal se transformou num todo opressivo. Pesadas rajadas de chuva tamborilavam na copa das árvores e ricocheteavam no chão ao lado da praça de armas, como se mesmo a terra estivesse farta da chuva e quisesse o seu fim. Mas ela não parava. Era como se a chuva quisesse dominar todas as coisas. Ela caía ainda mais; mais pesada, mais dura, tão ruidosa que os homens desistiram de gritar até passar o pior dela.

Prisioneiros continuavam chegando. Eles estavam mais doentes do que nunca. Os que não conseguiam ficar de pé ficavam sentados

ou deitados ao longo de uma grande tora de teca ao lado da praça de armas, um lugar conhecido como Muro das Lamentações. Através dos lençóis de chuva, Rooster MacNeice avistou um soldado australiano se arrastando na lama para a praça de armas. Outro prisioneiro caminhava ao lado dele, fazendo-lhe companhia, como se estivessem indo para as corridas de cavalo. O homem que se arrastava parecia não querer ajuda, e o que caminhava ao seu lado parecia não a estar oferecendo. E, no entanto, enquanto o aguaceiro confundia os dois em um, pareceu a Rooster MacNeice que alguma coisa os unia.

Quando eles finalmente se aproximaram, Rooster MacNeice percebeu que era Tiny Middleton quem estava se arrastando, e era Darky Gardiner quem caminhava ao seu lado, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Duas vezes ele viu Gardiner se oferecer para amparar o companheiro, mas Middleton parecia decidido a conseguir chegar sozinho.

E a visão dos homens que ele desprezava do fundo do seu coração, essa visão daquele homem incapacitado e de seu amigo, que podia zombar dele, mas não o abandonaria, essa visão do que mesmo o mais inferior ser parecia ter, e que Rooster MacNeice compreendeu que não possuía, não fez o menor sentido para ele e momentaneamente o encheu do ódio mais terrível.

Rooster MacNeice virou-se novamente para os bambus e tentou uma vez mais imaginá-los como arcos góticos, sua prisão como uma catedral, procurando encher seu coração de beleza.

8.

Enquanto os prisioneiros se reuniam embaixo do aguaceiro com Dorrigo Evans à frente, os japoneses aguardavam na cabana de administração até a chuva amainar, para somente então sair. Para surpresa de Dorrigo Evans, Nakamura estava com eles. Normalmente, o tenente Fukuhara supervisionava a seleção.

Diferentemente de Fukuhara, que sempre conseguia parecer perfeito na praça de armas, o uniforme de oficial de Nakamura estava esfarrapado e sua camisa tinha manchas escuras de mofo. Ele parou para amarrar uma faixa da perneira que estava arrastando na lama.

Enquanto esperava, Dorrigo Evans alongava o corpo como fazia outrora no campo de futebol, preparando-se para o jogo. Os prisioneiros fizeram a chamada, um processo tedioso em que cada homem tinha de gritar seu número em japonês. Na condição de oficial-comandante e oficial-médico sênior dos prisioneiros, Dorrigo Evans relatou ao major Nakamura que quatro homens haviam morrido no dia anterior, dois durante a noite, restando agora oitocentos e trinta e oito prisioneiros de guerra. Desses oitocentos e trinta e oito, sessenta e sete tinham cólera e estavam no complexo de cólera, e outros cento e setenta e nove estavam no hospital com doenças graves. Outros cento e sessenta e sete estavam demasiado enfermos para qualquer trabalho pesado. Ele apontou para os prisioneiros encostados na tora e disse que havia, além disso, sessenta e dois apresentando-se doentes ali naquela manhã.

Há, portanto, trezentos e sessenta e três homens para trabalhar na ferrovia, disse Dorrigo Evans.

Fukuhara traduziu.

*Go hyaku*, disse Nakamura.

O major Nakamura diz que precisa de quinhentos prisioneiros, traduziu Fukuhara.

Não temos quinhentos homens aptos, disse Dorrigo Evans. O cólera está nos destruindo. Ele...

Australianos deviam se lavar como soldado japonês. Banho quente todo dia, disse Fukuhara. Ficar limpo. Aí não cólera.

Não havia banhos. Não havia tempo para aquecer a água mesmo que eles a tivessem. O comentário de Fukuhara chocou Evans como a mais perversa das zombarias.

*Go hyaku!*, explodiu Nakamura.

Dorrigo Evans não esperava por isso. Nas últimas semanas eles haviam pedido quatrocentos homens, e depois do teatro geralmente se acertavam com cerca de trezentos e oitenta. Mas a cada dia havia mais mortos e mais doentes e menos aptos a trabalhar. E agora havia o cólera. Mas ele continuou como antes e repetiu que havia trezentos e sessenta e três homens aptos para o trabalho.

Major diz tirar mais corpos do hospital, disse Fukuhara.

Aqueles homens estão doentes, disse Dorrigo Evans. Se forem postos para trabalhar, morrerão.

*Go hyaku*, disse Nakamura, sem esperar a tradução.

Trezentos e sessenta e três, disse Dorrigo Evans.

*Go hyaku!*

Trezentos e oitenta, disse Dorrigo Evans, esperando que eles pudessem chegar a um acordo.

*San hachi*, traduziu Fukuhara.

*Yon hyaku kyūju go*, disse Nakamura.

Quatrocentos e noventa e cinco, traduziu Fukuhara.

Não haveria acordo fácil.

Eles continuaram barganhando. Após outros dez minutos ou mais de discussão, Dorrigo Evans decidiu que, se tinha de haver uma seleção de doentes para trabalhar, ela devia se basear nos seus conhecimentos médicos e não nas exigências insanas de Nakamura. Ele ofereceu quatrocentos homens, citando mais uma vez os números de doentes, detalhando suas numerosas aflições. Mas em seu íntimo Dorrigo Evans sabia que seus conhecimentos médicos não serviriam de argumento e escudo. Ele sentiu o mais terrível desalento, que era também sua fome devorando-o por dentro, e tentou não pensar no bife que havia tão afoitamente recusado.

Mas, além de quatrocentos, concluiu, nada conseguiremos para o imperador. Morrerão homens que seriam de mais utilidade quando estiverem melhores. Quatrocentos é o melhor que podemos conseguir.



Antes que Fukuhara pudesse traduzir, Nakamura gritou para um cabo. Uma cadeira branca de madeira foi trazida rapidamente da cabana da administração. Subindo nela, Nakamura falou aos prisioneiros em japonês. Foi um discurso curto, e quando terminou, ele desceu e Fukuhara subiu.

O major Nakamura tem o prazer de conduzir vocês na construção da ferrovia, disse Fukuhara. Ele lamenta encontrar gravidade em questão de saúde. Em sua opinião, isso se deve à ausência de crença japonesa: saúde segue vontade! Em Exército japonês os que não conseguem atingir objetivo por falta de saúde são considerados os mais vergonhosos. Devoção até morte, bom.

Fukuhara desceu e o major Nakamura subiu na cadeira e falou novamente. Desta vez, quando encerrou, não desceu e permaneceu de pé, correndo o olhar pelas filas de prisioneiros.

Compreende espírito japonês, gritou Fukuhara de baixo dele, seu pescoço de ganso ondulando como se estivesse vomitando. Nippon preparado para trabalhar, major Nakamura diz, australiano precisa trabalhar. Nippon come menos, australiano come menos. Nippon lamenta muito, major Nakamura diz. Muitos homens devem morrer.

Nakamura desceu da cadeira.

Bom filho da puta, sussurrou Sheephead Morton para Jimmy Bigelow.

Alguma coisa caiu. Ninguém se mexeu. Ninguém falou.

Um prisioneiro tinha desabado na primeira fila. Nakamura caminhou a passos largos ao longo da fila de prisioneiros até alcançar o homem caído.

*Kurra!*, berrou Nakamura.

Quando não houve resposta para este ou para um segundo grito, o major japonês chutou a barriga do homem caído. O prisioneiro se levantou cambaleando para cair em seguida. Nakamura chutou com força uma segunda vez. De novo o prisioneiro

se levantou e tornou a cair. Seus olhos enormes, amarelados pela icterícia, projetavam-se para fora como bolas de golfe sujas — coisas bizarras, perdidas, de outro mundo —, e nenhuma quantidade de chutes ou berros de Nakamura o moveriam. Seu rosto devastado e as bochechas murchas faziam sua mandíbula parecer grande demais. Ela parecia o focinho de um porco selvagem.

Desnutrição, pensou Dorrigo Evans, que havia seguido Nakamura e agora se ajoelhava entre ele e o prisioneiro. O homem jazia na lama, inerte. Seu corpo era uma ruína devastada coberta de chagas e úlceras e pele descascando. Pelagra, beribéri, Cristo sabe o que mais, pensou Dorrigo. As nádegas do homem eram pouco mais do que fios deploráveis dos quais seu ânus se projetava como um macramê sujo. Um lodo malcheiroso verde-oliva ressumava e escorria por suas pernas esqueléticas. Disenteria amebiana. Dorrigo Evans acomodou a ruína imprestável de homem em seus braços, ficou de pé e se virou para Nakamura, o homem doente pendendo de seus braços como um feixe enlameado de gravetos partidos.

Trezentos e noventa e nove homens, disse Evans.

Nakamura era alto para um soldado japonês, um metro e setenta e cinco, talvez, e musculoso. Fukuhara começou a traduzir, mas Nakamura levantou uma mão e o interrompeu. Ele se virou para Dorrigo Evans e lhe esbofeteou o rosto com o dorso da mão.

Este homem está doente demais para trabalhar para Nippon, major.

Nakamura esbofeteou-o novamente. E enquanto Nakamura continuava o esbofeteando, Evans se concentrava em não deixar o doente cair. Com um metro e oitenta e sete, Dorrigo Evans era alto para um australiano. Essa diferença de altura no começo o ajudou a suportar os golpes, mas eles lentamente cobraram seu preço. Ele se concentrava em manter os pés firmemente assentados no chão, no golpe seguinte, em manter o equilíbrio, em não admitir qualquer dor, como se aquilo fosse um jogo. Mas não era um jogo, era tudo

menos um jogo, e ele sabia disso também. E, de certo modo, sentia que era certo ele estar sendo punido.

Porque ele havia mentido.

Porque trezentos e sessenta e três não era um número real. Trezentos e noventa e nove tampouco. Porque, pensava Dorrigo Evans, o número real era zero. Nenhum prisioneiro estava à altura do que os japoneses esperavam. Todos estavam sofrendo graus variados de inanição e doença. Ele jogava jogos por eles como sempre jogara, e jogava jogos porque era o melhor que podia fazer. E Dorrigo Evans sabia que havia um número diferente de zero que também era o número real, e esse número era o que ele havia calculado agora, a soma dos menos prováveis de morrer com os agora trezentos e sessenta e dois menos doentes. E a cada dia essa aritmética terrível cabia a ele.

Dorrigo estava ofegando agora. Enquanto os golpes de Nakamura continuavam caindo, ele se concentrou em repassar novamente as admissões no hospital, os que estavam em recuperação, os homens com ocupações mais leves; enquanto Nakamura o atingia num lado da face, depois no outro, ele recontava o número de doentes no hospital — quarenta talvez — que, se tratados adequadamente, poderiam ser capazes de ser transferidos para obrigações leves — contanto que elas fossem muito leves —, e o mesmo número dos melhores dos homens de obrigações leves poderiam ser postos então em turmas de trabalho. O total era quatrocentos e seis. Sim, ele pensou, esse foi o número máximo, e ele conseguiu achar quatrocentos e seis homens. Todavia, hoje, enquanto Nakamura o golpeava sem parar, ele sabia que isso não seria suficiente. Teria de dar mais homens a Nakamura.

Tão bruscamente quanto havia começado, o major Nakamura parou de espancá-lo e se afastou. Nakamura coçou a cabeça raspada e fitou o australiano. Ele olhou duro e profundamente em seus olhos, e o australiano devolveu-lhe o olhar, e nessa troca de

olhares eles expressaram tudo que não estava na tradução de Fukuhara. Nakamura estava dizendo que ele prevaleceria, viesse o que viesse, e Dorrigo Evans estava replicando que ele era um igual e que não se submeteria. E só depois dessa conversa silenciosa foi reencetada a pechincha nesse estranho bazar de vida e morte.

Nakamura mencionou a cifra de quatrocentos e trinta homens e não cederia. Evans bravateou, manteve-se firme, bravateou um pouco mais. Mas Nakamura havia começado a coçar com fúria o cotovelo e agora falava autoritariamente.

É a vontade do imperador, traduziu Fukuhara.

Eu sei, disse Dorrigo Evans.

Fukuhara não disse nada.

Quatrocentos e vinte e nove, disse Dorrigo Evans e se curvou.

E assim estava feita a negociação do dia, e os negócios do dia começaram. Dorrigo Evans momentaneamente se perguntou se havia ganhado ou perdido. Tinha jogado o jogo o melhor que pôde, e a cada dia perdia um pouco mais, e a derrota era contada nas vidas de outros.

Ele foi até o Muro das Lamentações e deitou o homem doente ao lado da tora, junto com os outros enfermos, e estava prestes a ir ao hospital e começar a seleção quando teve a sensação de que havia perdido algo ou colocado no lugar errado.

Ele refez o caminho.

Da mesma maneira como cobria toras, dormentes, bambu caído, trilhos de ferro e qualquer número de outras coisas inanimadas, a chuva agora serpenteava sobre o cadáver de Tiny Middleton. Chovia sem parar.

9.

É seu, não é? Sheephead Morton perguntou, entregando a Darky Gardiner um malho no depósito onde os prisioneiros guardavam suas ferramentas. Ele tinha mãos enormes como prensas e uma

cabeça que ele próprio descrevia como mais acidentada que a estrada que saía de Rosebery. Seu nome provinha não de sua aparência, mas de ter passado a infância em Queenstown — uma remota cidade de mineração de cobre na costa oeste tasmaniana, uma terra formada em partes iguais de floresta tropical e mito — onde, durante algum tempo, sua família fora tão pobre que eles só conseguiam comprar cabeças de ovelhas para comer. Sua gentileza quando sóbrio só se igualava a sua violência quando bêbado. Ele adorava brigar e, certa vez, bêbado, havia chamado para a briga um ônibus lotado de soldados que retornavam de uma licença no Cairo. Quando lhe disseram para ficar quieto e sentar, ele virou-se para Jimmy Bigelow e, balançando a cabeça de desgosto, resumiu um mundo de desprezo com meras seis palavras: Não saem ratos de camundongos, Jimmy.

De Tiny, disse Darky Gardiner.

Tiny havia marcado o melhor malho do estoque do campo entalhando um T no topo do cabo para que ele ou Darky o identificassem a cada manhã.

É o melhor malho, disse Sheephead Morton, a quem essas coisas importavam. O cabo está um pouco lascado, mas a cabeça é uma boa libra mais pesada.

E enquanto Tiny conservara sua força e eles mantiveram um sistema de trabalho por produção, havia sido o melhor malho. Cada golpe tinha o poder extra de seu peso, socando mais forte e mais fundo o ponteiro e ajudando Tiny e Darky a terminarem sua cota mais cedo. Bastava estar em forma e forte como estivera Tiny para erguer e deixar cair a ferramenta com precisão.

Para ele ajudava, disse Sheephead Morton, aguardando Darky Gardiner pegar o malho.

Para todos eles agora, porém, não se tratava de fazer o trabalho, mas sobreviver ao dia. Darky Gardiner estava fraco demais para levantar o pesado malho, hora após hora, controlando sua

descida para acertar a barra com precisão, sem erro. Agora ele só escolhia os malhos leves, os malhos imprestáveis, e martelava de lado, procurando não se ferir ou a quem estivesse segurando a barra, tentando preservar forças suficientes para a martelada seguinte, tentando sobreviver a mais um dia.

Ajudou ele a morrer, disse Darky Gardiner, pegando um malho leve com a cabeça frouxa.

Todos queriam apenas o que fosse mais leve para carregar, mais leve para levantar, mais fácil para sobreviver mais um dia. Ele poderia firmar a cabeça com uma lasca de bambu, pensou Darky Gardiner. No fim do dia estaria um pouquinho menos exausto. Ele acomodou o cabo do malho sobre a clavícula para ter um apoio mais confortável para o seu peso. Sentindo a leveza do malho ali, ficou quase feliz, não fosse por sentir a cabeça mais e mais pesada.

Um murmúrio se espalhou entre os prisioneiros como uma brisa e depois se foi. Pois, na verdade, o que havia para ser dito? Eles se misturaram e começaram a caminhar para a Linha através da Dolly. Com dois guardas japoneses à frente e vários atrás, eles se distribuíram numa fila única. Os prisioneiros menos doentes lideravam, seguidos pelos homens que transportavam as sete macas com os enfermos demais para caminhar, mas que os japoneses haviam decretado aptos para o trabalho, uma posição na Linha em que poderiam ser ajudados, mas não atrasariam ninguém. Atrás deles vinham homens em vários estágios de decrepitude, e os que usavam muletas improvisadas fechavam o cortejo.

Que puta desfile de Natal, disse alguém atrás de Darky Gardiner.

Ele se concentrava nas pernas à sua frente. Elas estavam imundas e esqueléticas, os músculos das panturrilhas e das coxas pareciam tendões lacerados que desapareciam onde as nádegas deviam ter estado um dia.

Antes mesmo de essa grotesca caravana chegar ao pequeno rochedo na borda extrema do campo que os prisioneiros tinham de escalar por uma escada de bambu amarrada com arame — uma coisa periclitante que devia ser testada a cada degrau e jamais merecer confiança —, Darky Gardiner queria deitar e dormir para sempre. No alto da escada havia uma série de suportes para o pé, escorregadios por causa da chuva e dos fétidos excrementos lamacentos, onde o esforço matinal provocara uma inevitável resposta nos prisioneiros quase nus que subiam.

Eles trabalhavam em equipe, passando as ferramentas por uma corrente humana, arrastando os mais fracos e de alguma forma alçando as macas sem incidente. A força descomunal que isso exigia deixou Darky Gardiner se sentindo menos exausto e um pouco mais forte quando atingiu o topo do rochedo. E ele precisaria de toda sua força, pois nesse dia era o sargento encarregado de um grupo de sessenta homens.

A luz da manhã ainda era fraca, e quando eles saíram do rochedo e se embrenharam no jângal, o mundo ficou negro e a trilha parecia mais escura e mais confusa do que Darky Gardiner se lembrava. Ele fazia tudo que podia para ser um bom líder de grupo, para entreter os guardas o melhor que podia, encontrando maneiras de trapacear suas cotas ou de aproveitar qualquer oportunidade que surgisse para roubar alguma coisa de valor, desde que o roubo não pudesse ser rastreado, de evitar as surras, de ajudar os homens de seu grupo a sobreviver mais um dia. Hoje, porém, ele não era ele. Estava com uma febre brava — dengue, malária, febre tifoide, malária cerebral —, era difícil saber qual, e isso, aliás, não importava, e Darky Gardiner tentou se concentrar em ajudar seus homens. Tirou um pesado rolo de corda de cânhamo molhada do jovem Chum Fahey, cuja canela era uma bagunça ulcerada. Chum havia emprestado a certidão de nascimento de seu primo para se alistar, estava no Exército fazia três anos e ainda não completara

dezoito anos. Darky tinha visto rapazes como Chum se quebrarem como um graveto quando a vida se voltava contra eles. Ele atirou a corda enrolada sobre o ombro esquerdo para equilibrar o malho no direito.

Enquanto avançavam pela trilha, Darky Gardiner concentrou-se em ler o caminho à sua frente e disciplinar o corpo exausto para posicionar um pé ou perna deste modo e não daquele, a fim de não se ferir. Ele sempre fora ágil. Até quando se sentia prestes a cair, ainda tinha, mesmo em sua condição enfraquecida, a capacidade de se recuperar. Ainda conservava vigor suficiente nas coxas e nos tornozelos para dar pequenos saltos e se esquivar habilmente de um obstáculo, e usar outro — uma rocha, uma tora — para evitar o desgaste de pular alguma poça ou maçaroca de espinhentos bambus caídos.

E, de novo, ele tentou se convencer de que este era um dia bom e do quanto era afortunado por ter energia suficiente para se preservar; porque Darky Gardiner entendia que fraqueza só causava mais fraqueza, que cada passo em falso levava a outros mil, que toda vez que se equilibrava na ponta do pé sobre um terreno escarpado de arenito importava se concentrar em dar direito o passo seguinte para a próxima rocha escarpada ou tora escorregadia, para não cair e se ferir, para poder fazer o mesmo amanhã e todos os dias depois deste. Mas ele não acreditava, como Tiny Middleton acreditara, que seu corpo o salvaria. Não queria terminar batendo no peito gritando *Eu!*. Darky Gardiner não tinha muitas crenças. Ele não acreditava que era único ou que tinha algum tipo de destino. Em seu íntimo, sentia que todas essas ideias eram absolutamente sem sentido e que a morte poderia encontrá-lo a qualquer momento, como agora estava encontrando tantos outros. A vida não tinha a ver com ideias. A vida tinha um pouco a ver com sorte. Ela era, sobretudo, um baralho de cartas marcadas. A vida era apenas dar o próximo passo com segurança.



Os prisioneiros ouviram uma praga e a fila indiana parou. Quando olharam para cima e para trás, puderam ver que Darky Gardiner havia enterrado a bota numa fenda da rocha. Darky virou-se para um lado e para o outro, até finalmente soltar o pé. Alguns riram. O cano da bota estava no pé de Darky, mas a sola havia se separado por completo — a costura improvisada havia se rompido — e continuava presa na fenda da rocha.

Darky se agachou e a sola se partiu em duas quando a puxou. Ele largou os pedaços, os ombros caídos, talvez tenha praguejado, talvez não. Eles estavam absortos demais nas próprias batalhas para notar, e apenas retomaram a caminhada. Darky Gardiner também continuou a avançar mancando, tremendo, os restos da bota batendo contra seu calcanhar. Alguns instantes depois, ele gritou de dor ao puxar a perna de trás, caiu e não conseguiu se levantar mais.

Ele parece fodido, disse Chum Fahey.

Seu sapato está fodido, disse Sheephead Morton.

Dá no mesmo, disse Chum Fahey.

Sem botas ou sapatos a maioria dos homens não conseguia durar muito. Sem botas ou sapatos era apenas uma questão de dias ou horas até um pé ser cortado ou ferido por espinhos de bambu, rochas, os intermináveis fragmentos cortantes de rocha explodida que estavam no chão do corte ferroviário. Às vezes, em poucas horas, começava uma infecção que dias depois se tornaria séptica e, em uma semana, se transformaria na leishmaniose cutânea, que estava causando a morte de muitos prisioneiros. Alguns homens que haviam passado a vida no mato não pareciam ser muito afetados e sobreviviam bem, e outros até preferiam andar descalços. Mas Darky Gardiner não era um vaqueiro da Austrália Ocidental como Bull Herbert, ou um aborígene como Ronnie Owen. Era um doqueiro de Hobart, e seus pés eram macios e vulneráveis.

A coluna parou e aguardou, aliviada com o intervalo. Darky Gardiner estava pensando numa torta que comera certa vez, carne e

rim com massa folhada e um chutney suculento, qualquer coisa que o distanciasse daquela selva. Sua boca estava salivando; o chutney era de damasco, o molho da carne, apimentado. Mas ele mal conseguia parar de ofegar.

Cara?, disse Sheephead Morton.

Sim, cara, disse Darky Gardiner.

Melhorou, cara?

Claro, cara.

Tem que melhorar, cara.

Sim, cara, disse Darky Gardiner.

Enquanto arquejava e bufava por mais um bom meio minuto, tentando recuperar o fôlego, ele avistou um macaco. O bicho estava empoleirado no galho pendente de uma árvore alguns metros adiante na trilha, tremendo, o pelo completamente molhado.

Olha só aquele pobre coitado, disse Darky Gardiner finalmente.

Ele é livre, seu idiota, disse Sheephead, repartindo seu cabelo molhado com os dedos de salsicha e recolocando o chapéu na cabeça. Quando eu for libertado, vou voltar para casa em Queenstown, vou encher a cara e não vou parar antes de chegar a cem.

É isso aí, cara.

Já estive em Queenie, cara?

A chuva continuava. Ninguém disse nada por alguns instantes. Darky Gardiner ofegava.

Não, cara.

Tem um morro grande lá, disse Sheephead Morton. Montanha, na verdade, e de um lado fica Queenie e do outro fica Gormanston. No meio do nada. Duas cidades mineiras. Foi floresta tropical um dia. As minas mataram tudo. Não sobrou uma samambaia para limpar o rabo. Não tem lugar igual no mundo. Parece a porra da lua. Num sábado à noite você pode encher a cara, atravessar o morro,

arranjar uma briga em Gormy e depois voltar para casa em Queenie. Em que outro lugar do mundo você pode fazer isso?

10.

Enquanto eles esperavam, não houve muitas outras conversas porque realmente não havia muito sobre o que conversar. Cada homem estava tentando descansar, dar a seu corpo uma trégua antes do trabalho massacrante para o qual ele não tinha nem as reservas de força nem a energia que poderiam torná-lo suportável.

Sheephead Morton acendeu um cigarro feito com um pouco de tabaco local enrolado numa página de um manual do Exército japonês, tragou profundamente e passou-o adiante.

O que estamos fumando?

O *Kama Sutra*.

Isso é chinês.

E daí?

Como está o pé dele?, alguém do fundo perguntou.

Nada bom, disse Sheephead Morton, levantando o pé de Darky e sacudindo-o para livrá-lo um pouco da lama. Ele girou o pé em torno do rosto como se fosse um instrumento de navegação que estivesse usando para definir um rumo.

O tecido entre o dedão e o seguinte foi rompido. Muito ruim.

Alguém sugeriu que eles poderiam fazer uma sola e gáspea novas para o calçado quando voltassem ao campo à noite.

Esse é o lado bom, disse Darky Gardiner. Ainda fiquei com a bota, hein?

Ninguém falou.

E eu só preciso arranjar uma sola nova e volto para o batente.

Acho que sim, Darky, disse Chum Fahey.

Todos sabiam que não havia couro ou borracha dignos no campo que pudessem ser utilizados numa sola que durasse uma caminhada até a Linha, muito menos um dia de trabalho.

Há sempre um lado bom se você pensar nisso, disse Darky Gardiner.

Pode apostar, Darky, disse Sheephead Morton, abrindo sua marmitta, cortando seu bolo de arroz ao meio e levando uma porção à boca.

E assim era. Não havia nada que pudesse ser feito, e eles logo teriam de começar a se mover novamente. Enquanto estava deitado, Darky Gardiner sentiu a dura pressão de sua marmitta no seu flanco esquerdo e lembrou-se do quanto estava com fome e de como naquela pequena marmitta estava uma bola de golfe de arroz que ele poderia comer agora. Ela ficara enlameada com a queda, mas era comida. E de volta ao campo, havia seu leite condensado, que ele agora resolveu que comeria naquela noite. E isso era uma coisa boa também.

Ele sentou-se com dificuldade. Tantas coisas boas, de fato, pensou Darky Gardiner. Se não fosse pela dor no pé, pela cabeça doendo e pelo fato de que, quanto mais pensava na possibilidade de comida, mais faminto se sentia, seria o melhor que poderia conseguir, considerando tudo.

Ao seu lado, ele podia ouvir Sheephead Morton engolindo. Alguns fizeram o mesmo. Outros pegaram apenas alguns grãos de arroz de sua bola; e outros ainda engoliram a coisa toda de uma vez.

Que horas são?, Darky Gardiner perguntou a Lizard Brancussi, que de algum modo conseguira conservar um relógio.

Sete e cinquenta, disse Lizard Brancussi.

Se comesse sua bola de arroz agora, pensou Darky Gardiner, não teria nada para comer nas doze horas seguintes. Se a reservasse, teria cinco horas até seu curto intervalo para almoço — cinco horas em que poderia ao menos contemplar a perspectiva futura de comida. Mas se a comesse agora, não teria nem comida nem esperança.

Era como se houvesse duas pessoas dentro dele, uma exortando juízo, cautela, esperança — pois o que é o racionamento de nada senão o ato de um homem que espera sobreviver? —, e a outra declarando desejo e desespero. Pois se ele esperasse até o almoço, não haveria então outras sete horas sem comida? E que diferença faria não ter comida por doze horas ou por sete horas? Qual era a diferença, afinal, entre morrer de fome e morrer de fome? E se ele comesse agora, isso não melhoraria suas chances de sobreviver ao dia, de se esquivar dos socos dos guardas, de ter a energia para não pisar em falso ou executar uma marretada errada capaz de causar um ferimento potencialmente letal?

E o demônio do desejo era forte em Darky Gardiner agora, e sua mão estava se esticando para tirar a marmita do cordão da tanga quando Sheephead Morton o pôs de pé de repelão. Os demais se levantaram, e Lizard Brancussi pegou o malho que Darky estivera carregando, não por algum espírito de compaixão, mas porque eles eram nisso, como em tantas outras coisas, um animal estranho, um organismo único que, de alguma forma, sobrevivia em conjunto. E Darky Gardiner ficou prontamente furioso por estar sendo tão cruelmente privado de sua comida e aliviado porque ainda teria sua bola de arroz para o almoço. E nesse ânimo estranho de fúria e alívio, ele reiniciou a penosa caminhada.

Então Darky Gardiner caiu uma segunda vez.

Peraí, rapazes, ele disse quando tentavam reerguê-lo.

Eles pararam. Alguns baixaram as ferramentas, alguns se agacharam, outros se sentaram.

Sabe, disse Darky, enquanto estava deitado na escuridão molhada do chão do jângal, eu sempre pensava naquele pobre peixe.

Do que você está falando, Darky?, perguntou Sheephead Morton.

Ele estava falando do restaurante de peixe do Nikitaris. Em Hobart. De como costumava levar sua Edie lá para comer depois de irem ao cinema num sábado.

Barracuda e fritas, ele lhes disse. Musola é bom, mas barracuda é mais doce. Tem um grande tanque lá, cheio de peixes nadando. Nada de peixinhos dourados — peixes de verdade, tainhas e salmões e linguados — como o que estávamos comendo. E a gente os ficava observando, disse Darky Gardiner, e mesmo assim Edie achava que devia ser triste para eles, retirados do mar para terminar naquele horrível tanque de peixes, esperando a frigideira.

Ele vive falando do restaurante de peixe do Nikitaris, disse Lizard Brancussi.

Eu nunca havia pensado em como aquilo era a sua prisão, disse Darky Gardiner. Seu campo. Agora fico enjoado só de pensar naqueles pobres peixes no tanque do Nikitaris.

Sheephead Morton disse-lhe que ele era um bolinho de batata numa embalagem.

Darky Gardiner disse aos outros para seguirem em frente senão o Lagartão cairia em cima deles. Ele disse que faria o percurso no seu próprio ritmo.

Ninguém se moveu.

Vão em frente, camaradas, ele disse.

Ninguém se moveu.

Ele disse que ficaria ali deitado mais alguns minutos apenas pensando nos seios de Edie, que eram muito bonitos, e ele precisava passar algum tempo sozinho com eles.

Os outros disseram que não prosseguiriam sem ele.

Darky Gardiner disse que ele era o sargento e ordenou que seguissem em frente.

Vão!, ele gritou de repente. É a porra de uma ordem. Vão!

A porra de uma ordem?, perguntou Sheephead Morton. Ou só uma ordem?

É isso aí, engraçadinho, disse Darky Gardiner. Engraçadinho como Rooster MacNeice recitando *Mein Kampf*. Vão embora. Deem o fora.

Os que estavam sentados puseram-se de pé, os que estavam de pé se endireitaram, e recomeçaram a andar lentamente. Darky quase no mesmo instante foi perdido de vista e esquecido. A trilha foi ficando lamacenta e traiçoeira, passando por fendas escorregadias no arenito escarpado, onde os pés podiam sofrer e com frequência sofriam cortes severos. Eles começaram a se espaçar rapidamente, o lugar de um prisioneiro na linha determinado mais ou menos por sua doença. Um pequeno grupo, não mais que uma dúzia de homens, ainda milagrosamente em forma na frente, na outra ponta os que caíam e tropeçavam, às vezes se arrastavam, e no meio os que se revezavam carregando as macas dos doentes. E havia ainda aqueles que, embora em forma, permaneciam com seus colegas, ajudando, amparando, sem jamais desistir.

E assim a malfadada coluna prosseguia, avançando penosamente pelo corredor estreito que eles haviam aberto por entre as grandes árvores de teca e os bambus espinhosos do jângal, espessos demais para permitir qualquer outra forma de passagem. Eles prosseguiram caminhando e caindo, prosseguiram tropeçando e escorregando e suando, enquanto pensavam em comida, ou não pensavam em nada, prosseguiram se arrastando e defecando e saltitando, sempre para a frente, num dia que não havia nem sequer começado.

11.

O primeiro círculo de Dante, disse Dorrigo Evans para si mesmo, enquanto saía da cabana da leishmaniose e atravessava o riacho morro abaixo para continuar suas rondas matinais no campo do cólera, uma coleção de abrigos abandonados, sem paredes e

cobertos por lonas apodrecidas. Ali ficavam isolados todos os pacientes coléricos. E ali a maioria deles morria. Ele tinha um nome clássico para muitas de suas misérias: a trilha até a Linha era a Via Dolorosa, um nome que os prisioneiros haviam adotado e transformado em Dolly Rose e, depois, simplesmente Dolly. Enquanto caminhava, ele enterrava os pés descalços na lama como uma criança, a cabeça curvada como uma criança, interessado como uma criança não em para onde estava indo nem no que poderia haver em seguida, mas somente no sulco que seu pé abria e que desaparecia logo em seguida.

Mas Dorrigo Evans não era uma criança. Ele ergueu a cabeça e caminhou ereto. Tinha de projetar propósito e certeza, mesmo que não os tivesse. Alguns eram salvos, sim, ele pensou, tentando se persuadir talvez de que era algo mais que um mau ator. Alguns nós salvamos. Sim, sim, ele pensou. E ao mantê-los isolados, salvavam os outros. Sim! Sim! Sim! Ou alguns dos outros. Tudo era relativo. Ele podia se considerar rei, pensou — mas não se consideraria e não pensaria, pois estava a nor-noroeste de nenhum sul, isso era tudo que podia pensar, palavras sem sentido, nem mesmo seus pensamentos eram seus, falcões sendo serrotes. Na verdade, ele nem sabia mais o que pensar, vivia num manicômio fora do alcance da alusão, que dirá da razão ou do pensamento. Ele só poderia mesmo atuar.

No perímetro do complexo do cólera, além do qual só era permitida a passagem dos afligidos pelo terrível mal e por seus cuidadores, ele foi alcançado por Bonox Baker, que havia se oferecido como voluntário para ser um ordenança, com a notícia de que outros dois ordenanças haviam contraído o cólera. Oferecer-se para ordenança era, em si, uma espécie de sentença de morte. Embora Dorrigo Evans aceitasse o risco que corria como parte de sua vocação de médico, ele jamais compreendeu por que os que poderiam evitá-lo escolhiam semelhante destino.



Há quanto tempo está aqui, cabo?

Três semanas, coronel.

O corpo adolescente de Bonox Baker erguia-se de dois sapatos brogue absurdamente grandes para ele e agora gastos. Ele os havia comprado quando colaborava com um grupo de trabalho japonês nas docas de Cingapura, junto com uma caixa de papelão com latas de Bonox que haviam desaparecido um dia, e esse novo nome permaneceria com ele pelo resto da vida. Enquanto todos os demais envelheciam décadas, jovens de dezesseis anos fazendo setenta, Bonox Baker seguia na direção oposta. Ele tinha vinte e sete e aparentava dezenove.

Bonox Baker atribuía seu rejuvenescimento ao fracasso da guerra do Japão. Embora não fosse evidente para ninguém naquele campo de prisioneiros de guerra nas profundezas do jângal siamês, para Bonox Baker o fracasso era óbvio. Ele encarava a guerra como uma imensa campanha pessoal dirigida pela Alemanha e pelo Japão contra ele, com o exclusivo propósito de matá-lo, e até agora, por se manter vivo, ele estava vencendo. O campo de prisioneiros era apenas uma aberração irrelevante. Bonox Baker sempre despertara alguma curiosidade em Dorrigo Evans.

Desde que o cólera começou, Bonox?, ele perguntou.

Sim, senhor.

Eles caminharam até o primeiro abrigo, onde ficavam os casos mais recentes. Poucos conseguiam chegar à segunda tenda, onde os sobreviventes se recuperavam o melhor que podiam. Muitos no primeiro abrigo morriam em poucas horas. Ela era, para Evans, a mais desesperadora das tendas, mas era também onde estava seu verdadeiro trabalho. Ele se virou para Bonox Baker.

Pode voltar, Bonox.

Bonox Baker não disse nada.

Volte ao campo principal. Você já fez a sua parte. Mais do que a sua parte.

Acho que prefiro ficar.

Bonox Baker parou na entrada da tenda, e Dorrigo Evans com ele.

Senhor.

Dorrigo Evans notou que o rapaz havia levantado a cabeça e estava olhando diretamente para ele pela primeira vez.

Prefiro assim.

Por quê, Bonox?

Alguém tem de fazer.

Ele ergueu uma aba de tela carcomida e Dorrigo Evans o seguiu pela tenda, a narina dilatada sentindo um fedor de pasta de anchova e fezes, tão adstringente que lhes ardia a boca. A chama vermelha lodosa de um lampião a querosene pareceu a Dorrigo Evans fazer a escuridão saltar e se retorcer numa dança vaporosa e estranha, como se o bacilo do cólera fosse uma criatura dentro de cujas entranhas eles viviam e se movimentavam. Na extremidade oposta do abrigo, um esqueleto particularmente arruinado sentou-se e sorriu.

Vou voltar para o Mallee, parceiros.

Seu sorriso era largo e cordial, e deixava ainda mais grotesco seu rosto de macaco.

Hora de ver os velhos, disse o garoto de Mallee, agitando os braços que mais pareciam hastes de flores, úlceras amarelas brotando na boca. Puta merda! Pode apostar que vai ter risos e lágrimas quando eles virem seu Lenny voltar para casa!

Esse rapaz começou meio arruaceiro e terminou meio abobado, disse Bonox Baker a Dorrigo Evans.

Vai ter, não vai?

Ninguém respondeu ao rapaz de Mallee de feições simiescas e sorriso largo, ou se o fizeram, foi com resmungos baixos e gritos suaves.

Esses sujeitos de Vitória pegavam qualquer um, disse Bonox Baker. Como ele os convenceu a aceitá-lo no Exército, não sei.

O rapaz de Mallee deitou-se tão feliz como se tivesse sido posto na cama por sua mãe.

Ele vai fazer dezesseis no mês que vem, disse Bonox Baker.

Em meio à pasta de lama e fezes havia um longo estrado de bambu sobre o qual jaziam outros quarenta e oito homens em estágios variados de agonia. Ou assim parecia. Um por um, Dorrigo Evans examinou as cascas estranhamente envelhecidas e enrugadas, a pele esfolada, a cor de lama com manchas pretas agarrada em ossos retorcidos. Corpos, pensou Dorrigo Evans, como raízes no mangue. E por um momento a tenda inteira do cólera flutuou na chama de querosene diante dele. Tudo que podia ver era um mangue fedorento cheio de raízes retorcidas gemendo, buscando eternamente a lama para viver. Dorrigo Evans piscou uma, duas vezes, preocupado com que pudesse ser uma alucinação provocada pelos primeiros estágios da dengue. Ele enxugou o nariz que escorria com as costas da mão e seguiu em frente.

O primeiro homem parecia estar se recuperando. O segundo estava morto. Eles o enrolaram em sua coberta imunda e o deixaram para o destacamento funerário levar e queimar. O terceiro, Ray Hale, se recuperara de tal forma que Dorrigo lhe disse que poderia sair naquela noite e assumir trabalhos leves no dia seguinte. Dorrigo Evans também declarou o quarto e o quinto mortos, e ele e Bonox Baker também enrolaram esses cadáveres em suas cobertas malcheirosas. A morte não era nada ali. Havia, Dorrigo pensou — embora combatesse esse sentimento como uma forma traiçoeira de piedade —, uma espécie de alívio nela. Viver era lutar em terror e sofrimento, mas, ele disse só a si mesmo, era preciso viver.

Para se assegurar de que não havia pulsação aqui também, ele se curvou e pegou o pulso enrugado do esqueleto enrodilhado seguinte, uma pilha estática de ossos e feridas pestilentas, quando

um estremecimento percorreu o esqueleto e sua cabeça cadavérica virou. Olhos estranhos, meio cegos, esbugalhados e vidrados, e com pouca visão, pareceram se fixar em Dorrigo Evans. A voz era levemente esganiçada, a voz de um menino perdido em algum lugar no corpo de um velho agonizante.

Me perdoe, doutor. Não esta manhã. Detesto te desapontar.

Dorrigo Evans recolocou suavemente o pulso na pele suja de um tórax que afundava nas costelas salientes, como se pendurado para secar.

As coisas são assim, cabo, ele disse suavemente.

Mas os olhos de Dorrigo ergueram-se momentaneamente e foram flagrados pelo olhar fixo de Bonox Baker. Nos olhos de seu temerário superior, o ordenança pensou ter visto um estranho desânimo que por um instante se aproximou do medo. Abruptamente, Evans desviou o olhar.

Não fale assim, ele disse para o homem agonizante.

O esqueleto tornou a girar lentamente a cabeça e retornou a sua estranha imobilidade. As poucas palavras o deixaram esgotado. Com a ponta dos dedos, Dorrigo Evans ajeitou o cabelo liso e molhado na testa enrugada do paciente, afastando-o de seus olhos.

Não para mim nem para ninguém.

E assim a dupla esquelética continuou — o médico alto, o ajudante baixo, ambos quase nus; o ordenança com o par absurdo de sapatos brogue excessivamente grandes e o chapéu do Exército, a aba exorbitantemente larga sobre o rosto abatido; o médico com sua bandana vermelha engordurada e o quepe de oficial inclinado, como se estivesse saindo à caça de mulheres na cidade. Tudo no seu séquito parecia uma imensa farsa ao médico, ele sendo o personagem mais cruel: o homem que proferia esperança onde não havia nenhuma nesse hospital que não era hospital, mas um abrigo cheio de vazamentos feito de trapos pendurados em bambus, os leitos que não eram leitos, mas ripas de bambu infestadas de

vermes, o chão que era sujo, e ele, o médico quase sem nenhum dos itens de que um médico precisa para curar seus pacientes. Ele tinha uma bandana vermelha enbebada, um quepe inclinado e uma autoridade duvidosa para praticar a cura.

E, no entanto, ele sabia que não continuar, não fazer suas visitas diárias, não persistir, encontrando alguma maneira desesperada de ajudar, era pior. Sem motivo algum, a imagem do enfermo Jack Rainbow interpretando o encontro de Vivien Leigh com seu amado numa ponte, após uma longa separação, veio à sua mente. Ele pensou em como os espetáculos que os homens haviam montado anteriormente — para os quais, com grande engenhosidade, tinham criado cenários e figurinos com bambus e velhos sacos de arroz para imitar filmes e musicais — não eram nem de longe uma representação da realidade tão absurda quanto seus hospitais e seu atendimento médico. E, no entanto, como o teatro, aquilo era de certa forma real. Como o teatro, ajudava. E às vezes as pessoas não morriam. Ele se recusava a desistir de tentar ajudá-las a viver. Não era um bom cirurgião, não era um bom médico; sinceramente acreditava que não era um bom homem. Mas se recusava a desistir de tentar.

Um ordenança estava se esforçando para montar um novo gotejador — um cateter tosco cortado do bambu verde conectado a alguns tubos de borracha roubados por Darky Gardiner do caminhão japonês na noite anterior —, que ia até uma velha garrafa cheia de uma solução salina feita com água esterilizada em alambiques improvisados com latas de querosene e bambu. Seu nome era major John Menadue, e ele era, tecnicamente, o terceiro em comando no campo de prisioneiros de guerra. Ele combinava a aparência de um ídolo da tela com a conversa de um monge trapista, e quando compelido a falar, praticamente só gaguejava. Ele ficava mais feliz como ordenança porque lhe diziam o que tinha de fazer.

Os japoneses, com seu respeito pela hierarquia, embora compelissem os escalões inferiores a trabalhar, não faziam a mesma exigência dos oficiais, que permaneciam no campo e, bizarramente, recebiam um minúsculo salário do Exército Imperial Japonês. Evans não tinha o menor respeito pela hierarquia, exceto quando seu teatro ajudava. Além de taxar o salário dos oficiais, ele os compelia a fazer trabalhos no campo, ajudando com os doentes e o saneamento, construindo novas latrinas, sistemas de drenagem e transporte de água, além de cuidar da manutenção geral do campo.

John Menadue estava tentando encontrar uma veia no tornozelo para inserir o cateter de bambu. Como bisturi, ele usava o canivete afiado de Joseph Rodgers. O tornozelo era pouco mais do que osso, e a ordenança estava traçando uma linha para um lado e para o outro na pele repuxada.

Não tenha medo de feri-lo, disse Dorrigo Evans. Aqui.

Ele pegou o canivete e imitou um corte preciso e definido, depois repetiu o movimento com destreza, abrindo a veia. Ele inseriu rapidamente o cateter improvisado. O colérico se retraiu, mas a velocidade e a segurança asseguraram a rapidez do procedimento.

Agora ele vai aguentar, disse Dorrigo Evans.

A reidratação vinha sendo seu maior sucesso junto com sua firme insistência na higiene. Ela havia salvado muitas vidas só nos dois últimos dias, e alguns homens já estavam saindo vivos do complexo do cólera em vez de serem carregados para as piras funerárias. Isso, ele sentia, era esperança para todos.

Aqui ou você está morto ou está persistindo, sussurrou outro soldado.

Eu não estou morto porra nenhuma, grasnou o homem que acabara de receber o cateter.

Os coléricos pareciam se retrair à passagem deles, e eles prosseguiram pela lateral da plataforma de bambu que servia de leito, inspecionando, verificando os níveis de soro, corrigindo

gotejadores, às vezes transferindo os poucos felizardos para o abrigo muito menor usado para recuperação. Todos pareciam menos do que homens quando Dorrigo Evans se aproximava deles, a doença terrível devastando seus corpos nas poucas horas que levava para atacar e, com frequência, matar. Alguns gemiam em agonia com as cólicas que dissolviam seus corpos e comiam suas vidas, outros imploravam por água num zumbido baixo e monótono, outros, de órbitas fundas e sombreadas, o encaravam como pedras. Quando chegaram ao homem com rosto de macaco que estava de partida para casa, para sua mamãe e seu papai, ele estava morto.

Eles fazem isso às vezes, disse Bonox Baker. Ficam felizes. Querem tomar o ônibus para casa ou ir ver a mamãe. E é aí que a gente sabe que é o fim.

Vou dar uma mão, disse Dorrigo Evans quando um enfermeiro ordenança conhecido apenas como Shugs — famoso por ter carregado para o coração do jângal siamês um exemplar puído e agora mofado do livro de culinária do sr. Beeton — chegou com uma maca. Era uma coisa improvisada com duas grandes varas de bambu entre as quais estavam estendidos uns sacos velhos de arroz.

Com seu trabalho terminado, Dorrigo Evans ajudou Shugs e Bonox Baker com o corpo desidratado de Lenny. Ele parecia pesar, pensou Dorrigo, pouco mais do que um pássaro morto. Nada. Ainda assim, parecia que ajudava, sentia que estava fazendo alguma coisa. Não havia sacos de arroz suficientes para o comprimento todo da maca — Haveria o suficiente de alguma coisa ali?, ponderou Dorrigo Evans —, e as pernas de Lenny se arrastavam.

Enquanto saíam com dificuldade daquela casa dos malditos, o cadáver de Lenny ficava escorregando para trás. Para evitar que caísse da maca, eles tiveram de pôr o cadáver de bruços e estirar as pernas esqueléticas para que pendessem por cima das varas de bambu. As pernas estavam tão carcomidas que o ânus se projetava obscenamente.

Só espero que Lenny não dê uma esguichada final, disse Shugs, que seguia na retaguarda.

12.

Desde que o cólera começara, Jimmy Bigelow vinha desempenhando tarefas no campo para poder cumprir seu papel de corneteiro nos funerais, agora diários. Ele fora convocado e estava esperando no perímetro do complexo do cólera quando eles saíram com as macas. A última estava sendo carregada por Dorrigo Evans, com seu chapéu enviesado e a bandana vermelha, e por Bonox Baker, em seus sapatos ridículos — que sempre faziam Jimmy Bigelow se lembrar do Mickey Mouse —, na frente, e Shugs na retaguarda, andando com a cabeça mantida numa estranha inclinação para trás.

Jimmy seguiu esse lamentável cortejo fúnebre pela selva escura e gotejante, a corneta pendurada no ombro por um trapo, que substituíra a tira de couro quando ela apodrecera. Ele estava pensando em como amava sua corneta, porque de todas as coisas na selva — bambus, roupas, couro, comida e carne —, ela era a única que parecia imune à decadência e à podridão. Homem prosaico, ele ainda assim sentia que havia algo de imortal em sua simples corneta de latão, que já havia transcendido a tantas mortes.

Os prisioneiros que preparavam as piras e os esperavam numa clareira molhada tinham aprendido que demorava um bocado queimar um homem. A pira era um grande monte retangular de bambu até a altura do peito. Um cadáver, vítima do cólera, já estava no topo, junto com suas magras posses e coberta. Jimmy Bigelow o reconheceu, era Rabbit Hendricks. Ele sempre se surpreendia com o pouco que sentia.

Tudo que um colérico houvesse tocado não podia ser tocado por outros — exceto os preparadores de pira —, e tudo que um colérico possuía tinha de ser queimado para controlar o contágio. Enquanto o restante do grupo alçava os três novos cadáveres e suas



posses para o alto da pira, um dos preparadores de pira foi até Dorrigo Evans com o caderno de desenho de Rabbit Hendricks.

Queime-o, disse Dorrigo Evans, fazendo um gesto para ele se afastar.

O preparador de pira tossiu.

Nós não tínhamos certeza, senhor.

Por quê?

É um registro, disse Bonox Baker. Seu registro. Para as pessoas no futuro, bom... saberem. Recordarem. É isso que o Rabbit queria. Que as pessoas *recordem* do que houve aqui. Com a gente.

Recordem?

Sim, senhor.

No fim, tudo é esquecido, Bonox. Melhor vivermos agora.

Bonox Baker não pareceu convencido.

Para não esquecermos, nós dizemos, disse Bonox Baker. Não é assim que dizemos, senhor?

Dizemos, Bonox. Ou declamamos. Talvez não seja exatamente a mesma coisa.

Então é por isso que ele deve ser salvo. Para não ser esquecido.

Você conhece o poema, Bonox? É de Kipling. Não é sobre se lembrar. É sobre esquecer... como tudo acaba esquecido.

*Chamados para longe, nossas naus se dissipam,  
Sobre duna e promontório o fogo mergulha:  
Olha, todo o nosso esplendor de ontem  
Se combina com Nínive e Tiro!  
Juiz das Nações, poupai-nos por ora,  
Para não esquecermos — para não esquecermos!*

Dorrigo Evans acenou para um preparador de pira atear fogo ao bambu.

Nínive, Tiro, uma ferrovia esquecida por Deus no Sião, disse Dorrigo Evans, as sombras das chamas estriando seu rosto. Se não

conseguimos nos lembrar que o poema de Kipling trata de como tudo é esquecido, como vamos nos lembrar de alguma outra coisa?

Um poema não é uma lei. Não é destino. Senhor.

Não, disse Dorrigo Evans, embora para ele, como percebeu com um choque, mais ou menos era.

Os desenhos, disse Bonox Baker, os desenhos, senhor.

O que tem eles, Bonox.

Rabbit Hendricks estava convencido de que, houvesse o que houvesse com ele, os desenhos sobreviveriam, disse Bonox Baker. E que o mundo saberia.

Mesmo?

A memória é a verdadeira justiça, senhor.

Ou a criadora de novos horrores. A memória só se parece com justiça, Bonox, porque é outra ideia errada que faz as pessoas se sentirem justas.

Bonox Baker fizera um preparador de pira abrir o caderno em uma página que mostrava um desenho em nanquim de uma fila de cabeças chinesas cortadas sobre estacas em Cingapura depois da ocupação japonesa.

Eis as atrocidades aqui, está vendo?

Dorrigo Evans virou-se e olhou para Bonox Baker, mas tudo que podia ver era fumaça, chamas. Ele não conseguia ver a face dela. Havia cabeças cortadas que pareciam vivas através da fumaça, mas elas estavam mortas e acabadas. A suas costas, o fogo estava subindo, suas chamas a única coisa viva, e ele pensou na cabeça dela e no rosto dela e no corpo dela, a camélia vermelha em seu cabelo, mas por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar do seu rosto.

Nada dura. Não vê, Bonox? É isso que Kipling quis dizer. Nem impérios, nem memórias. Não nos lembramos de nada. Talvez por um ano ou dois. Talvez a maior parte de uma vida, se vivermos. Talvez. Mas então morreremos, e quem compreenderá alguma coisa

disso? E talvez não lembremos de nada, sobretudo quando pousamos as mãos em nossos corações e prometemos não esquecer.

Tem as torturas aqui também, vê?, disse Bonox Baker.

Ele havia virado a página para um esboço em bico de pena de um australiano sendo surrado por dois guardas. Para uma aquarela da cabana da leishmaniose. Para um desenho a lápis de homens esqueléticos trabalhando, quebrando rocha no corte. Dorrigo Evans sentiu que estava ficando irritado.

Melhor que uma câmera Box Brownie, o velho Rabbit, sorriu Bonox Baker. Como diabos ele conseguia as tintas, eu jamais saberei.

Quem saberá o que essas ilustrações significarão?, disse Dorrigo Evans secamente. Quem dirá do que elas tratavam? Alguém poderia interpretá-las como evidências de escravidão, outros como propaganda. O que os hieróglifos nos dizem sobre como era viver debaixo do chicote, construindo as pirâmides? Nós falamos disso? Falamos? Não, nós falamos da magnificência e da majestade dos egípcios. Dos romanos. De São Petersburgo, e nada dos ossos das centenas de milhares de escravos sobre os quais está erguida. Talvez seja assim que eles se lembrarão dos japas. Talvez todas suas ilustrações acabem sendo usadas para... justificar a magnificência desses monstros.

Mesmo que a gente morra, disse Bonox Baker, ele mostra o que foi feito de nós.

Você terá de viver, então, disse Dorrigo Evans.

Ele estava zangado agora, e ainda mais zangado por ter permitido que um de seus homens o visse perder a calma. Pois quando as chamas começaram a crescer, ele soube que já a estava esquecendo, que naquele exato momento estava tendo dificuldade de lhe reconstruir o rosto, o cabelo, a bela pinta acima do lábio. Ele conseguia se lembrar de fragmentos, brasas vivas, faíscas

dançantes, mas não dela — seu riso, os lobos de suas orelhas, seu sorriso se alargando até uma camélia vermelha...

Venha, disse Dorrigo Evans, vamos colocá-lo em cima antes que o fogo se alastre.

13.

Eles alçaram Rabbit Hendricks com sua coberta suja e manchada de fezes e o depuseram ao lado dos outros cadáveres, colocando seu saco de viagem — que não continha nada além de uma marmita, uma colher, três pincéis, vários lápis, um jogo de aquarela de criança, suas dentaduras e um pouco de tabaco nativo mofado — ao seu lado, e o caderno de desenho com ele. Os coléricos estavam sempre assustadoramente leves. Desde que padre Bob morrera, os serviços fúnebres eram conduzidos por Lindsay Tuffin, um antigo pastor anglicano que havia sido expulso do sacerdócio por alguma torpeza moral não especificada. Mas não havia sinais dele, e o fogo estava começando a chamoscar os cadáveres.

Coronel?, disse Shugs.

E assim, como o tempo o premia, o dever o chamava e a patente o obrigava, Dorrigo Evans improvisou um serviço fúnebre. Ele não tinha a menor lembrança legítima do serviço oficial porque ele sempre o aborrecera, e então encenou o que esperava que passasse por uma peça de teatro adequada. Antes de começar, teve de perguntar os nomes dos dois outros defuntos.

Mick Green. Artilheiro. Australiano ocidental, disse Shugs. Jackie Mirorski. Foguista do *Newcastle*.

Dorrigo Evans confiou os nomes a uma memória inviolável que recordou deles somente duas vezes, as duas ocasiões que importavam: o serviço fúnebre que havia conduzido e um devaneio no momento de sua própria morte, muitos anos depois. Ele concluiu o serviço fúnebre dizendo que aqueles eram quatro bons homens que eles encomendavam a Deus. Mas realmente não sabia o que

Deus tinha a ver com aquilo. Ninguém falava muito Dele, nem mesmo Lindsay Tuffin.

Quando Dorrigo Evans baixou a cabeça e se afastou das chamas, Jimmy Bigelow deu um passo à frente, sacudiu sua corneta para desalojar algum escorpião ou centopeia que ali pudesse ter se abrigado, e levou-a aos lábios. Sua boca estava horrível, com a pele do palato rasgada em farrapos. Os lábios também estavam inchados, e a língua — tão inchada e dolorida que o arroz tinha gosto de metralha quente — repousava na boca como alguma terrível tábua de madeira que não faria corretamente seu trabalho. O Amigão havia lhe dito que era pelagra causada pela falta de vitaminas em sua comida. Tudo que ele sabia era que sua língua agora obstruía o ar que suas bochechas tinham de soprar na corneta.

Mas quando levou a corneta aos lábios para executar aquele toque que conhecia tão bem, ele conseguiu se perder na estranheza da melodia. No início, somente com as notas curtas, ele conseguiu. Depois, quando o toque acelerou, aquele momento em que sempre acreditara que “Last Post” adquiria seu poder terrível, teve de lutar com seu corpo inteiro, num esforço devastador, para fazer as pausas curtas necessárias nas notas à medida que a melodia crescia e depois se extinguia lentamente. Enquanto tocava, pareceu-lhe que sua língua havia desaparecido, e ele estava tocando no bocal com uma peça quatro por dois, esperando desesperadamente que isso serviria para sustar as notas e articular a melodia, injetando magia nela.

Tal como em tudo naquele mundo selvagem, escuro e assustador, Jimmy Bigelow teve de improvisar, enganando sua língua ao fazer o sopro deslizar em torno de sua forma de baleia, ludibriando seus terminais nervosos berrantes ao se concentrar em apenas tocar aquelas notas, sustentando-as uma vez mais para todos que permaneceriam naquela selva e jamais voltariam para casa. E, no fim, contragido pelas lágrimas que não vinham de

qualquer emoção — pois ele não sentia mais naquele momento do que nos cinco funerais em que havia tocado ontem ou anteontem —, mas da dor física de tocar, ele se virou rapidamente para que ninguém soubesse o suplício que era executar uma simples melodia ou pensasse que ele havia ficado estranhamente mole.

E embora seu corpo todo ardesse enquanto executava esse terrível toque de corneta, essa música da morte, ele seguiu tocando, ouvindo tudo de novo, sem compreender o que significava, odiando que eles tivessem morrido, sabendo que tinha de continuar tocando essa música que odiava mais do que todas as outras, mas estava determinado a não parar de tocar. Ela não significava aquelas coisas que lhe haviam falado, que o soldado agora poderia repousar, que seu trabalho havia terminado. Que trabalho? Por quê? Como poderia alguém repousar? É isso que ele estava tocando agora, e não deixaria de tocar essas questões pelo resto de sua vida, nos Dia de Anzac, em reuniões dos prisioneiros de guerra, em funções oficiais e, ocasionalmente, em casa tarde da noite, quando esmagado pela memória. Ele esperava que o que estava tocando fosse compreendido pelo que era. Mas as pessoas entendiam aquilo de outro modo, e não havia nada que pudesse fazer. A música fazia perguntas de perguntas, e essas perguntas não tinham fim, cada sopro de Jimmy era amplificado num cone de latão espiralado rumo a um sonho compartilhado de transcendência humana que parecia no mesmo som, que estava simplesmente fora de alcance, até a nota seguinte, a frase seguinte, a vez seguinte...

Imediatamente após a guerra foi como se ela não houvesse existido, só surgindo ocasionalmente como um calombo incômodo no colchão no meio da noite e trazendo-o para uma consciência desagradável. Afinal, como Shugs disse mais tarde, ela não fora tão terrivelmente longa assim, apenas parecia não acabar. E então ela terminou, e durante algum tempo foi difícil recordar muitas coisas dela. Todos tinham histórias bem mais incríveis — lutar em El

Alamein e Tobruk, Bornéu, navegar num comboio no Mar do Norte. De mais a mais, agora havia a vida para viver. A guerra fora uma interrupção do mundo real e de uma vida real. Empregos, mulheres, casas, amigos novos, família velha, vidas novas, filhos, promoções, demissões, doenças, mortes, aposentadorias — era difícil para Jimmy Bigelow lembrar se Hobart veio antes ou depois dos campos e da Linha, antes ou depois, melhor dizendo, da guerra. Tornou-se difícil acreditar que todas as coisas que haviam se passado com ele tinham de fato acontecido, que ele havia visto todas as coisas que vira. Por vezes, era difícil acreditar até que ele realmente estivera na guerra.

Vieram anos bons, netos, depois o lento declínio, e a guerra se aproximou dele cada vez mais, e os outros noventa anos de sua vida lentamente se dissolveram. No fim, ele pensava e falava de poucas outras coisas — porque, chegou a pensar, pouca coisa mais havia se passado. Por um tempo, ele conseguiu tocar “Last Post” como havia tocado durante a guerra, como um dever, como seu ofício de soldado. Mais tarde, durante anos e décadas, ele jamais o tocou, até os noventa e dois anos de idade, quando jazia agonizante num hospital após seu terceiro derrame encostou a corneta nos lábios com o braço bom, e uma vez mais viu a fumaça e sentiu o cheiro de carne queimada e, de repente, soube que aquilo fora a única coisa que jamais lhe havia acontecido.

Eu não tenho nenhum problema com Deus, Dorrigo Evans disse a Bonox Baker enquanto remexiam e atiçavam a pira para manter as chamas em torno dos cadáveres. Não quero me aborrecer discutindo com outros sobre a Sua existência ou inexistência. Não é com Ele que estou puto, é comigo. Acabando desta maneira.

Que maneira?

A maneira de Deus. Falando sobre Deus isso e Deus aquilo.

Deus que se dane, ele quisera realmente dizer. Deus que se dane por ter feito este mundo, maldito seja Seu nome, agora e para

todo o maldito sempre, Deus que se dane por nossas vidas, Deus que se dane por não nos salvar, Deus que se dane por não estar aqui e não salvar as porras dos homens que queimam na porra do bambu.

Mas porque ele era um homem, e porque como homem era o mais convencional dos homens não convencionais, em vez disso havia tagarelado Deus Deus Deus durante seu serviço fúnebre sempre que não tinha nada mais a dizer, e sobre a morte prematura e sem sentido, ele havia descoberto que tinha muito pouco a dizer. Os homens pareceram satisfeitos, mas Dorrigo Evans não poderia engolir o sapo de desgosto que ficou rolando em sua boca depois. Ele não queria Deus, ele não queria aquelas fogueiras, queria Amy, e, no entanto, tudo que podia ver eram chamas.

Você ainda acredita em Deus, Bonox?

Não sei, coronel. É com os seres humanos que estou começando a me preocupar.

Enquanto queimavam, os corpos crepitavam e estalavam. Um levantou o braço quando os nervos se retesaram no calor.

Um dos montadores de pira devolveu o aceno.

Bom dia, Jackie. Você está fora daqui agora, cara.

Acho que é assim mesmo, disse Bonox Baker.

Não estou tão certo de como deveria ser, disse Dorrigo Evans.

Significou alguma coisa para os homens. Eu suponho. Mesmo que não para você.

Mesmo?, disse Dorrigo Evans.

Ele se lembrou de uma piada que ouvira num café do Cairo. Um profeta no meio do deserto conta a um viajante que está morrendo de sede, que tudo que precisa é de água. Não há nenhuma água, responde o viajante. Sim, o profeta concorda, mas se houvesse, você não estaria sedento e não morreria. Então eu morrerei, diz o viajante. Não se beber água, responde o profeta.



Enquanto as chamas subiam mais alto e o ar se enchia de fumaça e cinzas dançantes, Dorrigo Evans deu um passo para trás. O cheiro era doce e enjoativo. Para seu desgosto, ele notou que estava salivando.

Rabbit Hendricks sentou-se e ergueu os dois braços como se estivesse abraçando as chamas, que agora queimavam seu rosto, depois algo no seu interior pipocou com tal força que todos tiveram de saltar para trás para não serem atingidos por fragmentos ardentes de bambu e cinzas. A pira de bambu transformou-se num fogaréu ainda mais feroz, e Rabbit Hendricks finalmente caiu de lado e desapareceu nas chamas. Houve um longo estouro quando outro cadáver explodiu, e todos se abaixaram instintivamente.

O Amigão se levantou e, agarrando uma vara de bambu, ajudou os montadores de pira a empurrar os defuntos para o centro do fogo, onde eles seriam incinerados mais rápida e completamente. Juntos, eles labutaram, atijando e alavancando e empurrando o bambu de volta para alimentar as chamas sempre crescentes, suando, arfando, sem parar, não querendo parar, apenas se perdendo nas altas labaredas por mais alguns instantes.

Quando tudo acabou e eles iam sair dali, Dorrigo Evans notou alguma coisa caída na lama. Era o caderno de desenho de Rabbit Hendricks, levemente chamuscado, mas ainda assim ileso. Ele imaginou que o caderno fora expelido do fogo pela força da pequena explosão. A capa de papelão sumira, junto com as páginas iniciais. A primeira página era agora um esboço de Darky Gardiner sentado numa poltrona opulenta decorada de peixinhos, tomando café numa rua arruinada de uma aldeia síria, com alguns outros parados em volta dele, incluindo Yabby Burrows com sua caixa térmica. Rabbit Hendricks deve ter esboçado Yabby *depois* que ele explodira, percebeu Dorrigo. A ilustração era tudo que sobrara dele.

Dorrigo Evans pegou o caderno de desenho e ia atirá-lo de volta ao fogo, mas no último segundo mudou de ideia.

14.

Homens e mais homens começaram a ultrapassar Darky Gardiner, gravetos vazios disformes, bocas enrijecidas ou escancaradas e olhos como lama seca, não se movendo mais fluidamente, mas aos trancos, e ele foi ficando cada vez mais no fim da coluna. Tudo se fora dele. E o que restara, ele sabia, o que era forte e ardente em sua cabeça e carne, era a doença. Bastava suas pernas ulceradas se esfregarem em folhas para um espasmo de agonia dividir seu corpo em estranhas oscilações de pura dor.

Mesmo assim, Darky Gardiner se considerava afortunado: tinha suas botas, ele disse a si mesmo, e se uma estava provisoriamente sem sola, naquela noite ele a consertaria de algum modo. Não havia dúvida quanto a isso, pensou Darky Gardiner, mesmo quando ferradas, era uma coisa boa ter botas. E animado por esse pensamento de boa fortuna num momento tão desanimador, ele arrastou o rolo da grossa corda de cânhamo de volta para sua clavícula, para evitar que caísse de novo, ergueu os ombros para posicioná-lo melhor em volta do pescoço, e seguiu em frente.

E embora fosse ficando cada vez mais para trás, ele ainda deu um jeito de prosseguir para as profundezas do jângal. Ele compreendia seu dia como uma série de batalhas insuperáveis que iria ainda assim superar. Chegar à Linha, e na Linha trabalhar até a hora do almoço, então depois do almoço... e assim por diante. E cada batalha agora reduzida ao próximo passo impossível que ele faria acontecer.

Ele caiu num matagal de bambu espinhoso e cortou a mão quando a estendeu para evitar a queda. Quando tornou a se levantar, já não tinha agilidade nem força para se equilibrar numa pedra e pular para a seguinte, para dar a grande passada, elevando-se do chão e passando sobre outro obstáculo. Tudo começou a dar errado. Ele tropeçava repetidamente. E era cada vez mais difícil levantar-se.

Quando cambaleando para a frente ele ergueu o olhar para a escuridão verde, percebeu que estava sozinho. Os homens da frente haviam desaparecido por trás de uma elevação do terreno, e quem estivesse em sua retaguarda estava muito atrás. A corda de cânhamo absorvera mais chuva e ficara mais pesada em seu ombro. Ela toda hora perdia seu envoltório, desenrolando-se em anéis desiguais que enroscavam em raízes, fazendo-o tropeçar. Cada vez ele parava, tornava a enrolar a corda e reequilibrava o rolo sobre o ombro, por mais pesado e incômodo que fosse.

Ele prosseguia aos tropeções. Sentia uma fraqueza terrível e sua cabeça parecia dispersa e desequilibrada. A corda enroscou de novo, ele tropeçou, caiu de cara na lama, virou-se lentamente de lado e ali ficou. Ele disse a si mesmo que precisava descansar por alguns minutos e depois estaria bem. Quase imediatamente, apagou.

Quando acordou, Darky Gardiner estava numa selva escura com uma maçaroca de corda ao seu lado. Ele se levantou com dificuldade, apertou uma narina com um dedo para expelir ranho e lama do nariz, e sacudiu a cabeça grogue. Ao dar um passo vacilante para a frente, bateu num afloramento de rocha e desalojou algumas lascas de arenito de uma saliência, que atingiram seu ombro.

Preciso continuar, ele pensou — ou pensou que havia pensado, sua mente agora tão fragilizada que parecia uma coisa à parte, um peso, uma pedra; e tudo que sabia com certeza era que estava em pânico e que havia momentaneamente apagado.

Darky recobrou o equilíbrio e, furioso com a rocha, o mundo, sua vida, se abaixou, pegou um fragmento de arenito e, com a força que sua pequena fúria conseguiu arrancar de seu corpo febril, atirou-o na selva.

Houve um baque seco e uma praga simultânea. Seu corpo se retesou.

Porra, Gardiner, uma voz familiar sussurrou.

Darky Gardiner tentou ver quem era. Rooster MacNeice saiu de uma touceira de bambus com a mão na cabeça.

Você vem com a gente ou vai nos entregar?

E por trás de Rooster MacNeice surgiram outros seis prisioneiros que ele não reconheceu, e atrás deles Gallipoli von Kessler, que agradeceu Darky com sua familiar saudação despretensiosamente nazista.

Achamos que você estivesse sabendo de nós, disse Kes.

Sabendo o quê?, perguntou Darky Gardiner.

Achamos que você soubesse e estivesse apenas sendo cuidadoso, fingindo tirar uma soneca rápida, disse Rooster MacNeice.

Soubesse o quê?, disse Darky Gardiner.

Nosso dia de folga. Os japas não vão nos dar, por isso estamos tirando por conta própria.

Darky Gardiner olhou para a trilha percorrida.

Nós fomos contados esta manhã, e os japas não vão nos contar de novo até a chamada da noite no campo, continuou Rooster MacNeice. Lá na Linha eles nunca contam e não reparam. Nós nos escondemos e descansamos, e apenas nos juntamos aos outros quando voltam ao campo. Alinhar-se, ser contado, Tojo é seu tio.

Vocês esperam que os outros cubram vocês, disse Darky Gardiner. Não vai funcionar.

Fizemos isso na semana passada, sem um pio dos porras dos invejosos. E vamos fazer de novo hoje.

Mas hoje vocês estão no meu grupo, disse Darky Gardiner.

E daí?, disse Rooster MacNeice.

Daí que não é justo com os outros caras.

Kes disse que eles haviam encontrado uma saliência de rochedo meia milha adiante para se proteger da chuva. Ninguém poderia vê-

los nem ouvi-los, e eles tinham um ótimo baralho, faltando apenas um valete de ouros. Como estava o seu Quinhentos?

Eles vão esfolar o couro de vocês, disse Darky Gardiner.

Como é que eles vão saber?, perguntou Rooster MacNeice.

Eles vão descobrir e chicoteá-los.

Você nos dará cobertura, disse Rooster MacNeice. É o sargento encarregado do grupo hoje. O Micky foi da última vez. Não disse nada. Rearranjou as coisas um pouco diferente para ainda haver homens em todos os trabalhos. Apenas um a menos em cada grupo.

Kes disse que a falta do valete de ouros tornava o Quinhentos bem mais interessante. E...

A questão não é essa, interrompeu Rooster MacNeice. Não mesmo. É se recusar a colaborar com o esforço de guerra dos japas. Nós temos de fazer resistência em algum lugar, em algum momento, e é este.

Darky Gardiner pensou nisso, mas não muito.

Não suporto Quinhentos, disse Darky Gardiner.

Kes disse que, para ser honesto, não havia muito mais para fazer. Quinhentos ou dormir. Talvez paciência, mas quem acha que vale a pena?

Porra, disse Darky Gardiner, para quem dormir parecia bom e cuja cabeça estava latejando de novo. Estou ferrado demais para discutir. Mas isso é uma ordem. Eu não me importo de vocês gazetarem, mas me importo se outros sofrerem com isso.

Ninguém vai sofrer, disse Rooster MacNeice.

Você vai, disse Darky, se me desobedecer. Vamos.

Mas quando ele levantou a corda, enrolou-a, recolocou-a no ombro e retomou sua desditosa marcha para o corte ferroviário, só Gallipoli von Kessler o seguiu.

Gardiner é um sargento fraco demais para dizer alguma coisa, disse Rooster MacNeice aos outros homens, enquanto eles se

viravam e se afastavam da trilha através do jângal. Não é um líder como os velhos líderes.

15.

O coronel Kota não se surpreendeu muito quando seus temores se concretizaram. Os tailandeses em massa não eram confiáveis e eram ladrões espetaculares no plano individual. Às quatro horas da manhã, entre ele e seu motorista largarem o caminhão no meio do jângal e uma equipe de resgate de prisioneiros de guerra chegar para empurrá-lo até o campo, bandidos tailandeses haviam roubado várias mangueiras, inutilizando o veículo. Ele foi obrigado a permanecer no campo até um guarda — esperado por volta do anoitecer — retornar do campo mais próximo com algumas mangueiras novas.

Com o dia perdido, o coronel Kota decidiu fazer uma inspeção à obra na linha férrea. Tendo Lagartão como guia, ele estava seguindo para a Linha quando encontraram dois prisioneiros, um sentado e o outro deitado na lama. O prisioneiro sentado ergueu-se num salto, mas o que estava atravessado na trilha não se mexeu. Parecia alheio a tudo. Eles pensaram que o prisioneiro estivesse morto, mas depois que Lagartão o rolou com o pé, perceberam seu erro e gritaram com ele. Quando isso não surtiu efeito, Lagartão deu-lhe um bom chute, mas o homem só gemeu. Eles podiam perceber que ele estava indiferente a ameaças e golpes.

O coronel Kota considerou o fato desesperador. Como iremos construir uma ferrovia, ele pensou, quando eles não conseguem nem sequer andar até o trabalho? E nesse momento ele viu o pescoço de Darky Gardiner.

O coronel Kota ordenou que Lagartão pusesse Darky Gardiner de joelhos, com a cabeça curvada. Ele examinou mais de perto o pescoço do prisioneiro australiano. Era descarnado, com sujeira nas pregas.

Sim, pensou o coronel Kota. A carne estava enlameada, cinzenta, como terra sobre a qual se urinou. Sim, sim, pensou o coronel Kota. Alguma coisa em suas pregas curiosamente reptilianas e na tonalidade escura remexeu uma memória nele, que ansiava por repetição. Sim! Sim! O coronel Kota sabia que estava possuído por alguma coisa demente, desumana, que havia deixado um rastro de mortes pela Ásia. E quanto mais ele matava, tão casualmente, com tanta alegria, mais percebia que seu próprio fim seria a única morte fora de seu controle. Controlar as mortes alheias — quando, onde, a habilidade de garantir que fosse um fim perfeitamente fragmentado —, isso era possível. E de alguma estranha maneira, essa mortandade lhe dava a sensação de controlar o que restava de sua própria vida.

De qualquer modo, raciocinou então o coronel Kota, seria puro desperdício da energia preciosa de outro prisioneiro fazê-lo carregar o doente de volta ao campo, e no campo a comida preciosa seria desperdiçada com ele, quando provavelmente morreria em breve de um jeito ou de outro.

Desembainhando a espada, ele fez um gesto para Lagartão lhe entregar seu cantil de água. O coronel Kota pôde notar que suas próprias mãos estavam tremendo, o que era estranho. Ele não estava sentido nenhum medo, nem peso na consciência.

*Sozinhos a lua e eu,  
na ponte,  
esfria o tempo.*

O coronel Kota recitou duas vezes o haiku de Kikusha-ni. Mas ele precisava fazer suas mãos pararem de tremer. Ele tirou a tampa do cantil e, com ela balançando ao vento à sua frente, derramou água na espada. Ele observou as gotas de água se unindo na superfície brilhante, serpentes-chicote molhadas deslizando. A beleza da cena o recompôs.

Erguendo a cabeça, ele se concentrou em desacelerar a respiração antes de baixar a lâmina da espada cuidadosamente, até encostar no pescoço de Darky. Ele a segurou ali, deixando clara sua intenção, preparando seu próprio corpo.

Olho fechado!, Lagartão gritou para Darky Gardiner. Olho fechado!

E acendendo um cigarro, Lagartão piscou duas vezes para ilustrar o que queria dizer.

O coronel Kota esticou as pernas, encontrou seu equilíbrio, com um grito levantou a espada para o alto e tentou declamar o haiku de Kikusha-ni uma última vez. Mas não conseguiu lembrar a sequência correta das sílabas do meio. Ele ficou remoendo o poema na memória.

Tudo aguardava — o coronel Kota com a espada preparada acima do prisioneiro de guerra ajoelhado, Lagartão segurando um cigarro perto dos lábios, Gallipoli von Kessler contemplando a cena, paralisado. O único impedido de ver, Darky Gardiner, conhecia apenas o calor úmido, como um cobertor, e o suor sobre seus olhos fechados. Tudo que podia sentir com seu trapo arruinado de corpo, retorcido de terror, era a espada erguida entre ele e o sol.

Ele não ousava engolir em seco.

Podia sentir o cheiro do coronel Kota, um odor indisfarçável de peixe podre. Podia sentir a fome da lâmina da espada no ar. Podia ouvir o sangue. O seu. O deles. Cada vez mais alto.

E o coronel Kota, um homem que acreditava em simetria e ordem em todas as coisas, foi ficando confuso enquanto sua mente protestava veementemente contra a própria fraqueza. Ele estava perplexo. Ele havia perdido o controle da sequência das coisas e, com isso, perdera o controle dessa morte e, de alguma maneira estranha que também era para ele perfeitamente lógica, de sua própria vida. E isso ele não podia admitir.



O pescoço de Darky Gardiner lhe pareceu estar gritando. Ele ansiava pelo golpe da espada para que aquilo pudesse terminar. Ficava imaginando se a espada já estava descendo, se sua cabeça já estava...

O filho da puta foi embora, Darky Gardiner ouviu Kes dizer.

Houve sons de alguém se afastando, um curto silêncio, e os mesmos passos voltando.

Foi mesmo, disse Kes. Eu verifiquei. Você pode olhar, Darky.

E Darky Gardiner abriu os olhos.

Kota e sua espada haviam desaparecido. Lagartão havia sumido. Somente Kes permanecia, os olhos de semente de maçã olhando para ele. Darky olhou ao redor, para a fileira negra dos bambus no topo de um barranco próximo e, mais adiante, para a silhueta da teca.

Caramba, disse Kes, olha só aqueles olhos.

Ele ouviu guinchos de macacos.

Sentiu o cheiro da lama fétida da selva.

E com toda essa vida que o rodeava, Darky Gardiner sentiu a própria morte. Ele compreendeu que tudo isso continuaria, e dele nada restaria, que mesmo sua lembrança, embora conservada por alguns familiares e amigos durante alguns anos, talvez décadas, acabaria esquecida e não teria mais significado do que um bambu caído, do que o inevitável lodo. Enquanto Darky Gardiner olhava de um lado e de outro a trilha, pensando nos escravos nus labutando a uma milha apenas dali, teve um acesso terrível de raiva. Tudo isso continuaria, e continuaria, e só ele teria partido. Para todo lado que olhava, podia ver o mais vibrante mundo de vida que não tinha a menor necessidade dele, que não pensaria um segundo em seu desaparecimento e que não teria a menor lembrança dele. O mundo continuaria seguindo em frente sem ele.

Você está bem, cara?, perguntou Kes.

Os olhos de Darky Gardiner dardejavam para todos os lados, e tudo que ele conseguia ver era um mundo para o qual ele era insignificante, era um nada, que não tinha a menor necessidade dele. Eles os atirariam numa pira de bambus, diriam alguma coisa ou não diriam nada, Jimmy Bigelow tocara o "Last Post", e em dez anos ou vinte anos, talvez, os que houvessem sobrevivido seriam todos escravos de algum novo império japonês. E após cinquenta ou cem anos, todos o aceitariam como perfeitamente normal, e nada disso seria melhor ou pior do que qualquer coisa agora, e a única diferença seria que ele não estaria lá. De repente, Darky sentiu vontade de dormir. Simplesmente precisava dormir. Ele virou de costas e ficou ali deitado. Tinha a sensação de que seu corpo estava se dissolvendo na lama.

Temos de ir em frente, disse Kes. Eles vão matar você se ficar.

Quando se abaixou para ajudar Darky Gardiner a ficar de pé, Kes ouviu um grito gutural e, para seu horror, viu Lagartão voltando apressado pela trilha. O guarda empurrou Kes para o lado, chutou Gardiner várias vezes e, gritando *byoki casa, byoki casa*, apontou para a trilha na direção do campo. Mesmo em seu estado delirante, o prisioneiro parecia encontrar dificuldade em acreditar naquilo.

*Byoki casa?*, balbuciava Darky Gardiner, sem querer acreditar, repetindo o jargão do campo para hospital.

*Byoki casa!*, Lagartão gritou novamente e lhe deu outro chute para enfatizar a ordem.

Com toda energia que conseguiu reunir, Darky Gardiner se pôs de quatro e, como um cachorro cansado, virou e começou a se arrastar para o campo antes que o guarda mudasse de ideia. Kes começou a marchar rapidamente na direção oposta, seguindo para o corte da ferrovia. Lagartão passou velozmente por ele para alcançar o coronel visitante. Quando Kota desapareceu de vista, Kes parou.

Ele contemplou com espanto sua perna esquerda sofrer um espasmo violento sem nenhuma razão, saltando como se conectada

a um fio elétrico. Logo em seguida seu corpo estremeceu incontrolavelmente por alguns minutos, um tremor violento e selvagem. O tremor finalmente cedeu e ele conseguiu reiniciar a caminhada para a Linha.

16.

Era pouco mais de meio-dia, Shugs havia comido sua bola de arroz cinzenta e suja de almoço e estava seguindo para a cozinha a fim de arranjar outra lata de querosene para encaixar no alambique quebrado. Acreditava também que um cozinheiro pudesse lhe dar algumas cascas e raspas de arroz.

Shugs era bem mais velho que a maioria, perto dos trinta talvez, e seus olhos, que a todos lembravam cinzeiros transbordando, combinados com sua natureza estranha, taciturna, faziam alguns suspeitarem de que ele era perturbado. Ele havia sido caçador antes da guerra, um nômade nos contrafortes montanhosos tasmanianos, e não carregava nada, nem sequer um saco de viagem. A primeira vez que vestira uma cueca fora quando se alistara e recebera duas como parte do uniforme. Ele nunca tivera o luxo da vida militar, cujo exotismo se resumia ao livro de receitas que havia ganhado num jogo de Vinte e Um em Java. Shugs disse que havia sonhado com uma receita de rocambole de carne de porco da sra. Beeton, quando deparou com Darky Gardiner desabado na lama no meio da praça de armas.

Só Deus sabe como ele conseguiu voltar pela Dolly, contou Shugs mais tarde a outros prisioneiros. Mas conseguiu.

Eles também gostariam de saber como Darky Gardiner conseguira, andando de quatro sobre pedras e raízes, pela lama e pelas poças, rochedo abaixo, e fingiram espanto, que na verdade era medo, porque no dia seguinte, na semana seguinte, poderia ser um deles, e eles só teriam de encontrar em seu interior aquilo que Darky Gardiner encontrara no seu.

Seu intestino desandou completamente e ele estava coberto de merda, pobre sujeito, relatou Shugs. Acho que ele simplesmente se arrastou para cima e para baixo na porra daquela trilha, esguichando merda para todo lado.

Shugs prendera a atenção geral.

Pobre sujeito fodido; porra, não tem como saber quanto tempo ele deve ter ficado ali. Ele estava completamente febril como uma folha carcomida num dia ventoso. Achei que estivesse morto de tão fodido que estava. Então pude ver que ele estava respirando. Eu pensei: só quero tirá-lo da vista de qualquer japa, porque mesmo que estiver morto, para um japa, você ainda está cabulando se não estiver nas porras das listas de doentes deles. Eu o ergui, esse esqueleto coberto de merda, e ele se encostou em mim e eu nele, meio cambaleando, meio arrastando Darky como uma velha vassoura arrebetada e suja até o chuveiro de bambu. Peguei um pouco de água, arranjei um trapo, e o lavei, limpei, lavei seu rosto, limpei seu cu imundo.

Eles podiam ver Shugs colocando Darky de pé sob o chuveiro de bambu. Sabiam como devia ter sido penoso, os dois homens nus como duas árvores desabadas uma sobre a outra. Podiam ver aquele filete de água caindo do cano de bambu que eles estenderam desde o riacho, Shugs dizendo: É bom ficar limpo, cara. Podiam ver Darky desabando para um lado e para o outro, segurado por Shugs. Podiam ver a água escorrendo como raízes sobre os buracos dos ombros de Darky e sobre as costelas salientes de seu tórax, Shugs dizendo: Vamos tirar a porra desse fedor de você. E gostariam de saber se algum deles teria a metade da decência do desbocado e meio maluco Shugs.

Shugs lhes contou como Darky recuperou um pouco a consciência quando o segundo em comando do Amigão, Squizzy Taylor, com seus modos de gângster, mas sem nada de durão,

chegou, e Darky lhe contou sobre como o oficial japa ia decapitá-lo, mas não o fez, e como Lagartão então o mandou de volta.

Não se pode acusar os japas de coerência, diz Squizzy Taylor, balançando a grande cabeça de gângster e esticando as mãos de gângster para começar a examiná-lo. A essa altura Darky não está entendendo nada, continuou Shugs, e ele está tagarelando sobre como antes da guerra costumava levar a patroa para o restaurante de peixe do Nikitaris em North Hobart para comer peixe com fritas. Continua, dizendo como não consegue parar de pensar no peixe que nadava no grande tanque na vitrine do restaurante. Cabeça-chata e tainha e salmão australiano. Nada de especial, diz Darky, enquanto Squizzy o cutuca um pouco, ergue sua sobrancelha um tiquinho, dá umas pancadinhas no seu peito, todo aquele negócio de médico.

Só peixe?, pergunta Squizzy.

É, diz Darky, só peixe. Aqueles pobres coitados, trancados naquela caixa de vidro olhando para fora.

Estire a língua para fora, Darky, diz Squizzy.

Depois da matinê no Avalon, Darky prossegue tagarelando. Sempre o restaurante de peixe do Nikitaris. Duas barracudas... fritas... vieiras empanadas... pão com manteiga.

Primeiro eles querem que todo mundo à beira da morte trabalhe, diz Squizzy, depois mandam este pobre infeliz de volta. Ponha a língua para fora, Darky.

E Darky continua falando sobre como Edie amava aquilo. Um filme, depois uma refeição de peixe.

E depois? Eu queria perguntar, disse Shugs. Mas ele continuava falando sobre como não consegue parar de pensar em todos aqueles peixes nadando no tanque do Nikitaris. Como aquilo não era natural. Como eles são prisioneiros de guerra também. Como, quando ele voltar, vai até o restaurante de peixe do Nikitaris. Como vai recolher todos aqueles peixes e levá-los até o cais e soltá-los. Não ligo para o que o velho Nikitaris pensa, diz Darky. Vou comprar eles, roubar a

porra da espelunca, fazer o que for preciso para tirar aqueles peixes e levá-los de volta para o mar, que é o lugar deles.

Squizzy diz para ele não ficar tão excitado, que ele tem todo tipo de doença e vai para o hospital, para ficar o tempo que precisar, e depois que ele sair nem o peixe nem sua patroa estarão seguros.

Darky oscilava como um talo de capim, disse Shugs. Era difícil saber no que ele estava pensando ou até mesmo se sabia onde estava. Talvez estivesse imaginando ele e Edie lá, para uma refeição após uma noite no Avalon, disse Shugs, talvez estivesse rindo para o peixe no tanque. Talvez ele não os notasse realmente, talvez estivesse apenas olhando para os seios de Edie, talvez Edie estivesse dizendo para ele parar de olhar para os peixes e dar mais atenção a ela. Ou talvez não. Talvez ela estivesse dizendo: O que você está olhando?, e Darky fica todo encabulado e olha para o peixe, pensando talvez que ele é um dos peixes nadando no tanque, que é, talvez, um prisioneiro de guerra nu no jângal com seu braço ao redor de mim, enquanto Squizzy Taylor me diz para levá-lo para o hospital.

Peça para darem a ele qualquer dose de quinino que consigam arranjar, ele diz, um pouco de emetina para a disenteria. Ele se vira para mim com seus grandes olhos de gângster e, olhando para mim, diz baixinho: Não tem quinino, não tem emetina, quase não tem comida. Mas pelo menos ele descansará.

E então, disse Shugs, vocês não vão acreditar, mas Darky começa a rir, e foi como se ele não estivesse aqui com a gente no meio do maldito jângal, mas tivesse voltado ao restaurante de peixe do Nikitaris antes da guerra. Sem quinino, ele diz, sem emetina. Duas barracudas, uma dúzia de vieiras empanadas e um pouco de pão com manteiga. Squizzy diz: O que foi que ele disse? E eu digo: Duas barracudas, uma dúzia de vieiras empanadas e um pouco da porra do pão com manteiga. Senhor.

E Squizzy começa a rir, disse Shugs. E eu também. E Darky ri. Não conseguia parar de rir. Duas barracudas, Darky diz, e uma dúzia de vieiras empanadas e um pouco de pão com manteiga. Apenas apoiados um no outro, no meio da porra daquela lama, rindo de se acabar. Não tenho ideia do gosto que tem um rocambole de carne de porco. Mas peixe quente, salgado, gorduroso, empanado? Isso ninguém esquece.

17.

Quando se aproximava da cabana da leishmaniose, Dorrigo foi envolvido pela fedentina de carne apodrecendo. O fedor de carne estragada era tanto que Jimmy Bigelow — que acompanhava Evans em suas rondas fora do complexo do cólera a fim de ajudá-lo como ordenança enfermeiro — de vez em quando tinha de sair para vomitar.

Uma vez dentro da cabana da leishmaniose, o fedor se tornou mais intenso. Dorrigo Evans levou uma mão ao nariz, depois rapidamente a retirou, considerando isso outra afronta a homens que já haviam sofrido demais. Ele caminhou por um corredor entre dois estrados de bambu que estavam repletos de pacientes de leishmaniose. O mau cheiro era diferente agora, de novo ficando mais forte e também mais intenso, tão abominavelmente pungente que os olhos de Dorrigo lacrimejavam. Fileiras de homens nus jaziam como bichos-pau agonizando no bambu trançado, jazendo não em paralelo, mas formando ângulos estranhos entre eles, os olhos de inseto embaçados, amplos e vagos, o tórax, uma carcaça de frango, subindo e descendo, os únicos sinais externos de vida. Por vezes ele sentia que via algo em seus olhos, mas eram coisas terríveis — inveja ou um fatalismo aterrorizado, ou um terror atordoante no qual estavam caindo cada vez mais fundo. Era difícil de olhar, difícil de não olhar. Muitos estavam distraídos, e a maioria não prestava atenção. Alguns estavam em silêncio; outros delirantes, a cabeça

rolando de um lado para o outro; alguns murmuravam e gaguejavam; outros gemiam incessantemente à medida que a dor os passava como a chuva através do bambu.

Dorrigo Evans abriu caminho entre os estrados, tão conversador como se estivesse num pub rural num sábado à tarde, encontrando velhos camaradas, mas seu ânimo se esvaiu, e ele sentiu o estômago se contrair quando viu dois ordenanças carregarem Jack Rainbow para dentro. Um ordenança estava segurando uns trapos imundos, tentando estancar o sangue que exsudava do pequeno coto que era tudo que restara da perna direita de Jack Rainbow. Dorriigo Evans o havia operado duas vezes antes, a primeira amputando sua perna abaixo do joelho quando a úlcera lhe havia comido a tíbia e o osso do tornozelo. Na segunda vez, a gangrena havia se estabelecido em torno do coto, e ele tivera de amputar até o alto da coxa. E isso fora três semanas antes, e ali estava ele de novo. Os ordenanças o acomodaram numa mesa de bambu usada para pacientes, quando suas feridas então eram limpas com colheres afiadas. Dorriigo Evans se aproximou para examinar a perna.

Mas antes de olhar, ele cheirou.

Foi tudo que pôde fazer para não vomitar.

A mesma coisa ocorrera de novo, e no local que deveria estar sarando havia apenas podridão preta e infecção e sangue pulsando para fora do pequeno coto, que mais parecia um graveto. Dorriigo Evans percebeu que os pontos que ele havia usado na artéria femural deviam ter se soltado.

Gangrena, ele disse para ninguém em particular, porque todos com um nariz já sabiam. Torniquete.

Ninguém respondeu.

Torniquete? Ó Cristo, não, disse Dorriigo Evans, percebendo que estava na tenda da leishmaniose e não havia torniquetes ou qualquer equipamento do gênero. Ele rapidamente desafiou o cinto, tirou-o de seu calção e o enrolou em torno do que restava da



coxa de Jack Rainbow, uma coisa fina não mais espessa que um cano de esgoto. Ela parecia um copo de papel feito de betume sujo. Ele apertou cuidadosamente o cinto, Jack Rainbow gemeu baixinho. O sangramento diminuiu.

Levante ele.

Os ordenanças colocaram Jack Rainbow numa posição sentada em seus braços. Um deles lhe ofereceu água numa lata de estanho, mas ele, com os lábios trêmulos, não conseguiu segurar a borda da lata, e a água derramou.

Vamos levar você para a sala de operação, cabo Rainbow, disse Dorrigo Evans. E quando um dos ordenanças parou momentaneamente para coçar o nariz, Dorrigo Evans disse, calmamente: Depressa.

Os ordenanças sabiam que quanto mais calmamente ele falava, mais urgente era a ordem. Eles se afastaram apressados com a maca, enquanto Evans se virava para outro ordenança.

Encontre o major Taylor. Diga que preciso dele agora na sala de operação. E será que você não consegue um cordão, uma corda ou algo assim, para o meu calção?

Juntos, o coronel e seu ordenança correram para a sala de operação. Jimmy Bigelow fazia o melhor que podia para acompanhar o coronel, cuja velocidade não parecia afetada por ele ter de usar uma mão para segurar o calção, enquanto suas longas pernas trotavam pela lama.

A sala de operação era uma pequena cabana. A principal virtude dela era sua situação: a meio caminho entre a cabana hospital e a ala da leishmaniose, e com isso separada dos doentes e dos problemas quase insuperáveis de higiene que os acompanhavam. Ela tinha um telhado de palha em vez de lona, o que significava que era mais ou menos seca. Os equipamentos que continha pareciam a ideia de uma criança de uma sala de operação. Fabricados com bambu, latas vazias de comida e querosene, e quinquilharias

roubadas dos japoneses — garrafas, facas e mangueiras de caminhões —, eram um triunfo do pensamento mágico. Havia velas montadas em refletores feitos de latas de estanho moldadas, um esterilizador feito de latas de querosene, uma mesa de operação de bambu. Instrumentos cirúrgicos fabricados com aço afiado roubado de motores e guardados numa maleta que ficava sobre uma mesa para que ratos e camundongos ou qualquer outra coisa não pudessem rastejar sobre eles.

O que ele poderia fazer?, perguntou-se Dorrigo quando começou a preparar seus instrumentos para a esterilização. Ele não tinha a menor ideia. Que raios te deu na telha? Squizzy Taylor lhe perguntara depois que Dorrigo jogara baralho certa vez por um prisioneiro que Nakamura queria punir. Minha única ideia, Dorrigo havia confessado, é avançar e investir contra o moinho de vento. Taylor dera uma risada, mas Dorrigo quisera dizer aquilo mesmo. É nossa fé em ilusões que torna a vida possível, Squizzy, ele havia explicado, no mais próximo de uma explicação de si mesmo que jamais oferecera. É acreditar na realidade que acaba com a gente toda vez.

Ele inventava a vida a cada dia, e quanto mais confiava em sua fantasia, mais ela parecia funcionar. Mas como avançar agora? Na ponta extrema da cabana, longe da mesa de operação, começou a esfregar as mãos, lavando o sangue viscoso sob o fluxo constante de água que corria de um cano de bambu, outra peça improvisada de encanamento que os homens haviam preparado para trazer água de uma correnteza próxima, que agora ele suspeitava que pudesse transportar o cólera. Tudo parecia envenenado, e às vezes cada esforço parecia apenas agravar a situação, causar mais mortes ainda. Dorrigo Evans chamou Jimmy Bigelow para a mesa com uma lata de querosene com a preciosa água destilada e o fez derramá-la devagar em suas mãos.

Enquanto se lavava, Dorrigo Evans tentava se estabilizar, recompor o corpo e a mente.

Estava entrando em pânico. Sabia disso e tratou de se estabilizar, tentando adaptar-se a sua rotina pré-operatória de limpeza. Assegurar-se de que cada dedo estivesse meticulosamente limpo. Ele disse a si que poderia fazer aquilo. Unhas — garantir que não ficasse nada embaixo das unhas. Ele não tinha a menor confiança de que pudesse conseguir, mas outros acreditavam que ele podia. E se ele acreditava na confiança que depunham nele, talvez pudesse seguir em frente. Pulsos — não esquecer os pulsos. Era tudo ridículo e, no entanto, viver, ele dizia a si mesmo, requeria acima de tudo uma crença ridícula de que se poderia viver.

Os ordenanças chegaram com Jack Rainbow, que agora estava calmo. Enquanto o deitavam na mesa de operação, Squizzy Taylor entrou. O ordenança que o havia encontrado conseguira alguns pedaços de trapos coloridos, que foram amarrados uns nos outros, formando uma corda tosca. Ele a entregou ao coronel.

Isso é o meu cinto?

Saris. Aparentemente. Há algum tempo.

O coronel sorriu.

É bom que eles ajudem a segurar minha calça para variar. Aqui, ele disse, indicando seu calção com o cotovelo, enquanto continuava a lavagem das mãos.

O ordenança passou a corda improvisada em torno do seu calção e amarrou-a de um lado, dando às ancas estreitas do alto cirurgião um quê de bucaneiro.

Nomeado por um famoso gângster de Melbourne, tanto por conta de seu sobrenome como de seu charme sombrio — enfatizado pelos olhos úmidos de marsupial, a um só tempo alertas e vulneráveis, e sublinhado por um bigode fino —, o antes insinuante Squizzy Taylor estava agora muito magro, uma forma que lhe conferia uma aparência de vilão que ele jamais tivera, além de

contribuir para a pertinência de seu apelido. Seu passado como médico suburbano em Adelaide era tão claro quanto sua aparência era exótica. Além do que havia aprendido assistindo a Evans, ele só conhecia cirurgia de seu treinamento médico e de anedotas.

Coronel?

Amputar, disse Dorrigo Evans sem tirar os olhos das mãos. De novo.

Dorrigo, disse Squizzy Taylor. Você já olhou o coto?

Sim.

Não sobrou nada para cortar.

Dorrigo sentiu as mãos se esmagarem uma contra a outra. Elas precisavam ficar limpas.

Eu sei. Você pode..., Dorrigo Evans começou, e depois hesitou.

Ele torceu as mãos com mais força. Ele poderia?

Pelo amor de Deus, Jimmy, ele disparou, a porra desta água é mais preciosa do que um puro malte. Ela não é para irrigação. Vá devagar com ela, eu disse.

Ele vai morrer do choque, Dorrigo.

Ele vai morrer se não fizermos. Isso é gangrena. Há... Há uma chance se nós amputarmos no quadril.

Mesmo?, disse Squizzy Taylor. Mesmo nos hospitais mais modernos a desarticulação de quadril só mata as pessoas. Você está cortando demais o corpo. Aqui, é impensável.

Quanta anestesia nós temos?

O suficiente.

Fui assistente numa desarticulação de quadril uma vez, disse Dorrigo. Em Sydney, por volta de 1936. O velho Angus MacNamee fez o serviço. O melhor.

E ele sobreviveu?

Ela. Uma mulher aborígene. Por um dia. Talvez dois. Não consigo lembrar exatamente.

Por que você não parte só para uma amputação bem alta na coxa? Aí teria uma chance.

A gangrena subiu demais.

Eu não sou cirurgião. Mas não está tão alta assim. Corte a perna onde está o torniquete.

De um jeito ou de outro, no alto da coxa ou no quadril, não sobrou nada para colocar algum torniquete, e ele vai sangrar até a morte. Não sobrou porra de perna nenhuma, Squizzy. Esse é o problema.

Se eu puder empurrar com força com alguma coisa redonda e chata aqui, disse Taylor, cutucando a própria virilha com os dedos, apalpando as artérias, a carne, a extensão do dilema. Aqui, ele disse, empurrando dois dedos na virilha. *Aqui* — na artéria femoral, isso poderia estancar o sangue por tempo suficiente.

Não poderia.

Não poderia.

Talvez alguma coisa como uma colher com o cabo entortado. Isso poderia?

Poderia.

Poderia.

Isso dará conta do recado. E quem sabe estancará o fluxo tempo suficiente para você poder trabalhar. Ele ainda sangrará. Mas você retira o coto, grampeia as artérias e depois costura. Ele ainda estará sangrando, mas não tanto a ponto de morrer.

Vou ter de ser rápido.

Você nunca foi de enrolar.

O corpo exaurido de Jack Rainbow estava levemente trêmulo. Uma respiração fraca entrava e saía de sua boca.

O.k., disse Dorrigo Evans, sacudindo as mãos para secar. Ele mandou Jimmy Bigelow arranjar uma colher e voltou à mesa de bambu.

Nós só vamos diminuir esta perna um pouco mais, Jack, cortar fora esta gangrena fedorenta e...

Estou com frio, disse Jack Rainbow.

18.

Dorrigo Evans fitou a face macilenta, cinza como sebo, com os pelos brancos da barba crescida duros como fio de fusível, os grandes olhos de gambá, o nariz arrebitado e as sardas sujas.

Pegue uma coberta, disse Dorrigo Evans.

Tem um Pall Mall, doutor?

Infelizmente não, Jack. Mas depois. Vou cuidar para você conseguir um belo fumo.

Nada como um Pall Mall para esquentar a gente, doutor.

E Jack riu, tossiu e estremeceu novamente.

Van Der Woude chegou com sua anestesia improvisada. Jimmy Bigelow retornou com uma colher da cozinha e uma concha de sopa como estepe. As velas e dois lampiões de querosene foram acesos, mas eles só conseguiram acentuar a escuridão da cabana. Um ordenança acendeu uma lanterna.

Ainda não, disse Dorrigo Evans. Não temos pilhas sobrando. Espere até eu pedir.

Ele posicionou Jimmy Bigelow e Squizzy Taylor de pé ao lado da mesa junto dele e deslizou as mãos para debaixo de Jack Rainbow.

Ao contar três, cavalheiros.

Eles viraram Jack Rainbow. Quando Squizzy Taylor enfiou a agulha na espinha de Jack, ele produziu um ruído profundo como um bueiro sendo subitamente esvaziado. Eles começaram a administrar o anestésico em gotas. Wat Cooney, um cozinheiro de proporções impossivelmente pequenas, com orelhas que pareciam roubadas de um saco de couves-de-bruxelas, chegou da cozinha com a serra de carne.

O preparado de Van Der Woude era bom, mas de força variável. Jack Rainbow perdeu rapidamente os sentidos, e eles se prepararam para a amputação, fervendo a serra de carne e os poucos instrumentos cirúrgicos de que dispunham. Quando tudo ficou finalmente pronto, Dorrigo Evans deu o sinal de que eles estavam prestes a começar. O gotejador foi removido e Jack Rainbow foi revirado novamente.

Vamos fazer o mais rápido que pudermos, disse Dorrigo Evans. Procedimento normal. A chave aqui é manter o sangramento no mínimo absoluto. Segurem-no, ele disse, virando-se para Jimmy Bigelow e Wat Cooney. Colher pronta?, ele perguntou a Squizzy Taylor. Taylor levantou a colher agora entortada numa saudação brincalhona.

Atacar o moinho, disse Dorrigo Evans.

Ele respirou fundo. Taylor comprimiu a cabeça da colher suavemente, mas com crescente firmeza na base da barriga devastada de Jack Rainbow.

Lanterna, disse Dorrigo Evans. Jimmy Bigelow se adiantou e direcionou o fecho para o coto.

Havia ruídos das cabanas do hospital geral, mas eles foram quase imediatamente abafados pelos gritos de Jack quando Dorrigo começou a cortar seu coto de perna. O fedor da carne morta era tão forte que ele teve de se esforçar para não vomitar. Mas os gritos de Jack Rainbow confirmavam que Dorrigo Evans estava fazendo o que tinha de ser feito: cortar até a carne viva.

Um ordenança entrou correndo na cabana de operação.

O que você quer?, perguntou Dorrigo Evans, sem levantar os olhos.

O Lagartão levou Darky Gardiner do hospital.

O quê?

Nós não pudemos impedir. Eles o arrastaram pelos braços. Alguma coisa sobre homens faltando na Linha. Tem um *tenko*

ocorrendo agora. Eles vão puni-lo.

Depois, disse Dorrigo Evans, o rosto abaixado quase na altura do resto malcheiroso de perna de Jack Rainbow, concentrado no trabalho que fazia.

O major Menadue disse que só você pode impedi-los.

Depois.

Quando ele cortou a artéria femoral, ela sangrou muito, mas não excessivamente.

Grampos, disse Dorrigo Evans. Não há nada que eu possa fazer no momento. Amarelos filhos da puta. Grampos? Putos. Grampos!

Ele grampeou a artéria femoral, mas o tecido simplesmente se rompeu e o tubo carnudo esguichou sangue por toda a mesa, e depois continuou bombeando sangue.

Aperte mais, ele disse para Taylor. Ele estava pensando em como devia ter estado lá para evitar tamanho ultraje. Pensou também no alambique quebrado, na necessidade de comprar mais anestésicos dos mercadores tailandeses, e como no futuro ele devia fazer sempre a primeira amputação o mais baixo possível para não permitir horrores futuros como este.

Ele grampeou a artéria femoral uma segunda vez, e pela segunda vez ela cedeu, e ele teve de forçar a passagem pela carne morta pestilenta e grampear de novo. Ele parou, esperou. Dessa vez o grampo se manteve.

Ótimo, ele disse, ótimo.

Ele cortou mais carne. Em um minuto, havia cortado o resto da carne apodrecida. Havia sangramento, mas Taylor estava certo, não era excessivo, sobrara carne o suficiente, apenas o suficiente, para amputar. Pela primeira vez em uma hora ele relaxou um pouco.

Tiro a colher?, perguntou Taylor.

Ainda não, disse Dorrigo Evans. Apontando para a carne podre sobre a mesa, ele disse para Jimmy Bigelow: Jogue isso fora, pelo amor de Deus.



Em seguida, Evans despregou pele suficiente para formar uma aba que cobrisse o ferimento final. Depois, descolou os músculos da perna a partir do osso, para que pudesse remover o osso mais acima e a carne pudesse, com o tempo, sarar embaixo e ao redor dele, formando um coto tolerável.

Serra, ele disse.

Um ordenança entregou-lhe a serra de carne da cozinha. Era difícil obter a tração de que precisava, por isso ele trabalhou com pequenos golpes brandos, aprofundando o corte no alto do fêmur e procurando evitar farpas e quaisquer novos danos à carne. E logo depois, um pedaço de osso do tamanho de um dedo se soltou.

Os três homens agora estavam intensamente focados na operação. Dorrigo Evans começou a costurar a artéria femoral com um cordão que Van Der Woude havia trançado com tripas de porco. Estas haviam sido limpas, fervidas e cortadas em fios, depois limpas e fervidas de novo, e fervidas uma terceira vez antes da operação. Comparadas com fios cirúrgicos, elas eram toscas, mas aguentavam. Dessa vez, porém, ele estava costurando em nada, umidade, um borrão de tecido e sangue. A luz da lanterna estava enfraquecendo, e ele se concentrou com todo seu ser em fazer cada sutura exatamente no lugar certo.

E aí o sangramento parou.

Estava feito. Ele conseguira suturar a artéria, e Jack Rainbow viveria. Dorrigo percebeu que estava respirando pesadamente. Ele sorriu. Começou a preparar o restante dos músculos e a aba de pele para colar por cima do toco de osso. Ele levantou o olhar para Squizzy.

Tire a colher, major. Devagar.

Squizzy Taylor ergueu a colher. Dorrigo Evans continuou o trabalho, mais devagar agora, com mais cuidado. Jack viveria. Ele salvaria a vida deste homem. Havia a recuperação para enfrentar, a possibilidade de infecção. Mas as chances dele agora eram boas.

Não grandes, talvez, mas ainda sim boas. Ele se concentrou em fazer o melhor trabalho que podia agora, imaginando um Jack Rainbow de meia-idade com filhos, seu coto sobre uma almofada. Vivo. Amado. E ele sabia que o que fizera não era inútil, sem razão; que ele não havia falhado.

Apague a lanterna, ele disse.

Havia terminado.

Ele se endireitou, esfregou as costas, piscou para Jimmy Bigelow e tornou a olhar para o coto. Era um trabalho surpreendentemente bem-feito. Dorrigo sentiu orgulho de sua habilidade. Ele notou um pequeno vazamento de sangue onde havia terminado de costurar as abas de carne, mas o ordenança estava limpando o coto e o enxugou.

Dorrigo acendeu um cigarro, inalou profundamente a bem-vinda fumaça, e riu.

Uma colher, ele disse.

A porra de uma colher torta, disse Squizzy.

Essa é boa para *The Lancet*.

Quando tornou a olhar para Jack, algumas gotículas novas de sangue haviam surgido no coto.

Por que você não está fazendo um curativo e enfaixando o coto?, Dorrigo perguntou a Wat Cooney, enquanto enxugava o sangue uma segunda vez.

Como que em resposta, o sangue quase imediatamente ressurgiu. As abas costuradas estavam inchando, o pequeno vazamento havia se transformado num gotejar persistente, e o sangue começou a pingar de todas as partes do ferimento. Wat Cooney olhou horrorizado para Dorrigo.

As costuras que mantinham a artéria femoral ligada devem ter cedido, disse Squizzy Taylor, dando palavras ao pensamento que Dorrigo não queria ter. Por um momento ele ficou gelado.

Colher!, ele gritou subitamente.

O quê?, perguntou Jimmy Bigelow, que estava no outro lado da cabana.

As ligaduras da artéria femoral se romperam. Vamos ter de abrir de novo.

Squizzy Taylor correu de volta com a colher.

Lanterna! Jimmy, lanterna! Temos meio minuto.

Isso porque após meio minuto, ele sabia, o coração de Jack Rainbow esvaziaria o sangue de seu corpo. Antes que pudesse recolocar a colher na posição, o corpo de Jack Rainbow sacudiu.

Colher!

O corpo de Jack Rainbow havia entrado em convulsões.

*Colher!*, berrou Dorrigo Evans.

Squizzy Taylor começou a apertar a colher, mas não conseguia mantê-la pressionada contra o corpo convulso. Jimmy Bigelow acendeu a lanterna e voltou à posição, mas a luz enfraqueceu ainda mais e depois apagou por completo.

Lanterna!, Dorrigo Evans estava berrando. Cadê a porra da luz?

O corpo convulsionava selvagememente.

Segurem ele! Segurem ele! Firme. Colher! Firme! Segurem o filho da puta!

Estou apertando o mais que posso, mas o filho da puta não para, berrou Squizzy Taylor.

O sangue se espalhara por toda parte, sangue sobre o bambu, sangue sobre eles, sangue respingando linhas viscosas na lama escura abaixo. Levou mais alguns instantes para Jimmy Bigelow e Wat Cooney conseguirem agarrar Jack Rainbow com firmeza e contê-lo, mas aquele corpo minúsculo, emaciado, se sacudia para cima e para baixo como se estivesse sendo perpassado por descargas elétricas, e suas mãos escorregavam no sangue, que agora parecia engordurar tudo.

A perna, disse Dorrigo Evans. Segurem a perna!

Mas não sobrara de fato nenhuma perna para segurar, somente uma coisa sangrenta, mexendo-se bizarramente, que parecia querer apenas ser deixada em paz. O pequeno pedaço de coxa que restara estava agora tão escorregadio por causa do sangue que era muito difícil trabalhar nele, e na luz baça e na confusão de sangue, Dorrigo Evans estava com dificuldade de ver qualquer coisa claramente. Os tremores diminuíram e depois pararam, e ele conseguiu encontrar as suturas que seguravam a carne unida para poder voltar à artéria femoral, mas quando ele as cortou, Jack Rainbow se sacudiu novamente. A colher de Squizzy escorregou para a lama ensanguentada, e o sangue esguichou num arco irregular que alcançou o pé da perna boa de Jack Rainbow.

Ele vasculhava freneticamente a sujeira do coto de Jack com os dedos, tentando encontrar alguma coisa para costurar, beliscando os resíduos protuberantes, apalpando a gosma exposta, não havia nada, nada onde costurar, *nada* que pudesse reter um fio. As paredes da artéria eram papel mata-borrão molhado. Enquanto o sangue continuava a jorrar, enquanto o corpo de Jack Rainbow sofria uma série terrível de espasmos violentos, Dorrigo Evans percebeu com crescente horror que não havia nada que pudesse fazer. Mas devia haver, ele disse a si mesmo. Pense! Pense! Olhe!

A cada movimento brusco e instintivo do paciente, o sangue jorrava como de uma pequena fonte. Era como se o corpo de Jack Rainbow estivesse querendo bombear para fora o sangue até secar. Dorrigo Evans estava tentando suturar até a altura máxima da artéria que podia, o sangue continuava jorrando, Squizzy Taylor era incapaz de estancar o fluxo, havia sangue por toda parte, Evans estava tentando desesperadamente pensar em alguma coisa para poder ganhar algum tempo, mas não havia nada. Ele estava suturando, o sangue continuava a bombear, não havia luz, as suturas se rompiam, nada funcionava.

Aperte mais forte, ele estava gritando para Squizzy Taylor. Pare a porra do fluxo.

Mas por mais forte que Squizzy Taylor apertasse, o sangue continuava a aumentar, espirrando sobre a mão e o braço de Dorrigo Evans, escorrendo para a lama asiática e para o pântano asiático de onde eles não podiam escapar, aquele inferno asiático que os estava arrastando, todos eles, para si.

As convulsões deram lugar a tremores. Dorrigo Evans estava empurrando mais fundo no coto, a carne ia rasgando e caindo enquanto ele trabalhava; sua agulha em certo momento atingiu o osso. Ele estava tentando pensar, estava tentando encontrar uma saída, tentando não desistir da esperança quando ouviu Jack dizer algumas palavras em voz baixa, que mal passavam de arquejos e quebras de respiração.

Amigão?

Jack?

Eu vou morrer?

Acho que sim.

Frio, ele disse. Frio de rachar.

Dorrigo Evans continuou batalhando firmemente no coto de Jack, seus pés descalços enterrados até o calcanhar na lama ensanguentada embaixo da mesa de operação improvisada de bambu, sua calma exterior uma coisa estranha que ele sabia que preservava nos momentos de máximo tumulto interior. Ele continuava olhando para aquele pedaço de artéria, tentando encontrar alguma coisa em seu trabalho à qual se agarrar, inconscientemente amassando a lama com os dedos dos pés.

E então ele finalmente a teve, e trabalhou com o maior cuidado e delicadeza para garantir que sua cirurgia teria êxito e Jack viveria, e quando tudo terminou e ele ergueu a cabeça, sabia que Jack estava morto havia alguns minutos e ninguém soubera como lhe contar.

19.

O coronel Kota achava o sargento coreano cada vez mais irritante. Tudo no guarda parecia indigno de confiança e suspeito. Mesmo seu modo afetado de andar e sua maneira extremamente lenta de se virar pareciam, de algum modo, falsos. Enquanto observava em todos os lados a confusão de dormentes, rocha, sujeira, ferros e escravos nus trabalhando como baratas, o coronel Kota compreendeu por que os coreanos jamais poderiam ser usados como soldados da linha de frente.

Enquanto inspecionava as obras ferroviárias — os aterros e as encostas, os grandes cortes através de morros rochosos, rochedos de arenito cinzento sustentando nuvens negras, e as magníficas pontes treliçadas de teca sobre desfiladeiros no jângal, curvando-se como arco-íris no dilúvio da monção —, tudo que ele conseguia pensar era em como não havia matado o prisioneiro lá na trilha e como o sargento coreano havia testemunhado seu comportamento estranho. E, no entanto, mesmo agora, ele não conseguia se lembrar da ordem exata das sílabas do haiku. O sargento coreano o aborrecia imensamente, tentando agradá-lo com seu sorriso afetado, sua anuência ridícula a cada comentário que Kota fazia, seu alarde da eficiência da operação deles. O coronel Kota estava convencido de que, por trás de cada cumprimento, havia desprezo, por trás de cada anuência, zombaria, por baixo de cada alarde, superioridade insolente. Num palpite que ele pensou que na melhor hipótese deveria embaraçar o coreano e na pior aborrecê-lo, ele ordenou uma contagem dos prisioneiros sem nenhuma outra razão além de que ele podia fazê-lo.

Para espanto dos guardas, a contagem deu nove a menos — nove prisioneiros faltando. Alertados dessa descoberta, oito homens apareceram misteriosamente na segunda contagem, realizada meia hora depois. O coronel japonês com cara de machadinha ordenou que os oito homens que estiveram se escondendo se adiantassem

para ser punidos e que eles revelassem a identidade e o paradeiro do nono ausente.

Quando ninguém se adiantou, ele ordenou que o sargento prisioneiro responsável pelo grupo fosse encontrado e punido severamente como exemplo. Depois de alguma confusão, foi estabelecido que o nono homem *era* o sargento, e que ele não estava na Linha, mas voltara ao campo.

Quando voltou ao campo no fim daquela tarde, o coronel Kota passou uma descompostura em Nakamura, a raiva movida por sua própria vergonha de ter esquecido um haiku e, assim, ter sido incapaz de decapitar um prisioneiro — e isso na frente de um guarda coreano. Profundamente envergonhado por sua vez, o major japonês procurou o sargento coreano de cujo nome ele nunca conseguia se lembrar, esbofeteou-o duramente algumas vezes, pegou o nome do prisioneiro que estava aparentemente — quem diria — se escondendo no hospital e ordenou a realização de uma chamada, e que o prisioneiro fosse punido diante dos outros prisioneiros reunidos.

De sua parte, Lagartão não ligou por ter sido esbofeteado, mas não ficou muito empolgado com a ordem: fazia bons negócios com o prisioneiro Gardiner, e, no seu entendimento, a acusação era mais sem sentido do que a maioria. Embora Gardiner às vezes o aborrecesse com a maneira como cantava e assobiava, o prisioneiro ocasionalmente se mostrava útil. Apenas alguns dias antes, Lagartão havia conseguido carne bovina fresca de Gardiner para todos os sargentos. Mas assim eram as coisas. Era uma vergonha, mas ele imaginou que, após o castigo, Gardiner ainda precisaria dele, e ele de Gardiner. Assim eram as coisas, e elas nunca paravam. Você podia entrar em guerra contra o mundo, mas o mundo sempre venceria. O que ele poderia fazer?

E assim Gardiner foi encontrado onde Lagartão o havia enviado, no hospital. Como ele estava incapaz de andar, Lagartão ordenou

aos dois guardas que estavam com ele que arrastarem o prisioneiro até a praça de armas para ser castigado.

20.

O dia ia avançado, esfriava, e os homens estavam pensando que, ao menos ali, eles não teriam de trabalhar. Por alguns minutos, ou o tempo que durasse, eles poderiam descansar, e o descanso era sempre bem-vindo, a coisa mais bem-vida em seu mundo depois da comida. Mas eles não queriam estar ali.

Estava no meio da praça de armas uma centena de prisioneiros que estavam ocupados em serviços leves e que haviam sido reunidos naquele anoitecer sob a chuva da monção para testemunhar Darky Gardiner, um homem que causava piedade a macacos molhados, ser espancado por Lagartão por um crime que ele não havia cometido. O número lentamente inchou à medida que os prisioneiros que retornavam da Linha eram trazidos pelos guardas para essa desolada concentração.

Quando Lagartão cansou, dois outros guardas se adiantaram para continuar seu trabalho. Um aroma frutuoso, úmido, chegava do jângal e fez alguns se lembrarem de xerez, e os fez pensar no Natal com a família e no pavê que suas mães costumavam fazer. Enquanto um dos guardas esbofeteava o rosto de Darky de um lado e do outro, e um segundo o socava no torso, alguns prisioneiros tentavam ser felizes com suas recordações de abóbora e cordeiro assados e pudim de ameixa com cerveja para descer tudo. E embora eles fossem carregar na memória o espancamento de Darky até suas próprias mortes, seis dias ou setenta anos depois, no momento o fato parecia estar tão fora do seu controle e, portanto, não mais dentro de suas consciências do que uma pedra caindo ou uma tempestade começando. O espancamento simplesmente existia, e a melhor maneira de lidar com aquilo era encontrar outras coisas em que pensar.



Sheephead Morton — lenta e cuidadosamente, para não chamar a atenção para seu movimento proibido — espremeu lama entre os dedos dos pés, e estava novamente concretando, como fizera às vezes como operário antes da guerra, assentando o alicerce de uma casa. Jimmy Bigelow esfregou a ponta do polegar na lateral do seu dedo indicador, e esse mais suave dos toques o levou a uma cama, onde os dedos de uma mulher sussurravam uma linha ao longo do seu quadril. Ele se lembrou da maravilha de seu buço suave quando ela o puxou para beijá-lo.

Após mais dez minutos, Lagartão, tendo terminado de descansar e sentindo, talvez, a falta de sua atenção, ordenou que todos os prisioneiros dessem seis passos à frente. Agora o som dos golpes e bofetadas e socos, embora surdos e abafados, poderiam ser sentidos pelos homens reunidos. Agora não havia como não olhar para o homem quase nu sendo espancado pelos guardas uniformizados. Seu rosto úmido, inchado, dava uma estranha impressão de espanto a cada vez que os guardas o atingiam com seus punhos e varas de bambu.

Me ajudem!, gemia Darky Gardiner. Me ajudem!

Ou talvez seus gritos entrecortados apenas soassem assim. Cada respiração estranha, dificultosa de Darky — parte um chiado, parte um gargarejo sangrento, um grunhido ocasional, enquanto seu corpo trabalhava com isso, também, a própria sobrevivência ao espancamento —, cada som não poderia agora ser completamente bloqueado. E, no entanto, eles os bloqueavam.

Lizard Brancussi estava tentando ver o rosto de sua Maisie. Diariamente, ele olhava enlevado para o esboço a lápis de Rabbit Hendricks, mas quando tentava olhar além dele — quando tentava se lembrar dela —, tudo ficava nebuloso. A fantasia de Mae West estava ficando cada vez mais forte, e Maisie, tal como era, ficando cada vez mais fraca. Mas enquanto a surra prosseguia, ele continuava tentando, pois agora compreendia que a medida de sua

vida era sua capacidade de acreditar em algo — qualquer coisa — que não fosse o que estava acontecendo na sua frente.

De modo que eles viram, mas não viram; de modo que ouviram, mas não ouviram; e eles sabiam, sabiam tudo, mas mesmo assim tentavam não saber. Às vezes, porém, os prisioneiros eram ludibriados a ver o espancamento por causa de alguma novidade, como a pequena tora de teca que Lagartão encontrou e atirou na cabeça de Darky Gardiner, ou quando ele espancou o corpo de Darky Gardiner com uma vara de bambu da grossura de um braço, como se o prisioneiro fosse um tapete particularmente imundo. Golpe após golpe... no rosto do monstro, uma máscara de monstro.

Os prisioneiros estavam mortos de fome, e seus pensamentos iam cada vez mais para a refeição noturna, que, por magra que fosse, ainda era real e ainda estava à sua espera; o espancamento estava lhes negando o prazer de comê-la. Eles estiveram no trabalho o dia todo sem nada para sustentá-los, além daquela pequena bola de arroz grudento. Haviam mourejado no calor e na chuva. Haviam quebrado rocha, carregado terra, cortado e arrastado tecas e bambus gigantes. Haviam caminhado sete milhas, indo e vindo do trabalho. E não poderiam comer até o espancamento terminar ou Darky morrer, e sua única e secreta esperança era que, de um jeito ou de outro, a coisa terminasse o quanto antes.

Mais homens chegaram cambaleando da Linha, o número de prisioneiros cresceu para duzentos e depois para mais de trezentos. E eles tiveram de ficar olhando outros homens quebrando um homem como outros na lama, e nenhum deles poderia dizer ou fazer nada para mudar esse curso imutável dos acontecimentos.

Eles queriam atacar os guardas, agarrar Lagartão e os outros dois, surrá-los até a inconsciência, esmagar seus crânios até a matéria cinzenta aguada escorrer para fora, amarrá-los a uma árvore e enfiar suas baionetas repetidamente em suas barrigas, enfeitar suas cabeças com colares de seus intestinos azuis e vermelhos

enquanto ainda estivessem vivos, para que os guardas conhecessem uma pequena parcela de seu ódio. Os prisioneiros pensaram nisso e, em seguida, pensaram que não poderiam pensar nisso. Suas faces emaciadas e vazias ficavam mais emaciadas e vazias à medida que o espancamento prosseguia. Então esses homens que não eram homens, humanos incapazes de ser humanos, ouviram uma voz familiar gritar...

*Byoki!*

E seus espíritos momentaneamente se animaram enquanto se viravam para ver Dorrigo Evans correndo na direção deles. Quando o calcanhar ulcerado raspou numa touceira de bambu cortada, Dorrigo Evans gritou mais alto...

*Byoki! Byoki!*

Mas Lagartão ignorou completamente o oficial comandante dos australianos. Outro guarda o empurrou para a primeira linha dos prisioneiros, enquanto o major Nakamura chegava a passos largos pela praça de armas na direção deles com o tenente Fukuhara a reboque para inspecionar o castigo.

Destacando-se da fila, Dorrigo Evans defendeu diante dos oficiais japoneses o fim da punição. Alguns homens notaram como Nakamura curvou levemente a cabeça, reconhecendo respeitosamente a patente superior do coronel, e como o seu coronel, para grande irritação dos japoneses, não retribuiu a saudação.

Eles o ouviram dizer: Esse homem está seriamente doente. Ele precisa de repouso e remédios, não de pancadas.

E, atrás dele, o espancamento prosseguia.

21.

Nakamura se balançava sobre os calcanhares enquanto escutava. Ele sentia coceiras, tinha a boca seca, estava nervoso e agitado. Precisava de *shabu*, um comprimido que fosse. Contemplar o

prisioneiro ser surrado não lhe dava nenhum prazer. Mas o que se poderia fazer com gente assim? O quê? Pais bons e gentis o haviam criado para ser uma pessoa boa e gentil. E a dor que lhe causava o sofrimento que ele havia ordenado lhe provava o quão profundamente ele era uma pessoa boa e gentil. Senão, por que ele se sentiria tão compungido? Mas precisamente porque era uma pessoa boa e gentil — que entendia sua bondade como obediência, como reverência, como dever penoso —, ele era capaz de ordenar essa punição.

Pois a surra servia a um bem maior. À noite, a tarefa de completar sua seção da linha férrea havia aumentado consideravelmente. E como os prisioneiros haviam sido hoje particularmente difíceis, e os guardas sentiam isso e estavam, por sua vez, incomodados, a punição de um prisioneiro oferecia uma maneira de os guardas reafirmarem sua autoridade e de todos os prisioneiros se lembrarem de seu dever sagrado.

Havia outro caso, de ter sido o coronel Kota quem descobrira a falta do prisioneiro — envergonhando assim a ele, Nakamura, e todos os engenheiros e guardas sob seu comando. A punição não dizia respeito à culpa, mas à honra. Não havia outra escolha em tudo aquilo: ou a pessoa existia para o imperador e para a ferrovia — que era, afinal, a materialização da vontade do imperador —, ou ela não tinha nenhuma razão para viver ou mesmo para morrer.

Fukuhara lhe dissera que o coronel australiano estava falando de novo sobre remédios. Que remédios?, pensou Nakamura. O comando central não lhes enviara nada — nada de máquinas, nada de comida, certamente nada de remédios, somente algumas velhas ferramentas de mão quebradas e ordens impossíveis de construir um milagre a partir do nada neste deserto verde. E coreanos. Coreanos imprestáveis. Não admira que eles não os utilizassem como soldados na linha de frente. Eles não eram nem sequer confiáveis para guardar prisioneiros australianos. Ele também precisava de remédio.

Precisava de *shabu*. Porque se não conseguisse completar sua seção da ferrovia no tempo determinado, não teria outra escolha senão se matar de vergonha. E ele não queria se matar, mas não poderia retornar às ilhas pátrias em falta com o imperador. Ele era alguém melhor do que isso. E para conseguir o que devia ser feito nas próximas horas, ele só precisava de um pouco de *shabu*.

À medida que o espancamento continuava, Nakamura notou que o sargento coreano parecia estar colocando menos força em seus golpes, uma falta de empenho que incomodou Nakamura imensamente. Os coreanos eram, bem, coreanos, ele simplesmente não estava fazendo o trabalho direito. Talvez estivesse cansado, mas isso não era desculpa. Nakamura havia ordenado o castigo, a ordem era necessária e justificada, e, no entanto, o guarda parecia não estar levando a ordem a sério.

Enquanto Fukuhara continuava traduzindo as alegações do coronel australiano de que o prisioneiro não era culpado de nada e fora enviado de volta ao hospital por um dos guardas porque estava gravemente doente, Nakamura continuava ali parado, sentindo uma coceira terrível, perdendo seu tempo, observando o coreano espanando o pé do prisioneiro. Este parecia grogue, mas ainda conseguia suportar os golpes fracos do guarda. Quando o prisioneiro cambaleava, parecia a Nakamura que ele estava usando o cambaleio para se esquivar dos golpes da vara de bambu, e o guarda não estava fazendo nada para acabar com essa farsa. O prisioneiro estava zombando da punição. Isso enfureceu Nakamura, fez sua pele coçar ainda mais — ele só precisava conseguir aquele comprimido de *shabu*, mas quanto tempo ainda teria de esperar, contemplando tamanha inépcia, tamanha estupidez?

O coronel australiano havia mudado de tática e parecia estar usando um argumento de autoridade ofendida para sustar o espancamento. Fukuhara disse a Nakamura que o coronel australiano alegava que o sargento coreano o havia ignorado

completamente — um coronel e oficial comandante — quando lhe falara, desrespeitando sua patente e sua honra.

Nakamura virou-se para Fukuhara. Ele encerraria o castigo agora, e eles poderiam parar com aquilo — embora o espetáculo houvesse sido fraco, servira a seu propósito. Mas quando Nakamura se virou, seu pé esquerdo pisou na fita de proteção da perneira direita, que vivia eternamente solta e se arrastando na lama, e naquele momento estava enrolada em sua bota direita, assim, de algum modo, quando tentou levantar o pé esquerdo, tropeçou na bota direita e caiu esparramado na lama.

Ninguém disse nada. A surra parou momentaneamente, depois recomeçou com toda pressa quando o major japonês se pôs de pé. Um lado de sua calça estava lambuzado de lama e sua camisa estava imunda.

Enquanto perscrutava a face tanto de inimigos quanto de aliados, Nakamura estava agudamente consciente de que todos haviam visto sua queda humilhante. Prisioneiros. Coreanos. Colegas oficiais japoneses. Ele estava farto. Estava cansado. Estava de pé desde as três horas da manhã. Ainda tinha muita coisa para fazer, o dia já estava acabando, e a ferrovia estava mais atrasada do que nunca. Nakamura — humilhado, enfurecido, enlameado — viu uma pilha de ferramentas que os prisioneiros tinham amontoado. Sua mente abruptamente desanuviou. Ele compreendeu a questão intolerável do coronel australiano — como oficial, ele se sentira insultado. E viu como poderia resolver tanto o problema do coronel australiano como o seu próprio.

Foi até a pilha de ferramentas, escolheu um cabo de picareta, sopesou-o e, brandindo-o como um taco de beisebol, passou reto pelo coronel australiano até onde o sargento coreano estava surrando o prisioneiro. Ele mandou o guarda se perfilar. Nakamura plantou os pés, levantou o cabo de picareta para trás e,

empunhando-o como uma espada de samurai, bateu com força no rim esquerdo do guarda.

O coreano gemeu, praguejou e quase desabou, e foi com dificuldade que voltou à posição de sentido. Nakamura levantou o cabo de picareta acima da cabeça e, com um giro poderoso, disparou-o contra o pescoço do coreano. Ele encerrou com uma pancada de revés no lado da cabeça do guarda, e Lagartão caiu sobre um joelho. Nakamura gritou com ele em japonês, atirou-lhe o cabo de picareta na cabeça, caminhou até Dorrigo Evans e fez uma medida. Sem se dar conta, Dorrigo Evans devolveu o cumprimento.

Nakamura falou calmamente. Fukuhara traduziu para o coronel australiano, dizendo que o guarda havia sido punido por sua insolência com o coronel australiano, e agora a punição do prisioneiro poderia continuar.

Diante deles, Lagartão ficou novamente em pé, agarrou o cabo de picareta, deu alguns passos trôpegos até Darky Gardiner, endireitou-se e, em seguida, levantou o cabo para o alto antes de descê-lo nas costas do prisioneiro com renovado zelo. Darky Gardiner caiu de joelhos, e estava se recompondo para se erguer de novo quando Lagartão o chutou bem no meio do rosto.

Quando o coronel australiano recomeçou os protestos, Nakamura desautorizou o tradutor com um gesto.

Não é uma questão de culpa, disse ele, enfasiado.

Os movimentos de Darky Gardiner já não eram harmoniosos quando seu corpo esgotado e nu tentava recuperar-se, coordenar-se e se mover de novo a tempo de se proteger do golpe seguinte. Seu tempo de reação estava ficando irregular. No momento em que se levantava, um golpe da vara de bambu do guarda o apanhou no lado do rosto. Sua cabeça foi atirada para o lado, ele arquejou e cambaleou para trás, tentando não cair, mas seu corpo ficara desencontrado. Darky Gardiner tropeçou e foi ao chão.

Enquanto os guardas se alternavam chutando Gardiner, Nakamura murmurou um haiku de Bashô. Fukuhara o fitou inquisitivamente.

Sim, disse Nakamura. Diga a ele.

Fukuhara continuou olhando para ele.

Ele gosta de poesia, disse Nakamura.

É muito bonita em japonês, replicou Fukuhara.

Diga a ele.

Em inglês acho que não.

Diga a ele.

Alisando o lado da calça com a mão, Fukuhara virou-se para o australiano. Ele empertigou-se, de modo que seu pescoço pareceu mais comprido ainda, e recitou sua própria tradução:

*Um mundo de sofrimento...  
se a cerejeira floresce,  
ela floresce.*

22.

Dorrigo Evans fitou Nakamura, que estava coçando furiosamente a coxa. E Dorrigo Evans compreendeu que, para a ferrovia ser construída, aquela ferrovia que era a única razão para o imenso sofrimento de centenas de milhares de seres humanos naquele exato momento —, para aquela insensata linha de aterros e cortes e cadáveres, de terra escavada e terra amassada e rocha explodida e mais cadáveres, de pontes treliçadas e periclitantes de bambu e dormentes de teca e ainda mais cadáveres, de incontáveis pregos e infindáveis trilhos de aço, de cadáver após cadáver após cadáver após cadáver — para *aquela* ferrovia existir, ele compreendeu que Darky Gardiner precisava ser punido. Naquele momento, ele admirou a vontade terrível de Nakamura — admirou-a ainda mais do que se desesperava com o espancamento de Darky Gardiner —, a força



bruta, a justa obediência a códigos de honra que não admitiam dúvidas. Pois Dorrigo Evans não conseguiu encontrar em si mesmo uma força vital equivalente que pudesse desafiá-la.

Com o rosto impassível e a túnica esfarrapada de asceta, a surra no Lagartão, o vociferar de ordens que acabara de dar, Nakamura não pareceu mais a Dorrigo Evans o oficial estranho, mas humano, com quem jogara baralho na noite anterior, nem o comandante duro, mas pragmático, com quem havia barganhado vidas naquela manhã, mas a força aterradora que se apodera de indivíduos, grupos, nações, e os curva e os deforma contra suas naturezas, contra seus julgamentos, e destrói tudo diante de si com um fatalismo impiedoso.

Lagartão se abaixou e ergueu Darky Gardiner pela cintura. Ele o atirou sobre o ombro e depois o recolocou de pé. Houve uma pausa estranha, como se a surra houvesse acabado, mas bastou Darky Gardiner recuperar o equilíbrio para os três guardas recomeçarem com as varas de bambu e o cabo de picareta até ele cair de novo. E assim começou um padrão de espancamento, queda, chutes e recolocar de pé para tornar a bater.

E observando isso — enquanto Lagartão mais uma vez recolocava Darky Gardiner de pé para surrá-lo de novo, enquanto rapidamente lhe dava duas bofetadas com as costas da mão —, Dorrigo Evans sentiu como se alguma terrível vibração estivesse sacudindo a terra e todos seus seres não pudessem deixar de vibrar com ela. E aquela percussão sinistra era a verdade desta vida.

Isso precisa parar, Dorrigo Evans estava dizendo. Está errado. Ele está doente. Ele é um homem muito doente.

Porém, isso não era nem sequer um argumento, e Nakamura apenas ergueu uma mão e falou para ele com uma voz nova, cordial.

Major Nakamura diz que tem um pouco de quinino sobrando, disse Fukuhara. Para ajudar homens doentes trabalhar. A vontade do

imperador decreta isso, a ferrovia precisa.

E a percussão prosseguia cada vez mais alta.

Dorrigo Evans compreendeu que Nakamura estava tentando ajudar, mas que ele não poderia fazer nada sobre a surra que havia ordenado. O quinino ajudaria outros. Nakamura poderia ajudar quem ele poderia ajudar, e o quinino o ajudaria a ajudá-los. Mas ele não poderia parar a percussão. Não poderia ajudar Darky Gardiner. A ferrovia exigia, Nakamura entendia isso. Dorrigo Evans tinha de aceitar. Ele também tinha um papel na ferrovia. Nakamura tinha um papel. Darky Gardiner tinha um papel, e seu papel era ser brutalmente espancado, e todos eles — cada um a sua maneira — tinham de responder à percussão terrível.

Os movimentos bruscos de corpo e braços e pernas de Darky Gardiner tentando se proteger agora não passavam de meros obstáculos naturais para os guardas, como chuva ou bambu ou rocha, a ser ignorados ou cortados ou quebrados. Somente quando ele deixou de resistir, eles pararam de colocá-lo de pé, e seus gritos deram lugar a um chiado lento e prolongado, como um fole de ferreiro rasgado, e o tétrico trabalho desacelerou para um andamento mais moderado, adquirindo a natureza de um trabalho manual.

Alguma coisa estava se passando dentro de Dorrigo Evans enquanto ele observava. Havia ali trezentos homens contemplando três homens destruírem um homem que eles conheciam e, no entanto, eles não faziam nada. E eles continuariam a contemplar e continuariam a não fazer nada. De algum modo, eles haviam consentido com aquilo, estavam sincronizados com a percussão, e Dorrigo era o primeiro dentre eles, o que havia chegado tarde demais e fizera muito pouco, e agora, de algum modo, consentia com o que estava acontecendo. Ele não compreendia como as coisas tinham chegado a esse ponto, apenas que tinham.

Por um instante, ele pensou ter captado a verdade de um mundo aterrador no qual não se podia escapar do horror, no qual a violência era eterna, a grande e única verdade, maior do que as civilizações que ele criara, maior do que qualquer deus que o homem adorava, pois era o único deus verdadeiro. Era como se o homem existisse apenas para transmitir violência a fim de garantir que seu domínio fosse eterno. Para que o mundo não mudasse, essa violência havia existido sempre e nunca seria erradicada, os homens morreriam sob a bota e os punhos e o horror de outros homens até o fim dos tempos, e toda a história humana seria uma história de violência.

Mas esses sentimentos eram estranhos e demasiado avassaladores para se agarrar a eles, de modo que eles debateram-se por um momento na mente de Dorrigo Evans e depois desapareceram. Atrás dele, Nakamura estava se afastando. Os pensamentos do oficial japonês também eram confusos e perturbadores demais para fazerem sentido, que dizer para aferrar-se a eles. Outras ideias, mais tranquilizadoras, mais reconfortantes sobre o dever e o imperador e a nação japonesa e as preocupações práticas imediatas da construção da ferrovia no dia seguinte tomaram seu lugar, e, de novo, como um camundongo numa roda, a mente de Nakamura voltou a cumprir obedientemente aquele papel que lhe fora atribuído.

Dez minutos depois ele já havia esquecido completamente a surra, e foi só uma hora mais tarde, quando estava voltando pela praça de armas e vira os prisioneiros ainda em posição de sentido, que Nakamura percebeu que ela não havia terminado. Dois guardas extras seguravam lampiões de querosene para iluminar a cena, agora que era noite, o prisioneiro havia de algum modo perdido os poucos trapos que vestia e estava nu, e os uniformes dos três guardas que administravam o castigo estavam escuros de chuva, lama e sangue. O prisioneiro já não tentava resistir ou se esquivar

dos golpes, absorvendo-os com a passividade de um saco de palha. Quando os guardas não o estavam atingindo com suas varas, eles o chutavam como uma bola velha. Mas ele já nem parecia um homem, mas alguma coisa incerta e antinatural.

Nakamura teria preferido que a surra houvesse terminado mais cedo, mas julgou melhor não interferir. Fortalecido pelos três comprimidos de *shabu*, ele estava indo se encontrar com o cabo Tomokawa para mandá-lo ao campo do rio a fim de comprar uma garrafa de uísque Mekhong de um comerciante ribeirinho tailandês. Um pouco de *shabu* e uísque, pensou Nakamura, era tudo que precisava.

E a percussão prosseguiu, e quando os outros guardas se cansaram e pararam, Lagartão continuou a espancar diligentemente, obediamente, compassadamente Darky Gardiner com o cabo de picareta.

E para sua percussão só poderia haver um fim.

23.

Darky Gardiner abriu os olhos e piscou. Gotas de chuva lhe caíam na face. Ele apoiou as mãos na lama, mas elas continuavam afundando. Ele estava nadando em merda. Tentou ficar de pé. Era impossível. Estava nadando em cada vez mais merda. Tentou se encolher para se proteger. Não adiantou, e ele só tornou a afundar no buraco imundo. Se fechava os olhos, estava ali de novo sendo espancado. Se os abria, estava se afogando em merda, tentando se manter na superfície, tentando emergir. Mas estava tão escorregadio e tão escuro que ele não conseguia um apoio, e quando encontrou não teve forças para sair. Seu corpo não poderia ajudá-lo. Ele só respondia aos chutes e golpes que o viravam para onde quisessem. Ele não tinha noção de há quanto tempo estava ali. Às vezes pensava que sempre estivera. Em outros momentos, parecia que nenhum tempo. A certa altura, ele ouviu sua mãe. Estava tendo

dificuldade de respirar. Sentiu gotas de chuva mais suaves, viu óleo vermelho-vivo contra a lama marrom, ouviu sua mãe chamá-lo outra vez, mas não estava claro o que dizia, ela o estava chamando para casa ou era o mar? Havia um mundo, e lá estava ele, e o cordão juntando os dois estava esticando e esticando, ele estava tentando se erguer por aquele cordão, estava tentando desesperadamente se arrastar de volta para casa, para onde sua mãe o estava chamando. Ele tentou chamá-la, mas sua mente estava escorrendo de sua boca num longo, longo rio em direção ao mar. Ele piscou novamente. Um macaco guinchou, seus dentes brancos. Acima da serrania, a lua sorridente. Nada o sustentava, e ele estava afundando. Ele ouviu o mar. Não, ele disse, ou pensou que disse. Não, não é o mar. Não! Não!

24.

Eles o encontraram tarde da noite. Estava flutuando de cabeça para baixo no *benjo*, a longa e funda valeta de merda revolvida pela chuva que servia de banheiro coletivo. De algum modo ele havia se arrastado até ali, vindo do hospital, para onde haviam carregado seu corpo quebrado quando o espancamento finalmente terminou. Presumiu-se que, ao se agachar, ele havia perdido o equilíbrio e caído de frente. Sem forças para se arrastar para fora, havia se afogado.

Sempre merda no cagador, disse Jimmy, que havia se oferecido para ser baixado por uma corda até o buraco cheio de merda para retirar o cadáver. Pronto, ele gritou para os que estavam segurando a corda no alto quando estava enterrado até as coxas na sujeira. Pronto!

E enquanto amarrava uma segunda corda em volta do cadáver, Jimmy disse para ele.

Darky, seu filho da puta escroto. Por que você não se cagou na cama como qualquer idiota? Por que não dobrou a porra da coberta

deles do jeito certo?

Enquanto alçavam o corpo de Darky Gardiner, Jimmy Bigelow o vislumbrou sob a luz do lampião de querosene. Revestido de vermes, era uma coisa tão singularmente machucada, esmagada, imunda, tão suja e quebrada que, por um momento, Jimmy pensou que poderia não ser ele.

Eles levaram o corpo para o hospital. Com uma lata de querosene cheia de água e suas mãos de mineiro, tão violentas, tão suaves, Sheephead Morton limpou a sujeira do corpo enegrecido e o preparou para ser sepultado no dia seguinte.

Fora um dia para morrer, não porque fosse um dia especial, mas porque não era, e todo dia era um dia para morrer agora, e a única pergunta que os assombrava, quem seria o próximo, fora respondida. E o sentimento de gratidão por ter sido um outro revolveva em suas entranhas, junto com a fome e o medo e a solidão, até a pergunta voltar, refrescada, renovada, irrefutável. E a única resposta que eles poderiam dar a ela era esta: eles tinham uns aos outros. Para eles, para todo o sempre, não poderia haver eu ou para mim, somente nós e para nós.

25.

Na manhã seguinte, Rooster MacNeice remexeu no fundo de seu saco de viagem procurando seu exemplar de *Mein Kampf* para começar o dia com seus dez minutos de memorização. Ele havia acordado no meio da noite, assombrado por um pensamento — que se ele houvesse dado um passo à frente para dizer que fora ideia sua cabular o trabalho, Gardiner não teria morrido. Mas, ele raciocinou, se houvesse feito isso, talvez tivesse morrido em seu lugar. Ou não. Ou talvez ambos tivessem morrido. Ele disse a si mesmo que era impossível saber com os japoneses. Ele se tranquilizou com a ideia de que Gardiner estava condenado de

qualquer modo, como sargento encarregado de seu grupo, como um doente.

Quando Rooster MacNeice estivera no corte, no dia anterior, quando os japoneses haviam mandado os prisioneiros culpados darem um passo à frente, o que ressoara mais forte em sua mente não foram os japoneses rugindo, mas o riso de Gardiner depois de ter sido apanhado com a mão na casca de ovo. No momento em que Rooster poderia ter se adiantado, tudo que pôde pensar foi no ovo de pata enegrecido que Gardiner lhe havia roubado, cuja casca ele havia usado em seguida para zombar dele. A humilhação da manhã anterior pelas mãos de Gardiner permanecia nele como uma emoção mais dolorosa do que a memória posterior de Gardiner sendo surrado. Não, Rooster MacNeice havia pensado, ele não ajudaria um cara desses. Mas não tinha intenção de matá-lo.

Não. Eu não queria isso, ele murmurou para si mesmo. Não, eu não queria.

Enquanto sugava sua barba cor de gengibre, ele pôde sentir no fundo de seu saco de viagem a marmita, depois a concavidade úmida das folhas de seu exemplar de *Mein Kampf*. Quando estava prestes a tirá-lo, suas mãos roçaram numa camisa de uniforme que ele conseguira guardar de algum modo ao longo de suas peripécias. Ele sempre a mantinha cuidadosamente dobrada e plana, mas agora ela estava estufada. Ele largou o livro, tateou ao redor e puxou para fora do saco de viagem um ovo de pata. Seu lábio inferior pendeu. Seu sentimento de alívio ao encontrar o ovo foi quase imediatamente dominado por um horror inexprimível. Ele pôs rapidamente o ovo de volta no saco como se ele fosse uma vergonha gigantesca que precisava ser escondida e tirou *Mein Kampf*.

Por mais que tentasse, ele não conseguiria memorizar nada.

Décadas mais tarde, Jimmy Bigelow insistiria para que os filhos sempre dobrassem suas roupas assim, com as dobras para fora. Ele abriria as gavetas da cômoda de sua casa de madeira suburbana em Hobart para se certificar de que elas estavam guardadas e com as dobras para fora. Ele jamais os agrediria ou estapearia por não dobrar suas roupas com a dobra para fora. Ele imploraria e pleitearia, ordenaria e pediria e, por fim, exasperado, ele próprio dobraria e empilharia de novo as roupas, enquanto eles, nervosos, ficariam aguardando. Ele sentiria um terror inominável que ia além do seu próprio entendimento — uma confusão que eles também carregariam pelo resto de suas vidas, que era a um só tempo amor e medo, que ia além de gavetas abrindo e fechando, além da frustração e dos resmungos do pai. Jimmy sabia que eles não compreendiam. Mas como poderiam não *ver*? Como poderiam não *saber*? Devia ser tão óbvio o que havia para ser compreendido. Nunca se pode saber quando as coisas podem mudar — um estado de espírito, uma decisão, uma coberta.

Uma vida.

Eles não sabiam nada disso. Só sabiam que, fizessem o que fizessem, ele jamais os machucaria. Na pior das hipóteses, ele os colocaria sobre seus joelhos, levantaria a mão e a manteria lá, pairando sobre seus traseiros. Às vezes eles sentiriam seus joelhos e coxas estremecer. Arriscariam um olhar para cima e veriam sua mão tremendo, seus olhos aguados. Como poderiam saber que o pai estava tentando desesperadamente protegê-los do golpe inesperado de uma coronha de rifle em suas macias bochechas infantis, adverti-los sobre os horrores que este mundo duro tinha preparado para o incauto, o imprudente, o despreparado... prepará-los para todas essas coisas para as quais ninguém poderia jamais estar preparado? Eles sabiam apenas uma coisa: que ele jamais os machucaria.

Enquanto seu corpo tremia e parava de tremer com o tempo, eles sabiam o que ele queria dizer quando falava: Pronto, e de



repente os tirava de seu colo e os recolocava de pé. Evitando seus olhos, ele acenava, com a mão estendida, para eles se afastarem.

É isso. Certo? Só. Só deixem a dobra para fora da próxima vez. Fora. Sempre fora. Certo?

E eles correriam para fora, para o sol.

Talvez, Jimmy Bigelow se perguntava, ele não desse o tempo ou o espaço que deveria ao amor. Ele se ajustava, e o amor escapulia. Talvez ele de algum modo escolhesse — por quê, ele não saberia dizer — as linhas de trabalho previsíveis em vez dos torneios selvagens do amor, a dobradura de uma coberta em vez do estender de braços travados.

Mas às vezes ele estava lá: olhando para fora de uma janela aberta para ver o pequeno Jodie olhar para cima e lhe acenar com o maior sorriso, ele ficava chocado ao ver o amor brincando num quintal de grama parda sob o esguicho brilhante do irrigador... chocado ao saber que ele tivera a sorte de viver e saber, de amar e ser amado. E ele contemplaria seus filhos brincando fora de casa, ao sol. Envergonhado. Admirado. Estava sempre ensolarado.

27.

E quanto à Linha? Com o sonho de um império global japonês perdido na poeira radioativa, a ferrovia já não tinha nem propósito nem sustentação. Os engenheiros e guardas japoneses responsáveis por ela foram presos ou repatriados, os escravos que haviam sobrado para fazer a manutenção da Linha foram libertados. Semanas antes do fim da guerra, a Linha começara a saudar seu próprio fim. Ela foi abandonada pelos tailandeses, desmantelada pelos ingleses e arrancada e vendida pelos povos tribais.

Depois de algum tempo, a Linha começou a se curvar e entortar. Suas margens quebraram, seus aterros e pontes foram varridos pelas águas, e seus cortes preenchidos. O abandono cedeu

lugar à metamorfose. Onde um dia a morte grassava, a vida retornou.

A Linha saudou chuva e sol. Sementes germinaram em covas coletivas, entre crânios e fêmures e cabos de picareta quebrados, gavinhas se erguiam ao lado de pregos e clavículas, contornando dormentes de teca e tíbias, escápulas, vértebras, fíbulas e fêmures.

A Linha saudou as ervas daninhas nos aterros que os escravos haviam carregado de terra e rocha com suas tangas, saudou térmitas nas madeiras de pontes caídas que os escravos haviam cortado e transportado e erguido, saudou a ferrugem nos trilhos de aços que os escravos haviam carregado nos ombros em longas filas, saudou podridão e ruína.

No fim, tudo que sobrou foi o calor e as nuvens de chuva, e insetos e pássaros e animais e vegetação, que nem sabiam e nem se importavam. Humanos são apenas uma de muitas coisas, e todas essas coisas anseiam por viver. A forma mais elevada de vida é a liberdade: um homem ser um homem, uma nuvem ser uma nuvem, bambu ser bambu.

Décadas transcorreriam. Alguns trechos seriam limpos por aqueles que achavam que a memória importava, transformados com o tempo em pernas sem tronco, estranhamente ressuscitadas — sítios turísticos, sítios sagrados, sítios nacionais.

A Linha fora quebrada, como todas as linhas finalmente são; foi tudo por nada, e dela nada restou. Pessoas continuaram ansiando por significado e esperança. Mas os anais do passado são apenas uma história lamacenta de caos.

E dessa ruína colossal, infinita e enterrada, o solitário e plano jângal se estendia ao longe. De sonhos imperiais e homens mortos, tudo que restou foi capim alto.

*Um mundo de orvalho  
apenas um mundo de orvalho,  
mas no entanto...*

Issa

1.

Espalhados como sementes de gergelim ao longo da crista serrilhada do Rashomon de Shinjuku, os corvos — assustados por uma pedra atirada — alçaram voo sobre uma Tóquio ainda por se concretizar sobre as cinzas de seu passado. Sob suas asas batendo a cidade mal existia. Não muito tempo antes, os mesmos corvos haviam prosperado sobre os cadáveres negros que eram tão comuns na cidade consumida pelo fogo. Agora eles voavam sobre uma vasta e carbonizada planície revolvida, em cujas estranhas coutadas e labirintos perambulavam viúvas e órfãos, ex-combatentes aleijados e alquebrados, os loucos e os moribundos e os desesperados, seus caminhos, ocasionalmente, cruzados por um jipe com soldados americanos. Naquele inverno severo de 1946, a reconstrução se resumia a pouco mais do que tendas, alpendres e abrigos de lata onde os mais afortunados se espremiavam, enquanto os demais se amontoavam nas passagens subterrâneas, estações ferroviárias ou tocas e cavernas nos escombros.

O homem que havia atirado a pedra, Tenji Nakamura, antigo major do 2º Regimento Ferroviário do Exército Imperial Japonês, estava se abrigando da chuva pesada numa arcada periclitante, feita de vigas caídas e detritos de edifícios bombardeados, que havia se formado numa rua secundária por acaso, devido a destruição e algumas escavações judiciosas. Como se essa pilha de escombros fosse um grande portão para sua grande cidade, os moradores locais que tinham de passar por esse túnel caótico, a fim de atravessar o devastado distrito recreativo de Shinjuku, o chamavam de Rashomon de Shinjuku. Raposas, ratos, prostitutas e ladrões eram os habitantes mais comuns do Rashomon de Shinjuku, vivendo em covas, ninhos e em quartos semidestruídos. O monte Fuji, que Nakamura podia vislumbrar mesmo a partir desse portão em ruínas, mais uma vez se erguia acima do seu mundo, como um século e

meio antes para o grande Hokusai pintá-lo, de novo completamente visível, imutável e em constante mudança, imóvel e imortal.

Mas o mundo que o monte Fuji agora presidia era ferozmente mortal e nele pessoas morriam todos os dias, mas tinham de continuar a viver. As ruas estavam cheias de pessoas embrutecidas pelo *kasutori*, a bebida barata, letal, do momento para os famintos e desesperados, ou pelo *shabu* roubado de armazéns do Exército, ou ambos. A pobreza de Nakamura o havia privado de seu próprio hábito de *shabu*, e ele estava determinado a não voltar ao vício. Cães famintos, em grandes e ameaçadores bandos, rondavam pelas pistas esburacadas que um dia haviam sido ruas, e crianças mais famintas ainda saíam para trabalhar nas ruas como batedores de carteiras, mendigos e cafetões.

Lobos, todos eles, pensou Nakamura.

Com seus olhos lentos e movimentos bruscos, havia nelas algo que Nakamura achava sinistro, a um só tempo vulnerável e ameaçador. Elas, de tão magras, pareciam ter seis ou sete anos de idade, mas com frequência já eram adolescentes. Mulheres se vendiam por toda parte, algumas encontrando uma curiosa honra e uma reduzida renda ao recusar o serviço aos diabos americanos. A maioria, porém, se banqueteara na afluência que ser uma *pan pan girl*<sup>[12]</sup> trazia. Uma noite, depois de ter estado com uma dessas mulheres, ele ficou zangado com seu ofício, no qual agora via a própria vida refletida, e lhe perguntou como ela podia ir com os americanos. Com um Lucky Strike aceso há pouco em seus lábios vermelhos sorridentes, ela lhe perguntou:

Agora não somos todos *pan pan girls*?

Desde que fora desmobilizado havia dois meses e meio, Nakamura vivia entre essas ruínas de pessoas e de lugar, e, entre elas, ele não era nada e estava satisfeito com isso. Estava munido apenas de um pé de cabra, que servia tanto para lhe garantir meios de vida precários como de arma de autodefesa, com cuja ponta ele

esmagava e arrancava a cada minuto mais alguns piolhos, na luta contra a coceira de seu corpo. Com essa ferramenta, ele soltava esquadrias quebradas de madeira de edifícios destruídos, do limo e lodo e cinzas do que um dia fora Tóquio, separava-as da melhor maneira possível e depois as vendia para uma carvoaria. Enquanto revolia os restos carbonizados da antes grandiosa capital do império, os pensamentos de Nakamura tendiam a se voltar para onde ele poderia conseguir um pouco de missô ou uma tigela de arroz. Ocasionalmente, essa busca rendia recompensas inesperadas: no dia anterior, ele havia descoberto algumas bolotas velhas, que até os ratos haviam ignorado, enterradas profundamente nos destroços. Depois de comê-las, porém, ele ficara sem nada.

Para desviar os pensamentos da fome, ele pegou um jornal que jazia amassado no chão. O jornal era de muitos dias antes, e ele conseguiu ler alguns artigos sem assimilar uma palavra, até que de repente um pôs sua mente em alerta máximo. Ele leu com cuidado, desesperadamente. Era sobre os mandados emitidos pelos americanos para a prisão de mais funcionários de antigos campos de prisioneiros de guerra em relação a possíveis crimes de guerra. O artigo terminava com uma lista dos nomes dos suspeitos procurados e, na metade da lista, ele descobriu o que havia muito tempo temia — seu nome mencionado como um possível criminoso de guerra Classe B.

Nakamura começou a sentir comichões novamente. Ele não era nenhum criminoso de guerra, mas os americanos, que eram os verdadeiros criminosos de guerra, o matariam se pudessem, e fariam de sua vida uma mentira. A raiva começou a crescer dentro dele. No entanto, subjacente à raiva, pontuando seus pensamentos de sobrevivência do dia a dia, estava o surdo mas sempre presente medo de um animal que sabe que o destino está no seu encalço. Pois Nakamura tinha ouvido falar que os americanos, altos, de corpos volumosos, pareciam estar por toda parte caçando, com feroz

eficiência, os que acreditavam ser criminosos de guerra, e no topo de sua lista estavam aqueles que tiveram alguma coisa a ver com os prisioneiros de guerra. Ele estava determinado a sobreviver, a não ser apanhado e a não ser executado, porque sua honra assim exigia. Sua coceira se tornara violenta, e ele enfiou a mão dentro da calça e arranhou a virilha. Ele puxou para fora uma mistura de casca de ferida, pele, pelos e piolhos, e atirou-a no chão.

Enquanto esperava o tempo melhorar, Nakamura correu o dedo para cima e para baixo na tinta verde desbotada do pé de cabra, esmagando os poucos piolhos que ainda permaneciam em sua mão, entre a unha e o ferro. Ele pensou em sua situação: catar madeira era um modo de sobreviver; seu pé de cabra havia perdido metade de um dente arrancando pregos, e um lado de seu rosto latejava devido a um corte feito por uma viga farpada que caíra inesperadamente em seu corpo dois dias antes; o frio terrível, inescapável, só o deixava com mais fome, e agora os americanos estavam atrás dele. Olhando mais uma vez para seu nome na lista do jornal, Nakamura percebeu com horror que, já há vários dias, os americanos o vinham caçando — seguindo pistas metodicamente, eliminando indícios falsos, fixando a mira em outros — e, a cada hora, chegando mais perto dele, e ele, de sua morte, no laço de uma forca. Para sobreviver, Nakamura percebeu, ele tinha de fazer algo, e isso significava que agora teria de considerar fazer algo. Mas logo em seguida esse sentimento de desafio cedeu lugar a um de total desesperança e derrota. O que ele poderia fazer? O quê? A coisa honrosa, Nakamura pensou, seria fazer como outros tinham feito, se matar.

E no momento em que resolveu tomar seu destino nas próprias mãos e morrer honrosamente, Nakamura ouviu gritos abafados vindos do alto. Ele sentiu todo seu ser se encher de uma insaciável curiosidade sobre de quem eram aqueles gritos, como se fazer

alguma coisa, qualquer coisa, fosse melhor do que contemplar seu desventurado destino.

Ele se arrastou para fora do buraco, ficou de pé na chuva e, lentamente, virou a cabeça, ouvindo com atenção. Logo depois, ele ouviu uma mulher sussurrando. O som vinha de algum lugar acima, numa pilha de detritos que se formara no lado esquerdo do Rashomon.

O mais silenciosamente que os detritos permitiam, Nakamura se arrastou para cima do grande monte de alvenaria solta e construções derrubadas que formava a ala esquerda da arcada, a mão segurando com força o pé de cabra. Ele encontrou um pequeno buraco nos detritos do tamanho de um punho. Olhando através do orifício, ele viu os restos de um quarto bombardeado, iluminado por uma abertura onde a metade superior da parede distante devia ter estado. Nakamura pôde ver que o quarto um dia talvez tivesse sido um lugar limpo e agradável, mas agora o papel de parede com motivo de crisântemos era apenas visível através de uma grossa camada de poeira e fuligem, e pareceu a Nakamura que havia se tornado uma espécie de cova de animal. Os restos de um tatame apodrecido e algumas almofadas formavam uma cama, e ao lado dela havia uma mesa de três pernas, mantida em pé por tijolos quebrados e sobre a qual descansava um espelho sujo.

O sussuro da mulher recomeçou muito perto agora, e torcendo o corpo na direção da voz da mulher, Nakamura conseguiu enxergar o canto distante do quarto. Lá estava uma *pan pan girl* e um rapaz jovem com seus dezesseis ou dezessete anos de idade, segurando uma comprida faca de cozinha. Abaixo deles jazia o corpo uniformizado de um soldado americano cuja garganta havia sido cortada tão recentemente que ainda soltava esguichos fracos de sangue. A *pan pan girl* estava recriminando o rapaz, perguntando por que ele havia matado o americano, mas não estava triste, apenas zangada.



Escondido de suas vistas, Nakamura se inteirou rapidamente de tudo isso, porém o que atraiu seus olhos não foi esse drama — com o qual pouco se importava —, mas o que estava em cima da penteadeira improvisada: duas *guiozas* e uma barra de chocolate americano.

2.

Nakamura se arrastou com o maior cuidado e silêncio para baixo de sua vigia e se rastejou para o topo do Rashomon, contornando-o até a abertura na parede. No momento em que levantou lentamente a cabeça sobre uma folha solta do telhado de ferro corrugado, a *pan pan girl* estava vasculhando os bolsos do morto. Quando ela virou o corpo do americano para o lado, este soltou um murmúrio fraco. Ela deu um salto para trás, mas, ao perceber que era apenas ar sendo expelido dos pulmões do soldado, voltou a revistar suas roupas. Do bolso traseiro ela puxou um rolo de dólares americanos.

Mas era nas *guiozas* que Nakamura estava concentrado. Estava se lembrando de como eles as comiam o tempo todo quando servira em Manchukuo e não pensava nada disso. Ele sentiu a boca se encher de saliva com a lembrança delas na época e com a possibilidade de consegui-las agora.

Incapaz de pensar em outra coisa que não fosse o quanto queria essas *guiozas*, Nakamura se concentrou e se precipitou através da abertura na parede. Ele rolou para dentro do quarto e ficou de pé num salto, brandindo o pé de cabra. Por um momento todos se entreolharam por sobre o corpo do americano morto — a *pan pan girl* com uma blusa cara, estampada com motivos florais, calças frouxas e sandálias de madeira pretas lustrosas, segurando o maço de dólares americanos, o rapaz com a faca, e Nakamura com seu pé de cabra.

Com um rugido, o rapaz saltou sobre Nakamura com a faca, e Nakamura, sentindo um aumento da autoconfiança, que era ao

mesmo tempo terror e calma experiência, agachou-se um pouco, para se equilibrar melhor, e girou o pé de cabra como se fosse uma espada. Ele cruzou o ar num amplo arco ascendente, que terminou com um baque seco e abafado ao atingir a cabeça do rapaz. Esse som — de um martelo enterrando-se numa melancia — pareceu a Nakamura permanecer no ar por um longo, longo tempo. E nessa mesma estranha eternidade que não passara de um instante, todo o violento impulso do rapaz para a frente cessou. Pareceu a Nakamura haver uma estranha quebra no tempo antes de o rapaz desabar silenciosamente no chão.

Tanto Nakamura quanto a *pan pan girl* não disseram nada. Apesar dos espasmos violentos que perpassavam o corpo do rapaz, eles sabiam que ele já estava morto. À medida que o sangue começara a surgir, os espasmos foram se acalmando, depois pararam, e Nakamura, com súbito pânico, notou uma infestação de piolhos em torno dos cabelos longos e imundos do rapaz. Ele tornou-se extremamente consciente do odor melancólico de poeira úmida que enchia o quarto.

A *pan pan girl* começou a gemer. Nakamura deu dois passos até a mesa de três pernas e enfiou as duas guiozas na boca molhada. Enquanto as engolia, manteve os olhos fixos na moça. Uma nova ideia lhe ocorreu.

Usando o pé de cabra para falar, ele apontou para o maço de dólares na mão da moça. Com a mão trêmula, ela o entregou para ele. Nakamura embolsou o dinheiro e, em seguida, com a ponta do pé de cabra estendido, levantou-lhe a barra da blusa de estampas florais. Lentamente, ela ergueu os olhos do pé de cabra e fitou os olhos de Nakamura, e depois fez uma mesura e deu um passo para trás. Ela começou a se despir.

Nua, ela tinha as pernas arqueadas. Suas coxas desagradavelmente magras estavam cobertas de pequenas feridas amarelas. Os pelos sedosos de seu púbis contrastavam com a pela

branca escamosa abaixo. Seus seios eram mais inchaços do que o normal, e sua pele tinha uma coloração doentia. Nakamura podia sentir o seu cheiro agora, de coisa não lavada e suada, como uma vaca confinada no fim do inverno.

Ela caminhou até a penteadeira de três pernas e se deitou no tatame imundo, com os pés na direção dele. Ele podia ouvir a respiração ofegante da moça. Ela não lhe agradava, vendendo-se aos diabos americanos e agora oferecendo seu corpo arruinado, imundo, a ele. Nakamura pegou as roupas da *pan pan girl*, embolsou a barra de chocolate e procurou sair da caverna. Por um momento, ele parou e olhou para os dois cadáveres.

O americano já não era nada. O rapaz japonês tinha o rosto cheio de espinhas. Davam importância demais ao assassinato, pensou Nakamura. Talvez se devesse sentir remorso, culpa, e no começo, em Manchukuo, ele sentira. Mas os mortos logo deixavam de serem rostos. Ele dava de ombros ao se lembrar de algum deles. Os mortos estão mortos, ele pensava, e pronto. No entanto, dois cadáveres, e um deles americano... isso poderia lhe trazer problema caso não fosse cuidadoso, e ele já era um homem procurado.

Evitando pisar na grande poça de sangue escuro, Nakamura se ajoelhou ao lado do americano. Ele cheirava ao ddt com o qual haviam desinfetado Nakamura quando fora desmobilizado. Ele achou que o americano pertencia a alguma outra espécie de tão descomunal e estranha que era sua aparência. A impressão que os australianos causavam na selva era muito diferente da desse americano grande e morto.

Tomando a precaução de não tocar no cadáver, ele enfiou habilmente uma ponta do pé de cabra no punho semifechado do americano e o apoiou no peito do morto. Em seguida, pensando melhor, esfregou a barra em torno da mão do homem, pressionando-a com firmeza contra seus dedos, e depois a largou na poça de sangue. Contanto que a *pan pan girl* desaparecesse e

mantivesse a boca fechada, os americanos e a polícia tirariam a conclusão óbvia: um cafetão tentara roubar o americano, seguira-se uma briga e ambos perderam suas vidas.

E com isso ele se virou para sair pela abertura na parede, que servia de entrada da caverna, quando atrás de si ouviu a *pan pan girl* se levantar. Nakamura não lhe deu a menor atenção até senti-la tentando agarrar seus tornozelos. Para se desvencilhar, ele precisou lhe aplicar dois bons pontapés, que a jogaram para trás, por cima do cadáver do americano.

Enquanto deslizava para baixo, através dos detritos do lado de fora, ele pôde ouvir uma gritaria às suas costas. Ele se virou para ver a *pan pan girl*, o braço sobre os pequenos seios manchados de sangue, inclinado-se para fora da abertura, dizendo alguma coisa sobre como o americano a estuprara e seu irmão havia chegado, e ele só estava tentando protegê-la. Nakamura não acompanhou de fato a história nem estava interessado em tentar. Ele se arrastou de volta pela abertura, agarrou-a pelo ombro e segurou um tijolo perto de sua cabeça lamurienta.

Esqueça, disse Nakamura. Esqueça ele, esqueça seu irmão e me esqueça.

A *pan pan girl* gemeu mais alto. Ele empurrou o tijolo contra a boca da moça.

Você sobrevive se esquecer, ele disse enfurecido.

Ele a empurrou de volta para seu buraco, desceu aos trambolhões o Rashomon de Shinjuku e seguiu para a cidade.

Com os cinquenta dólares americanos que havia roubado da *pan pan girl*, ele conseguiu comprar documentos de identidade falsos. Com o dinheiro que fez com a venda das roupas a outra *pan pan girl*, ele comprou um bilhete de trem para Kobe. Em um vagão de terceira classe com todas as janelas quebradas, ele agora viajava numa noite de inverno brutal, distanciando-se de seu passado como ex-major do regimento ferroviário Tenji Nakamura e seguindo para

seu futuro como ex-soldado raso do Exército Imperial Japonês Yoshio Kimura.

As coisas não estavam melhores em Kobe do que estiveram em Tóquio. Essa cidade também tinha apenas crateras e lama, montes de tijolos e aço retorcido como arame, e japoneses se arrastando como baratas nas ruínas. Mas Nakamura sentiu que havia colocado a distância de que precisava entre ele e o americano morto e o rapaz morto. Durante vários meses sobrevivera com os pequenos roubos e as transações no mercado negro que conseguia. Mas nunca se sentia seguro. Em certa ocasião, pensou ter reconhecido à distância um oficial australiano alto de um dos campos de prisioneiros de guerra. O medo de Nakamura era tal que, durante a semana seguinte, ele só se aventurou nas ruas à noite.

Ele começou a acompanhar atentamente os julgamentos por crimes de guerra. Leu como um soldado japonês que havia surrado um prisioneiro que fugira várias vezes foi declarado culpado como criminoso de guerra e enforcado. Nakamura achou isso difícil de entender.

Uma surra?

Ele fora surrado o tempo todo no Exército japonês, e fora seu dever surrar outros soldados. Ora, quando estava treinando, em duas ocasiões ele fora noucateado, e em uma sofrera uma ruptura no tímpano, fora surrado com um taco de beisebol nas nádegas por mostrar "entusiasmo insuficiente" quando estava lavando as cuecas de seu superior. Fora espancado impiedosamente por três oficiais quando, sendo recruta, não ouvira direito uma ordem. Fora obrigado a ficar de pé um dia inteiro na praça de armas. E quando, enfim, desabou, eles caíram sobre ele por desobedecer a ordem e o espancaram até ele perder a consciência.

Então como uma surra podia transformar alguém num criminoso de guerra? E o que era um prisioneiro de guerra? Então o Código de Serviço de Campo não declarava especificamente que um

oficial capturado devia se matar? O que era um prisioneiro de guerra? Nada, é o que ele era. Um homem sem brio, um homem sem nenhuma honra. Um não homem.

Uma surra?

Ele fora um bom oficial, e alguns dos outros oficiais o haviam censurado por lidar com a maioria das infrações de disciplina apenas com bofetadas no rosto.

Você é muito molenga, ele se lembrou de o coronel Kota lhe dizer depois de Nakamura ter esbofetado o cabo Tomokawa por alguma contravenção. Só esbofetear um homem por isso? Eu teria lhe dado uma coça que ele jamais esqueceria.

E depois disso, Nakamura queria gritar para o céu claro de Kobe, o que era um prisioneiro de guerra? O quê?

3.

Choi Sang-min estava sentado num banquinho de bambu, um luxo que lhe fora concedido como condenado. Ele tinha ouvido falar que alguns antigos prisioneiros de guerra haviam simplesmente atirado Kim Lee do último andar de um bordel em Bangkok quando o encontraram ali. Isso lhe pareceu razoável e sensato. Ele gostaria que Kim Lee tivesse cuspidos neles enquanto o atiravam para a morte. Kim Lee havia sido um guarda como ele, havia matado prisioneiros de guerra, e quando a guerra terminara, eles o mataram. Parecia perfeitamente compreensível, diferente de sua situação atual, que não parecia. Ele desprezava a hipocrisia dos australianos, enfeitando sua vingança com rituais de justiça. Em seu íntimo, sabia que eles sempre quiseram matá-lo também, então, por que esse fingimento?

Ele não tinha nem relógio de pulso nem de parede. Além de sua intuição, não tinha como saber a que altura da noite estava. Mas sua intuição já não parecia funcionar. A noite era interminável e, contudo, já estava se afastando a toda pressa dele. A prisão de

Changi fora trancada para a noite, talvez duas horas mais cedo. Se ele tivesse pensado nisso, talvez conseguisse saber que era perto da meia-noite. Mas não pensou nisso ou em qualquer coisa, realmente. Choi Sang-min estava perdido num lugar fora do alcance do pensamento. Sua mente marcava o tempo entre duas emoções. Uma era um pânico que o acometia como uma tosse louca, irritante, e o fazia percorrer freneticamente uma vez mais sua cela na prisão de Changi tentando descobrir uma maneira de escapar, só para descobrir que não havia fuga possível, seja da cela ou de sua morte iminente.

E então sua mente se inclinava para a raiva, não do seu destino ou da impossibilidade de escapar, mas de um fato que ele descobriu ser angustiante. Como estava preso como membro das forças militares japonesas, certamente ainda tinha direito a seu salário mensal de cinquenta ienes, do qual não vira sinal desde antes do fim da guerra, há dois anos. Sua raiva crescia não da aritmética ou da ganância, mas de uma ideia de motivação que era também um sentimento de injustiça. Os cinquenta ienes eram a única razão para ele estar ali. Por que, então, não os estava recebendo?

E porque sabia em seu íntimo que jamais receberia nenhum dinheiro novamente, que os cinquenta ienes eram um despropósito e, no entanto, eles lhe eram de algum modo roubados, sua mente abruptamente era envolvida pelo pânico, e ele mais uma vez percorreria a passos largos a cela, correndo os dedos sobre as paredes, as mãos sobre as barras da janela da cela, a porta, empurrando, tocando, procurando uma saída, até novamente perceber que nenhuma fuga seria possível, e sua mente voltava de novo para a raiva que sentia por lhe serem negados seus cinquenta ienes.

Seu julgamento transcorreria num tribunal militar australiano e havia durado dois dias. Exceto quando era interrogado pessoalmente, os procedimentos eram todos em inglês, e ele não

compreendia quase nada daquilo. Por fim, o juiz — um homem com o rosto de uma vela ao vento e a voz de um coveiro — pela primeira vez olhou diretamente para Choi Sang-min e falou. Um intérprete, com o olhar fixo nos lábios do juiz, murmurou na orelha de Choi Sang-min galhos quebrados de sentenças japonesas.

Por causa da... natureza contraditória, disse o intérprete, evidência apresentada... forma de depoimentos escritos... a acusação de ter participado do assassinato... sargento Frank Gardiner da Força Imperial Australiana... é retirada. O tradutor mudou para um tom mais informal para acrescentar: É uma excelente notícia, excelente.

E retornou em seguida à sua tradução fragmentada.

As acusações... de ter ordenado o assassinato do soldado raso Wat Cooney... estas são mantidas... assim como várias outras acusações menores de... maus-tratos, incluindo a retenção de suprimentos alimentares e médicos, levando a sofrimento evitável e morte. Tendo... tendo sido considerado culpado de ser um criminoso de guerra Classe B... você... será... será executado por enforcamento.

O tradutor dessa vez não acrescentou nenhum comentário pessoal.

Houve mais palavras, mas Choi Sang-min já não estava ouvindo nada. Quando fora interrogado em juízo, Choi Sang-min havia tentado explicar como, sendo um sargento coreano, não poderia ter ordenado a morte de um prisioneiro, mas os advogados australianos citaram o interrogatório de um oficial japonês chamado coronel Kota, que havia dito que ele ordenara. As evidências de Kota já haviam ajudado a condenar vários guardas coreanos e formosinos, e Choi Sang-min também tinha ouvido falar que, posteriormente, ele fora libertado sem acusações. Choi Sang-min assinalou que Cooney não estava mais no campo quando a suposta ordem para executá-lo fora



dada. Mas os registros de campo, confusos e incompletos, não ofereceram nenhuma comprovação disso.

Após sua condenação, seu advogado de defesa australiano, um homem flácido com olhos úmidos brilhantes, que pareciam ao condenado coreano lâminas de bisturi, suplicou que ele fizesse um pedido de clemência. Choi Sang-min estava determinado a morrer numa terra estrangeira e não conseguia ver razão para prolongar sua agonia. Não escapara a Choi Sang-min, como não escapara também a outros coreanos e formosinos detidos em Changi como criminosos de guerra Classe B e Classe C, que os vencedores Aliados com frequência pareciam libertar oficiais que tinham vínculos com a nobreza japonesa e deixavam outros menos nobres, como eles próprios, como bodes expiatórios, a quem eles enforcavam. Choi Sang-min pensou no major Nakamura, que não havia sido preso e sem dúvida jamais seria; no coronel Kota, que estava novamente livre. Ambos provavelmente estavam trabalhando para os americanos em alguma parte.

Dá na mesma, disse Choi Sang-min.

O quê?, perguntou seu advogado, os olhos úmidos, cortantes, olhando de um lado a outro.

Dá na mesma, disse Choi Sang-min, um comentário que ele fez para demonstrar sua aceitação fatalista da vida, mas que seu advogado entendeu como uma aceitação da tentativa de lhe evitar a execução, comutando sua sentença. O advogado protocolou a petição, e a vida e o tormento de Choi Sang-min se prolongaram por mais quatro meses.

Choi Sang-min notou como cada homem em Changi concebia seu destino de maneira diferente e inventava seu passado de acordo com isso. Alguns haviam negado sumariamente as acusações. Mas eles foram enforcados ou cumpriram longas penas de prisão mesmo assim. Alguns haviam aceitado a responsabilidade, mas se recusaram a reconhecer a autoridade dos julgamentos australianos.

Eles também foram enforcados ou encarcerados por períodos maiores ou menores. Outros negaram qualquer responsabilidade, assinalando a impossibilidade de um guarda ou soldado raso se recusar a reconhecer a autoridade do sistema militar japonês, e menos ainda descumprir a vontade do imperador. Em particular, eles faziam uma simples pergunta. Se eles e todas as suas ações eram meras expressões da vontade do imperador, por que então o imperador continuava livre? Por que os americanos apoiavam o imperador, mas os enforcavam, eles que sempre foram apenas ferramentas do imperador?

Mas, em seu íntimo, eles todos sabiam que o imperador jamais seria enforcado, e eles sim. Assim como haviam espancado e torturado e matado pelo imperador, os homens que não aceitassem a responsabilidade agora seriam enforcados pelo imperador. Eles enforcavam também os homens que aceitavam a responsabilidade ou aqueles que diziam que não fizeram nada, pois quando oscilavam acima do alçapão um após o outro, suas pernas sacudiam da mesma maneira, e o cu defecava da mesma maneira, e o pênis, subitamente inchado, expelia mijo e sêmen da mesma maneira.

Durante seu julgamento, Choi Sang-min tomou consciência de muitas coisas — a Convenção de Genebra, cadeias de comando, estrutura militar japonesa e assim por diante — sobre as quais ele tinha até então apenas uma vaga ideia. Descobriu que os australianos que ele havia temido e odiado, de uma maneira curiosa, o respeitavam como alguém diferente: um monstro que eles chamavam Lagartão. E Choi-Sang-min não ficou chateado ao saber da importância que ele tinha em seu ódio.

Pois ele sentia nos australianos o mesmo desprezo por ele que conhecera nos japoneses. Ele compreendeu que mais uma vez não era nada, como havia sido na Coreia quando criança, em pé no fundo da classe, depois de ter sido apanhado sussurrando em coreano em vez de em japonês; como havia sido quando trabalhava

para uma família japonesa, e sua condição era pior que a do bicho de estimação da família; quando estava no Exército japonês, um guarda, abaixo do mais inferior soldado japonês. Melhor o destino de Kim Lee do que o seu agora. E, no entanto, alguns homens que ele conhecia, que tinham feito coisas muito piores do que ele ou Kim Lee, tiveram suas vidas poupadas. Como? Por quê? Nada disso fazia o menor sentido.

Surrar os prisioneiros australianos, por outro lado, fizera muito sentido. Mesmo que por um curto período, ele sentira que era alguém enquanto surrava os soldados australianos, que eram tão maiores do que ele, sabendo que poderia esbofeteá-los o tanto que quisesse, que poderia bater neles com seu punho, com varas e cabos de picaretas e barras de aço. Isso fizera dele alguma coisa e alguém, ao menos enquanto os australianos se encolhiam e gemiam. Ele tinha uma vaga consciência de que alguns haviam morrido em razão de suas surras. Eles provavelmente teriam morrido de qualquer modo. Aquele era o tipo de lugar e o tipo de momento, e nenhum pensamento sobre o que havia ocorrido fazia o menor sentido. Agora seu único pesar era não ter matado muitos mais. E ele desejava ter extraído mais prazer da matança, e da vivência, que era igualmente parte da matança.

Enquanto os australianos falavam entre eles durante o julgamento, ocorreu a Choi Sang-min que isso era uma coisa além do ódio. Era uma certeza sobre a vida que ele jamais tivera, mas que os japoneses acima dele sempre tiveram. E quando lhe deram poder de vida e morte sobre os australianos, ele no começo só os surrara, porque era como agiam os japoneses, entre os quais fora criado, e ele não via nada de notável em surrar um homem a quem se considerava lerdo demais ou que estivesse fazendo corpo mole no trabalho.

Em Pusan, ele havia se submetido ao mesmo treinamento militar rígido que os soldados rasos do Exército Imperial Japonês. Só

que eles não eram japoneses, eram todos coreanos, e jamais seriam soldados: seu trabalho era guardar soldados inimigos que houvessem se rendido porque eram covardes demais para se matar. Além de marchar e atirar e furar com a baioneta, foi lhes ensinada a *binta*, a maneira de esbofetear o rosto que os japoneses recomendavam, mesmo para o menor dos erros. Ainda que só uma pessoa cometesse um erro, todos tinham de ser esbofeteados. A cada dia, eles colocavam todos os guardas coreanos em treinamento alinhados em duas fileiras, uma de frente para a outra, e cada recruta tinha de esbofetear o recruta a sua frente, mão direita na bochecha esquerda, mão esquerda na bochecha direita, alternadamente, e só paravam quando o rosto do que estava sendo atingido estivesse muito inchado. Todas as ordens tinham de ser obedecidas. *Binta* e obedecer a ordens, essa era agora a vida de Choi Sang-min — mão direita na bochecha esquerda, mão esquerda na bochecha direita. Ele queria fugir dali para casa, mas sabia que sua família teria problemas com as autoridades japonesas se o fizesse. De mais a mais, ele em breve estaria ganhando cinquenta ienes por mês.

Ele se lembrou de como havia sussurrado o recruta à sua frente, pegando leve, na esperança de que ele devolvesse o favor. Seu ardil foi rapidamente identificado por seu oficial japonês. Este era um homem de boa aparência que os recrutas admiravam. Choi Sang-min chegou a imitar sua maneira de andar e sua forma lenta, precisa, de se virar quando lhe dirigiam a palavra. Agora o oficial estava gritando na orelha de Choi Sang-min.

Quer fingir?, ele berrou. Fingir que isso não machuca.

E com uma pequena haste de ferro ele atingiu Choi Sang-min em ambos os rins com tanta força que ele urinou sangue por muitos dias. Na manhã seguinte, quando os recrutas foram novamente alinhados em fileiras para se estapearem, Choi Sang-min bateu em seu colega com uma raiva desesperada que jamais o deixou

inteiramente, mão direita na bochecha esquerda, mão esquerda na bochecha direita.

E, no começo, quando ele — um garoto coreano pequeno e magro de dezesseis anos — fora enviado à selva numa terra distante, tivera medo dos australianos maiores, mais altos e mais velhos, orangotangos com suas costas largas, braços grossos e coxas peludas. Eles estavam sempre assobiando e cantando. Em sua experiência, coreanos e japoneses não faziam nada disso em público, e ele odiava aquela estranha alegria. E assim, ele foi além do estritamente necessário com suas punições — para fazê-los compreender que ele era mais homem do que eles, para deixar claro que aquela alegria tinha que acabar. E após algum tempo, os homens começaram a encolher e a murchar, os braços começaram a secar e as pernas, a enfraquecer; eles assobiavam menos e só cantavam de vez em quando.

E na verdade os prisioneiros mereciam o que tinham.

Eles tentavam evitar o trabalho, e, quando não podiam evitá-lo, o faziam malfeito e negligentemente. Embora o fizessem muito menos, eles às vezes assobiavam ou cantavam quando Choi Sang-min estava presente. Eles roubavam tudo e qualquer coisa — comida, ferramentas e dinheiro. Quando podiam fazer um serviço malfeito, viam isso como um triunfo. Eram apenas pele e osso, e simplesmente desistiam quando estavam trabalhando e morriam lá na ferrovia. Eles morriam andando para o trabalho e morriam voltando do trabalho. Morriam dormindo, morriam esperando comida. Às vezes morriam quando eram espancados.

Isso deixava Choi Sang-min zangado com o mundo e com eles quando morriam. Deixava-o zangado porque não era culpa sua não haver comida ou remédios. Não era culpa sua haver malária e cólera. Não era culpa sua eles serem escravos. Havia destino, e fora o destino deles e o seu estar ali, e fora o destino deles morrer ali, e o seu destino morrer aqui. Ele só tinha de fornecer o número de

homens de que os engenheiros japoneses precisavam a cada dia, garantir que fossem trabalhar e mantê-los no trabalho que os engenheiros japoneses queriam que fosse feito. E ele fez o seu trabalho. Não havia comida e não havia remédios e a linha tinha de ser construída e o trabalho tinha de ser feito e as coisas terminaram como sempre iriam terminar para eles e para ele. Mas ele fez essas coisas, e ele fez seu trabalho, e sua seção da linha foi construída. E Choi Sang-min estava orgulhoso desse feito, a única conquista que ele conhecera em sua curta vida. Ele fizera essas coisas, e essas coisas lhe traziam satisfação.

Os momentos em que perdia completamente o controle eram os mais eufóricos para ele. Em seu mundo de escuridão e ignorância, ele sentia-se livre — e mais, sentia-se vivo pela primeira vez na vida. Todo seu ódio e seu medo, sua raiva e seu orgulho, seu triunfo e sua glória, se juntavam quando ele machucava outros, ou assim lhe parecia agora, e, naquele curto período de tempo, sua vida ganhara algum significado. E em momentos assim ele escapava de seu ódio.

Embora a pressão viesse dos engenheiros para construir a ferrovia, havia um prazer e um interesse também em observar como, quanto mais ele os surrava, menos homens eles se tornavam, quanto menos eles agora assobiavam, mais homem ele sabia que era. Pois enquanto chutava e socava e batia, ele se sentia libertado. Ele tinha ouvido as histórias do Exército Imperial Japonês comer australianos e americanos na Nova Guiné e compreendeu que aquilo era algo mais do que fome. E sabia que nada disso era uma defesa, e nada disso significaria alguma coisa para os australianos, para seus advogados de olhos de bisturi e juízes com rosto de vela pingando. Pois quando era um guarda, ele vivia como um animal, comportava-se como um animal, compreendia como um animal, pensava como um animal. E ele compreendeu que esse animal era a única coisa humana que jamais lhe fora permitido ser.

Ele não se envergonhara da descoberta de sua humanidade ser um animal, só ficara perplexo sobre para onde isso o levava. Quando sua sentença de morte por enforcamento lhe foi transmitida, ele a aceitou como um animal, sem compreender, mas com uma surda consciência de que havia tido sua liberdade e agora seu fim havia chegado.

Os olhos de pavio de vela do juiz o haviam fitado de cima a baixo com chamas bruxuleantes, e ele olhara para cima com olhos que sabia que já estavam mortos; e havia balançado a cabeça para a frente e para trás, e havia sentido alguma coisa grande e terrível se abater sobre ele. Ele quisera perguntar sobre os seus cinquenta ienes, mas não disse nada, e agora se via de novo palmilhando a cela, procurando uma maneira de escapar. Mas não havia nenhuma, e jamais houvera.

4.

Eles morreram rapidamente, estranhamente, de desastres de carros e suicídios e doenças insidiosas. Muitos de seus filhos pareciam nascer com problemas e dificuldades, deficientes ou retardados, ou apenas esquisitos. Muitos de seus casamentos eram instáveis e vacilavam, e quando duravam, isso se devia mais a códigos e costumes da época do que à sua própria capacidade de endireitar tudo que estava errado; e o que estava errado era demasiado grande para alguns deles. Eles fugiam para o mato por contra própria; permaneciam na cidade com outros e bebiam demais; ficavam um pouco doidos como Bull Herbert, que perdera sua carta de motorista por bebedeira e dera de entrar na cidade a cavalo quando queria bebida, e ele queria muito uma bebida depois que fez um pacto suicida com a mulher, dividiu veneno com ela e acordou com ela morta e ele vivo. Eles ficavam silenciosos ou falavam demais, como Rooster MacNeice, que estava engordando e exibia a cicatriz de sua apendicite garantindo que os japoneses o tinham

ferido com uma baioneta. O caralho que fizeram, Rooster, disse Gallipoli von Kessler, entrando um dia no rsl de Broadmeadows.

Não liguem, disse Rooster MacNeice. É só o Kes. Ele sempre foi um comuna, mas é legal. Foi um guarda que eles chamavam de o Leão da Montanha; depus contra o filho da puta depois da guerra.

Eles bebiam muito. Bebiam e bebiam, e não conseguiam se embebedar por mais que bebessem. Quando foram desmobilizados, os charlatões do Exército disseram a eles e a suas famílias para não falar sobre aquilo, que falar não era bom. Antes de tudo, não era bem um conto de herói. Não era Kokoda ou um Lancaster no vale do Ruhr; não era o *Tirpitz* ou Colditz ou Tobruk; O que era então? Era ser o escravo do homem amarelo. Foi o que Chum Fahey disse quando eles se encontraram no Hope and Anchor.

Não é exatamente algo de que se gabar, disse Sheephead Morton.

Os caras eram engraçados. Alguns desapareceram. Ronnie Owen se casou com uma mulher italiana, e ela disse para a patroa de Sheephead Morton, Sally, que só ficou sabendo que ele era um soldado dois anos depois. Era assim.

Bonox Baker não disse nada durante anos, então, uma noite, ele levou uma espingarda até o seu forno, disse Jimmy Bigelow. Encheu ele de tiros. Parecia a traseira de um ralador de queijo. Depois ele se acalmou de novo. Era assim.

Coitado do Lizard Brancussi, disse Sheephead Morton. E aquela história era triste demais para qualquer um repetir. Ele havia carregado o esboço a lápis de sua mulher pelos campos, a bordo do navio para o Japão, o conservou quando os estaleiros da Mitsubishi em Nagasaki, onde fazia trabalho escravo, desapareceu com a bomba atômica, e ele de algum modo sobreviveu. Conseguiu chegar com segurança aos morros, passando pelos mortos que lotavam o rio como lenhas flutuantes, e pelos vivos que fugiam com a pele se soltando em longas tiras como algas; ele havia tropeçado em



esculturas de carbono de seres humanos caminhando, andando de bicicleta ou correndo; por todos aqueles japoneses em agonia naquele inferno turbulento de fogo azul e chuva preta, que, como os prisioneiros de guerra se lembravam, chamavam por sua mãe enquanto estavam morrendo. E durante todo o tempo, ele tentou ver Maisie como Rabbit Hendricks a havia esboçado naquela manhã numa aldeia síria que cheirava a seres humanos em apuros.

Ele tentou imaginá-la como a única coisa no mundo que não era aquilo, e enquanto ela estivesse ali, ele não morreria nem enlouqueceria, enquanto ela estivesse ali, o mundo seria bom. A caminho de Manila num porta-aviões americano, ele havia mostrado o cartão-postal aos marinheiros americanos, que concordaram que ele era um homem de muita sorte. Ele finalmente chegou a Fremantle num navio que ia passar por Melbourne, e dali ele havia telefonado para casa.

Telefone de Dave e Maisie, uma voz de homem respondeu. Dave falando.

Lizard Brancussi desligara. Quando seu navio zarpou de Fremantle, ele foi visto deslizando pelo costado na primeira noite e nunca foi encontrado.

De repente a cerveja era como combustível num incêndio. Eles bebiam para sentir como deviam se sentir quando não bebessem, da mesma forma como se sentiam quando não bebiam antes da guerra. Naquela noite eles se sentiram ferozes e inteiros, ainda não desfeitos, e eles riram de tudo que havia acontecido. E quando riam, a guerra era nada, e todos os mortos estavam vivos neles, e tudo que havia se passado com eles era apenas essa coisa pulsante batendo dentro deles com tanta força que precisavam de outra bebida para atenuar o sentimento.

E naquela noite Lizard Brancussi estava vivo neles, e o pequeno Wat Cooney estava vivo neles, e Yabby Burrows e Jack Rainbow e Tiny Middleton estavam vivos neles, todos os muitos mortos, e

Sheephead Morton disse que ele às vezes se lembrava afetosamente até daquele filho da puta sujo e miserável do Rooster MacNeice, que deveria estar morto. E Gallipoli von Kessler — que apareceu metido numas velhas calças de lã tão esfiapadas nas bainhas que pareciam ter sido compradas de um espantalho — mencionou Darky Gardiner, e aí Jimmy Bigelow começou a cantar...

Todos os dias, sob todos os pontos de vista, está ficando um pouquinho melhor.

Eles ficaram parados em volta da lareira do pub no Hope and Anchor naquela noite até seus traseiros ficarem tão quentes que os impeliram para a frente, para outra cerveja. Era 1948 ou talvez 1947. Fosse qual fosse o ano, a noite não era tão convidativa, e era agradável estar num lugar fechado e aquecido. Eles nunca haviam se reunido desde que foram desmobilizados. Jimmy Bigelow não estava falando muito. O casamento para o qual havia voltado não era o mesmo que ele deixara para trás. Ou então era ele que voltara mudado.

Estou fazendo o melhor que posso, ele disse a certa altura.

Havia filhos. Ele tivera quatro deles no fim das contas, e era chamado de um homem de família. Não era. Era um homem que tivera quatro filhos. Ninguém falou muito mais sobre Darky Gardiner, exceto Gallipoli von Kessler, que disse: Nikitaris.

Isso, disse Sheephead Morton. O maldito restaurante de peixe do Nikitaris. Ele não parava de falar disso, não é?

5.

Jimmy Bigelow nada disse. Estava tentando, essa era a ideia, não? Mas não falou. Sua esperança de se tornar um músico, alguém, alguma coisa, não tinha vingado. Ele trabalhava no almoxarifado da usina de zinco. A música das big bands que ele gostava tinha saído de moda. A nova música, o bebop e o jazz moderno, não era para ele. Era um ruído entrecortado que fingia fazer música com

engarraamentos de trânsito. Era impossível dançar ou se apaixonar ao som daquilo, pensou Jimmy. Não era Al Bowlly. Não era Benny Goodman nem o Duke. Era o fim da música. E o fim da esperança para alguém como Jimmy Bigelow. As big bands estavam todas acabando, se já não haviam desaparecido.

As coisas nas quais ele acreditava estavam partindo para o mar, sumindo, perdidas para sempre. As coisas para as quais ele achava que havia voltado. O que esperava se tornar e fazer da vida. No fim, não valiam um tostão furado. Ele já não se encaixava na própria vida, a vida dele estava se desfazendo, e as coisas que afinal se encaixavam — o trabalho, a família — pareciam estar desmoronando. Queria acertar as coisas com Dulcie, com sua vida, com o bebop e o swing, mas estava acabado. Ele gostaria de acertar as coisas, pensou, mas não era possível.

Mas não foi por isso que eles deixaram o pub e subiram pela Elizabeth Street em direção ao restaurante de peixe do Nikitaris. Foi para corrigir todos os erros. Eles partiram porque era quase meia-noite, passando da hora de fechar, e estavam bêbados e foram expulsos e não tinham nada melhor para fazer.

Era uma daquelas noites de primavera em Hobart, frias como a caridade, com a neve caindo pesada sobre a montanha, o porto recoberto, o granizo batendo e arranhando as janelas e os telhados de lata como um bêbado enlouquecido que estivesse trancado do lado de fora.

Eles cambalearam pela Elizabeth Street até o restaurante de peixe do Nikitaris, seguindo as calças esfiapadas de Gallipoli von Kessler, que caminhava à frente. Seria possível disparar um morteiro rua abaixo sem atingir ninguém. O restaurante de peixe não era como eles haviam imaginado nos campos, com gente por toda parte, cheiro de fritura e a namorada de Darky ali sentada, esperando que eles entrassem e fizessem o que tinham de fazer. Não, o lugar era muito diferente disso.

Tão fechado quanto as pernas de uma freira, disse Sheephead Morton quando chegaram.

O estabelecimento de Nikitaris estava fechado — as portas trancadas, o interior do restaurante sem vida, as luzes todas apagadas, com exceção das que iluminavam o comprido aquário na fachada. Os peixes nadavam em círculos na vitrine. Um par de peixes-crocodilo, um badejo, dois xaréus e um cavaco. Fora eles que contemplavam o aquário, a rua banhada pela noite estava vazia.

Bem, disse Sheephead Morton. Não dá para dizer que eles parecem *exatamente* infelizes.

Talvez, nos campos, nós tampouco parecêsemos infelizes num momento qualquer, disse Jimmy Bigelow.

Estavam todos de pé, as mãos nos bolsos, encolhendo os ombros de frio, distribuindo o peso ora numa perna, ora na outra, como se esperassem a chegada do trem da meia-noite. Ou a partida.

Não há nada mais estúpido do que um bando de bêbados, disse Gallipoli von Kessler. Até as galinhas fazem alguma coisa.

Jimmy Bigelow teve a sensação de ser apenas aparência, sem nada por dentro. Tinha dificuldade em sentir. Desejava sentir, mas isso não era algo que pudesse ser obtido apenas com o desejo. Ele apanhou uma pedra e rolou-a na palma da mão. Olhou para a vitrine do restaurante. Uma grande janela de vidro laminado com uma bela pintura, em letras chamativas e caprichadas, do nome do estabelecimento: restaurante de peixe do nikitaris. Ele ergueu a mão para trás do ombro e, sem aviso, atirou a pedra contra a vitrine com toda a sua força.

Eles ouviram o vidro rachar. Não de uma só vez. Mas, aos poucos, uma longa rachadura abrindo-se lentamente com um suspiro. Jimmy Bigelow sorria como se alguém lhe houvesse cortado os cantos da boca.

Então todos começaram a jogar pedras, a vitrine se quebrou e despencou, e eles entraram. Gallipoli von Kessler, com o dom de um pomicultor para a improvisação, apanhou uma fritadeira de batatas e a usou para pescar os peixes. Depois de se atrapalharem um pouco, eles colocaram todos os peixes em dois baldes e caminharam de volta para as docas, procurando não derramar a água.

Havia pesqueiros de crustáceos e de barracudas balançando sobre as longas ondas que penetravam no porto até aquele ponto e um vento cruel além da enseada. No limiar da Constitution Dock, Sheephead Morton meteu a cabeça num balde e gritou:

Estão livres, porra!

E despejou o balde.

Os peixes caíram no som da água.

6.

No Hope and Anchor, na noite seguinte, a história foi contada com entusiasmo, embora marcada por uma crescente vergonha. Finalmente, Jimmy Bigelow disse que eles teriam de procurar Nikitaris e acertar com ele as contas pela vitrine. Ainda era cedo e as luzes do restaurante de peixe estavam acesas. A vitrine já havia sido trocada, mas não pintada ainda.

Dentro havia algumas senhoras trabalhando na fritura e um menino na parte da peixaria, esfregando a bancada. Sheephead Morton perguntou se o sr. Nikitaris estaria por lá. O jovem desapareceu e voltou dos fundos com um homem pequeno e velho, cujo corpo enrugado preservava intacta a silenciosa determinação do pedreiro que ele fora quando jovem. O cabelo era prateado e a pele tinha o tom de uma mancha que alguém tentara remover sem sucesso. Havia em seus olhos escuros um vazio sufocante. Ele cheirava a tabaco e anis.

Sr. Nikitaris, disse Jimmy Bigelow.

O que vocês estão aprontando, rapazes?, disse o velho. Seu sotaque era pesado. Ele parecia cansado e irritado. Tive um dia de cão. O que desejam?

Sr. Nikitaris, disse Jimmy Bigelow, nós...

Faça seu pedido àquela mulher ali.

Nós...

É a sra. Pafitis, disse ele, apontando com um dedo nodoso. Ela vai atender vocês.

Vimos pedir desculpas, disse Jimmy Bigelow.

Tínhamos um amigo, começou Sheephead Morton. E, dessa vez, o velho grego nada disse. Estava tão encurvado que era difícil ver seus olhos, que percorriam o ladrilho preto e branco enquanto Sheephead Morton lhe contava a história do grupo.

Quando chegou ao fim, Jimmy Bigelow disse que eles queriam pagar ao velho Nikitaris pela vitrine quebrada, pelos peixes e pelos demais estragos.

O velho grego demorou a responder. Seus olhos se ergueram e miraram ao redor, e enquanto a cabeça ia de um lado para o outro, reparando em cada um deles, também acenava levemente.

Era seu chapa?

Como todos os imigrantes, ele parecia ter um instinto infalível para as palavras mais antigas e verdadeiras de seu novo idioma. Ao pronunciar aquela palavra, ela parecia se livrar do peso traiçoeiro de *amigo*.

Era sim, disse Sheephead Morton. *Nosso* chapa.

Sheephead Morton sacou a carteira. Quanto lhe devemos, sr. Nikitaris?

Meu nome é Markos, disse ele. Mas me chamem de Marco.

Sr. Nikitaris. A vitrine era sua e nós a quebramos.

Ele estendeu uma mão velha e trêmula e balançou-a.

Não, disse ele, guarde isso.

O grego perguntou se eles estavam com fome e, sem esperar resposta, disse que precisavam comer como seus convidados.

Sentem-se e comam, disse o velho grego. É bom comer, rapazes.

Os homens se entreolharam, incertos sobre o que fazer.

São meus convidados, disse ele, puxando uma cadeira e colocando uma mão sobre o ombro de Jimmy Bigelow. Por favor, disse ele. Sentem-se. Precisam comer.

E, assim, os homens se sentaram.

Gostam de vinho? Tenho um pouco de vinho tinto de que vocês podem gostar. Não deveria servi-lo, por isso, não chamem muita atenção, mas podem beber o quanto quiserem, rapazes.

Ele foi até as fritadeiras, encheu um recipiente vazado com batatas e voltou.

Gostam mais de cação ou barracuda? Alguns preferem tubarão, mas podem confiar; a barracuda é mesmo cheia de espinhas, mas é doce. Muito doce. Precisam comer, disse ele. É bom comer.

Ele trouxe o peixe e as batatas para a mesa e, em seguida, atrás do balcão, encheu alguns copos de vidro com vinho tinto e também os levou para eles. Depois, sentou-se com eles. Enquanto comiam, Nikitaris os deixou falar. Quando perderam o ânimo, ele comentou que um inverno como aquele significava que o verão seria bom para os damascos, sim. Então começou a falar a respeito da própria vida, da ilha de Lipsos de onde viera, da vida maravilhosa, porém difícil de lá, da esposa falecida, de como eles, sendo jovens, tinham uma vida pela frente. Uma vida de fartura. Uma vida boa. Sim. As pessoas lhe contavam que vir ao restaurante de peixe as deixava felizes. Ele esperava que aquilo fosse verdade.

Espero mesmo, disse ele. Isso é vida.

Tem filhos?, perguntou Jimmy Bigelow.

Três filhas, respondeu ele. Boas meninas. Boas famílias. E o menino. Bom menino. Bom...

E o velho grego gaguejou por um instante algo ininteligível, e seu rosto deu a impressão de oscilar fora de seu estranho eixo. Ele ergueu uma mão de dedos nodosos até o rosto, como velhos galhos de damasco podados balançando ao vento do outono. Como se tentasse sustentar o rosto e devolvê-lo a um retrato de certeza.

Foi morto na Nova Guiné em 1943, disse ele. Bougainville.

O restaurante foi esvaziando lentamente, os funcionários arrumaram tudo, trancaram as portas e partiram e do lado de fora, o movimento na rua se reduziu à passagem ocasional de um carro sobre uma poça. Lá dentro, eles continuaram conversando com o velho grego a respeito de muitas coisas, até ficar tão tarde que não havia um único pub aberto. Mas eles não se importavam. Permaneceram sentados. Falaram de pescaria, comida, ventos e construção; de cultivar tomates, criar galinhas e assar cordeiros, apanhar lagostins e vieiras; contaram casos, piadas; o significado de suas histórias não era nada, e à deriva deles, tudo; o frágil e maravilhoso sonho em si.

Era difícil explicar o quanto era boa a sensação causada pelo peixe frito com batatas e pelo vinho tinto barato dentro deles. O sabor era perfeito. O velho grego fez seu próprio café para eles — em pequenas xícaras, denso, forte e doce — e lhes deu doces de nozes feitos pela filha. Tudo era estranho e receptivo ao mesmo tempo. As cadeiras simples pareciam confortáveis, e o lugar também os fazia bem, e as pessoas transmitiam uma sensação boa, e enquanto a noite durasse, pensou Jimmy Bigelow, não havia no mundo nenhum outro lugar onde ele queria estar.

7.

Ao desembarcar do dc-3 em Sydney, no outono de 1948, Dorrigo Evans ficou ao mesmo tempo horrorizado e impressionado ao vê-la a sua espera. Japoneses e alemães tinham se rendido em 1945, mas Dorrigo Evans não, nem o faria tão cedo. Tentava corajosamente



manter sua guerra em andamento, aproveitando as oportunidades de intriga e adversidade e flerte com o desastre e aventura que se apresentavam. Inevitavelmente, apresentavam-se cada vez menos. Muitos anos mais tarde, ele ainda tinha dificuldade de admitir que, durante a guerra, ainda que fosse prisioneiro por três anos e meio, havia sido livre de alguma maneira fundamental.

Assim, Dorrigo Evans havia adiado o retorno o máximo que pôde, mas, após dezenove meses trabalhando em diferentes departamentos do Exército em todo o Sudeste Asiático — lidando com repatriamento, sepulturas de guerra, reconstrução —, ele havia esgotado seus pretextos e se via diante de uma carreira convencional no Exército ou das possibilidades da vida civil. Não tinha ideia de quais poderiam ser essas possibilidades, mas elas lhe pareceram subitamente atraentes, e o Exército não mais a louca viagem de antes, com suas derrotas e vitórias, e os vivos — os vivos! — constantemente rasgando em pedaços tudo que havia de coeso, derretendo tudo que era sólido no ar. Riqueza, fama, sucesso, adulação — tudo que veio mais tarde pareceu apenas reforçar a sensação da falta de sentido que ele encontraria na vida civil. Jamais poderia admitir para si mesmo que a morte era que havia dado significado a sua vida.

A adversidade traz o melhor de nós, dissera o roliço oficial da Comissão de Sepulturas de Guerra sentado ao seu lado enquanto o dc-3 trepidava de uma maneira um pouco inquietante quando contornavam uma tempestade em direção a Sydney. É a vida de todo dia que acaba conosco.

Enquanto caminhava pelo asfalto na direção de uma pequena aglomeração de pessoas que não conhecia, ele decidiu encarar a vida civil da mesma maneira que tinha encarado e superado tantos outros obstáculos nos sete anos transcorridos desde seu último encontro — com charme e ousadia, e sabendo que o tempo logo

encobriria as loucuras do passado, como parecia ocorrer com quase todas as coisas, ao menos para ele.

Adiante, ele sussurrou para si mesmo, formando no rosto um sorriso que ele sentia ser encantador. Avançar contra o moinho de vento.

Uma mulher de beleza convencional acenava com uma mão enluvada num gesto convencional que ele sabia ter a intenção de transmitir um convencional baú de emoções: alegria, êxtase, alívio... *amor*, ele supôs; a fidelidade justificada, temeu. Nenhuma delas significava muito para ele, pois estava do lado de fora de tudo isso. Apesar de ter reconhecido a voz dela desde as primeiras palavras, o ar do verão parecia ameno e vazio e um tanto frustrante depois do sopro úmido da Ásia, e mesmo depois de se beijarem, ele ainda não conseguia se lembrar do nome dela. Os lábios pareciam secos, desapontando-o — como beijar poeira —, e, por fim, felizmente, ele se lembrou.

Ella, disse.

Sim, pensou ele, era isso mesmo. Parecia mais que enferrujado.

Ah... Ella.

Ah, Ella, disse ele mais baixinho, torcendo para que mais palavras capazes de ajudar a entender aquele nome e ele e os dois pudessem rolar de sua língua se simplesmente dissesse o nome dela o bastante. As palavras não vieram. Ella Lansbury apenas sorriu.

Não fale nada, querido, ela disse. Não diga nenhuma falsidade. Não suporto homens falsos.

Mas é o que sou, disse ele, completamente falso. É tudo que sou.

Ela já estava sorrindo, aquele sorriso sem graça que tudo sabe e tudo ignora, o que lhe pareceu ainda mais desagradável, aqueles lábios inesperadamente secos lhe dizendo que estava tudo pronto, que não era necessário se preocupar com nada. Ele se recordou então de tê-la pedido em casamento em 1941 apenas para poder

beijar seus seios. À medida que conseguia se lembrar, aquela fora a última noite do que seria sua última licença com Ella antes do embarque, e ele não conseguia parar de pensar em Amy. Para obter algum alívio diante das constantes indagações de Ella quanto ao motivo de não ter feito o pedido de casamento, para escapar dos incessantes pensamentos sobre Amy e da culpa que conseqüentemente sentia, ele tentou encontrar o seu caminho através do complexo labirinto que conduzia ao decote de Ella, que exigia que ele lhe apresentasse a charada definitiva: Ella, quer se casar comigo?

Será que Ella não sabia no que ele estava realmente pensando? Será que não sabia?

Não houvera esquecimento entre os seus seios. Cada detalhe de Ella só o fazia lembrar de Amy com dor ainda maior. Sentira-se envergonhado na época, e pior agora.

É por isso que eu te amo, Alwyn, ela disse.

Alwyn? Por um momento ele não imaginou a quem ela se referia. E então lembrou que era ele. Isso também pareceu mais que enferrujado.

Porque você é tudo, menos falso.

E do jeito como ela o tinha abraçado então, num aperto inescapável, todas as pessoas que ele encontrou nos dias seguintes abraçaram de forma semelhante e inquestionável a ideia de que os dois iriam se casar — que não poderia haver nenhuma dúvida de que um noivado selado às pressas, à sombra de uma guerra iminente sete anos antes, deveria agora ser levado rapidamente a uma conclusão que não comportava nenhuma reflexão nem vacilo. Nesse meio-tempo, ele vivera diferentes vidas, enquanto a única vida dela — ao menos assim parecia a Dorrigo Evans — havia sido dedicada a uma ideia dele que ele próprio mal reconhecia. Às vezes, sentia dentro de si algo furioso e desafiador, mas estava cansado de uma forma que desconhecia até então, e parecia muito mais fácil

permitir que sua vida fosse arranjada de acordo com uma vontade muito mais geral do que com seus próprios terrores individuais, irracionais e, sem dúvida, equivocados. De todo modo, sua consciência parecia-lhe um campo de prisioneiros repleto de horrores. Não queria atribuir-lhe mais peso do que o necessário. Reconheceu que as muitas pessoas ao seu redor, animadas com seu casamento iminente, eram muito mais sóbrias e sãs do que ele, e entregou-se a sua sobriedade e sanidade — tão em desacordo com seus próprios pensamentos, cada vez mais estranhos — na esperança de que pudessem atraí-lo para um lugar novo e melhor. Desse jeito infantil, que também fazia parte da sua natureza, sentia-se inevitavelmente atraído para a excitação de tudo que era novo e desconhecido, sobretudo se fosse assustador. E como nada o assustava mais do que a perspectiva de se casar com Ella Lansbury, foi isso que ele fez três semanas mais tarde, num torpor alcoólico e num terno novo escolhido por ela que Dorrigo passaria a considerar tão afetado quanto o casamento dos dois na Catedral de Saint Paul.

Mesmo antes de se beijarem, ele esqueceu mais uma vez do próprio nome — sentia-se perdido no cheiro de talco dela —, até que finalmente se lembrou. Alwyn, sim, era isso... Eu, Alwyn, disse ele. Voltou-se e olhou para ela, toda maquiada e envolta em rendas e botões de laranjeira, mas enxergava apenas o rosto estreito e o nariz estranho, que sempre considerara um pouco repugnante, e as sobrancelhas finas, altas e arqueadas, sem conseguir ver nada de atraente nela. Aceito você, Ella, disse com voz suave, e Ella Lansbury, prestes a se tornar Ella Evans, apenas sorriu com os lábios se entreabrindo sem nada dizer.

Não sou Alwyn, teve vontade de dizer antes do jantar, e sou inteiramente falso. Mas, em vez disso, mentiu e falou de um amor que tinha sobrevivido a sete anos de separação, um intervalo mítico digno de Ulisses e seus homens. E embora o único herói clássico ao qual ele se assemelhava fosse o carneiro — muitos risos —, Ella era

de fato sua Penélope, e ele estava feliz por finalmente ter chegado a sua Ítaca — muitos aplausos.

Pelo resto da vida ele cederia às circunstâncias e expectativas, passando a chamar esses estranhos pesos de dever. Quanto mais se sentia culpado em relação ao casamento, ao seu fracasso primeiro como marido e, depois, como pai, mais desesperadamente ele tentava fazer apenas aquilo que era bom em sua vida pública. E aquilo que era bom, que consistia no dever, que representava a fuga cada vez mais conveniente, que era convenientemente inescapável, era aquilo que os outros esperavam. O que era ruim e perverso era ele mesmo, pensou na primeira vez em que dormiu com alguém que não a esposa, a melhor amiga dela, Joan Newstead, mulher de lábios encantadoramente úmidos e sorriso maroto, um mês depois da lua de mel. Foi numa cabana em Sorrento, no meio da tarde, quando todos os demais tinham convenientemente ido para qualquer outro lugar.

*Mas toda a experiência é um arco pelo qual  
Reluz aquele mundo ainda não visitado...*

sussurrou-lhe depois, correndo um dedo pelo mosquiteiro antes de se voltar para ela, deixando a cabeça pender e apanhando seu mamilo escuro com a ponta do lábio inferior, enquanto seguia recitando Tennyson com a respiração leve em seus seios:

*... cujas margens desvanecem  
Para sempre e para sempre quando me movo.*

Naquela noite houve um churrasco porque a carne, deixada num cofre de Coolgardie, começava a estragar por causa do calor, e embora o racionamento de carne tivesse acabado de ser suspenso, eles ainda se sentiriam mal se uma bela peça fosse desperdiçada. Talvez tivesse bebido demais, talvez não tivesse bebido o bastante, pensou posteriormente, mas sua cabeça girava e a barriga parecia

cheia de pregos. Sentiu-se inchado e tenso por causa de algo grande e errado e oculto que se colocou entre ele e a mulher, Ella, de quem ele agora não queria esconder nada, enquanto Joan Newstead estava com ciúmes da atenção que Dorrigo dedicava à sua melhor amiga, a esposa dele. O que ele estava fazendo?, indagou-se. Queria ser descoberto?

A bisteca foi grelhada sobre um leito de brasas de um calor feroz, mas, ao cortá-la, viu que ainda não estava no ponto e, por um instante, viu-se de volta, atravessando o campo a caminho da segunda parte de suas rondas diárias, no meio da monção e do Speedo. Ao se aproximar da cabana da leishmaniose, Dorrigo foi envolvido pelo cheiro de carne apodrecendo. E lembrou como o fedor de carne podre era tão ruim que às vezes Jimmy Bigelow tinha que sair para vomitar.

8.

Depois de condenado, Choi Sang-min foi transferido para o Corredor P de Changi, onde os condenados viviam juntos como iguais, japoneses, coreanos e formosinos. Recebeu um uniforme da cor de terra marcado com as letras inglesas "cd". Disseram-lhe que as letras significavam que ele tinha sido condenado à morte. Choi Sang-min reparou que todos os cds tentavam desesperadamente preencher seus dias com algum tipo de atividade, e cada homem parecia não estar deprimido nem demasiadamente preocupado com aquilo que o futuro poderia lhe reservar. E ele próprio sentiu algo crescer dentro dele, com a certeza de que outra coisa o dominava lentamente, como se uma sensação de medo e inferioridade que havia durado a vida toda evaporasse. Nenhuma dessas coisas tinha significado agora. E isso porque chegara sua vez de ser morto.

Todas as manhãs eles eram tirados das celas, obrigados a se lavarem, e começavam outro dia de ocupação vazia. Sentavam-se sem camisa no corredor tórrido entre as celas e jogavam *go* ou

*shogi*, ou reliam um dos poucos livros ou revistas disponíveis, ou apenas se sentavam sozinhos. Em intervalos de poucas semanas, um capitão indiano com óculos prateados, atrás dos quais seus reluzentes olhos de girino nadavam lentamente de um lado para o outro, chegava com uma ordem de execução. Os prisioneiros esperavam em silêncio, paralisados de medo, imaginando quem morreria, cada um deles aliviado por não ser o designado da vez, e sim o homem ao seu lado.

Na terceira visita, Choi Sang-min percebeu que iria morrer, mas não porque seu instinto lhe dizia isso, pois naquele momento seus sentimentos pareciam não existir. Tampouco o soube pelo pedaço de papel que recebeu. Segurou o papel, mas não conseguia ligar a si mesmo e sua vida àquilo que lhe disseram estar escrito no papel.

Olhou para cima e ao redor no Corredor P. Era um papel — nada —, e ele era um homem. Um homem era alguma coisa, raciocinou Choi Sang-min. Um homem era cheio de muitas coisas, Choi Sang-min queria dizer, tantas mudanças. Mau ou bom, um homem era magnífico. Não era possível que essa coisa que não era nada e jamais mudaria significasse o fim de tudo que se movia e se transformava dentro dele — o bom, o mau, o magnífico.

Mas significava.

E foi através do terrível alívio mostrado pelos demais, alívio que ele sentiu como uma chama incandescente, que Choi Sang-min finalmente compreendeu que seria executado na manhã seguinte.

Para os quatro homens que estavam prestes a morrer, foram oferecidos uma refeição japonesa e cigarros. Um monge budista se apresentou. Choi Sang-min, que nunca pensara muito em religião, lembrou que o pai, a respeito de quem ele tampouco pensara muito, dissera certa vez que praticava o cheondoísmo e, por isso, a presença do monge budista o deixou irado.

Choi Sang-min olhou para o arroz, o missô e o tempura. Ansiava pelo picante *kimchi* da sua mãe e odiava a insossa comida japonesa.

Mas ódio e raiva não lhe serviriam de nada àquela altura. Ele não podia fazer a última refeição. Se comesse a última refeição, seria seu último prato de comida. Se não comesse a última refeição, não poderia morrer até que o fizesse. Talvez houvesse mais refeições antes daquela designada para ser a última. Mas ele não concordou com a última refeição. Um último prato de comida era um acordo que envolvia a inevitabilidade de sua morte. E ele não concordava com a própria morte.

Fumou seus cigarros e nada disse enquanto os outros condenados falavam de seus entes queridos. Ele não concordava com a fala deles, com um pedaço de papel contra o qual sua vida parecia ser uma força cósmica.

Ele nada disse após a refeição, quando os guardas trouxeram a balança, a colocaram no chão e, gesticulando, pediram para que ele subisse nela. Pesaram Choi Sang-min. Mediram sua altura. Ele sabia o motivo porque outros tinham lhe dito. Como eles sabiam, era um mistério. Disseram-lhe como se o conhecimento da força tivesse sido transmitido através do leite materno.

O carrasco, disseram, prepararia a corda de cânhamo da força no comprimento certo para um homem de seu peso e altura, a fim de conseguir a queda correta e a máxima força para lhe quebrar o pescoço na descida. Em seguida, ele encheria um saco de areia com o mesmo peso de Choi Sang-min e o amarraria à corda de cânhamo, e o deixaria pendurado durante a noite para esticá-la, de modo que, quando Choi Sang-min caísse do alçapão amanhã, a corda não tivesse elasticidade. Sem elasticidade, o pescoço deveria quebrar imediatamente.

Ele se lembrou de um oficial japonês que havia demonstrado notável serenidade na véspera de sua execução. Quando os guardas vieram pesá-lo, ele lhes disse num inglês precário que morreria pelo Japão, que não estava envergonhado por ter feito os prisioneiros de guerra trabalhar duro em nome do imperador e que, como militar,



compreendia que deveria morrer simplesmente porque seu país tinha sido derrotado.

Choi Sang-min ansiava por tal clareza e segurança. Os japoneses as tinham — ao menos, sempre lhe pareceu que os japoneses as tivessem. E agora ele podia ver aquilo que tentara arrancar dos prisioneiros de guerra com os punhos e as botas — que os australianos também as tinham. Todos no mundo as tinham. Exceto, talvez, ele.

As forcas ficavam atrás da galeria onde Choi Sang-min e os outros três homens estavam agora sentados, esperando para ser trancafiados pela última vez. Nos dias de execução, os cds que ainda não tinham a data de execução confirmada esperavam, em silêncio, dentro desse corredor, podendo ouvir os passos do condenado subindo o cadafalso e as suas últimas palavras. O oficial japonês havia gritado: Vida longa ao imperador! O alçapão se abriu e um baque surdo se seguiu quase imediatamente.

Mas em que tal atitude poderia beneficiá-lo, ele, um coreano?, pensou Choi Sang-min. Ele não tinha feito nada por seu país, nem seu país tinha feito nada por ele. Não tinha crenças em particular. Pensou nos pais, imaginou a angústia deles ao saber de sua morte, e percebeu que não conseguiria lhes apresentar um único bom motivo pelo qual teria morrido, além de cinquenta ienes por mês.

Enquanto esperavam naquela antessala da morte, um guarda condenado chamado Kenji Mogami cantava canções. Eles tinham trabalhado juntos brevemente no mesmo campo de prisioneiros de guerra. Chamavam-no Leão da Montanha, mas ele, que jamais ferira ninguém, também deveria morrer. Choi Sang-min lembrou-se de um australiano cantando e como tinha feito para impedi-lo de cantar, mas a respeito da cantoria de Kenji Mogami não havia nada que ele pudesse fazer. Um oficial japonês valsava sozinho. Então, eles foram levados às suas celas.

Não conseguiu dormir. Sentia-se quase dolorosamente vivo e desperto, e agora queria saborear e conhecer cada segundo de sua vida. Para impedir sua consciência de alternar descontroladamente entre o pânico de não poder escapar e a raiva por não conseguir os cinquenta ienes, ele tentou se lembrar de como alguns dos outros condenados haviam sido executados.

Viva a grande pátria coreana!, gritara um dos coreanos ao subir os fatídicos treze degraus.

Que grande pátria coreana?, indagou-se Choi Sang-min. E quanto aos meus cinquenta ienes? Não sou coreano, pensou. Não sou japonês. Sou um homem de uma colônia. Onde estão meus cinquenta ienes?, quis saber. Onde?

Seu pai, um camponês, quisera que ele recebesse uma educação, mas os tempos eram difíceis e, depois de três anos no primário aprendendo um pouco dos mitos e da história do Japão, ele partiu para trabalhar como servo de uma família coreana. Davam a ele hospedagem, dois ienes por mês e surras regulares. Tinha oito anos. Aos doze, foi trabalhar para uma família japonesa, que lhe dava hospedagem, seis ienes por mês e ocasionais espancamentos. Aos quinze, soube que os japoneses estavam contratando guardas para trabalhar nos campos de prisioneiros de guerra em outras partes do império. O pagamento era de cinquenta ienes por mês. A irmã de treze anos havia se alistado como mulher de conforto para satisfazer aos japoneses em Manchukuo por um pagamento semelhante. Ela lhe dissera que ajudaria os soldados nos hospitais e, como ele, estava muito animada. Como a irmã não sabia ler nem escrever, ele nunca mais tivera notícia dela, e agora que sabia o que faziam as mulheres de conforto, tentava não pensar nela e, quando o fazia, torcia para que estivesse morta, para o próprio bem dela.

Embora tivesse muitos nomes — o nome coreano, Choi Sang-min; o nome japonês que recebera e ao qual tivera de responder em Pusan, Akira Sanya; o nome australiano que os guardas usavam

agora para chamá-lo, o Lagartão —, percebeu que não tinha ideia de quem era. Alguns dos outros condenados tinham ideias contundentes a respeito da Coreia e do Japão, da guerra, da história, da religião e da justiça. Choi Sang-min percebeu que não tinha ideias a respeito de nada. Mas as ideias dos outros não pareciam ser melhores do que não ter ideia alguma. Pois não eram ideias deles, e sim as ideias dos slogans, das transmissões, dos discursos, dos manuais do Exército, as mesmas ideias que haviam absorvido com as mesmas surras intermináveis que também haviam suportado no treinamento militar japonês. Em Pusan eles o haviam estapeado porque sua voz era baixa demais ou porque sua postura estava errada, o haviam estapeado por ser coreano, o estapearam para mostrar aos demais como se devem estapear os outros — com a maior força possível. Choi Sang-min detestava aquilo. Queria fugir, voltar para casa. Mas sabia que, se o fizesse, seria castigado e, pior ainda, sua família seria castigada. Eles disseram que o estapeavam para que se tornasse um forte soldado japonês, mas ele sabia que jamais seria um soldado japonês. Seria um guarda de prisão, vigiando homens que eram menos do que homens — aqueles que haviam preferido a rendição à morte.

Sentado no corredor da morte, Choi Sang-min queria desesperadamente ter ideias próprias. Naquela longa noite, ele torceu para que uma ideia finalmente lhe ocorresse, o despertasse, uma ideia que lhe permitisse compreender e, ao mesmo tempo, conhecer a paz. Esperava ser como o oficial japonês que acreditava no imperador, ou o guarda coreano que acreditava na Coreia. Talvez devesse ter pedido mais do que cinquenta ienes. Mas nenhuma ideia veio, e a manhã chegou muito rapidamente.

Conforme a cela começou a clarear, ele ansiou por calma, precisava daquela sensação que conhecera pela primeira vez quando criança, trabalhando para a família japonesa. O pai japonês era um engenheiro treinado na Escócia. Usava malha xadrez e, como os

britânicos, tinha um cachorro de estimação que era alimentado muito melhor do que Choi Sang-min, recebendo parte do que havia de melhor na mesa da família japonesa. A família amava o cão, e uma das tarefas de Choi Sang-min era levá-lo para passear. O animal tinha olhos grandes e uma cabeça que inclinava quando olhava para Choi Sang-min, esperando que ele arremessasse outro graveto. Certo dia o cachorro foi com Choi Sang-min numa visita ao mercado. Choi Sang-min tomou um atalho que passava por algumas ruas menores e deu uma topada com o pé num tijolo velho que estava no caminho. Ele o apanhou, furioso, e o cão olhou para ele com aquela expressão de completa confiança e afeição, inclinando a cabeça para o lado, esperando que Choi Sang-min arremessasse a pedra, como se fosse uma bola ou um graveto. E Choi Sang-min lançou o tijolo com toda a força na cabeça do cão, de novo e de novo, até suas mãos ficarem escuras e pegajosas com o sangue e as cartilagens.

Vendeu o corpo do cachorro a um açougueiro por dez ienes e, em seguida, voltou para a família japonesa. O ar tinha um cheiro doce, uma suave brisa lhe refrescou o rosto, trazendo uma sensação boa, todas as pessoas por quem ele passava pareciam estar sorrindo, amistosas, e Choi Sang-min sentiu uma imensa tranquilidade e satisfação. Como queria se sentir assim novamente, conhecer mais uma vez o extasiante momento de estranho poder e liberdade que decorrera do ato de matar outro ser vivo. Mas não havia na cela nada que ele pudesse matar para recuperar aquela sensação, e seriam os outros que logo se deleitariam com a sua morte, como ocorrera com ele ao matar o cão do engenheiro japonês. Conforme a cela clareava cada vez mais — ao ver, com nitidez, primeiro as mãos, depois as coxas e então os pés —, ele sentiu um súbito terror formando-se em sua barriga. Pois Choi Sang-min soube que jamais voltaria a se ver à luz da manhã.

Ele lutou contra os guardas quando vieram levá-lo à forca. Tinha visto uma barata e queria matá-la. Não havia tempo. Depois

de lhe amarrarem os punhos atrás das costas, um médico foi chamado e, por meio de um tradutor, indagaram a Choi Sang-min se ele queria remédios para se acalmar. Choi Sang-min gritou. Ainda podia ver a barata. Recebeu quatro comprimidos de fenobarbital para acalmar os nervos, mas o corpo estava excitado demais, e ele vomitou as pílulas imediatamente. Antes que o médico lhe aplicasse uma injeção de morfina, ele conseguiu esmagar a barata com o calcanhar da bota. Sentindo-se enjoado e um pouco tonto, caminhou a curta distância do Corredor P até a forca com um soldado o amparando de cada lado. Tudo estava acontecendo muito rápido agora. Viu dois sacos de areia apoiados numa parede quando entraram no pátio. Havia talvez uma dúzia de homens, talvez mais, seis no cadafalso, mais abaixo. Eles o conduziram por uma rampa coberta com esteiras de palha até o alto do cadafalso. Ficou surpreso ao ver quanto a corda era mais grossa do que esperava. Aquilo o fez lembrar a amarra de um navio. Sentiu uma alegre brutalidade no grande e poderoso nó. Eu entendo, quis dizer para a corda. Você anseia por mim. Seu raciocínio era calmo, até vagamente agradável, mas o rosto se contorcia. Tantas pessoas e nenhuma delas falava, e o rosto dele não parava de se contorcer. Ao seu lado, a cerca de cinco metros, um segundo alçapão estava aberto, já usado, do qual saía uma corda tesa. Ele percebeu que, no final da corda, fora de vista, pendia Kenji Mogami.

Perguntaram se ele desejava dizer algo. Ele olhou para cima. Em algum lugar, um sino bateu as horas. Ele queria dizer que tinha uma ideia. Alguém riu baixo. Ele olhou para os soldados e repórteres. Não tinha nenhuma ideia. Tinha recebido cinquenta ienes, e cinquenta ienes não eram nem mesmo um bom negócio, muito menos uma ideia. Cinquenta ienes não eram nada. No alçapão diante dele, Choi Sang-min viu linhas traçadas com giz marcando o que ele sabia ser as posições corretas para seus pés. Cinquenta ienes!, quis dizer. Os soldados continuavam lhe segurando os braços.

Ele podia ver o pó de giz como se fossem rochas brancas. Inclinou a cabeça, que foi coberta com um capuz. Fechou os olhos e os abriu. Depois de meses que transcorreram com uma lentidão interminável, tudo estava agora acontecendo depressa demais. Ele pôde sentir o tecido, e sua escuridão pareceu-lhe mais assustadora que a noite de seus próprios olhos e, por isso, fechou-os novamente. A manhã já estava quente. Estava abafado dentro do capuz. Ele sentiu o nó passar pela sua cabeça e, ao mesmo tempo, percebeu que seus tornozelos estavam sendo amarrados. Ia lhes pedir que fossem mais devagar, que esperassem, mas, com um puxão forte e decisivo, Choi Sang-min sentiu o nó se apertar em torno do pescoço, e o único som que produziu foi um grunhido involuntário. Tinha dificuldade de respirar. O rosto se contorcia descontroladamente. Não conseguia nem mesmo cuspir neles, como esperava que Kim Lee tivesse feito quando o mataram. Os soldados que o seguravam pelos braços o fizeram dar dois passos para a frente, e ele soube que estava sobre as marcas de giz do alçapão. Seu último pensamento foi que precisava coçar o nariz quando sentiu o chão embaixo dele desaparecer subitamente e ouviu o barulho do alçapão se abrindo. Parem!, ele ia gritar. E os meus cinquenta...

9.

Os anos passaram. Ele conheceu uma enfermeira chamada Ikuko Kawabata, uma jovem cujos pais haviam morrido no bombardeio incendiário a Kobe nos últimos meses da guerra. Depois da paz, o irmão morrera de fome. Também aquela cidade era um lugar desolado de escombros e ruínas, e a história de Ikuko era tão comum que ela, como tantos outros, achava melhor não falar no assunto.

Ikuko tinha a pele lustrosa e uma grande marca de nascença na bochecha direita, características que comoveram Nakamura mais do que ele gostaria de admitir. Ela também tinha um sorriso preguiçoso,

que ele achava tanto erótico quanto irritante. Sempre tentava acabar com as discussões entre eles usando esse sorriso, algo que não era ruim, mas que também indicava burrice e fraqueza de caráter, como às vezes lhe parecia.

Por meio de Ikuko, Nakamura encontrou emprego num hospital, primeiro como atendente e depois como balconista do almoxarifado. Ficou feliz em deixar para trás o trabalho no mercado negro, que não era muito lucrativo nem particularmente seguro e o fazia viver preocupado com a possibilidade de ser denunciado e entregue aos americanos. Até no novo emprego ele evitava os demais — mas havia muitos fazendo o mesmo, e Nakamura teve a impressão de entender por que tantos não queriam que ninguém os conhecesse ou compreendesse. Foi morar com Ikuko, tanto para preservar a solidão quanto para satisfazer um desejo de companhia humana. Ela era saudável e uma boa dona de casa, e ele sentia-se grato por ter encontrado uma mulher com tais virtudes.

Apesar do jeito solitário, ele desenvolveu o hábito de jogar *go* com um médico do hospital chamado Kameya Sato, e, no decorrer de muitos anos, o hábito se converteu em confiança, e a confiança, por sua vez, se converteu numa amizade silenciosa. Sato, que vinha de Oita, era dedicado aos pacientes, um homem silencioso e humilde que, diferentemente dos outros médicos, tinha o excêntrico hábito de nunca usar jaleco. Sato jogava *go* muito melhor do que Nakamura e, certa noite, o ex-soldado perguntou ao cirurgião qual era o segredo para se jogar *go* tão bem.

É assim, sr. Kimura, disse Sato. Há um padrão e uma estrutura em todas as coisas. Mas nós não conseguimos enxergá-los. Nosso trabalho é descobrir esse padrão e essa estrutura e trabalhar dentro deles, como parte deles.

Era evidente para Sato que sua resposta não fazia muito sentido para o antigo soldado. Assim, pressionando delicadamente dois dedos contra o flanco da barriga de Nakamura, ele continuou.

Se eu tiver de remover o apêndice, farei o procedimento aqui, separando os músculos de acordo com o padrão e a estrutura que me ensinaram em Kyushu, podendo assim remover o apêndice inflamado com o menor perigo e estresse para o paciente.

Isso os levou a falar de Kyushu, uma das grandes universidades do Japão para a formação de médicos. Nakamura se lembrou de ter lido uma reportagem no jornal a respeito de alguns médicos que foram julgados e presos por aquilo que os americanos alegavam ser a vivissecção de pilotos americanos vivos, sem o uso de anestesia. As reportagens e condenações enfureceram Nakamura na época, e agora ele mencionava o caso com raiva, concluindo com veemência:

Mentiras americanas!

Sato ergueu os olhos do tabuleiro de *go* e, em seguida, voltou a olhar para o jogo, depositando uma pedra preta.

Eu estava lá, sr. Kimura, disse Sato.

Nakamura olhou fixamente para Sato, até que o cirurgião ergueu os olhos e também começou a encará-lo com uma estranha intensidade.

Eu era estagiário lá perto no final da guerra, sob a supervisão do professor Fukujori Ishiyama. Um dia me pediram para buscar um piloto americano na enfermaria onde ele estava sendo vigiado. Ele era muito alto, com o nariz bastante fino e o cabelo crespo e ruivo. Tinha um ferimento no lugar onde fora baleado por um soldado que havia ajudado a capturá-lo, mas ele confiou em mim. Mostrei-lhe a maca e ele subiu nela. Tinham me dito para levá-lo à sala de dissecação no departamento de anatomia, e não para a sala de operações.

Nakamura estava intrigado.

E então?

Então, ele confiou em mim novamente. Apontei para a mesa de dissecação. A sala estava repleta de médicos, enfermeiros e outros estagiários, bem como alguns oficiais do Exército. O professor



Ishiyama ainda não estava lá. O americano chegou a se levantar e se deitar na mesa de dissecação. E piscou para mim. Sabe como os americanos piscam. Piscou e sorriu. Como se tivesse entendido uma piada feita com ele.

E então, disse Nakamura, ele foi anestesiado, e o professor Ishiyama o operou.

Sato tinha outra pedra de *go* na palma da mão, esfregando o polegar sobre a esfera polida em formato de lente, como se estivesse massageando um olho preto.

Não, disse Sato. Dois atendentes prenderam seus membros, tronco e cabeça à mesa com amarras de couro. O professor Ishiyama chegou enquanto isso ocorria e começou a falar com os outros. Falou sobre como a dissecação de espécimes antes da morte ajudava a obter importantes informações científicas que auxiliariam nossos soldados nas grandes batalhas futuras. Esse tipo de trabalho não era fácil, mas todos os avanços científicos exigiam sacrifício e comprometimento. Dessa forma, como médicos e cientistas, eles podiam se mostrar servidores dignos do imperador.

Nakamura olhou para o tabuleiro de *go*, mas seus pensamentos não estavam mais no jogo.

Lembro-me de sentir orgulho por estar lá, disse Sato.

Tudo que Sato estava dizendo fazia o mais perfeito sentido para Nakamura — afinal, o mesmo raciocínio, formulado diferentemente para circunstâncias distintas, havia determinado toda a sua vida adulta, e embora não achasse isso, os ritmos e padrões familiares da história de Sato asseguravam a Nakamura que o professor Ishiyama, mesmo sem usar anestesia, estava agindo de maneira ética e correta.

E ainda assim o americano não se debateu, prosseguiu Sato. Não poderia imaginar o que estava prestes a acontecer com ele. Antes que o professor Ishiyama começasse, todos se inclinaram sobre o paciente, como se fosse uma operação normal. Talvez isso o

tivesse tranquilizado. O professor Ishiyama começou a cortar seu abdome e a remover parte do fígado, e depois costurou a ferida. Em seguida removeu a bexiga e uma parte do estômago dele. O americano, que parecia ser um jovem inteligente e cheio de vitalidade no começo, agora parecia velho e fraco. A boca estava amordaçada, mas logo ele estava além dos gritos. Finalmente, o professor Ishiyama lhe removeu o coração. Ainda estava pulsando. Quando o pôs na balança, os pratos tremeram.

A história de Sato passou por cima de Nakamura como a cheia de um rio passa por um rochedo saliente. Contornou-o, depois correu em torno dele e finalmente o cobriu. Mas nada nele se moveu. Embora aquilo significasse que as coisas ditas pelos americanos eram verdadeiras, e que ele, Nakamura, estivera enganado, os motivos pelos quais isso fora feito faziam tanto sentido para Nakamura a ponto de, para ele, não haver nada de notável na história de um homem que havia sido operado vivo e plenamente consciente.

A sensação era estranha, mas no começo não pensei muito nisso, prosseguiu Sato. Era a guerra, afinal. Então, nos dias seguintes, outras operações foram feitas em outros pilotos — abrindo o mediastino de um deles, rompendo as raízes dos nervos da face de outro. No último que participei, fizeram quatro buracos no crânio de um piloto e então inseriram uma faca em seu cérebro para ver o que aconteceria.

Estavam jogando *go* num pequeno jardim feito para os funcionários. Era primavera e, quando Sato interrompeu o relato, Nakamura pôde ouvir o canto dos pássaros no início do anoitecer. Havia um bordo que transformava os últimos longos raios de luz do sol em reluzentes fios de luz e sombra.

Depois da guerra o professor Ishiyama se enforcou na prisão, disse Sato. Prenderam mais alguns, que sentenciaram à morte,

depois tiveram a sentença convertida e, finalmente, foram todos postos em liberdade. Pensei durante algum tempo que poderia ser julgado também, mas essa época já passou faz tempo. Os americanos querem esquecer o assunto, e nós também.

Sato empurrou o jornal que estava lendo na direção de Nakamura.

Veja isso, disse ele.

Apontou para um pequeno artigo acompanhado de uma foto. Era a respeito do trabalho de caridade do sr. Ryoichi Naito, fundador do Banco de Sangue do Japão, empresa bem-sucedida que comprava e vendia sangue.

Tenho colegas que trabalharam com o sr. Naito em Manchukuo. O sr. Naito era um dos líderes dos nossos melhores cientistas em trabalho semelhante ali. Vivisseção. E muitas outras coisas. Testes de armas biológicas em prisioneiros. Antraz. Peste bubônica também, dizem. Testes de lança-chamas e granadas em prisioneiros. Era uma grande operação com o apoio dos mais altos escalões. Hoje o sr. Naito é uma figura respeitada. E por quê? Porque nem o nosso governo nem o governo americano querem escavar o passado. Os americanos estão interessados no nosso trabalho com armas biológicas; isso os ajuda na preparação para a guerra contra os soviéticos. Testamos as armas nos chineses; eles querem usá-las nos coreanos. Quero dizer, enforcavam-se aqueles que tinham menos sorte ou menos importância. Ou se eram coreanos. Mas agora os americanos querem fazer negócios.

Nós também somos vítimas da guerra, disse Nakamura.

Sato não respondeu. Nakamura sentiu na parte mais profunda de seu ser que ele, como o povo japonês, era um homem bom e honrado que havia sido acusado falsamente. Sim, uma vítima... ele, Ikuko, seus camaradas executados, o próprio Japão. Esse sentimento explicava tudo que lhe tinha ocorrido, emprestando até certa grandiosidade à sua miserável vida de segredos e evasivas, de

identidades falsas e crescente distância em relação aos demais. Mas ele se sentiu animado com a história de Sato. Uma distante perspectiva de algum tipo de libertação divina parecia existir dentro dela.

Sabe aquele estranho som perto do fim de um terremoto?, perguntou Sato. Na luz cada vez mais fraca o rosto cansado dele pareceu acabrunhado. Depois que o balançar e a louca agitação chegam ao fim, Sato prosseguiu, e todas as coisas — quadros pendurados, espelhos, janelas nas molduras, chaves penduradas nos ganchos —, tudo treme e faz esse estranho barulho? E, do lado de fora, tudo que conhecemos pode ter desaparecido para sempre?

É claro, disse Nakamura.

Como se o mundo estivesse fazendo esse ruído cintilante?

Sim, disse Nakamura.

Enquanto o prato de aço inoxidável da balança da sala de dissecação era agitado pelo coração do americano, era assim. Como se o mundo estivesse tremendo.

Um estranho sorriso se formou no rosto de Sato.

Sabe por que ele confiou em mim?

O professor Ishiyama?

Não, o piloto americano.

Não.

Porque ele pensou que meu jaleco branco significava que eu iria ajudá-lo.

10.

Nakamura e Sato jamais voltaram a falar do passado do médico. Mas algo na história dele começou a perturbar Nakamura. Nos meses seguintes, as partidas de *go* se tornaram menos frequentes. Agora Nakamura achava o cirurgião — que antes lhe parecera uma companhia tão genial e interessante — um pouco sem graça e tedioso, e as partidas se tornaram um fardo a ser suportado em vez

de um prazer a ser desfrutado. E ele percebeu que, de uma maneira estranha e inexplicável, o sentimento começava a ser mútuo. Sato deixou de visitar o almoxarifado para fumar com Nakamura, e Nakamura passou a evitar as alas do hospital onde Sato pudesse ser encontrado. Finalmente, pararam de jogar *go*.

Conforme se distanciava de Sato, Nakamura aproximou-se de outras pessoas e encontrou uma força dentro de si para, de alguma maneira, tornar-se um ser humano mais verdadeiro. Passou a compreender que havia muitos homens como ele — homens bons e orgulhosos que haviam cumprido seu dever e estavam determinados a não sentir vergonha —, que também se enxergavam como vítimas da guerra. E percebeu que o período em que ninguém era quem dizia ser e ninguém era o que parecia e todos lembravam apenas as coisas que podiam ser mencionadas havia agora chegado ao fim. À medida que os últimos prisioneiros de guerra ainda detidos eram libertados, Nakamura desistiu da pretensão do subterfúgio e, decidindo que era melhor viver uma vida honrada e admitir a verdade, reassumiu seu nome verdadeiro. No ano seguinte casou-se com Ikuko.

Eles tiveram duas filhas, crianças saudáveis que, enquanto cresciam, passaram a amar profundamente seu amável pai. Aos seis anos de idade, a filha mais nova, Fuyuko, quase morreu depois de ser atingida por um ônibus escolar. A principal lembrança que Fuyuko tinha dessa época era do pai ao lado de sua cama, dia e noite, com a cabeça inclinada. Para as filhas, ele parecia quase ser de outro mundo, errando os botões da camisa, esquecendo-se de usar o cinto, e preocupado em não ferir as aranhas, que levava para fora, nem os mosquitos, que ele se recusava a esmagar.

Só Nakamura sentia, no coração, a estranheza dessa mudança na ideia que tinha de um bom homem. Seria hipocrisia? Seria expiação? Culpa? Vergonha? Seria algo deliberado ou inconsciente? Ele tinha, afinal, supervisionado muitas mortes — talvez, ele sentia

às vezes, com um orgulho quase selvagem que considerava inegável e nem um pouco contraditório, tivesse até participado de algumas delas. Mas não se sentia responsável, e o tempo erodiu sua lembrança dos crimes e permitiu, em vez disso, que a memória cultivasse histórias de bondade e circunstâncias atenuantes. Com o passar dos anos, ele percebeu que era assombrado apenas pelo quão pouco daquilo tudo o assombrava.

Mais por curiosidade do que por otimismo, Nakamura se inscreveu no processo seletivo para trabalhar no Banco de Sangue do Japão na primavera de 1959. Para sua surpresa, foi chamado para uma entrevista. Tomou o trem para Osaka cedo numa manhã de inverno. Na sede do Banco de Sangue do Japão fizeram-no esperar até quase a hora do almoço, quando finalmente foi levado, não a uma sala de reuniões, como esperava, mas ao grande escritório de um executivo. Indicaram-lhe onde sentar e pediram que esperasse novamente. Não havia ninguém ali. Depois de um quarto de hora, a porta atrás dele se abriu e uma voz lhe disse que não se voltasse para olhar, mas permanecesse sentado. Sentiu dedos traçando a forma de uma lua crescente em sua nuca. E então, atrás dele, uma voz masculina começou a recitar:

*Pelo mar, cadáveres na água,  
Pelas montanhas, cadáveres sobre a grama...*

É claro que Nakamura conhecia o “Umi Yukaba”, antigo poema que tinha se tornado tão popular durante a guerra que todos os anúncios de rádio a respeito de uma batalha — nos quais era invariavelmente anunciado que os soldados japoneses haviam ido de encontro a mortes honrosas em vez da desonra da rendição — começava com ele. Nakamura recitou os dois últimos versos como se fosse uma senha:

*Morremos ao lado do nosso imperador,  
Jamais olhamos para trás.*

Ele sentiu a mão em seu pescoço mais uma vez.

Um pescoço tão bom, um grande pescoço, disse o homem atrás dele.

Nakamura se voltou e ergueu o olhar. O cabelo tinha ficado branco e espetado, o corpo mais pesado, mas o rosto, apesar de mais flácido e agora sorridente, continuava sendo uma barbatana de tubarão.

Tinha de ver seu pescoço. Tinha de ter certeza de que você era o homem que pensei ser. Nunca esqueço, sabe.

Quando viu o olhar inquiridor de Nakamura, Kota explicou.

Alguns antigos camaradas de Manchukuo acharam que eu poderia desempenhar um bom trabalho aqui.

O restante da entrevista de Nakamura foi mera rotina, como se tudo já estivesse acertado havia muito tempo. Quando se preparava para sair, Kota o parabenizou pelo novo emprego. Ao voltar para casa naquela noite, Nakamura quase soluçou ao contar a Ikuko o que havia acontecido.

O que, perguntou a Ikuko, pode nos preparar para tamanha bondade?

Muitas décadas mais tarde, um jovem jornalista japonês, nacionalista, Taro Ootomo, que desejava retificar os muitos mal-entendidos que surgiram a respeito do papel desempenhado pelo Japão na Guerra do Grande Leste da Ásia, foi entrevistar o distinto soldado Shiro Kota, que estava com cento e cinco anos. Ele havia lido alguns artigos publicados por Kota em certas revistas zen no final dos anos 1950, falando da profunda base espiritual do *bushido* japonês. Kota defendia que fora a maneira como os japoneses — inspirados pelo zen — tinham sido capazes de reconhecer que, no limite, não havia distinção entre vida e morte, que lhes proporcionara um poderio militar tão formidável, apesar de suas limitações materiais. Mas quando Taro Ootomo foi acompanhado de

funcionários do governo e uma equipe da emissora de tevê local para parabenizar Kota pelo centésimo quinto aniversário, não havia ninguém em casa.

Taro Ootomo era jovem e determinado, e persistiu, chegando a visitar a já idosa filha de Kota, Ryoko, para assegurá-la de suas boas intenções, esperando conseguir por meio dela algum tipo de acesso ao velho veterano. Mas Ryoko desencorajou Taro Ootomo, dizendo que o pai não se dispunha a conversar com desconhecidos, principalmente a respeito da guerra e de seu serviço militar, que era facilmente distorcido. Com a idade tão avançada, ele tentava se tornar um Buda vivo, disse ela a Taro Ootomo.

Ficou claro para Ootomo que Ryoko tinha pouco interesse no pai. Decidindo que seria melhor ignorá-la, ele começou a organizar uma celebração do centésimo quinto aniversário de Kota com alguns amigos nacionalistas. Seria um evento respeitoso e digno, que buscava honrar os veteranos de guerra e chamar a atenção para a incompreendida base espiritual das guerras japonesas do século xx. Mas sempre que Ootomo ia visitar Kota, parecia não haver ninguém em casa.

Alguma coisa no comportamento de Ryoko e na estranha recusa de Kota em atender a porta começou a perturbar Taro Ootomo, e certa noite, enquanto bebia, ele comentou esse fato com o antigo amigo de escola e hoje tenente da polícia, Takeshi Hashimoto.

Hashimoto pressentiu algo estranho. Com certa dificuldade, conseguiu verificar os registros da previdência social e percebeu que Ryoko tinha procuração para administrar os assuntos do pai. Dois meses antes, dois milhões de ienes tinham sido sacados da conta de Kota. Hashimoto obteve permissão para fazer uma busca no apartamento de Kota. Ficava numa parte privilegiada da cidade, mas o bloco de unidades residenciais, antes na moda, havia decaído nos anos mais recentes. Havia caixas de arame improvisadas presas às paredes exteriores acima do primeiro andar para apanhar pedaços



de alvenaria que viessem a cair. Como as portas do elevador se recusaram a abrir, Hashimoto e seus três homens tiveram de subir as escadas até o sétimo andar.

Num apartamento repleto de estantes de livros de poesia, Hashimoto encontrou o corpo mumificado de um ancião deitado na cama. Não havia cheiro. Ele estava morto havia anos, talvez décadas, pensou Hashimoto. Com a mão esquerda, Takeshi Hashimoto ergueu lentamente a colcha florida sobre a cama. Os fluidos do corpo em lenta decomposição haviam deixado uma mancha densa e escura nos lençóis. No centro desse halo, com a pele esticada como pergaminho sobre os ossos, jazia Shiro Kota.

No criado-mudo do Buda vivo, agora morto, havia um antigo exemplar do grande diário de viagens *O caminho estreito para os confins do norte*, de Bashô. Hashimoto abriu o livro numa página marcada com uma folha seca.

Dias e meses são viajantes da eternidade, leu ele. E também o são os anos que passam.

11.

Como seu oficial comandante, o trabalho deveria ser de John Menadue, mas John Menadue não tinha estômago para aquilo; jamais tivera estômago para coisa alguma, nem na Linha, nem na Austrália. Dorrigo Evans havia recebido uma carta de Bonox Baker dizendo que ninguém fora visitar a viúva de Jack Rainbow, que John Menadue estava com as medalhas dele para entregar, mas parecia nunca fazê-lo. E assim, alguns meses depois de ter voltado da lua de mel, e conforme se tornava claro para ele que seu casamento era o que era, e que seu casamento não era nada que valesse a pena desejar, Dorrigo Evans pegou um voo da ana até Hobart. Encontrou John Menadue num pub a duas casas do restaurante de peixe do Nikitaris.

No jângal, John Menadue descobriu que não era nenhum líder. Em algumas pessoas, como o Amigão, isso era um talento natural, pensou John Menadue. Mas não nele, o que era estranho... porque John Menadue tinha ouvido do pai que era um líder, e a liderança não tinha a ver com nada além do caráter. Na Escola Hutchins disseram-lhe que era um líder porque apenas os líderes eram aceitos na Escola Hutchins. Disseram-lhe que a liderança era seu destino natural, porque era o destino natural de todos os líderes natos, que eram todos os rapazes da Hutchins. E assim o mundo continuou lhe dizendo, e assim John Menadue — por causa de sua escolaridade e suas conexões, por causa do seu inegável caráter e seu irrevogável destino — foi direto para a escola de oficiais. John Menadue havia acreditado que tudo aquilo era verdadeiro e autoevidente, e acreditava ser ele próprio um líder até chegar à Linha. Ali ele passou a ver que seu interesse primário não era ajudar os outros, mas salvar a própria pele, e que o pai estava certo sobre o caráter, mas errado sobre o filho.

John Menadue compreendia a autoridade. E, naquele dia, entrando no pub quase vizinho ao restaurante de peixe do Nikitaris com um quilo de filés de barracuda e sua boa aparência intacta, a vida intacta, John Menadue soube que não tinha autoridade nenhuma. Ele se indagou por que a autoridade existia num homem como Dorrigo Evans — um mulherengo desprezível, quase feio, um solitário que se escondia nas multidões, um homem avesso a todo tipo de autoridade, exceto aquela por ele exercida devido a alguma insultante graça de Deus —, que fazia o favor que prestava a John Menadue parecer um ato trivial, sem maiores consequências.

Sinto muito, disse John Menadue a Dorrigo Evans. Fui ver a sra. Les Whittle. Não posso fazer isso de novo depois daquela vez. Lembra-se de Les?

Sim. Ele foi um Robert Taylor excelente em *A ponte de Waterloo*. Contracenou com Jack Rainbow, quem diria, não?

Não me lembro. Soube da morte dele?

Não.

Acabou num campo no Japão. Trabalho escravo para os japoneses numa mina de carvão sob o mar Interior. Estavam morrendo de fome. Quando a guerra acabou, os ianques lançaram de paraquedas suprimentos sobre os campos de prisioneiros de guerra no país. Libertadores americanos soltando barris de aço de cento e sessenta litros repletos de comida. Eles descem flutuando... com a graça de dentes-de-leão no verão, disse um cara. Todos os caras animados. Então os barris começam a aterrissar, atravessando telhados, esmagando o que houvesse embaixo deles. E um barril cheio de chocolates Hershey aterrissou sobre o Les. Matou-o esmagado.

Ele passou uma caixa de sapatos a Dorrigo Evans, dentro da qual rolavam algumas faixas e medalhas. Na tampa, o nome e o endereço da sra. Jack Rainbow estavam afixados com fita adesiva.

Que tipo de morte é essa?, disse John Menadue, com o olhar fixo na caixa de sapatos. Um homem faminto morto pela comida? Ao nosso lado? Por barras de chocolate. Pelo amor de Deus, Dorrigo, malditas barras de chocolate. O que dizer?

O que você disse?

As coisas certas. Mentiras. Era uma mulher cheia de dignidade. Uma coisinha pequena e forte. Mas cheia de dignidade. E ela me ouviu mentir. E durante bastante tempo não disse nada. Então ela disse: eu nunca o conheci de verdade, sabe. Essa é a tristeza. Eu gostaria de tê-lo conhecido.

A sra. Jack Rainbow morava perto de Neika, alguns quilômetros além do pequeno vilarejo situado na metade da subida da montanha, acima de Hobart. Ao ouvir Dorrigo Evans pedindo informações, o barman o apresentou a um homenzinho que dirigia o caminhão da cervejaria Cascade e estava partindo para aquela

direção, a fim de fazer uma entrega. Poderia deixar Dorrigo no caminho e apanhá-lo na volta, duas horas mais tarde.

Um pouco depois de saírem de Hobart, começou a nevar. O caminhão tinha um vacilante limpador de para-brisa que desenhava um pequeno cone, revelando um mundo invernal onde eucaliptos e samambaias gigantes pendiam sobre a estrada com o peso da neve recém-caída. O restante desaparecia na brancura, e Dorrigo Evans viu seus pensamentos seguindo o mesmo rumo. Estendeu uma mão e empurrou o ar com os dedos, tentando ver se havia alguma maneira, que ele desconhecia, de impedir o esvaziamento daquela artéria femoral. Os dedos empurravam e apertavam o vazio, o frio, a brancura, o nada.

Gelado, não?, disse o motorista da cervejaria, ao reparar que ele mexia os dedos. É por isso que tenho estas, disse ele, erguendo uma mão enluvada do volante. Senão, poderia morrer congelado. Scott explorando a porra da Antártica, sou eu, cara.

Subiram a montanha, passando por Fern Tree e Neika. Ao descerem pelo lado mais distante da cordilheira, o motorista da cervejaria deixou Dorrigo Evans na entrada de uma fazenda demarcada por dois postes cobertos por líquens verdes e um portão quebrado, que ficava ao lado de uma trilha coberta pela neve. A fazenda parecia dilapidada, e a brancura e o intenso silêncio que acompanhavam a neve davam ao lugar a aparência de abandono. As cercas e as estacas dos lúpulos estavam inclinadas e, em certos pontos, haviam caído. Os galpões pareciam decadentes; uma casinha de secagem de lúpulo feita de tábuas verticais parecia pouco firme.

Ele a encontrou num pequeno galpão de laticínios, batendo manteiga. Usava uma saia de algodão estampada com círculos de hibiscos vermelhos e um velho agasalho de lã tricotado em casa, que estava descosendo num dos cotovelos. As pernas nuas estavam machucadas, sem depilar. O rosto pareceu-lhe guardar apenas uma

esperança perdida, e a linha formada por seus lábios, um tremor que pendia em linhas finas em cada extremidade.

Ele disse o nome e o número de seu regimento, e, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ela o conduziu pela cozinha, que estava quente por causa do fogão que crepitava em seu centro, até a sala, que era fria e escura. Chamava-o de *sir*. Quando ele disse que aquilo não era necessário, ela passou a chamá-lo de sr. Evans. Sentou-se numa poltrona demasiadamente estofada, que parecia úmida.

Do outro lado do corredor, por uma porta aberta, ele viu um lambri frisado pintado de esmalte claro cor creme, que se estendia até o teto e, na frente, uma cama de ferro. Torceu para que ela houvesse conhecido alguma felicidade com Jack naquela cama. Imaginou-os numa noite de inverno como aquela que começaria em poucas horas e nos dois aquecidos juntos, talvez observando uma lareira no quarto reduzindo-se a brasas, com Jack fumando seus Pall Malls.

12.

Temos cinco filhos, disse ela. Dois meninos, três meninas. A pequena Gwennie é o pai cuspidor e escarrador. O mais novo, Terry, nasceu depois que Jack partiu e nunca viu o pai.

Houve um longo silêncio. Dorrigo Evans havia aprendido, em sua atividade cirúrgica, a esperar até as pessoas dizerem aquilo que realmente queriam dizer.

Não aguentei ficar sozinha, disse ela, finalmente. Tenho um medo terrível de ficar sozinha. Quando ele estava longe, na guerra, dormia com todas as crianças. Ela sorriu com a lembrança. Seis de nós numa cama. Ridículo, não é?

Uma chaleira assoviou e ela sumiu na cozinha. Ele se arrependeu de tê-la deixado ficar com seu casaco do Exército. Ela

voltou com chá numa chaleira esmaltada verde já desgastada e com os restos de um grande bolo de creme.

Está muito silencioso, disse ela, por causa da neve que cai. Como um grande e imenso cobertor. É por isso que gosto de ter os filhos por perto. Mas os pequenos estão na irmã de Jack hoje, e os maiores estão na escola. Ela fez uma pausa. Jack ama a neve, mas Deus sabe que às vezes ela me incomoda.

Ela lhe ofereceu um pedaço de bolo, e ele recusou. Ela pousou o prato do bolo numa mesa lateral, varreu as migalhas com o indicador por alguns instantes e então, sem erguer os olhos, disse:

Acredita no amor, sr. Evans?

Era uma pergunta inesperada. Ele entendeu que não precisava responder.

Pois eu acho que nós o construímos. Não é algo que recebemos. Temos de construí-lo.

Ela se deteve, esperando talvez por um comentário ou julgamento, mas, quando Dorrigo Evans não fez nem uma coisa nem outra, ela pareceu encorajada e prosseguiu.

É o que penso, sr. Evans.

Dorrigo. Por favor.

Dorrigo. É realmente isso que penso, Dorrigo. E pensei que eu e Jack fôssemos construí-lo.

Ela se sentou e perguntou se Dorrigo se importaria se ela fumasse. Nunca o fazia quando Jack estava por perto baforando feito uma locomotiva a vapor, disse, mas agora, bem, ela era um pouco ele, e isso meio que a ajudava... já que ele não estava lá.

Pall Malls, hein?, disse ela, tirando um cigarro do maço vermelho. Nada de Woodbines para Jack. Algo um pouco chique para compensar todos aqueles palavrões. Imigrante e bêbado com uma mulher opulenta, ele costumava dizer, que idiota não ficaria feliz?

Ela deu uma tragada, pôs o cigarro no cinzeiro e ficou olhando para Dorrigo. Sem erguer os olhos, disse: Mas acredita no amor, sr. Evans?

Ela rolou a ponta do cigarro pelo cinzeiro.

Acredita?

Do lado de fora, ele pensou, além dessa montanha e sua neve, havia um mundo de incontáveis milhões de pessoas. Ele podia vê-las em suas cidades, no calor e na luz. E podia ver esta casa, tão remota e isolada, tão distante, e tinha a sensação de que, mesmo que apenas por um curto período de tempo, para ela e Jack, aquele deve ter parecido o universo com os dois no centro. E, por um momento, ele estava no King of Cornwall com Amy, num cômodo que eles pensavam ser deles — com o mar e o sol e as sombras, com a tinta branca descascando das portas francesas com a tranca enferrujada, com a brisa do final da tarde e de uma noite, com o som de ondas quebrando —, e se lembrou de como aquele também parecera ser o centro do universo.

Eu não, disse ela. Não acredito, não. É uma palavra pequena demais, não acha, sr. Evans? Tenho uma amiga em Fern Tree que ensina piano. Ela é muito musical. Já eu tenho dificuldade de reconhecer as notas. Mas um dia ela estava me dizendo que cada sala tem uma nota. Basta encontrá-la. Ela começou a modular a voz, mais grave e mais aguda. E, de repente, uma nota retornou a nós, simplesmente ricocheteou das paredes e se ergueu do chão e preencheu o lugar com seu zumbido perfeito. Um som maravilhoso. Como se arremessássemos uma ameixa e recebêssemos de volta um pomar. Foi inacreditável, sr. Evans. Duas coisas completamente diferentes, uma nota e uma sala, encontrando uma com a outra. Soava... *correto*. Estou sendo ridícula? Acha que é isso que queremos dizer com amor, sr. Evans? A nota que retorna a nós? Que nos encontra mesmo quando não queremos ser encontrados? Que um dia encontramos alguém, e tudo que a pessoa é volta para nós

numa estranha maneira de zumbir? Que se encaixa. Que é maravilhosa. Não estou conseguindo me explicar muito bem, não é?, disse ela. Não sou muito boa com as palavras. Mas era assim conosco. Jack e eu. Não nos conhecíamos muito. Não tenho certeza se gostava de tudo nele. Imagino que algumas coisas em mim o tenham irritado. Mas eu era aquela sala e ele era aquela nota, e agora ele se foi. E tudo está em silêncio.

Eu estava com Jack, começou ele. No fim. Ele queria muito um Pall Mall.

13.

O colchão era irregular e tinha uma pequena cratera no centro, preenchida de maneira pouco satisfatória com um velho agasalho de futebol de North Hobart. Ele se deitou de lado, ajeitou o corpo aos contornos do colchão, de seus cumes e planícies, suas inclinações e depressões e ravinas. Depois de se adaptar ao formato do colchão, ele se inclinou sobre ela, empurrando os joelhos sobre os joelhos dela, as coxas sobre as dela, e, descansando o cotovelo sobre o quadril dela, a envolveu com as mãos, enlaçando-a. Parecia haver um grande alívio ao falar de tantas coisas que incomodavam a ambos sem confundir nenhum deles com as palavras. Ela não suportava ficar sozinha. Talvez tivessem se deitado juntos para se aquecer. Talvez estivessem se abraçando contra o silêncio. Esperando que aquele som voltasse. Ambos sabendo que a pessoa deitada ao seu lado compreendia que aquilo jamais ocorreria. Dorrigo pôde ouvir a neve começando a cair no teto de zinco. Era o bastante estar aquecido com ela. Talvez isso fosse tudo que havia. Ele sentiu uma idade imensa. Faria trinta e quatro em julho. Abraçaram-se sem palavras, até ele ouvir a buzina do caminhão da cervejaria no alto da estrada.

Depois que ele partiu, ela jogou as medalhas no fogo de seu fogão a lenha. Alguns dias mais tarde, limpou as cinzas e, por um



instante, não soube ao certo o que era o metal derretido no cinzeiro do fogão quando as jogou no terreiro. Dezenove anos mais tarde o grande incêndio de 1967 varreu o lugar, consumindo tudo à sua frente. A fazenda de lúpulo, agora administrada pelo filho, seu lar de madeira e a casa de tijolos, mais nova, as fotos dela e de Jack, tudo se perdeu nas chamas. E sobre o metal derretido que um dia fora medalhas, lançado naquele que um dia fora um galinheiro, uma nova camada de cinzas se depositou. Depois de mais alguns anos, lá cresceram samambaias e cornisos e murtas, até que o lugar que fora o sonho da vida de Jack se tornasse uma floresta, e a floresta soltasse folhas e cascas de árvore e galhos, e passado mais tempo as cinzas desapareceram sob novas camadas decompostas de turfa e nova vida.

Ela se casou com um homem mais novo que era bom para ela, e ela para ele, mas não era como havia sido com ela e Jack Rainbow. Ele morreu num acidente de trator e, com isso, ela sobreviveu também a ele.

Perto do final da vida, ela percebeu que não conseguia mais se lembrar de como era o rosto de Jack. Nem de como era a voz dele, ou o cheiro dele, ou como ele a abraçava e acariciava, fumando lentamente seus Pall Malls enquanto a neve caía do lado de fora. Às vezes ela pensava sentir o cheiro dos Pall Malls dele ao adormecer. Às vezes se lembrava de uma sala zumbindo. Mas não conseguia reter o cheiro ou o pensamento ou o som, e o sono a levava para um lugar mais profundo, cada vez mais distante. Ela tentava, mas não conseguia se lembrar de nada, a não ser que, por um breve período, não se sentira solitária nem com frio.

Enquanto o caminhão descia a montanha, Dorrigo Evans conversava com o motorista da cervejaria como às vezes ocorre entre os desconhecidos, explicando um pouco seu motivo de estar ali.

Eles tinham algo, ele disse. Ele está morto e eu, vivo, mas ele tinha algo que eu jamais conheci.

O que era?

Eles eram um casal, disse Dorrigo Evans.

Um casal, disse o motorista da cervejaria. Meu pai e minha mãe eram um casal. Já eu e a patroa somos como o Dia D, todos os dias.

Ele reduziu duas marchas de uma vez, quase ficando de pé sobre os freios para fazer o caminhão voltar a rastejar, a fim de fazer uma das muitas curvas acentuadas que formavam a sinuosa estrada pela floresta. Quando a estrada ficou reta, ele engrenou novamente a segunda e continuou conversando.

Mas um casal? Não, não. Ela é uma boa mulher. Mas amor?

Amor, disse Dorrigo Evans. Sim, acho que amor.

O motorista do caminhão da cervejaria ponderou o assunto por dois ou três quilômetros. Então, disse:

Talvez muitas pessoas desconheçam o amor.

A ideia jamais ocorrera a Dorrigo Evans.

Talvez não.

Talvez nós apenas recebamos nossos rostos, nossas vidas, nossos destinos, nossa felicidade e infelicidade. Alguns recebem muito, outros nada. Com o amor, é igual. Como diferentes copos para a cerveja. Recebe-se muito, ou nada, bebemos e acabou-se. Conhecemos a sensação, e então não mais. Talvez não tenhamos controle sobre nada disso. Ninguém constrói o amor como construímos um muro ou uma casa. É algo que contraímos como uma gripe. Nos torna infelizes e depois passa, e fingir que as coisas não são assim é a estrada para o inferno.

É isso?

É o que ela diz, disse o motorista de caminhão. De onde você disse que era?

Do continente.

Foi o que pensei, disse o motorista de caminhão, para quem essa revelação pareceu ao mesmo tempo explicar e encerrar uma conversa demasiadamente pessoal.

Enquanto o avião da tarde para Melbourne taxiava e terminava de decolar, Dorrigo Evans pôde ver a montanha nevada recortada contra um céu de um azul perfeito através da janela. O mundo é, pensou ele. Simplesmente é. Então a paisagem desapareceu na brancura, e ele viu seus pensamentos seguindo o mesmo rumo. Estendeu uma mão e empurrou o ar com os dedos, como se ainda pudesse encontrar aquela artéria femoral a tempo.

Dá para sentir o frio vindo de lá, disse uma voz agradável no casulo de intimidade que existia dentro da pulsação ensurdecadora dos grandes motores à hélice. Dorrigo Evans se voltou e, pela primeira vez, notou que havia uma mulher atraente sentada ao seu lado. A blusa azul dela revelava o início de um decote definido pela curva de seios muito brancos.

Dá mesmo, disse ele.

E para onde está indo?, perguntou ela.

Ele sorriu.

Suas mãos parecem geladas, disse ela.

E lá vai ela, disse ele, subitamente consciente dos dedos estendidos, empurrando e apertando o vazio, o frio, a brancura, o nada.

*Neste mundo  
caminhamos no teto do inferno  
contemplando flores*

Issa

1.

A garganta de Tenji Nakamura estava estranhamente irritada havia algumas semanas quando, depois de uma longa entrevista para o cargo de subgerente de contas da qual havia participado, esfregou o pescoço tenso e sentiu um inchaço esquisito. Não deu muita importância — de fato, pôde se dar ao luxo de não prestar muita atenção naquilo porque o trabalho no departamento de pessoal estava mais movimentado do que nunca, e ele estava se encaminhando para um cargo no alto escalão administrativo e não podia ceder à ideia de uma doença.

Mas a garganta ficou mais irritada. Quando passou a sentir dor ao deglutir, reduziu a dieta ao mínimo e sobreviveu principalmente à base de missô. Foi somente quando começou a tossir e a expelir sangue que cedeu e foi ao médico. O diagnóstico foi inequívoco: Nakamura tinha câncer na garganta.

O tumor foi removido e, embora a voz tivesse sido um pouco afetada pela cirurgia, Nakamura recebeu o golpe com elegância. Passara a se enxergar como um sobrevivente, tendo na nova voz, fina e esganiçada, um distintivo de honra. Sentia-se abençoado além do que podia crer. Três meses mais tarde, contudo, quando passou o dedo pelo pescoço, sentiu um pequeno calombo, tenso e estranho. Esqueceu o assunto. Mas o calombo cresceu e houve uma nova cirurgia, junto com a radioterapia, que o deixou fraco e envelhecido muito além da idade que tinha. As glândulas salivares deixaram de funcionar, e agora ele só conseguia ingerir comida líquida, e ainda assim com dificuldade. E através dessa provação ele passou a reconhecer o quanto Ikuko era uma mulher extraordinária. Pois ela se dedicava a cuidar dele, era sempre leve e agradável, e parecia não se importar com o seu corpo seco e malcheiroso. Quando estava se recuperando dos flagelos do tratamento, tornou-se muito consciente do cheiro sempre fresco e agradável da esposa, de como

sua pele permanecera viçosa, como se o próprio corpo fosse a encarnação da bondade. Às vezes sentia-se oprimido pela saúde que o corpo dela irradiava, que parecia mais bem capturada no seu preguiçoso e aparentemente incessante sorriso.

Todas as manhãs, antes de partir para o trabalho, a mulher se levantava duas horas mais cedo para atender a todas as suas necessidades. Ele admirava sua natureza prática, mas o que mais amava eram simplesmente a presença e o toque dela. Depois de algum tempo, ele fazia qualquer coisa para tê-la sentada ao seu lado, acariciando sua face com as costas das mãos. E embora ela pensasse que não fazer nada — como ela dizia — fosse um completo desperdício de tempo, esse mesmo nada era a coisa mais importante da vida de Nakamura. Nesse momento, ele não sentia medo, sua dor se tornava mais uma vez brevemente suportável, e ele se indagava como podia ter ignorado a bondade da mulher por tanto tempo.

E mais ainda: pois a bondade da esposa revelava o que era bom nele. Suportava a doença com estoicismo e humor. Arrumava tempo para visitar os que estavam mais doentes que ele; e até trabalhou durante um tempo numa instituição de caridade, levando refeições aos idosos. Era muito mais gentil e consciente de cada coisa e de tudo: a família, os amigos, os vizinhos, até os desconhecidos. Tenji Nakamura ficou atordoado com a descoberta de tamanha bondade em si mesmo. Sou um bom homem, ele decidiu. E esse pensamento lhe deu grande conforto e tranquilidade diante do câncer, a ponto de impressionar todos que o conheciam.

2.

Foi nessa época, quando Tenji Nakamura estava frágil, mas recuperava a força, quando passara a perceber o quanto fora abençoado na vida, que lhe chegou uma carta de Aki Tomokawa, que fizera parte do seu pelotão na ferrovia. O antigo cabo estava

procurando o comandante havia alguns anos e escreveu dizendo que, com essa carta, tinha esperança de finalmente encontrá-lo.

Tomokawa sempre irritara Nakamura com sua estreiteza e subserviência, mas agora ele via o antigo cabo sob uma luz completamente diferente — como um homem nobre e bom com quem havia compartilhado muitas coisas. E Nakamura ficou tocado com a lealdade de Tomokawa, que lhe parecia ter a mesma bondade da mulher, a mesma gentileza das filhas, que toda noite se sentavam e conversavam com ele, exigindo-lhe um ato recíproco de bondade. Desde aquele dia no Rashomon de Shinjuku, quando lera seu nome na lista de suspeitos de crimes de guerra, Nakamura tomara como regra evitar todo contato com os antigos camaradas e seguiu isso à risca — com exceção do imprevisto que o levou a trabalhar para Kota.

Mas agora sua atitude lhe parecia ao mesmo tempo egoísta e absurda. A época do acerto de contas com os Aliados já havia passado fazia muito tempo. Tomokawa, que acabara na ilha de Hokkaido, ao norte, parecia ter rastreado muitos dos antigos camaradas, sabendo de seus diferentes e variados destinos. Além disso, um grupo de engenheiros ferroviários do seu antigo regimento havia voltado à Tailândia — como o Sião era chamado agora — e encontrado a carcaça enferrujada da primeira locomotiva que percorrera toda a extensão da ferrovia Sião-Birmânia em 1944. Estavam restaurando-a com o objetivo final de trazê-la de volta ao Japão, onde poderia ser exposta no Santuário de Yasukuni em honra ao seu grande feito.

Ao saber desse trabalho maravilhoso, Tenji Nakamura percebeu que, além das bênçãos que estava acumulando com a idade, ele não tinha mais nada temer. E, sem o medo, ele agora queria sentir orgulho e compartilhar esse orgulho com os outros. A carta de Tomokawa marcou em sua consciência o momento em que ele finalmente escapou do jugo do medo sob o qual vivera desde aquele

dia no Rashomon de Shinjuku. Nakamura decidiu que, apesar da doença, viajaria à gelada cidade de Sapporo, nos confins do norte, para se reunir novamente com o antigo camarada.

Ele chegou no meio do inverno, e os preparativos para o festival anual da neve na cidade estavam a todo vapor. Nakamura tinha visto na televisão que o tema do festival da neve para 1966 seria os monstros que haviam se tornado tão populares nos filmes e programas de tevê japoneses. Durante o trajeto de táxi do aeroporto de Sapporo até o apartamento dos Tomokawa, ele viu soldados da Força de Autodefesa do Japão ajudando a fazer gigantescas esculturas de gelo.

O motorista insistia em nomeá-las à medida que o carro passava por elas: Gamera, a tartaruga que cuspiam fogo; Godzilla; Robô Gigante; Cobra Vermelha, com sua imensa testa e dentes superiores salientes; Mothra, a lagarta gigante; e o imperador Guilhotina, com uma cabeça imensa e tentáculos. Nenhum daqueles nomes tinha qualquer significado para Nakamura, mas ele admirou o requinte da obra dos japoneses, o indomável espírito japonês que esse esforço representava.

Tomokawa morava num conjunto habitacional do governo de muitos prédios, e Nakamura se perdeu no complexo. Quando encontrou a unidade certa, estava exausto por causa da busca e do frio. Ainda assim — Tomokawa! Como era bom revê-lo! Ele estava mais gordo, mais careca e até mais baixo, pensou Nakamura, mas continuava sendo o mesmo Tomokawa cabeça de rabanete, por mais que o rabanete estivesse um pouco feio por causa das manchas de sol no rosto, fazendo Nakamura lembrar algo vagamente reptiliano. E embora ainda fosse um pouco enervante, Tomokawa estava tão feliz de ver o antigo comandante, tão sincero e sem afetações, que Nakamura estava agora determinado a considerar carinhoso e até charmoso aquilo que antes lhe parecera irritante.



A mulher de Tomokawa era ainda mais baixa que o marido e tinha um lamentável prognatismo que às vezes dava a impressão de que ela comia as palavras em vez de dizê-las. Apesar disso, ou talvez por causa disso, era uma mulher segura de si — um pouco demais para o gosto de Nakamura, mas ele optou por considerar o excesso de familiaridade no tratamento que lhe dispensava como evidência de carinho e gentileza, e essas qualidades tornavam a sra. Tomokawa uma mulher especial.

Um homem de tantos talentos, comandante, disse a sra. Tomokawa, mostrando-lhe a sala de estar decorada ao estilo ocidental, com duas poltronas enormes. Um soldado, um homem de negócios e nosso próprio Hokusai!

Tenji Nakamura ocultou sua confusão com um sorriso, sem saber ao certo se ela o havia confundido com o pintor imortal ou apenas engolido metade de uma palavra. Mas não havia confusão.

Ainda pinta, comandante?

Ela segurava um cartão-postal militar e entregou-o a Nakamura. No papel havia uma pequena pintura de Tomokawa da época da estrada de ferro em 1943. Era evidente que a sra. Tomokawa pensava que Nakamura a tinha pintado, pois no verso do cartão ele havia escrito uma saudação e uma breve mensagem, dizendo que Tomokawa estava com boa saúde.

Do lado de fora o dia estava escuro, com nuvens de neve.

Perdoe-me, disse Nakamura, mas preciso repousar um instante.

Ele pediu para se sentar. A poltrona ocidental lhe pareceu espiritualmente grosseira e fisicamente desagradável; ao sentar-se nela teve a sensação de ser abraçado e acariciado por algo monstruoso. A viagem o havia cansado muito mais do que imaginara, e o medicamento com morfina, que ele tentara reduzir durante viagem, para não dar a impressão de estar confuso, ainda assim parecia o estar afetando mais do que o habitual.

Ele sentiu uma estranha sensação de deriva e alheamento que não era de todo desagradável e, ao mesmo tempo, ficou intensamente consciente de cada som na sala, de cada cheiro, e até do movimento do ar. A decoração parecia feita de coisas vivas, até as malditas poltronas lhe pareceram vivas, e ele teve a impressão de compreender todas as coisas, mas sempre que tentava traduzir esse entendimento em palavras, este lhe escapava. De repente, Nakamura quis voltar para casa, e soube que não seria possível até as formalidades de sua visita aos Tomokawa chegarem ao fim. Manteve os olhos fechados, consciente de que tudo ao seu redor, o mundo, vivia como ele jamais soubera que tinha vivido, e quando finalmente se abriu para essa alegria, percebeu também que estava morrendo.

3.

À medida que Dorrigo Evans engordava na meia-idade, sua aparência se tornava desproporcional e quixotesca, como se fosse exagerado e rebuscado em todos os sentidos, como se, Ella gostava de dizer, o volume tivesse sido aumentado até o máximo: formidável em sua presença, mas com um curioso distanciamento, e olhos estranhos e inquisitivos. Para seus admiradores isso lhe aumentava o charme e até a elegância. Para os detratores, era mais um elemento de sua irritante diferença. Sua determinação masculina se manteve. Auxiliado pela altura e por uma corcunda de meia-idade, compreendeu que isso muitas vezes era interpretado como seriedade, e não lhe desagradava a máscara que essa confusão lhe conferia.

Nas décadas seguintes à guerra, ele sentiu o espírito adormecido, e embora tentasse com afincos despertá-lo com os choques e perigos de adultérios consecutivos, e às vezes concorrentes, rompantes e atos de paixão sem sentido e cirurgias descuidadas, não adiantou. A letargia continuava. Como

médico, admirava a realidade, e ele a pregava e tentava praticá-la. Na verdade, duvidava da sua existência. A participação num sistema faraônico de escravidão que tinha no seu ápice um rei sol divino o levava a entender a irrealidade como a maior força vital. E agora ele sentia que sua vida era uma irrealidade monumental, em que tudo que não importava — ambições profissionais, a busca individual por status, a cor do papel de parede, o tamanho de um escritório ou a questão de uma vaga de estacionamento exclusiva — recebia a maior importância, e tudo que de fato importava — prazer, alegria, amizade, amor — era, de alguma maneira, considerado periférico. O resultado era monótono, na maioria das vezes, e estranho em geral.

Ele descobriu que não tinha mais medo de lugares fechados, multidões, bondes, trens — tudo que o pressionava e lhe cortava a luz —, mas via agora muitas outras coisas como uma evasão daquela luz. Tinha visto coisas demais para ter medo do restante do recheio que preenche as noites, os dias, os anos, às vezes a melhor parte de uma vida, mas considerava aquilo monótono. Ainda assim, sabia conviver com a chatice, e chato ele foi em incontáveis jantares comemorativos, cafés da manhã de arrecadação de fundos, eventos de caridade, coquetéis e no vertiginoso horror das festas noturnas, e, posteriormente, nas reuniões dos conselhos de hospitais e faculdades, nas numerosas instituições de caridade, clubes e sociedades que insistiram com sucesso para que ele os patrocinasse.

Tudo aquilo o entediava. Ela o entediava. Os amigos de Ela o entediavam. O lar lhe trazia uma cansativa dor de cabeça. Ele próprio se entediava. Ficava cada vez mais entediado com as cirurgias rotineiras, que eram, ele sabia, o que um cirurgião responsável deveria se esforçar para realizar; era nos procedimentos fora da rotina que as complicações ocorriam, as coisas davam errado, vidas eram arruinadas ou encerradas subitamente, mas às vezes salvas. Ficava entediado com o sexo de seus adultérios, o que ele supunha ser a razão de buscá-los cada vez mais ardentemente,

imaginando que devia haver em algum lugar uma pessoa capaz de romper o feitiço do torpor, a estranha letargia de sua alma. De vez em quando uma mulher o compreendia mal e imaginava uma vida futura ao seu lado. Ele logo a desiludia dos males do romance. Depois disso, pensavam que o seu interesse estava apenas nos prazeres da carne; na verdade, nada disso lhe interessava.

Quanto mais Dorrigo avançava, mais o moinho de vento recuava. Pensou na ideia de castigo dos gregos, que consistia em fracassar constantemente naquilo que mais se deseja. Assim Sísifo consegue empurrar a rocha até o alto do penhasco apenas para vê-la rolar montanha abaixo, e deve voltar ao início e repetir a tarefa idêntica todos os dias. Assim o sempre faminto e sedento Tântalo, que trouxe o alimento dos deuses para os mortais, é condenado a ficar numa lagoa e observar a água recuar sempre que ele se aproxima para bebê-la e os galhos carregados de frutos sobre sua cabeça se erguerem para além do seu alcance sempre que ele estende o braço para apanhar alguma coisa para comer. Talvez o inferno seja isso, concluiu Dorrigo, uma repetição eterna do mesmo fracasso. Talvez ele já estivesse lá. Como Sócrates, que descobre a alma imortal no momento em que morre bebendo cicuta, Dorrigo descobriu o verdadeiro objeto do seu amor, onde este sempre esteve ausente: nas outras mulheres que não eram Amy.

Quando o ardor começou a falhar, ele reverteu para um teatro de sensualidade que lhe pareceu ainda mais infeliz do que o sexo sem adornos. Era ridículo, cômico, inacreditável e, certamente, fora do alcance das conversas nos eventos da sociedade de Melbourne que eram agora seu ambiente. Adoraria ter rido de si mesmo na companhia de outros, mas não era possível.

Ele sabia existir dentro dele, oculta nas distantes profundezas, uma grande turbulência adormecida que ele não conseguia entender nem alcançar, uma turbulência que também era um vácuo, o repertório de coisas inacabadas. Bebia... por que não beberia?

Algumas taças de vinho no almoço, às vezes um uísque no chá matinal, um negroni ou dois antes do jantar (hábito que adquirira com um major americano quando estivera com as forças de ocupação em Kobe), e também vinho, brandy, depois uísque e um pouco mais de uísque depois disso e de novo, de novo. Os humores vinham-lhe de maneira mais imprevisível e incontrolável, sendo às vezes vis. Um leão no inverno, ele magoava Ella frequentemente com suas palavras, sua indiferença, sua fúria diante das afeições e dos cuidados dela. Gritou com ela depois do funeral do sogro sem qualquer razão, boa ou ruim. Queria amá-la, desejava poder amá-la; temia que a amasse, mas não da maneira que um marido deve amar a mulher.. queria feri-la para fazê-la chegar à mesma conclusão, uma admissão do fato de que ele não servia para ela, para provocar uma resposta que pudesse romper sua apatia. Esperou por um desfecho que nunca chegou. E a mágoa dela, a dor, as lágrimas, a tristeza, em vez de encerrar a hibernação da alma dele, só a aprofundavam.

4.

Ella não conseguia imaginar uma vida sem amor. Tinha sido amada pelos pais e os tinha amado profundamente em troca. Seu amor era simplesmente sua maneira de ser, procurando objetos sobre os quais se derramar. Ela ouvia os problemas de Dorrigo no hospital, lamentava com ele quando perdia um paciente. Tinha compaixão diante das dificuldades dele com burocratas idiotas, que, como ele dizia, levariam à morte não apenas ele, mas todo o sistema de saúde da Austrália, com os cirurgiões que reprovavam seus métodos.

Ela havia amadurecido e se tornado uma mulher deslumbrante, o cabelo negro mais notável agora que tingido, a pele escura, admirada por outras mulheres por sua calma e elegância, sua compaixão pelos demais e sua natureza tranquila. Fosse pela

silhueta saudável ou pela expressão radiante, tinha uma aparência viçosa que ocultava a idade. Os homens gostavam do jeito como ela olhava, da forma como se movia, do vislumbre de suas pernas escuras no verão e de sua maneira de sorrir com grande atenção quando eles falavam sobre si mesmos. O único defeito de sua beleza era o nariz levemente arrebitado, que, em determinados ângulos, fazia seu rosto parecer quase uma caricatura. A maioria das pessoas nunca notava isso, na verdade. Mas, com o passar dos anos, Dorrigo começou a reparar mais e mais em seu nariz, até que às vezes — a primeira coisa logo de manhã ou assim que voltava do trabalho — mal conseguia enxergar outra coisa nela.

Ella acreditava tanto em Dorrigo e na vida dele que lhe repetia as opiniões como se fossem dela, e o fazia de uma maneira que sempre o frustrava. Malditos burocratas infernais, dizia ela, vão matar muito mais que pacientes. Ou começava a entrar em detalhes a respeito da ignorância médica de certos cirurgiões idiotas.

E, enquanto ouvia, tudo que Dorrigo podia ver era seu nariz levemente arrebitado e como aquilo fazia o rosto dela, antes tão lindo, parecer um pouco cômico, e agora ele percebia que a esposa não era nada bonita, afinal, mas tinha uma aparência estranha. E toda vez que a ouvia repetir algo que ele próprio dissera um mês ou uma semana antes, ficava impressionado tanto com a banalidade da opinião quanto com a lealdade dela em repetir algo que ele percebia agora ser raso e estúpido. Mas se Ella tivesse ousado indicar que o que *ele* dizia era banal e ridículo, teria ficado furioso. Queria que concordasse e, como ela o fazia tão incondicionalmente, ele desprezava a concordância.

Com os filhos ela também concordava, para a irritação de Dorrigo.

O trabalho dos pais é agir como pais, dizia a ela, e o deles é viver.

Ao dizer isso, tentava ocultar a frustração, e tinha que desviar os olhos do rosto da esposa para não reparar na ponta do seu nariz.

Mas eu concordo com você, ela dizia. Não poderia concordar mais. Se os pais não agirem como pais, para que servirmos?

Dorrigo, os filhos, os amigos e até os parentes... todos existiam para ela como uma maneira de adivinhar o mundo. Este era um lugar muito maior e mais maravilhoso com eles do que sem eles. Se esperava o mesmo amor de Dorrigo, e se havia sido desapontada em sua esperança, não sentia essa falta como uma razão para não amá-lo. O problema é que ela o amava. Um amor sem razão que jamais cederia à razão. Embora ansiasse por algo recíproco, no fim, seu amor não era exigente.

Mas quando ele saía durante a noite, ela ficava acordada, sem conseguir dormir. Pensava nele e em si mesma, e se sentia sobrecarregada pela tristeza. Era uma mulher que confiava, mas estava longe de ser burra. Repetia as palavras dele e ecoava suas opiniões não por carecer de pensamentos próprios, mas porque sua natureza era a de alguém que deseja viver a vida por meio dos outros. Sem amor, o que era o mundo? Apenas objetos, coisas, luz, escuridão.

Malditos burocratas infernais. Cirurgião imbecil. Ah, aquele pobre, pobre sujeito, dizia ela. De novo e de novo. E então, inexplicavelmente, ela chorava até não poder mais.

5.

Durante alguns minutos, Tenji Nakamura nada disse. Estava tentando se lembrar do Japão no qual acreditara antes de ir para a guerra; um maravilhoso e nobre Japão que ele recordava como forte e bom de espírito, ao qual havia servido com a integridade e a pureza de sua alma. Mas algo na sua lembrança do prisioneiro de guerra pintando retratos dele e de seus homens naquele dia no Sião o perturbava, mas Nakamura não tinha ideia do motivo, e o esforço

da memória ou o efeito da morfina fazia com que esquecesse em seguida no que estava pensando. Tudo que conseguia pensar era em como, além do alcance de sua visão, monstros congelados pairavam sobre a cidade, monstros congelados diante dos quais ele havia passado para chegar aos Tomokawa, monstros congelados perante os quais passaria no caminho de volta para o aeroporto. Nakamura percebeu que Tomokawa estava falando com ele e tentou se concentrar, mas os monstros pareciam estar agora na sala.

Sabe, dizia Tomokawa, mas Tomokawa parecia ser o monstro Gamera, no início morri de medo de que me acusassem de crimes de guerra. E eu costumava pensar: que piada! Porque eles só se importam com o que fizemos com os prisioneiros aliados.

Nakamura ouvia a voz de Tomokawa, mas via uma imensa tartaruga cuspiendo chamas.

E quando penso em tudo que fizemos aos chinas em Manchukuo, dizia a tartaruga com bafo de enxofre. E no quanto nos divertimos com as mulheres deles!

Nakamura estava agora plenamente desperto e olhou ao redor, inquieto, mas percebeu que a sra. Tomokawa estava na cozinha, longe demais para ouvi-los.

Bem, tenho certeza de que se lembra de tudo, prosseguiu a tartaruga gigante — e Nakamura teve de lembrar a si mesmo que se tratava de Tomokawa. Por isso, acho que aqueles prisioneiros de guerra tinham a vida fácil e deveriam se orgulhar do feito que alcançaram com aquela ferrovia e conosco. Mas nos enforcar por isso e não pelo que fizemos aos chinas! Realmente... é algo que desafia a lógica. Ao menos é o que penso.

A sra. Tomokawa voltou à sala trazendo comida, e Tomokawa, que subitamente parecia humano de novo, mudou de assunto. Mas o tempo todo Nakamura pensava no que Tomokawa dissera e no bom senso da coisa toda. Pois eles haviam construído em quinze meses uma ferrovia que os ingleses disseram ser impossível de



construir num tempo cinco vezes maior. Apalpou o pescoço, onde um novo nódulo havia crescido naquele mesmo dia, ou ao menos assim parecia a Nakamura, que acreditava poder sentir o tumor crescendo a cada hora de cada dia e a cada minuto de cada hora, devorando-o. Tentava não senti-lo, é claro. Era capaz de fazer um esforço para não pensar nele e, em vez disso, concentrar-se naquilo que o preocupava cada vez mais: a guerra, que também estava crescendo dentro dele.

Eles haviam enfrentado a doença, a fome e bombardeios aliados. Não era fácil fazer homens doentes trabalharem, mas como a ferrovia poderia ser construída se dependessem apenas do número quase inexistente de homens saudáveis? Compreendeu que houve uma época em que poderia ter sido acusado pela morte de talvez centenas de *romushas* e prisioneiros de guerra. Quantos? Ele não fazia ideia do número.

Mas, numa selva sem fim, onde o transporte era difícil, a doença e a morte eram companheiras do dia a dia, ele sabia que havia cumprido com seu dever sem pensar em si mesmo, com devoção e honra. A estrada de ferro era um triunfo do espírito japonês. Eles haviam mostrado que o espírito pode triunfar onde os europeus, com toda a sua tecnologia superior, não haviam sequer ousado tentar. Sem a capacidade de produzir trilhos, eles desmontaram linhas sem importância estratégica em todo o império — em Java, Cingapura e Malásia —, transportando-as em seguida para o Sião. Na falta de maquinário pesado para construção, haviam confiado nos milagres que o espírito é capaz de realizar com o corpo. Estava além do seu poder impedir as mortes, porque a estrada de ferro tinha de ser construída para o imperador, e a ferrovia não poderia ter sido construída de outra maneira. Lembrou-se com uma tristeza que lhe parecia enobrecedora das mortes dos camaradas, seus e de Tomokawa, tanto dos que morreram doentes

na selva quanto daqueles que depois foram enforcados pelos americanos.

Sua consciência se afastou rapidamente deles e lançou-se em direção à infância, e aqui ele tentou permanecer como uma criança que tinha vivido a vida de acordo com alguma ordem natural não enunciada. Mas sabia que não era mais essa criança... que tinha de alguma maneira, em algum ponto, rompido com o entendimento do mundo daquela criança. Novamente, ouviu a voz de Ikuko, viu aquele sorriso irritante e estúpido, e foi possuído de uma vergonha que era também terror. As coisas que pensara ser corretas e verdadeiras eram todas erradas e falsas, e o mesmo valia para ele. Mas como tal coisa era possível? Como uma vida poderia chegar a esse ponto? Começou a temer a morte iminente, não porque morreria, mas porque tinha a sensação de nunca ter vivido como gostaria. E Tenji Nakamura não entendia o porquê disso.

Compreendeu que em algum lugar naquela bondade a mulher e as filhas o amavam, aquela bondade que havia salvado a vida de um mosquito era a mesma bondade inquebrantável que lhe havia permitido dedicar a vida, independentemente de angústias e dúvidas, ao império e ao imperador. E a bondade dele era diferente do paciente cuidado por Ikuko, que levantava da cama duas horas antes do trabalho e lhe passava os dedos pela face. Era uma bondade diferente, e o imperador era a sua encarnação tanto agora como no futuro. Para isso e para ele Nakamura derramara o sangue de outros, e teria voluntariamente derramado o próprio sangue. Dissera a si mesmo que, por meio do serviço a essa bondade cósmica, descobrira não ser um homem, mas muitos, capaz de fazer as coisas mais terríveis, que lhe teriam parecido más se não soubesse que eram a serviço da bondade definitiva. Pois amava a poesia acima de todas as coisas, e o imperador era uma poesia de uma palavra — talvez o maior poema, pensava ele, um poema que

englobava o universo e transcendia toda a moralidade e todo o sofrimento. E como toda grande arte, estava além do bem e do mal.

Mas, de algum modo — de uma maneira na qual ele tentava não pensar muito —, esse poema havia se tornado horror, monstros e cadáveres. E sabia ter descoberto em si mesmo uma capacidade quase inesgotável de sufocar a pena, de brincar com a crueldade de uma forma que lhe parecia francamente prazerosa, pois nenhuma vida humana individual poderia valer coisa alguma perto dessa bondade cósmica. Por um momento, como se estivesse sendo devorado pela opressiva poltrona de Tomokawa, ele se indagou: e se tudo aquilo houvesse sido uma máscara para o mais terrível mal?

A ideia era horrível demais para reter. Em um momento cada vez mais raro de lucidez, Nakamura reconheceu que iminente era uma batalha *não* entre vida e morte em seu corpo, mas entre o sonho de si mesmo como homem bom e o pesadelo dos monstros de gelo e cadáveres rastejantes. E com a mesma vontade de ferro que lhe servira tão bem no jângal siamês, nas ruínas do Rashomon de Shinjuku e no Banco de Sangue do Japão, resolveu que a partir de então conceberia a obra de sua vida como a de um homem bom.

Sentiu subitamente a consciência serena. Sempre havia usado seu poder pelo bem do império e do imperador. Queria dizer às filhas que partiria em paz, de bom grado, para o mundo dos mortos, onde os pais e camaradas o aguardavam. Mas sua ideia da própria bondade estava se tornando cada vez mais difícil de reter. Quase ruiu por completo quando Ikuko o tocou, quando viu a pele dela ainda bonita naquela idade, o sorriso levemente estúpido, e compreendeu instintivamente que a bondade dela, no fundo, não estava dentro dele. Tentou se lembrar de coisas boas em sua vida — distintas da vontade do imperador, das ordens e da autoridade — com as quais pudesse construir outra ideia de bondade, que pudesse proporcionar evidências de uma vida boa. Lembrou-se de ter oferecido quinino a um médico australiano. E de se desesperar

diante da violência de um espancamento. Mas esses pensamentos deram lugar a uma falta de esperança generalizada que se misturava a imagens de seres esqueléticos rastejando na chuva e pela lama, e, entre os monstros no apartamento de Tomokawa, ele começou a ver esses cadáveres rastejantes por toda parte, em meio à chuva incessante e ao fogo do inferno. E Tenji Nakamura compreendeu que essas mortes teriam sido mais bem-vindas para aqueles que habitavam esses corpos terríveis do que a que seria logo bem recebida pelo seu próprio corpo.

Lembra daquele prisioneiro pintor?, indagou Tomokawa. Disse à minha esposa que não foi você, mas ela nunca me dá ouvidos. Foi um australiano. Ele costumava se dar bem com aquele sargento. O que costumava cantar de noite. Todas essas histórias de horror que contam a nosso respeito! E os prisioneiros cantando... não pode ter sido tão mau assim.

Como vivemos, pensou Nakamura.

Foi a época mais feliz da minha vida, disse Tomokawa.

Além dos pensamentos de Nakamura, a neve varria o mundo, pesada, interminável, apagando tudo que existia. Logo ele morreria, e todo o bem e todo o mal não valeriam nada. Os monstros derreteriam e voltariam ao oceano negro. Por um instante ele pensou sentir o cheiro de ddt e viu muitas coisas: Sato erguendo os olhos do tabuleiro de *go* prestes a dizer algo, piolhos abandonando o corpo de um menino morto, um homem menos que homem rastejando na lama de uma clareira da selva. Foi tomado pelo sentimento de realização por ter trapaceado o destino na vida. Seu corpo teve um espasmo súbito e ele despertou. Não fazia ideia de quanto tempo havia dormido.

Um pouco de sushi de carpa, comandante?, indagou a sra. Tomokawa com seu jeito estranho, metade conversa, metade mastigação.

Nakamura se sentia desprovido de emoções, mas o corpo tremia como imaginava que os pratos da balança do hospital teriam tremido quando o coração do americano foi posto sobre eles.

Compro no mercado. Está um pouco salgado, mas gostamos do nosso sushi de carpa um pouco salgado.

Nakamura balançou a cabeça.

Na primavera seguinte, os Tomokawa receberam um cartão da sra. Nakamura informando que o marido havia morrido. Ela não mencionou aos dois os delírios finais dele, o temperamento bastante ruim, nem os violentos ataques contra ela e as filhas, que cuidavam dele, por coisas tão simples quanto lhe acariciar o rosto ou sorrir. Em vez disso, escreveu a respeito de como, na noite anterior à sua morte, sabendo que seu tempo se aproximava rapidamente do fim e sendo uma espécie de poeta amador, e de acordo com a tradição, ele começou a escrever seu poema de morte.

Homem humilde até o fim, prosseguiu a sra. Nakamura, ele lutou por algumas horas, mas, enfraquecido pela doença, concluiu que estava além de seus poderes aprimorar o poema de morte de Hyakka, que ele dizia expressar tudo que sentia, mas de uma maneira muito mais bela do que jamais seria capaz de alcançar. A sra. Nakamura acrescentou que sentia que, em seu ato final, o sr. Nakamura havia sido inspirado pela visita que fez à invernal Sapporo no ano anterior, e por essa razão lhes enviava uma cópia. A família estava com o sr. Nakamura quando ele morreu, concluiu a sra. Nakamura. Sabiam que ele era o tipo de homem que não suportava testemunhar nem mesmo o sofrimento de animais. Ele sabia que fora um homem abençoado e afortunado que havia tido uma boa vida.

A sra. Tomokawa apanhou a página separada na qual o poema de morte tinha sido copiado e o leu para o marido:

*O gelo do inverno*

*derrete em água limpa...  
sereno está meu coração.*

6.

Às vezes acho que ele é o homem mais solitário do mundo, anunciou Ella Evans certa noite num jantar para a comissão executiva da Faculdade de Cirurgiões. E todos riram. O velho e querido Dorry?, imaginou-os pensando. O melhor amigo de todo homem? O desejo secreto de toda mulher?

Mas Dorrigo sabia que ela sabia. Estava sozinho no casamento, sozinho com os filhos, sozinho na sala de operação, sozinho nos numerosos conselhos de medicina, esporte, caridade e assuntos de veteranos dos quais participava, sozinho quando falava numa reunião de mil prisioneiros de guerra. Havia ao redor dele um vazio exausto, um vácuo impenetrável envolvia esse homem tão famoso por ser catedrático, como se já vivesse em outro lugar — para sempre desenrolando e enrolando um sonho ilimitado ou um pesadelo sem fim, era difícil saber — do qual jamais poderia escapar. Era um farol cuja luz não podia ser reacendida. Em seus sonhos ele ouvia a mãe chamando-o na cozinha: Venha cá, menino, venha. Mas, quando entrava, estava escuro e frio, a cozinha tinha vigas carbonizadas e cinzas e cheiro de gás, e não havia ninguém em casa.

Mas Dorrigo Evans não enxergava seu casamento como uma terra desolada. Longe disso. Para começar, tinha a convicção de que seu casamento não poderia ser considerado um fracasso, e nem se poderia dizer que não havia amado Ella. Além disso, na praxe dos casamentos arranjados — era verdade que havia sido arranjado pelos dois —, eles trabalhavam para construir o amor. Quando conheceu Ella, como o casamento estava tão presente na cabeça de todos, ele a via somente pelo prisma de uma possível esposa. Em sua mentalidade juvenil ele concebia o amor quase como o

casamento bordado com versos de poesia. E, como esposa de um homem que certamente seria algo na vida, Ella lhe pareceu perfeita: amável, carinhosa, mais determinada até mesmo do que ele em vê-lo ascender. Ella se conformava às convenções e se encaixava na literatura. Ele supôs que tudo isso fosse amor e, embora depois do casamento lhe parecesse logo insuficiente, aceitou que aquilo teria de bastar.

E então, quando o corpo de Ella se transformou em círculos reluzentes enquanto gestava seus filhos, os seios túmidos e os mamilos escuros uma maravilha, o pensamento inesperado dela, sua aura estranha e longe de ser monótona, Dorrigo a havia amado sobremaneira. Antes da soma dos adultérios dele fazer com que ela não mais conseguisse suportá-lo na cama, ele se curvava sobre as costas dela, cheirando-a e conhecendo uma paz que sempre lhe havia escapado. Nem se preocupava em lhe explicar que, para ele, sexo não era infidelidade, mas dormir com alguém, sim. E isso ele nunca fez.

Os três filhos — Jessica, Mary e Stewart — ele amava mais profundamente quanto mais viajava para longe deles. Sua atitude era de abandono benigno; não esperava que reproduzissem entre eles o relacionamento dele com Ella. Suas inimizades e friezas uns em relação aos outros eram para ele insuportáveis; partia-lhe o coração, ele esperava que não fossem permanentes, implorava-lhes que não fossem cruéis nem insensíveis quando os via ecoando a crueldade e a insensibilidade que demonstrava em relação a Ella. Reconhecia-se inapto para a paternidade, mas manteve o rumo, pois manter o rumo era o que ele fazia em todas as coisas. Indagava-se se aquilo seria uma rendição diante do próprio terror particular.

Ele e a mulher assumiam sua melhor forma quando acompanhados, e nesses momentos consideravam o outro admirável — adorável até, como ele ouvira Ella dizer num jantar. Adorável! E Dorrigo a admirava e sentia pena dela por estar com ele. Ouvia-a

contar às amigas, com toda a sinceridade, que a guerra e os campos não o deixavam. Parecia querer fazer dele uma tragédia, e ele, que testemunhara tragédias, se enfurecia ao vê-la tão ingênua, tão dramática, a ponto de tornar o marido mais uma. Queria que ela pudesse simplesmente amaldiçoá-lo por aquilo que ele havia se tornado — um filho da puta —, mas isso seria demasiadamente direto para Ella, e, ademais, ela o amava à sua maneira, ou seja, recusara-se a desistir dele muito depois de o próprio Dorrigo haver desistido de si. Ela começou a cortar o cabelo como Françoise Hardy e a fumar Sobranies roxos na tentativa de criar um distanciamento chique, com a esperança de também parecer sedutora ao marido. A fragilidade dela — que sempre fora aos olhos de Dorrigo sua característica mais interessante — permaneceu, embora cada vez mais envolta numa fumaça perfumada que o aborrecia.

O que você quer?, indagava Ella, tirando o Sobranie dos lábios, e essa era a pergunta para a qual realmente não havia resposta. E quando ele mentia e dizia Nada, ou mentia e dizia Serenidade, ou mentia e dizia Você, ou mentia e dizia Nós, ela dizia: Mas o que realmente você quer, Alwyn? Diga-me, o quê? O quê?

O quê, de fato?, ele se indagava.

Será apenas os corpos delas, sexo, é isso?, dizia ela, com uma calma que o feria mais do que qualquer raiva. Apenas dar uma trepada?, dizia ela. É isso?

Sua calma, seu vil candor, sua inestimável tristeza — era a isso que ele a havia conduzido?

É só com isso que se importa?, dizia Ella, exalando mais fumaça de Sobranie. É?

Seria? Como ele detestava aquela fumaça. Temia tê-la tornado áspera, ela que sempre estivera longe de sê-lo. Pensou em como o mundo organiza seus assuntos de modo que a civilização cometa todos os dias crimes pelos quais qualquer indivíduo seria aprisionado por toda a vida. E como as pessoas aceitam isso ao ignorar tudo,



chamando de atualidades ou política ou guerra, ou criando um espaço que nada tem a ver com a civilização e chamando esse espaço de sua vida privada. E quanto mais se distanciam da civilização na vida privada, quanto mais essa vida privada se converte em vida secreta, mais livres eles se sentem. Mas não é assim. Nunca estamos livres do mundo; compartilhar vida é compartilhar culpa. Nada podia lavar o que ele sentia. Ergueu os olhos para Ella.

É *isso?*, disse Ella.

Não é isso, disse Dorrigo.

As palavras escolhidas para a resposta dele soaram artificiais e inacreditáveis para os dois; pior, soaram fracas, e ela apenas balançou a cabeça. Apesar do que dizia, ela sempre preferiu as mentiras fortes às verdades fracas.

Junto com seu novo candor, Ella havia passado a usar perfumes fortes na meia-idade, e o aroma deles misturado ao hálito da fumaça de Sobranie lhe emprestava um cheiro que ele às vezes achava excitante, até erótico, mas, em geral — e cada vez mais —, cediço e claustrofóbico, como um guarda-roupa de peças velhas destinadas à caridade. Como ele gostaria que ela não usasse o perfume, que não fumasse Sobranies, que não cortasse o cabelo como Françoise Hardy. Porque Dorrigo sentia em todas essas coisas um disfarce feito a partir da bravura dela, de seu orgulho, de sua grande tristeza, tão dolorosa que fazia a casa tremer. Como ele desejava não a haver endurecido.

7.

Nos primeiros anos com Ella, pensava em Amy com frequência. Perguntava-se o que era aquilo que conhecera com Amy. Não tinha ideia. Parecia um poder acima do amor. O primeiro encontro entre os dois, lembrava, fora trivial. Havia reparado na pinta dela acima do lábio, obscurecida pelos grãos de poeira, não porque era bela, mas

porque a imagem dela entre os raios de luz, empoeirada, impressionava. Pensou no seu estranho diálogo, não por ser enfeiticante, mas porque o havia divertido vagamente. Lembrava de como, no dia seguinte, quando voltara à loja para comprar o Catulo, era do livro, e não dela, sua memória mais forte. O encontro casual com a garota da camélia vermelha havia sido um encontro curioso, que ele achava que logo esqueceria.

E se ele não se esquecera dela naqueles primeiros anos do pós-guerra, com a mesma certeza de que Amy se tornara por algum tempo sua única razão de existir, agora ela também começava a se distanciar de seus pensamentos. Na tentativa de escapar da fatalidade da memória, ele descobriu com imensa tristeza que a busca do passado só conduz inevitavelmente a uma perda maior. Guardar um gesto, um cheiro, um sorriso, era projetá-lo como algo fixo, uma máscara mortuária de gesso, que tão logo tocada se despedaçava em seus dedos, virando pó. E conforme sua lembrança de Amy se atomizava com os anos, Ella se tornava sua aliada mais formidável e sua conselheira mais digna de confiança. Ela o acalmava quando estava enfurecido, incentivava-o quando deparava com obstáculos, e pouco a pouco, a cada evento, sua lembrança de Amy ia sendo lentamente enterrada, até ele ter muita dificuldade de se recordar dela. Semanas inteiras se passavam e ele se dava conta de que não havia pensado nela, e então esse período se converteu em meses, e depois os meses se passaram sem que ele pensasse especificamente nela. Começou a perceber em si próprio a mesma estranha e envolvente cumplicidade das pequenas coisas compartilhadas — comida, toalhas, talheres e taças, o propósito combinado de vidas conduzidas lado a lado — que ele um dia sentira nojo ao observá-la em Keith Mulvaney.

Entre ele e a mulher cresceu uma conspiração da experiência, como se criar filhos, o esforço de se apoiar mutuamente no dia a dia de modo prático e terno, e a soma dos anos e depois décadas de

conversas privadas e pequenas intimidades — o odor do outro ao acordar; o trêmulo som da respiração do outro quando um filho não estava bem; as doenças, os pesares e os cuidados, os carinhos, inesperados e espontâneos —, como se tudo isso fosse, de algum modo, mais vinculativo, mais importante e mais inegável que o amor, independentemente do que fosse o amor. Pois ele estava ligado a Ella. E, ainda assim, tudo isso criava em Dorrigo Evans a solidão mais completa e intratável, uma solidão tão estridente que ele buscava sufocá-la de novo e de novo com outra mulher. Mesmo com sua vitalidade diminuindo, ele investia em seus adultérios quixotescos. O fato de não haver realmente nada de sentimento na coisa toda, de ser perigoso sob muitos aspectos, tornava tudo mais interessante para ele. Mas, longe de calar o grito de sua solidão, o efeito o amplificava.

Como o impacto de um meteoro no passado remoto explica a grande lagoa de agora, também a ausência de Amy moldou tudo, mesmo quando — e às vezes mais particularmente quando — ele não estava pensando nela. Sempre havia se recusado a visitar Adelaide, mesmo quando importantes eventos profissionais ou de veteranos eram realizados lá. O único interesse que demonstrou pela jardinagem — que preferia deixar para Ella e o jardineiro — consistiu em arrancar uma grande e lindíssima camélia vermelha, para a fúria de Ella, quando se mudaram para uma nova casa em Toorak. Sua infidelidade perene era, de uma forma estranha, uma fidelidade à memória de Amy — como se ao trair Ella incessantemente ele honrasse Amy. Não concebia as coisas dessa maneira e ficaria horrorizado se alguém o tivesse dito, mas nenhuma mulher que ele conheceu naqueles anos significou algo em particular para ele.

Assim, as mulheres iam e vinham, furiosas, perplexas, chocadas; o casamento prosseguia; o trabalho avançava e sua posição melhorava. Dirigiu departamentos, avaliações, investigações nacionais de saúde, descobriu que a boa vontade das pessoas era

não raro inversamente proporcional ao cargo que ocupavam, e sentiu-se completamente perplexo quando, num jantar, ouviu um palestrante descrever sua própria vida como uma *carreira brilhante*. O sentimento passou, apagando-se num desapontamento frustrado. Era impelido a viajar com frequência; longos períodos de tédio e espera, intercalados por reuniões desnecessárias com pessoas que também sofriam da vertigem da realização. Durante noites insones em quartos hermeticamente fechados que traziam o persistente e desagradável odor residual de produtos químicos, ele se perguntava sobre o motivo de cada vez menos pessoas lhe interessarem. Inexplicavelmente para ele, sua reputação continuava a crescer. Perfis de jornal, entrevistas na televisão, debates, conselhos, o incomunicável tédio dos eventos sociais aos quais ele *tinha que ir*, tão monótonos e intermináveis que temia ver a curvatura da Terra se fizesse esforço o bastante. O mundo é, ele pensava. Simplesmente é.

Certa noite ele foi chamado de volta ao hospital para uma cirurgia emergencial de apêndice. O nome da paciente era Amy Gascoigne.

Amie, amante, amor, murmurou ele enquanto se preparava.

A chefe de enfermagem na pia ao lado, acostumada às recitações do cirurgião, riu e perguntou que poema era aquele. Enquanto caminhavam até a sala de cirurgia, Dorrigo Evans percebeu que era a primeira vez que ele pensava conscientemente em Amy em muitos anos.

Esqueci, disse ele.

Ele havia roubado a luz do Sol e caído na Terra. Por um instante teve de se afastar da mesa e se recompor para o restante da equipe não ver seu bisturi tremendo.

Foi nesses anos que Dorrigo Evans renovou o relacionamento com o irmão, Tom. Encontrou nisso algum refúgio da solidão que costumava sentir, mesmo com — e às vezes principalmente com — Ella e os filhos. Descobriu no tempo que conseguia passar com Tom — ao telefone uma vez por mês e naquelas que se tornaram visitas anuais a Sydney em meados do inverno, e depois, à medida que sua reputação crescia, as viagens a Sydney se tornaram mais frequentes — aquela proximidade especial que às vezes existe entre irmãos. Era uma tranquila companhia que permitia que a maioria das coisas não fosse dita, que constrangimentos e erros fossem inteiramente desimportantes e que a estranha sensação de uma misteriosa alma gêmea fosse expressa por meio das conversas mais triviais. Se além do elo de sangue havia pouco em comum entre eles, Dorrigo Evans ainda sentia cada vez mais com Tom que ele era apenas um aspecto de algo maior, e o irmão era outra parte, diferente e complementar, e os encontros entre os dois não eram tanto uma afirmação de si mesmos, e sim uma bem-vinda dissolução de um no outro.

O pai viveu mais do que a mãe apenas alguns anos e morreu de um ataque cardíaco em 1936; sendo o mais novo de sete, Dorrigo tinha pouco a ver com os irmãos mais velhos, que haviam se espalhado pela Austrália nos anos anteriores à Depressão em busca de trabalho. Quatro irmãs foram para as tecelagens nos distritos ocidentais de Victoria; ele nunca as conhecera de fato e foi ao enterro delas nos anos 1950 quando morreram, arruinadas pela vida. Via seus filhos e maridos como desconhecidos, mas ainda assim ajudou todos eles quando o procuraram. A última, Marcy, que era também a mais velha, sustentada por ele por mais de uma década, morreu em Melbourne, em 1962, de um câncer não diagnosticado. O irmão mais velho, Albert, que encontrou trabalho como cortador de cana no extremo norte de Queensland, morreu lá na explosão de uma refinaria de açúcar em 1956. Tom acabou em Sydney num casamento sem filhos, trabalhando na vastidão dos

pátios ferroviários de Redfern, e depois de aposentado passava os dias cuidando da horta em seu jardim de Balmain e jogando dardos no pub mais próximo.

Em fevereiro de 1967 Ella planejou férias de uma semana na Tasmânia com as crianças na casa da irmã, que havia se mudado recentemente para lá com o marido. Essas férias planejadas, concebidas e reservadas sem o envolvimento de Dorrigo, sob o pretexto de ser um ponto alto em suas vidas compartilhadas, eram na verdade o último vestígio deles como família. Assim, Ella as inventou e ele concordou com elas, e todos detestaram aquilo e encararam como uma forma de castigo coletivo conhecido como *tempo em família*.

No sábado em que deveriam voar para Hobart, ele recebeu um telefonema informando sobre o enfarte do irmão Tom com sentimentos ambíguos. Por um lado ficou triste; por outro, aquilo lhe proporcionou um bom motivo para evitar ao menos os primeiros dois dias na Tasmânia. Conseguiu um voo para Sydney naquela noite, mas Tom estava demasiadamente sedado no domingo para dizer alguma coisa que fizesse sentido. Foi somente na segunda-feira que Dorrigo conseguiu conversar direito com ele.

Tom contou-lhe que sofrera o ataque cardíaco, que o derrubara no Hotel Kent, quando estava prestes a jogar um dardo certo no alvo.

Certo?

Estava na minha mira, disse Tom. Mas que jeito constrangedor de morrer. Numa poça de mijo no chão, com um dardo entre os dedos. Preferia um lugar privado, como o canteiro de tomates.

O irmão parecia excepcionalmente loquaz, e Dorrigo logo se viu profundamente mergulhado em lembranças da infância na Tasmânia. Tom era um ciclo de canções interminável de histórias de Cleveland, algumas conhecidas por Dorrigo, e muitas outras das quais jamais ouvira falar. O nome de Doughy Yates foi mencionado, e Tom

lembrou como Doughy costumava se gabar de correr mais rápido que um trem. Desafiado a provar o que dizia, ele ficou apenas de ceroulas brancas e correu ao lado do expresso de Launceston a Hobart através dos bosques de eucaliptos e acácias da mata de Cleveland. Quando o trem desapareceu com um assovio depois da curva que levava a Conara Junction, Doughy desabou no chão arranhado e exausto, e teve de admitir a derrota.

Ele entrava em todas, o Doughy, disse Dorrigo.

Continuava dançando sozinho aos oitenta e cinco anos, disse Tom. Colecionava Leylands P76 no fim. Um carro que ninguém aceitava nem de presente. Fizera com que o enterrassem de bruços para que todos tivessem de beijar sua bunda para todo o sempre. Mas sempre penso nele correndo pela mata naquelas ceroulas. É como a vida, não? Achamos que conseguimos correr mais que ela, que somos melhores do que ela, mas a vida nos faz de bobos toda vez. Nos joga no chão e segue adiante, assoviando, feliz consigo mesma.

Eles riram.

Sabia que Doughy era primo do Jackie Maguire?

Dorrigo não sabia. Falou com carinho das lembranças de ler poesia e da coluna de conselhos da Tia Rose para Tom e Jackie Maguire.

Velho Jackie, disse Tom. Bom sujeito. O melhor dos amigos. Conhecia a mata. A mulher dele era aborígine, sabia?

Por um instante ou dois, Dorrigo não conseguiu lembrar nada da mulher de Jackie Maguire. Então uma antiga memória adormecida — uma lembrança que o havia de algum modo perturbado e o moldado muito mais do que ele soubera — abriu caminho até o primeiro plano de sua consciência. Embora tivesse ouvido vagas lendas de sangue aristocrático espanhol, um dos tradicionais álibis da Tasmânia, Dorrigo não sabia que ela era aborígine, e isso o levou a perguntas que sempre quisera fazer.

Naquela época, tantos anos atrás. Pouco antes de ela sumir. Eu te vi com ela.

A sra. Jackie Maguire?

Você a estava beijando.

Beijando? Onde?

O antigo galinheiro atrás do St. Andrews Inn.

Não a estava beijando.

Eu vi os dois. Ela estava te abraçando.

Eu estava voltando de uma caçada a coelhos. Ela estava pendurando a roupa lavada. Não tinha nada para fazer e, por isso, ajudei-a. Pensando melhor agora, percebo que ela deveria estar numa pior. Mas não era essa a sensação. Estávamos apenas conversando. Histórias da família. Pessoas. E comecei a dizer aquilo que não tinha realmente dito a ninguém. Coisas que tinha visto. Coisas da guerra. E então foi demais. Lembro disso. Fiquei ofegante, sem conseguir falar direito. Perdido. E ela me abraçou como a uma criança. Foi isso, mais ou menos.

Você estava com o rosto enfiado no pescoço dela.

Estava chorando, Dorry. Chorando, pelo amor de Deus.

O que houve com ela, Tom? Por que ela sumiu? Sempre me perguntei qual teria sido seu destino.

O velho Jackie costumava bater nela um pouco. Ele a amava, mas a mulher era vinte anos mais nova, não estava feliz, e ele sabia disso. Bem, o que podia ser feito? A Tia Rose não ia ajudar. Jackie era bom sujeito, mas acabava bebendo e descontando nela. Isso eu sei. Mas nunca soube para onde ela foi. Não por muitos anos. Então uma carta chegou a mim aqui em Sydney. Ela tinha ido a Melbourne, e depois para a Nova Zelândia. Casou-se com um pedreiro em Otago. Não disse mais nada a respeito dele. Na verdade, a carta não dizia muita coisa sobre nada. Havia junto da carta um bilhete da filha dela, dizendo que a mãe tinha pedido que enviasse isso pelo correio depois que morresse. E foi isso. Acho que, como outros



leriam a carta, não havia menção ao velho Jackie nem à família dela aqui em Tassie.

A conversa mudou para as partidas de futebol das quais eles participavam em Cleveland, a carroça de Jo Pike, o dia em que o homem do coronel Cameron entrou na cozinha perseguindo o cachorro de Tom porque, de acordo com ele, o cão teria matado ovelhas do coronel, e Tom saiu do quarto com sua espingarda, dizendo, se atirar no meu cachorro, eu atiro em você.

Tom estava se cansando agora. Dorrigo se despediu, deixou o irmão mais confortável, disse-lhe que estava nas melhores mãos, e partiu. Estava no corredor quando ouviu uma velha voz áspera atrás dele.

Ruth!

Dorrigo Evans parou e deu meia-volta. No brilho verde-arsênico da ala hospitalar, o irmão, tentando se erguer na íngreme montanha de travesseiros, subitamente não se pareceu em nada com Tom — um homem que, na cabeça do irmão mais novo, havia permanecido até aquele momento como a própria imagem da vitalidade e força da juventude —, mas sim com um homem muito velho e doente.

O nome dela era Ruth.

Dorrigo Evans ficou ali, olhando fixamente para o desconhecido que era seu irmão, sem saber o que Tom queria dizer nem o que desejava. Voltou à ala hospitalar e se sentou ao lado do leito de Tom. O irmão mexeu a boca, preparando-se para falar novamente. Dorrigo esperou. Tom ergueu o corpo e o endireitou, e, quando falou, não olhou para o irmão, mas para uma parede distante.

A sra. Jackie Maguire. O nome dela era Ruth, Dorry. Ruth. E Ruth teve um bebê.

Aqui ele fez uma pausa. Dorrigo nada disse. Tom se ergueu novamente nos travesseiros, grunhindo e tossindo.

Sim, um bebê. Julho de 1920. O terceiro dela. Não sei como o manteve escondido. Mas escondeu. Jackie estava longe, tentando

arranjar emprego no continente — acho que estava trabalhando na Diamantina, tinha um amigo lá. Jackie jamais soube do bebê. Ninguém em Cleveland soube. Ela usava roupas largas... bem, você se lembra como as coisas eram lá, não era nenhuma Paris, parecia mais a Idade Média, podia-se fazer qualquer coisa impunemente. E ela fez um bom trabalho, devo reconhecer. Teve o bebê em Launceston. Um menino. E então o enviaram a Hobart. Naquele dia em que eu, meio que, bem, desabei por causa da guerra, ela me abraçou como eu disse. E me contou a respeito do bebê. Ela tinha acabado de descobrir o que ocorrera com ele.

Mas por quê, Tom?

Os olhos lacrimejantes de Tom ganharam foco, o corpo frágil se retesou, e Dorrigo viu que algo do homem que ele tanto havia admirado quando criança estava novamente presente.

Eu era o pai, é esse o maldito motivo.

E Tom finalmente se voltou para olhar o irmão. Seus olhos perfuraram os de Dorrigo; as pupilas estavam estranhamente pequenas e vazias; pareciam buracos queimados em jornal velho com um palito de fósforo.

Uma família chamada Gardiner estava criando o menino. Pessoas em situação confortável. Aquilo a entristeceu. Me entristeceu também. Mas o que poderíamos fazer? O problema não era estarem cuidado dele, e sim que não éramos nós a fazê-lo. Ninguém pretendia ir atrás dele, trazê-lo de volta e estragar a vida de todos — dele, da família, dela, a minha, a de Jackie. Não. Ninguém faria isso. Era simplesmente uma dessas coisas com as quais tínhamos de conviver. Depois da última guerra encontrei um sujeito de Hobart que conhecia a família. Aparentemente, tinham chamado o menino de Frank. Ele morreu durante a guerra. Meu único filho, e jamais cheguei a conhecê-lo. Um daqueles malditos campos de prisioneiros de guerra nos quais você esteve na Tailândia.

9.

Sydney estava repleta de soldados americanos vindos de licença do Vietnã. Era fim de tarde, a cidade transpirava, e, para escapar do calor e dos soldados, para de alguma maneira aceitar aquilo que Tom acabara de lhe contar, Dorrigo Evans, que aconselhava seus pacientes dizendo que caminhar é o melhor remédio, decidiu seguir o próprio conselho.

Caminhou do hospital até o Circular Quay e então se viu partindo para longe da pressão excessiva da multidão ali, atravessando a pé a ponte da baía de Sydney com o objetivo de visitar um amigo cirurgião em Kirribilli. Foi agradável perder-se entre os turistas que passeavam, a calçada na ponte era ampla, e a vista de Sydney de cima dela era vasta e transmitia confiança.

Parou no meio da ponte. Uma leve brisa marinha soprava do leste, e ele olhou para a água distante abaixo, tossindo ondas brancas e azuis. Num ponto próximo, guindastes de um vermelho-ocre pareciam sentinelas ao redor das gigantescas conchas abertas da nova casa de ópera, seu intrincado esqueleto lembrando Dorrigo das finas veias das folhas secas de eucalipto. Além, o sol tardio envolvia a cidade em faixas definidas e brilhantes de luz e sombra. Foi quando ele se afastou da grade lateral e recomeçou a andar que primeiro a vislumbrou à distância, saindo momentaneamente de uma daquelas faixas de escuridão oblíqua em direção à luz.

Alguns momentos mais tarde ele tornou a vê-la, vindo em sua direção, emoldurada pelo arco da grande viga de arenito que sustentava a extremidade norte da ponte, a cabeça oscilando para os lados como objetos lançados de um navio nas ondas de pessoas que caminhavam ao seu redor. Ele estava do lado de fora da ampla calçada, na sombra projetada pela vasta estrutura de ferro da ponte. Todo o seu ser estava concentrado naquela desconhecida que se aproximava pelo lado de dentro, um fantasma caminhando à luz do sol, quando ela novamente desapareceu de vista.

Na terceira vez em que ele a viu na multidão, eles estavam mais próximos. Ela usava óculos de sol da moda e um vestido azul-escuro sem mangas com uma faixa branca na altura dos quadris. Tinha duas crianças com ela, meninas pequenas, cada uma segurando uma mão. O barulho do tráfego reverberando na caixa torácica de ferro da ponte significava que ele conseguia ver as crianças rindo, conversando, e ela respondendo. Se não podia ouvir, ainda assim ele soube: não era um fantasma.

Dorrigo a acreditara morta, mas ali estava ela, caminhando em sua direção, perceptivelmente mais velha, embora para ele o tempo a tivesse feito mais bela, e não menos. Como se, em vez de subtrair, a idade houvesse simplesmente revelado quem ela realmente era.

Amy.

O abismo dos anos — com suas guerras históricas, as invenções celebradas, os horrores inumeráveis e as maravilhas milagrosas —, ele percebia agora, não servira de nada. A bomba, a Guerra Fria, Cuba e os rádios transistores não tinham nenhum poder sobre a arrogância dela, a imperfeição do seu jeito, os seios ansiando por liberdade e os olhos corretamente encobertos. O cabelo dela, mais leve e descolorido, lhe pareceu cair melhor que a cor natural; o corpo, um pouco mais magro talvez, tornava-a mais misteriosa; o rosto, com seus contornos definidos, lhe pareceu senhor de um autocontrole a duras penas conquistado.

Mais de um quarto de século depois que a vira pela primeira vez entre os feixes de luz empoeirados de uma livraria em Adelaide, Dorrigo Evans ficou chocado com o pouco que as mudanças dela significaram para ele. Tantos sentimentos que ele pensou estarem perdidos para sempre agora retornavam com a mesma força de quando os conhecera.

Devia parar ou seguir em frente? Gritaria para ela ou nada diria? Tinha que decidir. Tão poucos momentos para pesar vidas conhecidas e desconhecidas, a vida dele agora, a vida deles antes, a

inimaginável vida dela agora. Podia ver as crianças bem o bastante para reconhecer o que pareciam ser os traços inconfundíveis dela. E também algo nelas que não era da mulher, o que lhe causou muito mais dor do que imaginava ser possível. Talvez ela estivesse feliz no casamento. Dorrigo tinha dificuldade para respirar. Mil ideias loucas, enlouquecedoras, correram por sua mente enquanto seguia andando na direção dela. Disse a si mesmo que não podia invadir a vida de Amy, provocar o caos; disse a si mesmo que tinha de fazê-lo, que nem tudo estava perdido, que eles poderiam recomeçar.

Ela estava cada vez mais perto. Ele tentou reduzir o passo enquanto a cabeça parecia acelerar ainda mais. Seu estômago embrulhou e ele mal conseguia manter o equilíbrio. Estava agora perto o bastante para ver a pequena pinta que definia seu lábio superior. Agora não pensava que ela era tão bela quanto sempre fora, nem mesmo bela. Apenas a desejava. Ela usava um colar que desencadeou uma incontrolável insurreição da memória. Será que ela o tinha visto? Decidiu chamá-la. Sim! E então, com toda a luz do sol atrás dela, ele a viu pegar o vestido com o indicador e o polegar e puxá-lo para cobrir o decote. Por um momento, talvez, ele esperou que naquela luz transcendental ela agora o receberia em seus braços e em sua vida.

Mas só há luz no começo das coisas.

Quando foi dizer algo, percebeu que haviam passado um pelo outro sem uma palavra. Ele seguiu andando pela sombra, olhando fixamente para a frente. Havia entendido errado. Ela, ele, os dois, o amor — especialmente o amor —, completamente errado. Havia entendido o tempo errado. Não podia acreditar, mas tinha de fazê-lo. A morte dela, a vida dele, os dois, tudo, *tudo* errado. E a gravidade desse erro era tão grande, tão avassaladora, que ele não pôde combatê-la e dar meia-volta, chamar, correr ao encontro dela. Somente quando chegou ao final da ponte encontrou forças para finalmente se virar.

Não enxergou Amy em parte alguma.

Ficou no meio da calçada, cercado por pessoas — como se fosse apenas mais uma obstrução urbana, um poste, uma lixeira, um corpo —, e pensou na mulher de Ló e na mentira daquela história. Viramos estátuas de sal quando não nos viramos para olhar. Percebeu que devia tê-la parado e agora jamais poderia fazê-lo. Não deveria ter continuado a andar, mas era o que havia feito.

Ele havia escolhido? Teria sido ela? Haveria de fato uma escolha? Ou era simplesmente a vida que arrebatava as pessoas, aproximando-as e afastando-as?

Ao redor dele, atrás dele, além dele havia pessoas movendo-se para todos os lados. Loucas partículas esvoaçando na luz, perdidas há muito tempo, e ele soube que agora tudo estava perdido, no aço e na pedra, no mar e no sol e no calor aumentando e diminuindo no céu azul sem nuvens, perdido entre os guindastes ocres e a trovejante via expressa.

Por mais um momento ele permaneceu ali, uma figura insignificante entre os semicírculos de ferro e o rugir do tráfego, o dia azul e a água espumante. Pensando: Como o mundo é vazio quando perdemos a pessoa que amamos.

E deu novamente meia-volta e seguiu andando, sem rumo por todos os rumos. Pensara que havia morrido. Mas agora finalmente compreendia: era ela quem tinha vivido e ele, morrido.

10.

Depois de terem cruzado a ponte, Amy comprou sorvetes para as duas sobrinhas no Circular Quay e tomou a balsa de volta para a casa da irmã em Manly. Durante muitos anos pensara que ele tinha morrido. Só recentemente havia se dado conta de que ele não morreria na época da guerra, à medida que sua fama começou a crescer. Por quê, por quê, pensou ela mais uma vez, sentada no convés traseiro da balsa, observando a vazão das águas

coruscantes, se estava vivo, por que não havia voltado para encontrá-la? Por quê?, pensou ela ao chegar na casa da irmã. Por quê?, pensou ao deitar-se na cama, tão cansada. Pois não podia perdoá-lo por ter quebrado sua promessa.

Nunca lhe ocorreu que ele poderia ter pensado que ela havia morrido na explosão, em vez de descobrir, na manhã seguinte, como fizera ela, quando dirigiu o Cabriolet para a praia onde tinham ido pela primeira vez, e para onde — depois de Keith ter lhe dito que ele morrera — ela, arrasada pelo pesar, saíra guiando para pensar em Dorrigo e acabara passando a noite ali.

Nos últimos anos, ela chegou a pensar em procurar Dorrigo. Estivera prestes a fazê-lo várias vezes — encontrou até mesmo o número dele e o anotou —, mas jamais estivera de fato no limiar de coisa nenhuma. Sempre que pensava em entrar em contato com ele, sentia-se esgotada. O que ela queria dele? O que ele queria dela, se é que desejaria alguma coisa? Às vezes se perguntava se ele teria mesmo uma lembrança forte dela. E, de todo modo, o que ela diria? Que pensara que ele havia morrido?

Como lhe contar sobre a herança, confortável, depois da morte de Keith; do segundo casamento, bem depois da guerra, agradável, divertido, com um contador com mais talento para perder dinheiro do que para guardá-lo, que gastou tudo e desapareceu, dizia-se, na América. E era isso. Um ou dois outros breves encontros, mais ou menos. Em geral, menos. Como lhe dizer que não havia sido amor, nem mesmo com o contador? Algo mais leve... um chapéu ou um vestido ou uma nuvem. Mas quem se lembra de uma nuvem?

E sempre que estava prestes a escrever uma carta, dar um telefonema, Amy via diante de si o imenso obstáculo da rejeição de Dorrigo em relação a ela, por nunca a ter procurado, por não ter voltado para ela depois do fim da guerra, como havia prometido. Agora suas posições haviam mudado completamente: ele era o famoso Dorrigo Evans, em perpétua ascensão, e ela não era

ninguém e estava afundando. E então viera o diagnóstico. Como lhe contar isso?

A irmã a chamou pela segunda vez.

Sim, disse ela, só mais um minuto.

Estava tão cansada. Havia esquecido tanta coisa a respeito dele. Mas era ele. Não estava morto, nem ela, ainda. Era o bastante. Ela tirou o colar e rolou a pérola entre os dedos. Sentiu muitas coisas. Então o guardou. Ele havia se tornado alguém, ou mais do que alguém... ela podia ver que ele estava se tornando algo, diferente de uma pessoa.

Ela, por outro lado, logo não seria nada. Havia tratamentos — extremos e, de acordo com o oncologista, essencialmente fúteis. Ela teve dois empregos de faxina e, em ambos, lutava para sobreviver, mas agora havia desistido deles depois que a irmã concordara em cuidar dela. Havia muito que seus sonhos se gastaram.

Agora ela buscava prazer no pôr do sol, nos amigos, poucos e queridos, nos charmes de sua cidade — o calor do começo da manhã, o cheiro do asfalto e dos prédios após a chuva torrencial, o carnaval diário de suas praias, a vista a partir da ponte numa tarde ensolarada, os desconhecidos que ela às vezes encontrava, o mimo às sobrinhas, a agradável solidão da memória que o anoitecer de um dia de verão permitia. Às vezes sentia-se feliz.

Ocasionalmente, lembrava de um quarto à beira-mar e da lua e dele, o ponteiro verde de um relógio flutuando na escuridão e o som das ondas quebrando, e um sentimento diferente de tudo que havia conhecido antes ou de tudo que conheceu depois.

Não iria contatá-lo. Ele tinha sua vida, e ela também: era impossível sonhar com a fusão. E aquilo com que não podemos sonhar, jamais poderemos realizar.

Em dezoito meses — seis mais do que lhe haviam dado — ela estaria enterrada num cemitério suburbano, um túmulo sem nada de especial em meio a outros túmulos igualmente comuns. Ninguém



jamais voltaria a vê-la e, depois de algum tempo, as lembranças, até mesmo das sobrinhas, começariam a desbotar e, então, assim como ela, deixariam de existir. Tudo que restaria, luminoso na longa noite da terra, seria um colar de pérola com o qual ela pediu para ser enterrada.

11.

Naquela noite Dorrigo Evans voou para Melbourne e de lá, no dia seguinte, pegou o voo da manhã para Hobart; no pesado zumbido dos motores do 707, e em meio ao estranho esquecimento ao qual eles o convidavam, Dorrigo encontrou um limbo para descansar. A aterrissagem em Hobart foi dificultada por ventos violentos e pela pesada fumaça que vinha dos incêndios florestais no sul da ilha; o avião descia, se inclinava e estremeceu como uma ervilha numa panela de água fervente. Desembarcaram com o odor das cinzas e com a pancada de calor soprada pelo vento.

Foi recebido pelo velho Freddy Seymour, cirurgião de idade controversa que administrava a seção da Faculdade de Cirurgias na Tasmânia e, de maneira um pouco excêntrica, pilotava um velho Ford Mercury 1948 verde, mantido, como Freddy, num estado de graça imaculado que negava a própria idade. A Faculdade de Cirurgias realizaria um almoço em homenagem a Dorrigo num hotel de Hobart naquele dia. Depois, ele partiria para Fern Tree — o vilarejo perto de Hobart, localizado numa pitoresca floresta montanhosa, onde morava a irmã de Ella e sua família. Ligou para Ella do telefone público do aeroporto; a irmã só voltaria no meio da tarde com o carro. De todo modo, estava quente demais para fazer qualquer coisa que não fosse ficar parada com as crianças. Ela disse que havia um frescor agradável na sombra dos grandes eucaliptos e não conseguia pensar num lugar melhor para estar.

O almoço foi mais agradável do que Dorrigo esperava; ao menos, foi uma distração para afastar sua consciência de tudo o

mais que estava pesando sobre ela. Mas, quando chegaram ao licor e aos charutos, foram informados de que a situação do incêndio havia piorado consideravelmente, e as cidades mais ao sul, entre elas Fern Tree, estavam agora ameaçadas por uma tempestade de fogo.

Dorrigo Evans encontrou um telefone no hotel e tentou ligar para o número da irmã de Ella, mas a conexão não era completada, e a telefonista disse que quase todas as linhas para as casas na montanha haviam sido cortadas. Dorrigo se voltou para Freddy Seymour — que havia acabado de acender um charuto e cujas bochechas de um rosa-coral oscilavam enquanto soltava baforadas curtas e rápidas de fumaça — e perguntou se poderia pegar emprestada a chave do carro.

Eu te amo, Evans, disse o velho cirurgião, exalando a fumaça. Como a um filho. E, como um filho, você vai devolver meu carro num estado diferente, e como um pai, eu te perdooarei.

Fern Tree ficava a vinte minutos de carro da cidade. A essa altura os ventos eram ferozes, o calor, uma suja opressão. Quando entrou no Ford Mercury, Dorrigo ficou surpreso ao ver seu rosto no retrovisor coberto pela fuligem das cinzas que rodopiavam do lado de fora em densas lufadas, como uma neve negra.

O Ford Mercury avançava aos solavancos, com uma vaga relação com a estrada, mas a potência do seu V8 transmitia confiança. A montanha, normalmente uma presença majestosa, estava invisível, perdida numa nuvem de fumaça tão espessa que, em questão de minutos, a visibilidade de Dorrigo fora reduzida a poucos metros, e ele ligou os faróis. De vez em quando, outro carro aparecia na escuridão procurando escapar para a cidade com as pessoas do lado de dentro parecendo os aldeões sírios que ele vira certa vez tentando fugir da guerra. Alguns carros estavam chamuscados; um estava sem para-brisa, por mais improvável que fosse; a pintura de outro estava marcada por grandes bolhas

enegrecidas. Ele passou dos subúrbios de Hobart para uma densa e alta floresta através da qual a estrada abria uma trincheira funda e sinuosa.

Ao fazer uma curva, ele chegou a um bloqueio policial que impedia o avanço dos carros. Um policial solitário pôs a cabeça dentro do Ford Mercury 1948 e disse a Dorrigo que ele tinha de voltar.

O lugar virou uma zona mortal, parceiro, disse ele, indicando com o polegar a direção de Fern Tree.

Dorrigo descreveu Ella e os filhos e perguntou se haviam passado pelo bloqueio. O jovem policial, que disse estar lá havia duas horas, não tinha visto ninguém assim. Talvez tivessem partido antes.

Dorrigo Evans calculou que havia transcorrido uma hora e meia, talvez, desde o telefonema com Ella, depois do qual a esposa e as crianças poderiam ter fugido. Mas era improvável que ela houvesse partido se a cidade ainda não estava ameaçada, e, além disso, ela não tinha carro. Dorrigo Evans esperava que elas tivessem escapado, mas raciocinou que devia agir com a expectativa de que não tivessem conseguido.

O fogo está vindo do Huon, prosseguiu o policial, e cruzando pelo leste. Estou ouvindo histórias malucas de chamas que se acendem de brasas até trinta quilômetros do incêndio. Enquanto ele falava, brasas incandescentes caíam no capô, como que para comprovar a argumentação do policial.

Seria loucura ir até lá, disse ele finalmente.

Minha família está lá, disse Dorrigo, engatando a primeira marcha. Seria loucura não ir.

E com isso ele pediu educadamente ao policial que se afastasse. Quando este se recusou, Dorrigo soltou a embreagem, atravessou o bloqueio e murmurou o primeiro de muitos pedidos de desculpas a Freddy Seymour.

Ao avançar menos de um quilômetro, as chamas já o envolviam, mas não pareciam ferozes o bastante para serem o principal foco do incêndio, por mais que Dorrigo Evans não fizesse ideia de como era o principal foco de um incêndio. Tampouco sabia onde morava a irmã de Ella, jamais a visitara antes, e embora soubesse o endereço, não havia sinalização visível na rua. Nem era visível a estrada, que se transformara numa confusão de galhos em chamas, carros abandonados pegando fogo, brasas que choviam e fumaça espessa. Ele dirigia a uma velocidade pouco superior à de uma viagem que fizera quase vinte anos antes pela mesma estrada, num caminhão da cervejaria Cascade. Onde antes tentara adivinhar o amor numa tempestade de neve, ele agora procurava desesperadamente pela família na fumaça densa, vasculhando garagens, gramados, abrigos, buzinando constantemente. Mas não havia ninguém. Imaginou que todos houvessem fugido ou morrido. Não havia mais céu, apenas um ocasional vislumbre de imensas nuvens negras e azuis elevando-se numa contraluz vermelha infernal. Continuou dirigindo, mantendo o ouvido perto da janela, que estava aberta apenas o bastante para ouvir alguém, algo, qualquer coisa.

E então ele pensou ter ouvido alguém, mas, com todo o barulho que havia, pensou ser apenas o assóvio da seiva que evaporava à medida que as árvores explodiam. Então o barulho surgiu de novo, mais fraco, porém diferente. Ele parou o carro e desceu.

12.

Depois que a quinta construção, contando a partir da casa da irmã de Ella Evans, explodiu em chamas, Ella encontrou os três filhos — Jess, Mary e o pequeno Stewie — brincando sob a pouca água que saía do aspersor do jardim dos fundos e lhes disse que teriam de ir a pé até Hobart.

Hobart? Fica muito longe?, perguntou Jessie.

Ella não sabia. Dez quilômetros? Quinze? Sentiu-se assustada. Temos que ir imediatamente, disse.

As crianças usavam apenas roupa de banho e sandálias de plástico, exceto Stewie, que vestia uma cueca. O fogo saltava por toda parte, e Ella não pôde perder tempo discutindo com Jess quando a menina insistiu em trazer consigo um toca-discos de 45 rpm que havia ganhado de Natal. Excepcionalmente, decidiu pegar também a touca plástica do secador de cabelo, que se conectava a ele através de uma mangueira, para impedir que as faíscas lhe chamuscassem o cabelo. Além disso, trouxe o único disco de 45 rpm que já havia adquirido, uma antiga canção de Gene Pitney que a tia lhe dera.

Caminharam rápido pela estrada, afastando as folhas queimadas e os tufos de samambaias carbonizadas que caíam do céu em seus rostos e cabelos. Olharam sem surpresa nem espanto para o asfalto que derretia nas extremidades, para as brasas vermelhas que flutuavam no ar feito borboletas, seu brilho aumentando e diminuindo com as lufadas de vento. Passaram pela velha sra. McHugh, a professora de piano, cuja cerca de madeira estava queimando, e gritaram para que ela os acompanhasse, mas ela tinha um machado e estava ocupada demais derrubando a cerca a fim de impedir que o fogo chegasse à sua casa para se incomodar com os gritos.

Primeiro, houve uma excitação mágica nisso tudo, e algo no terror da mãe fez as três crianças se sentirem melhor, até superiores. Haviã entrado num outro mundo — um mundo adulto, onde tudo era pesado de outra maneira, onde as pessoas falavam o que queriam, onde o que faziam importava e onde a própria vida, até então sem nenhum significado, agora importava aos adultos e a elas próprias. Foi a primeira vez que sentiram o gosto da morte, e jamais esqueceriam.

Deviam ter andando cerca de dois quilômetros montanha abaixo quando a excitação começou a perder força e o medo aumentou. O principal foco do incêndio, que parecia relativamente distante quando eles deixaram a casa, estava agora perto deles. Stewie tinha começado a chorar porque as brasas lhe queimavam a pele. Ele reclamou, não sem motivo — pois as chamas enchiam o céu e devoravam o ar — da *infinidade* do incêndio. Chegaram a uma casa de tijolos que tinha uma aura de solidez e segurança, diferentemente das casas de madeira pelas quais passaram, que, muito antes de o fogo lhes alcançar, já soltavam fumaça quando pequenas labaredas lambiam os seus beirais.

Ella dirigiu-se à porta da frente e tocou a campainha. Ouviu-se o som de sinos ridículos. A porta se abriu apenas o bastante para permitir o diálogo. Pela estreita abertura Ella enxergou uma mulher mais velha vestindo um tailleur de algodão branco com extremidades pretas, como se estivesse pronta para ir a um almoço de caridade. A essa altura, Ella, que usava apenas um vestido estampado de algodão e maiô, estava coberta de uma gordura suja de suor e fuligem. Estava claro para ela que a velha não a considerava uma pessoa da mesma classe e via seus filhos imundos e quase nus como maltrapilhos. Ella pretendia pedir abrigo, mas, ao abrir a boca, ouviu-se pedindo apenas água para as crianças. Teve de pedir duas vezes. Sem dizer nada, a mulher abriu a porta e os levou à cozinha arrumada nos fundos da casa. E sacou um antigo copo de plástico.

Aqui, disse ela, segurando o copo pela borda com o polegar e o dedo arqueado. A torneira fica ali.

As crianças queriam apenas ir embora: sabiam que a velha desejava que eles partissem, e o ódio que sentiram dela e da casa era ainda maior do que o medo do fogo. Mas algo no comportamento esnobe da mulher fez com que Ella decidisse ficar. Stewie estava chorando por causa das queimaduras, e Ella

perguntou à velha se tinha algumas roupas infantis para proteger o filho das faíscas e das brasas.

A mulher abriu um armário e dentro Ella viu prateleiras e prateleiras de roupas infantis impecavelmente passadas e guardadas. Roupas boas. Peças masculinas, em geral. Pôde sentir o cheiro da cânfora, algo que ela sempre associava a algo atemporal, um reconfortante cheiro de lugares e coisas que nunca mudavam. A velha se virou e passou a Ella uma peça de roupa dobrada. Ella a desdobrou com um movimento do punho.

Era um velho e desgastado vestido vermelho.

Obrigada, disse Ella.

De algum modo, parecia impossível reconciliar a ideia de um refúgio seguro com uma humilhação tão implacável. Com o filho no andrajoso vestido vermelho, ela levou a família de volta ao fogo, acreditando que, além de certa, essa atitude também era sábia.

Quando voltaram para a estrada, o fogo não tinha mais nenhum sentido. Havia vento atrás deles e vento vindo em sua direção, fogo por toda parte e vento formando redemoinhos de brasas vermelhas e rodopiantes, cones mágicos e brilhantes que transformavam em chamas tudo que tocavam. Antes eles estavam fugindo do fogo, mas agora o fogo estava ao seu redor, por toda parte.

Estamos cercados, disse Stewie, e recomeçou a chorar.

Já basta, disse Ella, agarrando-o. Só precisamos chegar a Hobart. Fiquem atrás de mim, segurem as mãos uns dos outros e, aconteça o que acontecer, não as soltem.

Assim unidos, essa estreita fila de esperança e terror continuou avançando em meio a vento e fumaça e fogo. Mary começou a chorar porque lhe formavam bolhas nos pés.

Vamos cuidar dos seus pés quando chegarmos a Hobart, disse Ella.

Havia árvores e casas ardendo ao redor e à frente deles, e Ella continuava insistindo para que se apressassem. Estava agora

carregando Stewie, com Mary agarrando-lhe a barra do vestido com uma das mãos e Jess com a outra, todos eles morrendo de medo do que poderia lhes acontecer se não continuassem segurando um ao outro. Em meio ao ruído das chamas e do vento ouviu-se um estrondo e, diante deles, uma árvore desabou na estrada como uma bola de fogo. Ella encontrou uma trilha para desviar das chamas, e eles continuaram, passando por um carro incendiado e um poste telegráfico que ardia com cabos elétricos que pareciam lã de tricotar em torno deles. Mas o fogo estava muito pior à sua frente do que atrás, as bolhas nos pés de Mary estavam se agravando, o calor era inacreditável, e subitamente Ella se deteve e se virou para encarar os filhos.

Temos de voltar, crianças. Rápido, disse ela. Sem criar caso agora.

Ela nunca falava daquele jeito. Sabiam que algo tinha mudado.

Rápido, ela repetia. Rápido!

Mas, e Hobart?, perguntou Jess, que nada havia dito. Se chegarmos a Hobart, estaremos em segurança. A voz dela estava ofegante. Temos de ir!

E Jess abriu caminho aos empurrões e começou a passar por eles, em direção às chamas. Ella a agarrou e lhe deu tapas fortes no rosto.

Seremos o assado de domingo se continuarmos por ali. Só precisamos encontrar um lugar para nos abrigar do fogo.

Jess começou a gritar e Ella lhe deu outro tapa forte. Jess começou a chorar e deixou cair o toca-discos, que se desfez em pedaços no asfalto. A garganta deles ardia com o alcatrão da fumaça, era difícil respirar, os olhos lacrimejavam e o nariz escorria. Era impossível ver mais do que alguns passos adiante, e eles só sabiam onde estavam quando ocasionalmente viam a entrada de uma casa, uma curva na rua, uma placa.



Chegaram a uma casa que não tinha jardim, apenas uma macieira e um galpão de amianto com objetos de jardinagem jazendo no meio de um gramado morto. Não havia nada para queimar, e o fogo rosnava atrás deles; pequenos incêndios surgiam na grama morta onde não havia mais nada para queimar, mas as chamas ardiam mesmo assim.

Aqui, disse Ella, abrindo a porta do galpão e pensando: *Aqui?... É aqui que todos nós morreremos?*

Eles se encolheram do lado de dentro, abraçando um ao outro apesar do calor feroz, quase sem conseguir respirar. Era como se o fogo estivesse consumindo todo o ar do mundo. Ouviram um som como um avião a jato explodindo acima deles. Uma labareda imensa, de quase um metro, entrou por debaixo da porta como um animal faminto, e Jess deu um salto para trás, esbarrando numa prateleira cheia de garrafas.

Jess!, Ella gritou.

Ela estava segurando a prateleira, que estava cheia de garrafas de arbustos conservados em terebintina e produtos químicos. Ela agarrou a prateleira e lhes disse que não se movessem.

Aconteça o que acontecer, disse ela, não esbarrem nessa prateleira nem em mim. Olhem para Gene, disse Ella.

E Jess, com seu toca-discos e ainda usando a touca plástica do secador de cabelo, salpicada de buracos pretos causados pelas faíscas e cinzas, ergueu na escuridão o disco de 45 rpm de Gene Pitney que trouxera consigo pelo caminho. Com o calor o disco se deformara, assumindo o formato de uma fôrma de pudim.

Olhem para Gene, crianças, disse Ella. Apenas olhem para ele.

Depois de alguns minutos estava mais quente do que nunca, mas o barulho diminuiu e as chamas pararam de entrar por debaixo da porta. Ouviram um estranho barulho. Muito lentamente, Ella abriu a porta. Ninguém se moveu. Olharam para fora.

Nada fazia sentido. A casa havia sumido. Próximo ao local onde seus restos fumegavam, a macieira continuava ali, um pouco chamuscada, mas em geral bem, enquanto a floresta do outro lado da rua ardia intensamente.

Ouviram o barulho estranho outra vez e perceberam que era a buzina de um carro cada vez mais fraca à medida que o veículo continuava andando, para longe deles. Ella agarrou Stewie nos braços, e as filhas saíram correndo atrás dela, todos gritando por entre as chamas, mas o carro já havia passado e estava desaparecendo na fumaça mais adiante. Gritaram mais forte.

E então o carro parou. Era um Ford Mercury 1948 verde com pneus brancos. Nenhuma das crianças jamais esqueceria. A porta do motorista se abriu e um homem desceu. E quando ele se virou, viram que era o pai, que viera encontrá-los.

Começaram a correr na direção dele, e ele na direção da família, atravessando a fumaça, o calor e as chamas. Quando se encontraram, Dorrigo agarrou Stewie, usando um braço para jogá-lo sobre o quadril. Com a mão livre ele segurou a cabeça de Ella, aproximando-a de seu rosto duro, com força. Ele a manteve assim, colada a ele, e as meninas agarram-se a ambos, como se fossem raízes entrelaçadas presas a uma árvore decrepita. Foi apenas um momento antes de ele a soltar e todos fugirem para o carro. Mas foi mais afeto do que os três filhos viram o pai demonstrar em relação a mãe em toda a vida.

13.

Raciocinando que a melhor chance de sobrevivência estava agora em entrar mais fundo na floresta, que já havia sido parcialmente queimada, em vez de rumar para o fogo, que agora estava chegando a Hobart, Dorrigo guiou na direção de onde a família fugira. Ainda havia parte das casas e da floresta, mas no lugar onde a velha que não os quisera guardava as boas roupas de menino para

outra pessoa não havia agora nada, apenas zinco fumegante e cinzas e uma chaminé nua. No local onde a sra. McHugh tentara derrubar a cerca para salvar sua casa, era difícil determinar em meio à fumaça onde as duas coisas ficavam antes.

Eles se viram dirigindo rumo a uma noite estranha. Ao dobrarem uma curva, o céu negro deu lugar a uma imensa parede vermelha de chamas a menos de um quilômetro de distância, um fogo se erguia alto acima de suas cabeças. Era um novo incêndio, rugindo de outra direção, e parecia estar reunindo vários incêndios menores num único inferno. O barulho era ensurdecedor. Por um instante eles continuaram olhando fixamente enquanto o carro avançava. Ela rompeu o feitiço.

É o principal foco do incêndio, disse ela.

Dorrigo freou, sem pensar, jogou o Ford Mercury, numa curva em marcha a ré, engatou a primeira e disparou voltando pelo caminho que tinham acabado de percorrer. Passando por fios caídos e carros incendiados, ele dirigiu como um possuído. Mas, em questão de minutos, o principal foco do incêndio os alcançou, e agora ele dirigia entre paredes de chamas em ambos os lados, passando por galhos de árvores ardentes que caíam por toda parte, por casas que explodiam, às vezes acelerando o mais rápido que podia quando havia um trecho livre de estrada, outras vezes desacelerando e manobrando quando necessário. Uma bola de fogo, do tamanho de um bonde e tão azul quanto a chama do gás, apareceu como que por magia na estrada e rolou na direção deles. Enquanto o Ford Mercury desviava dela e se endireitava novamente, Dorrigo percebeu que não tinha escolha senão ignorar os destroços ardentes que apareciam em meio à fumaça e vinham em sua direção — gravetos, galhos, pedaços de cerca —, às vezes atingindo o carro e ricocheteando nele. Ele grunhia ao acionar o câmbio para cima e para baixo, manobrando o grande volante bruscamente para a esquerda e para a direita, os pneus brancos guinchando contra o

asfalto preto borbulhante, o ruído apenas ocasionalmente audível na cacofonia do rugido das chamas e do uivo do vento, do estranho estalar dos galhos acima explodindo, como metralhadoras.

Chegaram a uma elevação e viram uma imensa árvore candente caindo atravessada na estrada cerca de cem metros à sua frente. As chamas irrompiam cada vez mais altas do tronco da árvore, que quicou ao aterrissar, e a copa incendiada acomodou-se num belo jardim, criando uma fogueira instantânea que se misturou a uma casa em chamas. Apoiando o joelho contra a porta, Dorrigo pisou no freio com toda a sua força. O Ford Mercury derrapou com as quatro rodas, girando de lado e avançando direto para a árvore, e finalmente parou a poucos metros do tronco em brasas.

Ninguém disse nada.

Com as mãos molhadas de suor no volante, a respiração ofegante, Dorrigo avaliou suas opções. Todas eram ruins. A estrada em ambas as direções estava agora completamente obstruída — pela árvore em chamas à frente e pelo fogo atrás deles. Limpou as mãos, uma de cada vez, na camisa e nas calças. Estavam presos. Voltou-se para os filhos no banco de trás. Sentiu náusea. Estavam se abraçando, os olhos brancos e arregalados nos rostos cobertos de fuligem.

Segurem-se, ele disse.

Dorrigo jogou o carro em marcha a ré, recuou um pouco na direção do foco do incêndio e disparou. Teve velocidade suficiente para derrubar a cerca do jardim onde a copa da árvore em chamas havia caído. Eles estavam indo direto para a fogueira. Gritando para que os outros se abaixassem, jogou o câmbio em primeira, soltou a embreagem e pisou com tudo no acelerador.

*Avançar contra o moinho de vento.*

O V8 soltou um rugido, os pinos martelavam, e eles trombaram contra a vegetação incendiada no ponto mais próximo da casa, onde as chamas eram maiores, mas, Dorrigo havia apostado, os galhos

seriam menores. Por um instante tudo era fogo e barulho. O motor gritou com sua intenção selvagem, um calor de uma intensidade tão feroz parecia penetrar o vidro e o aço a ponto de respirar lhes causar dor, tudo virou um vermelho monótono; ouviu-se o estalar da chama, dos galhos se partindo, do metal arranhando e grunhindo à medida que os painéis eram distorcidos e amassados, as rodas perdiam e recuperavam a tração. A janela lateral traseira do lado do motorista quebrou. Fagulhas, brasas e alguns gravetos em chamas voaram para dentro do carro, Ella e as crianças começaram a gritar enquanto os pequenos se encolhiam no lado oposto do banco traseiro. Durante um segundo aterrorizante o carro desacelerou até quase parar quando algo ficou preso sob o chassi. E então, com a mesma rapidez, a fogueira já estava atrás deles, e eles aceleravam na direção de uma decrépita cerca de madeira que Dorrigo também atravessou numa nevasca momentânea de lenha quebrada. O vidro do para-brisa se transformou numa nuvem branca de fragmentos, ele gritou para que Ella o derrubasse com um chute, e quando o vidro caiu, eles se viram novamente na estrada, depois da árvore caída, avançando em direção a Hobart. Ele dirigia com uma mão, enquanto se inclinava para agarrar gravetos em chamas no banco de trás com a outra — as mãos de cirurgião que ele sempre se esforçara tanto para proteger — e jogá-los pela janela quebrada.

À medida que o Ford Mercury 1948, com a tinta verde enegrecida e empolada, descia a montanha em chamas derrapando e se arrastando, Ella olhou para Dorrigo, cujos dedos da mão esquerda já estavam inchados e com bolhas do tamanho de pequenos balões, tão queimados que precisariam de enxertos posteriormente. Um homem tão misterioso, pensou ela, tão misterioso. Percebeu que nada sabia a respeito dele; que o casamento havia acabado antes mesmo de começar; e que nenhum deles tinha o poder de alterar nada disso. Com agora três pneus e uma roda em desintegração, o Ford Mercury fez uma longa curva e,

em meio à fumaça, eles finalmente viram adiante o santuário do bloqueio policial.

Acho que esta pode ser a última vez que Freddy Seymour o convida para almoçar, disse Ella Evans.

E no banco de trás as três crianças cobertas de fuligem, agora em silêncio, absorviam tudo — o sufocante fedor do creosoto, o rugido das labaredas selvagens, o louco chacoalhar de um carro pilotado com tamanha urgência, o calor, as emoções tão cruas e expostas que pareciam em carne viva; o atormentado e desolado sentimento de duas pessoas que viviam juntas num amor ainda não amor, nem ainda desamor; o compartilhamento de uma vida não compartilhada; uma conspiração de afetos, doenças, tragédias, piadas e trabalho; um casamento... a estranha e terrível *infinidade* dos seres humanos.

Uma família.

14.

Os velhos são cheios de remorso, o pai de Jodie Bigelow certa vez lhe dissera. O pai dela. Jimmy Bigelow nunca foi exatamente o pai de Jodie. Parecia estar ausente não apenas durante a vida dela, mas em boa parte de sua própria vida. Trabalhou separando cartas no correio e nunca pareceu interessado em ir além disso. Um dia, na escola, ela teve de fazer um projeto para o Dia de Anzac e pediu ao pai para lhe contar como a guerra havia sido para ele. O pai disse que não havia muito para contar. Uma coisa ou outra. Quando ela passou a insistir, ele foi ao quarto e voltou com uma antiga corneta. Limpou o bocal e fez alguns ruídos flatulentos para fazê-la rir. Então encontrou algumas notas de verdade. Afastou a corneta da boca, tossiu, inflou os pulmões, ergueu a cabeça de uma maneira marcial com a qual a filha não estava nem um pouco familiarizada e tocou "Last Post".

É isso?

É tudo que sei, disse ele. Tudo que uma pessoa precisa saber. Isso não serve como projeto para a escola, pai.

Não.

É meio melancólico, disse Jodie.

Jimmy Bigelow pensou nisso e então disse achar que sim, mas nunca tivera essa sensação. A sensação era o contrário.

Jodie havia folheado alguns livros sobre os prisioneiros de guerra.

Deve ter sido difícil, disse ela.

Difícil?, ele respondeu. Na verdade, não. Só tivemos que sofrer. Fomos os sortudos.

Qual o significado dessa música?, ela indagou.

É um mistério, ele disse depois de algum tempo. Quanto maior o mistério, maior o significado.

A mãe de Jodie morrera de leucemia quando ela tinha dezenove anos. Jimmy Bigelow sobreviveu a ela por mais vinte e oito anos. Não se levava a sério e passou a acreditar que o mundo era essencialmente cômico. Gostava da companhia dos outros e encontrou em sua vida — ou na sua maneira de ver a vida — muito daquilo que maravilhava a ele e aos demais. Havia em torno dele uma crescente indústria da memória, mas ele se lembrava cada vez menos. Algumas piadas, algumas histórias, o sabor do ovo de pata que Darky Gardiner lhe dera, a esperança. A bondade. Lembrava-se de quando foram sepultar o pequeno Wat Cooney. Lembrava-se de como Wat amava todos; como estava sempre esperando na cozinha até que o último homem entrasse, independentemente do horário, guardando para ele alguma comida, garantindo que todos recebessem algo para comer, por mais que o alimento fosse escasso. Olhando para a cova dele, ninguém quis ser o primeiro a jogar uma pá de terra. Não lembrava que Wat havia morrido durante a marcha para o norte, no Desfiladeiro dos Três Pagodes, nem de nenhuma

das crueldades daquela marcha. Para ele, coisas desse tipo não eram a verdade dos fatos.

Os filhos lhe corrigiam as lembranças cada vez mais. Que diabo eles sabiam? Aparentemente, muito mais do que ele. Historiadores, jornalistas, documentaristas, até sua maldita família, apontavam erros, inconsistências, lapsos e contradições diretas nos diferentes relatos dele. Quem esperavam que ele fosse? A maldita *Enciclopédia Britânica*? Ele esteve lá. Isso era tudo. Quando ouvia “Without a Song” no toca-fitas, isso também era um mistério, pois por um instante ele via um homem de pé sobre o toco de uma árvore cantando e sentia todas aquelas coisas que não era capaz de sentir em outros momentos; compreendia todas aquelas coisas que não compreendia em outros momentos. Suas palavras e lembranças não eram nada. Tudo estava dentro dele. Não eram capazes de ver isso? Não podiam simplesmente deixá-lo em paz?

Sua consciência destilou lentamente a lembrança dos campos de prisioneiros de guerra em algo belo. Era como se ele estivesse espremendo a humilhação de ter sido um escravo, gota a gota. Primeiro esqueceu o horror de tudo, depois a violência cometida contra ele pelos japoneses. Já velho, podia dizer com sinceridade não se lembrar de atos de violência. As coisas que poderiam avivar a memória — livros, documentários, historiadores —, ele evitava. Então sua lembrança da doença e das terríveis mortes, da cólera e do beribéri e da pelagra também se foi; até a lama se foi e, posteriormente, também a lembrança da fome. E, por fim, certa tarde ele percebeu que não conseguia recordar nada do seu tempo como prisioneiro de guerra. A cabeça ainda funcionava bem; sabia que havia sido um prisioneiro, assim como sabia que havia sido um feto. Mas dessa vivência nada permaneceu. O que restou foi uma ideia irrevogável de bondade humana, tão inegável quanto bela. Aos noventa e quatro anos ele finalmente se tornou um homem livre.



Depois disso ele sentia um grande prazer com o vento, o som da chuva. Maravilhava-se com a aurora num dia quente. Ficava exultante com os sorrisos de desconhecidos. Trabalhava em seus hábitos e amizades, vendo neles a única alternativa para aquilo que lhe parecia ser a alternativa. Cultivou um bando de roselas de viva coloração verde, azul e vermelha que vinham ao seu jardim em busca do alimento e da água que ele deixava para elas. Então vieram as corruíras e os melífagos valentões, os rabos-de-fogo fofoqueiros e, de vez em quando, o rouxinol escarlata, as corruíras de um azul brilhante com seu harém bege, a reluzente e resmungona lavadeira, os gritos do cuco e dos olhos-brancos e dos cantantes pardalotes-da-tasmânia. Às vezes sentava-se na varanda durante horas observando os pássaros se alimentar, se banhar, descansar, ciscar e brincar. E, no mistério do seu voo e beleza, nas suas inexplicáveis chegadas e partidas, ele tinha a sensação de ver a vida.

Depois que ele morreu na casa de repouso, caindo do alto de um lance de escadas quando estava alimentando os pássaros, Jodie encontrou a corneta do pai no armário. Estava velha e suja e bastante amassada. Em vez de uma cordinha digna, havia um farrapo vermelho amarrado com nós. Ela a vendeu numa feira de fundo de quintal.

Às vezes o riso dele voltava a Jodie num momento inesperado — no corredor de um supermercado enquanto ela procurava detergente para lavar a louça, enquanto folheava uma revista de celebridades na sala de espera do dentista. Nesses momentos ela se lembrava de ele ser incapaz de bater nela, com a mão trêmula acima dela, e o ouvia dizer:

É tudo que sei. É praticamente tudo que alguém precisa saber.

E ela perguntando mais uma vez: Qual o significado dessa música?

E o mundo ao redor dela, o corredor do supermercado e suas prateleiras, a sala de espera do dentista e as poltronas confortáveis, a venda de fundo de quintal e os bricabraques do pai em duas mesas de palha trançada diante dela e uma voz dizendo: Aceita cinco por essa? E ela a entregando, a corneta surrada, tremendo, sem resposta.

Certinho, ela pensou ter ouvido a corneta dizer, enquanto um desconhecido se apoderava dela. Ou teria sido ela que falou? Certinho.

15.

Dorrigo Evans estava atravessando um cruzamento em Parramatta às três da madrugada — um lugar e um horário que subsequentemente jamais foram explicados em público, bem como o pequeno detalhe de um registro de intoxicação alcoólica — quando se viu voando, arremessado ao ar de repente, para jamais retornar à Terra. Um carro cheio de moleques bêbados fugindo da polícia num Subaro Impreza roubado havia furado o sinal vermelho e atingido em cheio o velho Bentley de Dorrigo Evans, destruindo ambos os carros, matando dois deles e deixando em estado crítico um dos maiores heróis de guerra da Austrália, que havia sido arremessado através do para-brisa de seu carro.

Ele agonizou durante três dias e, nesse período, teve os mais extraordinários sonhos de sua vida. A luz inundava o átrio de uma igreja onde ele estava sentado com Amy. Uma luz ofuscante e maravilhosa, e ele cambaleando de um lado para o outro, entrando e saindo do seu esquecimento transcendental e mergulhando nos braços de mulheres. Estava voando e cheirando as costas nuas de Amy e subindo cada vez mais. Enquanto em torno dele a nação se preparava para o luto ao mesmo tempo que debatia a decadência da juventude, contrastando o nobre heroísmo de uma geração com a criminalidade vil e assassina de outra, ele ficou perplexo ao perceber

que sua vida estava apenas começando, e numa distante selva de teca que havia muito tinha sido varrida, num país chamado Sião que não mais existia, um homem que não mais vivia havia finalmente adormecido.

16.

Dorrigo Evans despertou de um terrível sonho de morte. Percebeu que estava tão cansado que havia cochilado momentaneamente enquanto se formava a fila para a revista de tropas. Era quase meia-noite. Ele se voltou para os setecentos homens reunidos diante dele e explicou que a sua tarefa era escolher cem homens para marchar até outro campo, cento e cinquenta quilômetros mais para o interior do jângal do Sião. Eles partiriam imediatamente após a chamada matinal. Os homens foram contados e contados novamente, e por alguma razão os números não batiam. Mais homens chegaram cambaleantes da Linha, confundindo ainda mais a situação. Sargentos tentavam explicar quem estava lá e quem não estava e por quê. Houve uma discussão acalorada entre Fukuhara — impecavelmente uniformizado, mesmo naquela hora tão tardia — e os guardas, um dos sargentos australianos foi esbofeteado, e depois de alguma confusão a contagem recomeçou.

O major Nakamura o havia procurado uma hora antes com Fukuhara, dando-lhe ordem para selecionar cem homens para a marcha até um acampamento perto do Desfiladeiro dos Três Pagodes.

Não se pode pedir a nenhum desses homens que faça mais, argumentou Dorrigio Evans. Não há neste campo um único prisioneiro capaz de fazer essa marcha.

O major Nakamura insistiu que cem homens deveriam ser selecionados.

Se não mudar o tratamento dispensado aos prisioneiros todos eles morrerão, disse Dorrigio Evans.

O major Nakamura indicou que faria a seleção se o coronel australiano não o fizesse.

Todos morrerão, disse Dorrigo Evans.

Mais uma vez o tenente Fukuhara traduziu; o major Nakamura ouviu e em seguida falou. O tenente se voltou para Dorrigo Evans.

Major Nakamura diz isso muito bom, disse o tenente Fukuhara. Mais arroz para Exército japonês.

Evans compreendeu que se a escolha fosse feita por Nakamura, ele o faria de maneira indiscriminada, e o número incluiria os mais doentes — e possivelmente os mais doentes, por serem menos úteis para Nakamura —, e todos eles morreriam. Se, por outro lado, a seleção fosse feita por ele, Dorrigo, poderia escolher os mais saudáveis, aqueles que considerava ter a melhor chance de sobreviver. E a maioria morreria mesmo assim. Essa era a escolha dele: recusar-se a ajudar o agente da morte, ou ser o servo dele.

À medida que a chamada prosseguia, e outros homens que estavam cumprindo tarefas leves ou cozinhando ou no hospital foram reunidos e trazidos, enquanto esperavam ali doentes e famintos, enquanto alguns desabavam de cansaço e eram abandonados na lama, os prisioneiros observaram uma comprida coluna de soldados japoneses aparecer, marchando ao longo do trilho grosseiro que passava perto do lado mais distante da praça de armas, que, quando não ficava intransitável por causa da monção, servia como estrada de suprimentos para a ferrovia.

Os soldados japoneses estavam a caminho da frente birmanesa, a centenas de quilômetros de distância na cansativa selva. Estavam sujos e exaustos, mas continuaram avançando na noite, com nada além de grunhidos e gemidos, empurrando e puxando peças de artilharia atoladas na lama até o eixo. Alguns pareciam doentes, muitos tão jovens a ponto de parecer terem saído da escola, e todos estavam em péssimo estado.

Dorrigo Evans não via soldados japoneses de perto havia muitos meses. Em Java ele aprendera a respeitá-los não como os fanfarrões míopes que os oficiais de informações haviam dito aos australianos para esperar, mas como soldados formidáveis. Mas os soldados japoneses, que claramente haviam marchado o dia inteiro e durante boa parte da noite a caminho do horror de outra frente, pareciam ser maltrapilhos da guerra tanto quanto os próprios prisioneiros, quebrados, imundos, exaustos. Dorrigo encontrou o olhar de um soldado que carregava um lampião de querosene. Seus olhos pareciam imensos em seu rosto de criança, e pareciam gentis e vulneráveis. Não poderia ter mais de dezessete anos. O que ele viu no oficial australiano, Dorrigo não fazia ideia, mas não era ódio nem o diabo. Deu um passo vacilante, então se deteve, ainda encarando o australiano. Talvez houvesse visto algo; talvez estivesse cansado demais para ver qualquer coisa. Dorrigo Evans sentiu um desejo irresistível de colocar o braço em volta dele.

De repente, um sargento japonês — vendo o soldado boquiaberto — se aproximou e bateu com violência no rosto dele com uma vara de bambu. O soldado ficou na posição de sentido imediatamente, gritou algum pedido de desculpas e concentrou o olhar de novo na selva à sua frente. Estava claro para Dorrigo Evans que esse soldado não entendia de espancamento ou propósito mais que os prisioneiros de guerra compreendiam seu destino miserável. Qual a distância até o seu lar?, indagou-se Dorrigo. Seria uma fazenda? Seria uma cidade? Algum lugar, algum vale, alguma rua, uma alameda, um beco, com o qual ele talvez sonhasse, um lugar de sol e ventos que acariciavam e chuvas que refrescavam, de pessoas que se importavam com ele e riam com ele, um lugar longe desse cheiro de podridão, o verde sufocante, a dor e as pessoas brutais que simplesmente odiavam e ensinavam o ódio, que faziam o mundo odiar. Quando o soldado menino se arrastou para longe, Dorrigo viu que ele estava sangrando onde havia sido atingido no

rosto, que o uniforme simples estava imundo, rasgado e embolorado, que ele não tinha estômago para nada daquilo. E ainda assim, ao ser convocado, ele... esse menino de olhos gentis carregando o lampião... ele também mataria brutalmente e seria morto.

O sargento japonês que o havia espancado com tamanha selvageria fez então uma pausa. Observando a coluna avançar para a escuridão da selva, ele acendeu um cigarro e deu uma baforada. Quando outro graduado se aproximou, passou-lhe o cigarro com um sorriso e uma piada. E enquanto a coluna de crianças era engolida pela escuridão, Dorrigo Evans teve a sensação de ter a guerra inteira desfilando diante de seus olhos.

Depois que a coluna sumiu na selva, a chuva chegou num dilúvio. O céu estava negro, e além de alguns lampiões de querosene e tochas dos guardas, não havia luz. O único som era o da chuva rolando das tecas próximas em jorros, a chuva varrendo de um lado para o outro, e a chuva parecia a Dorrigo Evans uma coisa sólida, em movimento, viva, e a chuva e a grande selva de teca, na qual o seu acampamento jazia naquela pequena clareira, pareciam formar uma prisão que não tinha fim, impossível de conhecer, que estava matando lentamente todos eles.

Finalmente, concluíram que todos os prisioneiros estavam presentes. Dorrigo Evans ergueu seu lampião e seu olhar, preocupado com a possibilidade de dar a impressão de estar abatido, com o espírito alquebrado por tudo que já haviam sofrido. Não podia fazer isso com eles. Teve de fazer coisa muito pior. Olhou para os setecentos homens, que ele havia abraçado, bajulado, implorado, tapeado e organizado para que sobrevivessem, cujas necessidades ele sempre colocava acima das suas próprias. A maioria vestia apenas uma tanga ou farrapos que faziam às vezes de shorts, e na suja e oscilante luz do lampião seus corpos esqueléticos o deixaram horrorizado por um momento. Muitos tremiam com os

efeitos da malária, alguns defecavam enquanto estavam ali de pé, e era tarefa dele encontrar entre o grupo uma centena de homens para uma marcha de cento e cinquenta quilômetros selva adentro, a caminho do desconhecido, rumo à passagem da morte.

Dorrigo Evans olhou para baixo e, embora não pudesse ver nada, aquilo o lembrou de que poucos tinham a grande chave para a sobrevivência, botas. Segurando um lampião à altura dos tornozelos, ele caminhou lentamente ao longo da primeira coluna, olhando para os pés descalços, alguns com graves infecções, outros inchados por causa do beribéri, outros ainda com ulcerações fedorentas tão grandes e vis que eram como crateras furiosas devorando quase até o osso.

Ele se deteve numa delas: uma ulceração aguda, não tratada, que havia deixado uma fina fatia de pele intacta no lado de fora da panturrilha, e o restante da perna era uma úlcera imensa que vertia um ofensivo pus cinza. Membranas e tendões infectados estavam expostos, nos músculos havia sulcos e cavidades, em meio aos quais ele via parte da tíbia, que parecia um osso mastigado por um cachorro. Também o osso começava a apodrecer e a se desfazer em lascas. Ergueu o olhar para ver uma criança pálida, esgotada. Não, Chum Fahey não podia ir.

Compareça ao hospital quando a chamada terminar, disse Dorrigó Evans.

O próximo homem era Harry Downing. Dorrigó havia removido com sucesso seu apêndice três meses antes, um triunfo, naquelas circunstâncias, do qual ele se orgulhava. E agora Downing não parecia estar no pior dos estados. Tinha sapatos e suas úlceras eram apenas leves. Dorrigó ergueu o olhar para encará-lo, pôs a mão em seu ombro.

Harry, disse ele, tão gentilmente quanto possível, como se despertasse uma criança.

Tornei-me um monstro carniceiro.

O próximo na fila era Ray Hale, a quem eles haviam conseguido ajudar a vencer o cólera. Dorrigo também tocou no ombro dele.

Ray, disse.

Chegaste a um banquete da morte.

Ray, disse ele.

Temido Caronte, temível e maligno.

E assim Dorrigo continuou, passando pelas fileiras daqueles que tentara ajudar e agora tinha de escolher, tocando, nomeando, condenando aqueles que ele considerava mais aptos a suportar, aqueles com mais chance de não morrer, que provavelmente morreriam mesmo assim.

No fim, Dorrigo Evans deu um passo para trás e deixou a cabeça pender de vergonha. Pensou em Jack Rainbow, a quem fizera sofrer tanto, Darky Gardiner, cuja morte prolongada ele só pôde observar. E agora aqueles cem homens.

E quando ergueu o olhar, havia em torno dele um círculo dos homens a quem ele havia condenado. Esperava que o xingassem, se afastassem e o detestassem, pois todos sabiam que aquela era uma marcha para a morte. Jimmy Bigelow deu um passo adiante.

Cuide-se, coronel, disse ele, estendendo a mão para cumprimentar Dorrigo. Obrigado por tudo.

Você também, Jimmy, disse Dorrigo Evans.

E, um por um, o restante dos cem homens apertou a mão dele e o agradeceu.

Quanto tudo terminou, ele se afastou caminhando para a selva pela lateral da praça de armas e chorou.

17.

Não temos certeza do que ele sabe, disse uma enfermeira. Ela tinha visto os olhos pretos de cachorro dele brilhando com uma vida própria sob a luz de neon da ala hospitalar. Mas acho que consegue me ouvir, disse ela. Acho sim.



Por mais quebrado que estivesse, ele podia perceber que estava num bom quarto com vista para as figueiras gigantes com suas raízes voadoras e folhagem exuberante. Mas não se sentia em casa. Não parecia ser o lugar dele. Não era a ilha onde nascera. Os pássaros cantavam diferente na aurora, cantos ásperos e alegres de papagaios verdes e cacatuas gang-gang. Não o trinado manso, menor e mais complexo dos pássaros melódicos, das corruíras e dos melífagos e dos olhos-brancos, da ilha que chamava de lar, o cativante canto de resposta do *jo-witty*, todos os pássaros com os quais ele queria agora voar e cantar. Não era uma estrada se estendendo da curva do quadril de uma mulher passando por um mar de estanho rumo a uma lua nascente.

*Pois meu propósito continua sendo, sussurrou ele...*

*Navegar além do pôr do sol, e dos banhos  
De todas as estrelas ocidentais até morrer.*

O que ele está dizendo?, perguntou uma enfermeira.

Está delirando, disse outra. Melhor chamar o médico. É a morfina ou o fim, um ou outro, ou ambos. Alguns não dizem nada, outros desistem de respirar, outros ainda deliram.

Enquanto políticos, jornalistas e comentaristas de rádio competiam com seus panegíricos cada vez mais mirabolantes sobre um homem que jamais compreenderam, ele sonhava com apenas um dia: com Darky Gardiner e Jack Rainbow, com Tiny Middleton. Mick Green. Jackie Mirorski e Gyppo Nolan. O pequeno Lenny voltando para sua mãe em Mallee. Com uma centena de homens apertando sua mão. Mil outros, nomes lembrados, nomes esquecidos, um mar de rostos. Amie, amante, amour.

Vida sobreposta à vida, murmurou ele, cada palavra agora uma revelação, como se tivesse sido escrita para ele, um poema sua vida e sua vida um poema.

*Pouco resta: mas cada hora é poupada*

*Daquele silêncio eterno, algo mais,*

... algo mais... algo mais... ele havia perdido alguns versos em algum lugar e não sabia mais qual era o poema nem quem o havia escrito tamanha a totalidade da identidade entre ele e o poema agora. Esse espírito cinza, ele pensou deprimido, ou estaria se lembrando? ... sim, era isso...

*E esse espírito cinza ardendo com o desejo  
De seguir o conhecimento, como uma estrela afundando,  
Além da última fronteira do pensamento humano.*

E ele sentiu vergonha e sentiu a perda e sentiu que sua vida havia sido apenas vergonha e perda, era como se a luz estivesse agora indo embora, sua mãe chamava: Menino! Menino! Mas ele não conseguia encontrá-la, estava voltando ao inferno e era um inferno do qual jamais escaparia.

E lembrou-se do rosto de Lynette Maison enquanto dormia, e das garrafinhas de uísque Glenfiddich que bebera antes de partir, e a ilustração que Rabbit Hendricks havia feito de Darky Gardiner sentado numa opulenta poltrona na qual pequenos peixes prateados nadavam, numa aldeia síria onde Yabby Burrows e seu cabelo espetado estavam prestes a se dissolver em meio à poeira síria. E de alguma maneira não fazia sentido para ele que a imagem de Yabby houvesse sobrevivido e fosse reproduzida infinitamente, mas Yabby Burrows havia partido e à sua vida nenhum futuro e nenhum significado jamais poderiam ser anexados. Havia alguém de uniforme azul perto dele. Dorrigo quis lhe dizer que sentia muito, mas, quando abriu a boca, somente a baba saiu.

De todo modo ele estava mergulhando de volta num redemoinho cada vez mais rodopiante de pessoas, coisas, lugares, voltando e girando e se aprofundando mais e mais e mais no crescente, pesaroso e dançante redemoinho de coisas esquecidas ou meio lembradas, histórias, versos de poesia, rostos, gestos

incompreendidos, amores rejeitados, uma camélia vermelha, um homem chorando, o átrio de uma igreja de madeira, mulheres, uma luz que ele havia roubado do sol...

Lembrou-se de outro poema, podia vê-lo em sua integridade, mas não queria vê-lo nem conhecê-lo; podia ver os olhos ardentes de Caronte encarando-o, mas não queria ver Caronte, podia sentir o gosto do óbolo sendo enfiado em sua boca, sentiu o vazio que estava se tornando...



... e finalmente compreendeu seu significado.

As últimas palavras dele, conforme testemunhadas por um enfermeiro sudanês:

Avante, senhores. Avançar contra o parapeito da janela.

Sentiu um laço lhe apertando a garganta; engasgou e jogou uma perna para fora da cama, que tremeu por um segundo ou dois, batendo na armação de aço, e morreu.

18.

A longa noite crescia, a lenta lua minguante seguia subindo em meio a degraus negros, a noite gemia com muitos grunhidos e roncões. Bonox Baker apareceu na tenda dos oficiais com a notícia do afogamento de Darky Gardiner. À luz de um lampião de querosene, Dorrigo Evans anotou o óbito em seu diário como assassinato. A palavra parecia inadequada. Que palavra não seria? No pequeno espelho de barbear, que ficava ao lado do diário, ele viu seu reflexo assustador, o cabelo grisalho e malcuidado, olhos fortes e acesos e um farrapo imundo pendendo do pescoço. Teria se tornado o barqueiro? Virou o espelho de cabeça para baixo. Era quase meia-

noite, e ele sabia que deveria tentar dormir algumas horas para talvez ter forças para sobreviver a outro dia. Queria ser o primeiro na chamada matinal a se encontrar com os cem homens e desejar-lhes boa sorte antes de partirem.

Um saco do correio havia chegado pela manhã com o caminhão, o primeiro que viam em nove meses. Como sempre, as correspondências eram aleatórias. Alguns homens recebiam muitas cartas, e muitos outros não recebiam nada. Havia uma carta para Dorrigo Evans enviada por Ella. Quis esperar até aquele momento, o fim do dia, para o imenso prazer de lê-la, para poder adormecer com seu conteúdo preenchendo os sonhos, mas sentiu tanta saudade de casa ao ver a carta quando ela lhe foi entregue pela manhã antes da chamada que acabou abrindo-a e lendo-a ali mesmo. Não pôde acreditar na notícia. Relendo-a agora no final do dia ele ainda a considerava impossível de digerir.

A carta havia sido escrita seis meses antes. Tinha várias páginas. Ella escreveu que, embora nenhuma notícia houvesse chegado de Dorrigo nem de sua unidade havia mais de um ano, sabia que ele estava vivo. A carta falava da vida dela, de Melbourne em todos os seus detalhes triviais. Em tudo isso ele podia acreditar. Mas, diferentemente de outros homens, que se debruçavam obsessivamente sobre cada frase das cartas e cartões que recebiam de casa, apenas um detalhe foi registrado por Dorrigo Evans. Incluído na carta havia um recorte de jornal com a manchete tragédia em hotel de adelaide. A reportagem contava como, após uma explosão de gás na cozinha, o hotel King of Cornwall havia se incendiado causando a perda de quatro vidas, entre elas a do respeitadíssimo dono, sr. Keith Mulvaney. Três outras pessoas estavam desaparecidas e supunha-se que também houvessem morrido, incluindo dois hóspedes e a sra. Mulvaney, esposa do dono do estabelecimento.

Dorrigo Evans releu o recorte de jornal pela terceira vez, depois uma quarta. Do lado de fora chovia novamente. Ele se enrolou mais no cobertor do Exército e, à luz do lampião de querosene, leu mais uma vez a carta de Ella.

Um dos amigos de papai do alto escalão fez algumas perguntas em meu nome no escritório do legista em Adelaide, escreveu ela. Ele disse que agora a informação era oficial, mas, por causa da tragédia, dos sentimentos das pessoas, do moral e tudo isso, eles mantiveram os detalhes fora do jornal. Tiveram de usar as arcadas dentárias. Pode imaginar? A pobre sra. Keith Mulvaney foi agora confirmada entre os mortos. Sinto muito, Dorry. Sei o quanto era próximo do seu tio e de sua tia. Tragédias como essa me fazem perceber como sou felizarda.

Sra. Keith Mulvaney?

Durante algum tempo o nome não fez mais sentido do que a notícia.

Sra. Keith Mulvaney.

Ela havia sido simplesmente Amy para ele. Não tinha ideia de que era uma mentira, a única mentira que Ella jamais lhe contou.

Apagou o lampião de querosene para conservar o combustível e acendeu o toco de uma vela. Durante muito tempo observou a chama recusando-se a morrer. A fumaça subia em pequenos fragmentos de fuligem que brincavam subindo e descendo nas pulsantes auréolas da luz da vela. Como se houvesse dois mundos. Este mundo e um mundo oculto, que era um mundo real de partículas loucas e voadoras rodopiando, reluzindo, chocando-se aleatoriamente umas contra as outras, e novos mundos passando a existir como consequência. Os sentimentos de um homem nem sempre são iguais a tudo que a vida é. Às vezes não são iguais a quase nada. Ele encarou a chama.

Amy, amante, amour, sussurrou ele, como se as próprias palavras fossem fuligem e cinzas subindo e descendo, como se a

vela fosse a história da vida dele e ela a chama.

Deitou-se no catre improvisado.

Depois de algum tempo ele encontrou e abriu um livro que estava lendo e esperava que terminasse bem, um romance que queria que terminasse bem, com o herói e a heroína encontrando o amor, com paz e alegria e redenção e compreensão.

O amor são dois corpos com uma alma, leu ele, virando a página.

Mas não havia nada — as últimas páginas haviam sido arrancadas e usadas como papel higiênico ou fumadas, e não havia esperança nem alegria nem entendimento. Não existia a última página. O livro da sua vida simplesmente se interrompia. Havia apenas a lama abaixo dele e o céu imundo acima. Não haveria nada de paz nem esperança. E Dorrigo Evans compreendeu que a história de amor continuaria para sempre, mundo sem fim.

Ele viveria no inferno, porque o amor é isso também.

Largou o livro. Sem conseguir dormir, levantou-se e foi ao limite do abrigo, além do qual a chuva escorria. A lua havia se perdido. Reacendeu o lampião de querosene e foi até o mictório de bambu no lado mais afastado do campo, aliviando-se, e no caminho de volta reparou que crescia ao lado da trilha enlameada, em meio à escuridão irresistível, uma flor carmesim.

Abaixou-se e aproximou o lampião do pequeno milagre. Ficou de pé e curvou-se na chuva torrencial, por um longo tempo. Então endireitou as costas e seguiu seu caminho.

- [1] "Yabby" é o lagostim de água doce. "Wog" é um termo depreciativo para pessoa negra ou asiática. (n. t.)
- [2] "Gyppo" é um termo depreciativo para *gypsy*, cigano. (n. t.)
- [3] Jogo de apostas com duas moedas lançadas ao ar simultaneamente. (n. t.)
- [4] Jogo de apostas com dados estampados em coroas e âncoras. (n. t.)
- [5] *You've got to accentuate the positive/ Eliminate the negative/ Latch on to the affirmative/ Don't mess with Mister In-Between.* Da canção "Ac-Cent-Tchu-Ate the Positive", de Johnny Mercer e Harold Arlen. (n. t.)
- [6] "Dago" é um termo pejorativo para indicar origem italiana, espanhola ou portuguesa. (n. t.)
- [7] "Wop" é um termo pejorativo para indicar origem italiana. (n. t.)
- [8] "Wog" é um termo pejorativo para negros ou asiáticos; "Gyppo", para ciganos. (n. t.)
- [9] "Chink" é um termo pejorativo para chineses; "Nip", para japoneses; "Slope", para nativos do Leste Asiático. (n. t.)
- [10] "Pom" é um termo pejorativo para britânicos. (n. t.)
- [11] "Susso" é uma gíria australiana usada para se referir aos pagamentos (e aos dependentes) da assistência social durante a Grande Depressão. (n. t.)
- [12] "Pan pan girl", prostitutas japonesas, em especial as que se entregavam a militares americanos durante a ocupação do Japão após a Segunda Guerra Mundial. (n. t.)